

Saga
Acampamento Shadow Falls
Ao Anoitecer



Eterna

OS SOBRENATURAIS



C. C. Hunter

Autora *best-seller* do *New York Times*
com mais de 100 mil exemplares
vendidos no Brasil





ETERNA

C.C. Hunter

ETERNA OS SOBRENATURAIS

Tradução

Denise de Carvalho Rocha



Título do original: *Eternal*.

Copyright © 2014 Christie Craig.

Copyright da edição brasileira © 2016 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y. 10010.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2016.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Assistente de produção editorial: Brenda Narciso

Editoração eletrônica: Fama Editora

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: [S2 Books](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Star Books Digital

Hunter, C. C.

Eterna : os sobrenaturais / C. C. Hunter ; tradução Denise de Carvalho Rocha. — São Paulo : Jangada, 2016.

Título original: *Eternal*

ISBN 978-85-5539-038-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-10362

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

1ª Edição digital: 2016

e-ISBN: 978-85-5539-050-0

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a

propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

*Para Lily, que já me disse um milhão de vezes,
“Vovó, conta uma história”.*

*Mal posso esperar, mocinha,
até que possa ler as histórias de Kylie e Della.*

Agradecimentos

Para todos os fãs que escrevem apenas para me contar que minhas histórias os mantêm acordados a noite toda e os faz pensar sobre o valor dos amigos, do amor e das risadas. Obrigada por ler as minhas histórias.

Agora o agradecimento é para toda a minha família e amigos, que tornam a minha vida completa. Vocês sabem a quem estou me referindo. E cada um de vocês é essencial na minha vida.

Para a minha agente, Kim Lionetti, que me incentiva a seguir os meus instintos. Para a minha editora, Rose Hilliard, cuja fé em mim é inspiradora. Obrigada.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Capítulo Trinta e Nove](#)

[Capítulo Quarenta](#)

[Capítulo Quarenta e Um](#)

[Capítulo Quarenta e Dois](#)

[Capítulo Quarenta e Três](#)

[Capítulo Quarenta e Quatro](#)

[Capítulo Quarenta e Cinco](#)

Capítulo Um

Della Tsang pôs uma perna para fora da janela do seu quarto. O sol estava mais alto no céu, mas ainda no horizonte, só derramando luz suficiente para pintar uma faixa vermelho-sangue no espaço. Aquela cor a deixava com água na boca.

Seu estômago roncou de fome. Ela precisava de sangue. Mais tarde.

Primeiro o mais importante.

Ela sabia o que precisava fazer — quase não tinha dormido à noite por causa disso.

Uma rajada de vento de final de outono agitou seus cabelos negros, cobrindo seus olhos. O ar estava frio em seu rosto, mas não frio como na época em que ela estava febril.

Desde que tinha acordado do coma, dois dias depois de ter renascido — uma segunda transição incomum entre os vampiros —, todos os sintomas, semelhantes aos de uma gripe, haviam desaparecido.

Ela pulou do parapeito da janela e as botas bateram na terra fofa e molhada. Parou em frente à cabana para ver se o barulho tinha acordado Miranda ou Kylie, suas colegas de alojamento em Shadow Falls, quase desejando ter companhia.

Só o silêncio enchia seus ouvidos.

As duas tinham ficado fora até tarde na noite anterior com os namorados. Della tinha visto Steve, também, mas tinha dado a desculpa de que estava cansada e ido para a cama cedo. Ela deu um passinho, ainda prestando atenção para captar qualquer sinal de que estavam acordadas.

Eu não preciso delas. Não preciso. Della tinha que fazer aquilo por conta própria.

Sozinha.

Aquele tinha sido seu mantra na última semana. Bem, não exatamente aquele — era mais algo como: *Não com Chase*. O vampiro conivente e mentiroso a quem ela tinha se ligado a contragosto quando ele convenceu Steve, o “quase namorado” de Della, a deixá-lo misturar seu sangue com o dela para aumentar as chances de a vampira sobreviver ao tal renascimento.

Ligados. Ela se lembrou de que Chase não tinha lhe dado quase nenhuma informação a respeito. *Isso liga os dois vampiros. Eles se tornam quase parte um do outro. É algo comparado à relação de gêmeos idênticos ou talvez almas gêmeas.*

Afastando aquelas palavras da mente, ela olhou novamente para o bosque escuro, sentindo algo esperando por ela... chamando-a. Era um caminho sem volta.

Estendendo o braço para trás, ela fechou a janela do quarto. Um galho estalou dentro do bosque. Della se virou e olhou para as árvores, inspirando o ar para farejar o cheiro de alguém.

Nada, a não ser o cheiro úmido e almiscarado de um gambá.

Ela começou a andar. Assim que entrou na floresta, os ruídos da noite se desvaneceram. Até as árvores pareciam segurar a respiração. Portadora do vírus do vampirismo, ela tinha se transformado quase um ano antes. A segunda transformação, extremamente rara, significava que ela estava ainda mais forte e mais rápida — ou seja, ela era do tipo que podia chutar o traseiro de alguém e perguntar depois.

Mas não hesitaria em abrir mão daquele poder se isso trouxesse seu primo Chan de volta.

Talvez ela devesse se sentir sensibilizada pelo que Chase tinha feito por ela, impedindo que ela morresse, mas Della preferia que ele tivesse feito isso pelo primo. Burnett, o líder do acampamento e outro Renascido, tinha sobrevivido ao seu renascimento sem uma transfusão; ela provavelmente conseguiria também. Além disso, Chase tinha feito tudo às escondidas e mentido para ela até o fim.

Mas o pior de tudo era que... ele ainda não tinha parado de mentir.

Ela tinha lhe mandado uma mensagem perguntando: *Quem mandou você ficar de olho em mim e em Chan?*

A resposta — *Não sei. Só estava seguindo ordens* — era conversa fiada.

Ele tinha enviado uma mensagem para ela na noite anterior. *Cinco minutos... me dê cinco minutos. Estou no portão.*

Ela respondeu: *Até que me dê respostas, não tenho cinco minutos para você.*

Não até que ele jogasse limpo. O cara tinha mais segredos do que um lobisomem delinquente tinha pulgas.

Se suas suspeitas estavam certas, e ela apostava seus caninos de que estavam, ele tinha informações sobre o tio desaparecido dela que tinha sido transformado e forjara a própria morte na adolescência. Quem mais se importaria com ela? Quem mais saberia que Chan era seu primo? E se era o seu tio que estava por trás de tudo, por que não tinha se importado o suficiente para salvar Chan também?

Pensar no tio a levou automaticamente a pensar no pai e na facilidade com que ele tinha virado as costas para ela. Para piorar ainda mais a sua dor de cabeça, havia a descoberta de que ele era suspeito de matar a própria irmã.

Aquilo Della não conseguia aceitar. Seu pai nunca teria feito uma coisa dessas.

Ela continuou andando, seus passos escorregando no chão encharcado. Já tinha chovido um bocado aquela noite. Em vez de dormir, ela tinha ficado ouvindo a garoa tamborilando no telhado de zinco da cabana. Mas não foi só o barulho da água que ela ouviu.

O barulho da cachoeira tinha ecoado à distância. Mesmo com a sua audição de vampira, não havia como ela ouvir a cachoeira da sua cabana. O que significava que a cachoeira a estava chamando.

Por ter a fama de ser um lugar mágico, embora assustador, a cachoeira era considerada a morada dos anjos da morte — os seres místicos que presidiam o julgamento de todos os sobrenaturais.

O barulho das águas ecoou mais alto.

— Não se preocupe. Eu estou indo. — Ela não iria voltar atrás, e não simplesmente porque a cachoeira a estava chamando — Della nunca fora o tipo de pessoa que obedecia a ordens. Ela só estava indo porque tinha se lembrado de algo que Kylie uma vez lhe dissera. *Eu vou à cachoeira para encontrar respostas.*

Se aqueles anjos da morte podiam responder às perguntas de Kylie, então, droga, eles poderiam responder às de Della também. Não importava que a última vez que ela tinha ido lá depois de se sentir chamada, alguém... talvez os próprios anjos da morte... a tinha golpeado na cabeça com uma pedra.

Um arrepio de nervosismo a percorreu, mas ela continuou. Para obter respostas, correria o risco. Mas se os anjos da morte fossem de fato os responsáveis pelo golpe em sua cabeça, era melhor que se prevenissem. Desta vez seria muito mais difícil derrubá-la.

Quando Della se aproximou da cachoeira, a inquietação evaporou e uma sensação de bem-estar brotou em seu peito.

Ela se colocou entre as árvores e avistou a queda-d'água. Virou a cabeça para um lado e depois para o outro, querendo absorver tudo que havia ali. Árvores rodeavam a área. Seus galhos formavam um arco mais acima, quase abraçando a catarata, fazendo-a parecer um pequeno recanto mágico. O sol, ainda nascendo, lançava seus primeiros raios dourados por entre as árvores. O ar estava fresco, verdejante e tranquilo. Ela nunca tinha pensado em qual seria o cheiro de um ar “tranquilo”, mas agora sabia.

O ambiente lembrava a Della um templo budista que ela tinha visitado na China, quando tinha 12 anos. Sem precisar de nenhuma explicação, de repente soube que os anjos da morte não tinham batido na cabeça dela.

— Então quem foi? — murmurou, sem se sentir nem um pouco paranoica por formular a pergunta em voz alta para a floresta vazia.

Só porque ela não podia vê-los, isso não significa que não estivessem ali.

Ela não estava sozinha.

Ela os sentia. Pela primeira vez desde que tinha acordado do coma depois de renascer, ela se sentia... menos sozinha. Mais completa.

— Quem foi o quê? — a voz se misturou com o rugido da cachoeira. Seu coração saltou e seu olhar se deteve num ponto da cortina d'água que se turvou quando uma figura emergiu.

O reconhecimento foi imediato e acabou com a sensação de paz que envolvia Della.

— O que *você* está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Provavelmente a mesma coisa que você. — O olhar de Chase percorreu-a. — Eu não parava de ouvir a cachoeira na noite passada.

— Você me seguiu! — ela o acusou.

Ele sorriu.

— Agora você não está sendo lógica. Eu cheguei aqui primeiro. Se alguém aqui foi seguido, esse alguém foi eu.

— Eu não segui ninguém. — A dúvida retumbou dentro dela e a fez cerrar os punhos. Ela deveria dar o fora dali e continuar com a sua promessa de não falar com Chase enquanto ele não dissesse a verdade sobre quem o enviara? Ou deveria ir até onde ele estava e arrancar a verdade à força?

Ela sabia qual das duas opções era a sua preferida. Estranhamente, brigar num lugar onde a paz perfumava o ar parecia errado. Decisão tomada, ela deu meia-volta e começou a andar. Com sorte ele a seguiria até um lugar que não parecesse tão sagrado e ela poderia dar uma boa surra nele então.

— Espere aí! Pare! — Chase pediu.

Ela o ignorou. Ignorou o barulho da cachoeira. E continuou andando, olhos fixos no chão, na forma como a terra molhada enlameava as laterais das suas botas. Com o olhar ainda baixo, de repente outro par de botas de couro molhado apareceu em sua linha de visão.

Ela parou, mas não olhou para cima. Não precisava olhar. Ela sabia que eram as botas de Chase. Seu coração deu outro salto. A velocidade dele ainda a maravilhava.

Será que sou rápida assim agora?

Ela realmente não tinha tido chance de testar seus limites. Não com Burnett monitorando seus poderes a cada minuto. Não com todas as suas questões prementes.

Mas essas questões não precisavam de sua atenção imediata, por isso ela afastou esses pensamentos para lidar com o problema que tinha à mão — ou melhor, o problema que tinha aos seus pés. Chase. Erguendo o olhar, os detalhes visuais — os detalhes de Chase — a pegaram de surpresa. Ela olhou, absorvendo-os como uma esponja ressecada absorve a água.

Detalhes como seu cabelo preto e molhado caído na testa. A camiseta branca colada ao tórax, mostrando cada reentrância e curva dos seus músculos. O modo como ele parecia despretenso, ou talvez apenas tivesse se esquecido de que parecia um modelo de capa de revista masculina. Ela odiava toda aquela perfeição!

— Ei! — Aquela única palavra suave parecia flutuar no ar enquanto ele se aproximava mais, deixando a pele dela extremamente sensível. Talvez ela não odiasse tanto a perfeição dele. Será que Chase sempre exercia aquele efeito sobre ela ou era só aquela droga de ligação?

Della grunhiu, irritada com a sua própria fraqueza. Mas jurava por Deus que não conseguia recuar. “Olhe, mas não toque”, era a regra que ela se impunha.

Ele sorriu como se pudesse ler a mente dela.

Ela rosnou mais alto.

— Você é um colírio para os olhos. — Ele estendeu a mão, como se fosse puxá-la de encontro a ele. Ela encontrou forças sabe Deus onde e saltou para trás, deixando marcas de sola na relva molhada.

A “regra olhe mas não toque” continuava firme e forte.

Ele deu um passo na direção dela. O perfume dele, almíscar e hortelã, invadia suas narinas. Chase levantou a mão.

Ela sugou o oxigênio frio entredentes antes de falar.

— Sua cara não vai ser a única coisa dolorida se você me tocar!

Ele levantou ambas as mãos, em sinal de submissão, mas seu sorriso sexy sinalizava problemas. Ela não iria, não poderia, ceder àqueles sentimentos insanos. Como poderia ceder se parte de seu coração já pertencia a outra pessoa?

— Tudo bem, eu vou manter as mãos longe de você. — Ele olhou por cima do ombro, na direção da queda-d'água e em seguida voltou a olhar para ela. — Mas você percebe que é o destino?

Um raio de sol se infiltrou por entre as árvores e lançou rodamosinhos de sombras sobre o rosto dele. Foi quando ela percebeu a mancha roxa sob o olho de Chase. Considerando que os vampiros não se machucavam com facilidade, aquilo tinha que ter sido um soco.

— Que destino? — Della perguntou, tentando não se importar com o fato de ele ter recebido um soco.

De estar machucado. De que poderia estar morto.

Ligados.

— Isso — disse ele, movendo as mãos entre eles.

— Do que você está falando? — perguntou ela.

— De nós dois.

— O que é que tem nós dois?

— Nós dois. Aqui.

Ela olhou para ele.

— Você esqueceu como é que se formula frases completas? — ela perguntou com deboche.

Ele meio que riu.

— Qual é. Não parece estranho nós dois sermos atraídos para cá? — Ele se mexeu um pouco e a preciosa luz dourada do sol tocou seu rosto. Seu cabelo, molhado com a água da cachoeira, parecia quase preto, e seus olhos, de um tom verde-claro dourado, quase cintilavam com o sol incidindo sobre eles. Mas observando a mancha roxa novamente, ela sentiu uma pontada de dor sob seu olho esquerdo.

Ela tinha que se lembrar de não se deixar hipnotizar por aqueles olhos — se perder em emoções que não conseguia explicar.

— Eu não fui atraída. — O coração de Della dançava em volta da mentira como o som da cascata cantarolando ao fundo. — Eu vim aqui por uma razão. — Isso era verdade. Ela enrijeceu os ombros.

— Que razão? — ele perguntou.

— Encontrar respostas. Respostas que você não está me dando. — A acusação era explícita em seu tom de voz. Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para ele. Estranhamente, ela tinha se esquecido

de como ele era alto. Assomava-se sobre ela. Della não estava acostumada a se sentir pequena ou feminina, mas a presença dele fazia isso.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e se inclinou para trás, se apoiando nos calcanhares.

— Que respostas?

Ela ergueu o queixo e estudou-o, tentando não notar a mancha roxa ou se preocupar com o que ele tinha feito para ganhá-la.

— Quem mandou você ficar de olho em mim e em Chan?

Por uma fração de segundo, ele hesitou, então falou:

— Eu já respondi isso. O Conselho dos Vampiros. — Mas o vampiro sorrateiro desviou o olhar tão logo as palavras saíram da sua boca. E ela sabia que Chase sempre fazia isso quando mentia.

— Isso é papo-furado — disse ela. — Você ainda está escondendo alguma coisa de mim.

Ele olhou para Della.

— Não é mentira. Eu recebo ordens do Conselho.

Ela olhou para ele com toda a atenção. Dessa vez, ele não piscou nem desviou o olhar. Isso significava que estava falando a verdade?

Não, ela não confiava nele. Se Chase tinha aprendido a controlar os batimentos cardíacos quando mentia — e ele admitiu que podia fazer isso —, então podia ter aprendido a controlar suas reações faciais. Certamente agora ele já tinha deduzido por que ela constantemente desconfiava do que ele dizia.

— Será que eles também lhe deram ordens para deixar Chan morrer? — No momento em que a pergunta saiu dos seus lábios, ela sentiu sua determinação aumentar. Não importava que sua força viesse da culpa — Della a usaria.

Chase inspirou e olhou para o chão, fincando a ponta da bota direita na terra molhada. Quando ele olhou para cima, ela viu um lampejo de emoção em seus olhos.

— Não. Deixar Chan enfrentar o renascimento sozinho foi decisão minha. Eu já disse, não achei que ele fosse sobreviver e, se eu tivesse tentado salvá-lo, não teria conseguido salvar você.

— Você tem alguma ideia de como eu me sinto quando diz isso? — Sua garganta estava apertada. Para salvá-la, ele tinha deixado Chan morrer.

Os ombros dele afundaram alguns centímetros. Ao voltar a fitar os olhos de Chase, ela viu compaixão dentro deles.

Della odiava compaixão. Vinha logo depois da piedade, na sua lista de coisas que odiava.

Ela se virou para ir embora. Ele a deteve. Delicadamente.

Seu polegar deslocou-se em pequenos círculos no cotovelo dela.

— Sinto muito. Mas não sou responsável pela morte dele mais do que você. Nós não fizemos aquilo acontecer. E eu fiz o que achava que era certo. Não foi fácil para mim, também. Eu gostava de Chan. Mas ele era simplesmente muito fraco.

A pele dela formigava onde as pontas dos dedos de Chase a tocavam. Lembrando-se da sua regra de não tocar, ela sacudiu a mão.

— E é exatamente por isso que você devia tê-lo ajudado. Se duas pessoas estão se afogando num rio, você salva a pessoa que não sabe nadar.

— E devia deixar que você se afogasse? — ele perguntou.

— Eu poderia ter passado sozinha pelo processo de renascimento. Burnett conseguiu. — No segundo em que as palavras saíram de sua boca, ela se perguntou se Chase sabia que Burnett era um Renascido, mas como ele não demonstrou surpresa isso a deixou mais tranquila.

Uma expressão de desagrado surgiu no rosto de Chase, fazendo aparecer pequenas rugas nos cantos dos olhos.

— Burnett é uma exceção. Menos de três por cento dos Renascidos sobrevivem. As chances não estavam a seu favor.

— Eu teria virado essas chances a meu favor se você tivesse me dado essa escolha. Mas não me deu. Você nem sequer me disse que Chan estava morto, e você sabia. Guardou em segredo essa coisa toda de renascimento e o fato de estar aqui para me ajudar. E por quê? Porque você sabia que eu seria contra.

Ele chutou uma pedra no chão. O seixo subiu no ar e bateu numa árvore com um baque seco.

— Então, eu sou um cara do mal por querer salvar a sua vida?

Ela se inclinou, aproximando-se mais dele.

— Você é um cara do mal por não ser sincero. E ainda está agindo assim.

Ele apertou os lábios e cruzou os braços sobre o peito.

— Ok. Eu não te contei tudo. Fique com raiva de mim por causa disso. Mas você não pode simplesmente me ignorar ou o fato de que estamos ligados. Você sente isso. Eu sinto. Você não pode negar.

— Espere sentado. Você vai ver que quanto eu sou boa em negar! — Ela sibilou e contornou-o para recomeçar a andar.

— Deus do Céu! Como você é teimosa! — ele gritou, em seguida apareceu novamente na frente dela.

Ela teve que parar com tudo, batendo as mãos no peito dele para não cair de cara no chão. Ele a segurou pela cintura. Delicadamente. Seu toque fez o coração dela acelerar dessa vez.

— Ou você me diz a verdade ou me deixa ir embora — exigiu ela, evitando o abraço. Era um ultimato. — Com quem você está confabulando além do Conselho dos Vampiros, e não me diga que não é com ninguém, porque o meu detector de mentira dispara cada vez que você me diz isso.

Capítulo Dois

Chase ficou ali, olhando para ela. Ela queria tanto poder ler a mente dele!

A paciência de Della finalmente esgotou.

— Saia daqui! Se Burnett encontrar você, ele vai... — Em seguida, ocorreu-lhe que Burnett já devia ter encontrado Chase. O alarme teria disparado. Por que o líder do acampamento já não tinha encostado Chase na parede e o interrogado? Havia algo errado ali.

A expressão de confiança de Chase confirmou a suspeita dela.

— Ele sabe que eu estou aqui. Tive uma reunião com ele. — A sinceridade aprofundou a voz de Chase.

Ela tentou não deixar que sua decepção transparecesse, mas sua expressão endureceu. Burnett estaria em conluio com Chase de novo? Ele não tinha ficado tão chateado quanto ela quando o garoto tinha juntado suas coisas e desaparecido?

— Quando acabamos, pedi para vir à cachoeira. Eu disse que não parava de ouvi-la. — Chase deu de ombros. — A única regra de Burnett era não chegar perto da sua cabana, e eu não cheguei. — Ele deu de ombros, com uma expressão quase culpada. — Ainda não, de qualquer maneira. Mas eu provavelmente teria que fazer isso antes de ir embora. Eu precisava ver você. Ele poderia ficar furioso comigo se quisesse.

Ele deu um passo na direção dela.

Ela deu um passo para trás.

— Por que você teve uma reunião com Burnett?

— O Conselho me mandou de volta.

— Enviou você de volta para quê?

Ele não respondeu.

Cansada daqueles joguinhos, ela o contornou e disparou para longe dali, seu único objetivo era fugir dele — se afastar da tentação de se recostar nele, descobrir o que aquela ligação realmente significava. Ou se não significava nada, ela pensou, querendo que isso fosse verdade.

Dessa vez, ele não a seguiu. Ótimo, pensou ela, esquivando-se dos galhos das árvores, movendo-se rapidamente. Isso é o que ela queria. Então, por que não se sentia vitoriosa? Por que agora estava ouvindo a cachoeira ainda mais alto? Será que estava se sentindo atraída por ela? A catarata a estavam atraindo? Ou seria Chase?

Eles o mandaram atrás de você. As palavras soaram.

Ela parou bruscamente.

De onde vinha aquela maldita voz? Ela ficou ali, olhando de um lado para o outro.

Você me ouviu?

Dessa vez ela sabia que as palavras não tinham vindo nem da esquerda nem da direita. Tinham vindo de dentro dela. Ela se lembrou de já ter ouvido vozes interiores como aquelas. Chan? Mas ele já tinha feito sua passagem, não tinha? Ela tinha certeza. Ou ele estava esperando até que a UPF, o departamento de investigação de Fallen — o FBI dos sobrenaturais — liberasse seu corpo e o sepultasse.

Você está ouvindo?

Sim, eu estou, Della respondeu, percebendo que a voz era do sexo feminino.

— Lorraine? — Della sussurrou o nome da garota assassinada, o último espírito que tinha ouvido em sua cabeça.

Mas Holiday não tinha garantido que Lorraine havia seguido em frente, feito a sua passagem?

Então, quem diabos poderia ser?

Será que Della tinha outro fantasma na barra da sua saia?

— Merda! — murmurou.

Você me ouviu mesmo?, a voz repetiu, como se caçoasse dela.

— Gostaria de não ter ouvido. — O coração de Della bateu contra o peito. Ela lutou contra o pânico que crescia dentro de si. Respirou fundo, tentando se acalmar. Ela já tinha feito aquela coisa de falar com fantasmas. Primeiro comunicando-se com Chan, depois com Lorraine. Aquilo não devia assustá-la.

Que brincadeira era aquela? Comunicar-se com espíritos era um talento raro, que assustava a maioria dos seres sobrenaturais. E com ela não era diferente. A adrenalina lhe causava arrepios de cima a baixo, ao longo da sua coluna vertebral, e depois até os dedos dos pés, que ela contraiu dentro das botas.

O Conselho dos Vampiros o mandou atrás de você, a voz repetiu. *Você não está curiosa?*

Pela primeira vez, ela realmente ouviu o que a voz disse.

— O que o Conselho dos Vampiros quer comigo? — perguntou em voz alta. E de repente o medo foi substituído por...

Claro que estou curiosa! Tinha que ser o tio dela, droga!

Ela se virou e começou a voltar — rápido. Numa corrida insana... mas esperando que o fantasma não fosse com ela.

O som de suas botas batendo na terra molhada enchia os seus ouvidos e soava como música de fundo para o rugido da cachoeira. À medida que se aproximava, ela viu a figura de Chase desaparecer por trás da parede de água.

Ou, pelo menos, ela pensou que era ele. Na realidade, poderia ter sido qualquer pessoa.

Ela não se importava. Curiosidade e algo mais... algo que ela não conseguia explicar, a impeliu para a frente.

Ligados. A palavra ecoou em seu coração como uma explicação, mas ela se recusou a acreditar.

Continuou correndo, com os pés espirrando água enquanto atravessava o riacho. Seu rosto bateu na cortina de água fria, mas não gelada. Ela se derramou sobre sua cabeça, seus ombros, encharcando suas roupas. No segundo em que se viu do outro lado, Della não viu mais nada. A escuridão da caverna a engoliu. Ela piscou e esperou que os olhos se ajustassem à pouca luz.

Um segundo.

Dois.

Nenhuma luz. Nada. Até mesmo o barulho da cascata tinha desaparecido.

Algo não estava certo.

Capítulo Três

Presas. Claustrofóbica. Faminta. Ela se sentou no chão frio.

Emoções percorreram Della como querosene a que se ateia fogo. Então, ela ouviu. Uma respiração.

Inspirando.

Expirando.

Ar sendo puxado para outros pulmões.

Lembrou-se de que não estava sozinha.

— Chase? — Ela sussurrou o nome dele, mas assim que chamou já soube que não era ele.

Era Liam.

Mas quem diabos era Liam? Ela não conhecia nenhum Liam, então, como sabia o nome dele? Seu coração começou a bater um pouco mais rápido e ela sentiu gosto de sangue na língua.

Caraca! Que diabos está acontecendo?

— Você está bem? — perguntou uma voz, a voz de Liam.

— Não — disse Della. *Eu tenho certeza de que estou perdendo o juízo.*

— Tome. Beba um pouco mais.

Ela farejava outro vampiro. Liam era um vampiro. Mas ela já sabia disso. Como ela poderia saber e não saber uma coisa ao mesmo tempo? Um braço, um forte membro de carne e sangue, aproximou-se da sua boca.

— Vamos, beba um pouco mais.

Com os joelhos contra o peito, o estômago vazio se contraiu quando ela percebeu o que ele estava lhe oferecendo. Os vampiros não bebem sangue de outros vampiros. Pelo menos não os que ela conhecia.

— Não. — Della empurrou o braço, mas quando ela tocou o membro, as pontas dos seus dedos tocaram pequenas feridas... feridas que pareciam marcas de dentes.

Quando ela descansou o braço no joelho nu, sentiu as mesmas minúsculas feridas em seu pulso.

— Beba, Natasha. Vamos, eu estou bem. — O braço se aproximou de sua boca de novo, e Della gentilmente o conteve, segurando-o um segundo a mais do que o necessário, precisando do contato.

Ela começou a dizer que não era Natasha, mas teria sido mentira. Ela era Natasha. De alguma forma, de alguma maneira, ela estava dentro de Natasha. Então ela se lembrou de que isso já tinha acontecido antes, com Lorraine. Mas Lorraine estava morta. Será que esses dois... Ela piscou e tentou enxergar alguma coisa à sua volta. Só escuridão encheu sua visão.

Ela estava trancada num lugar escuro e úmido que cheirava a terra molhada, com um rapaz chamado Liam. O sabor picante de sangue permaneceu em seus lábios. Em seguida, a constatação a

atingiu. Eles não estavam mortos. Não pareciam mortos. Eles estavam na verdade tentando sobreviver. E para fazer isso, Liam e Natasha vinham se alimentando do sangue um do outro.

— Sêrio, eu estou bem — Liam repetiu.

— Eu não estou com fome — ela mentiu. Ela mal notou o salto no seu coração, ao ouvir o som de sua voz. Não a voz de Della. A voz de Natasha.

Quem era Natasha?

O pânico começou a crescer dentro de seu peito. Ela enterrou as unhas na terra molhada onde estava sentada e quase gritou de dor. Obviamente, já tinha tentado sair dali usando as unhas.

E não tinha funcionado.

Eles não poderiam continuar se alimentando um do outro. Ela e Liam iriam morrer.

Não, Natasha e Liam iriam morrer.

Mas a constatação não fez Della se sentir melhor. Um sentimento, uma necessidade de salvar Natasha e Liam a invadiu. Não, não a invadiu. Era como se ela estivesse tatuada em sua alma, como se fosse parte de seu destino. Como se não fazer aquilo significasse a morte não apenas de Natasha e Liam, mas de parte dela mesma. Parte de sua alma.

Salve-a! Salve-a! As palavras ecoaram como se à distância. A mesma voz que tinha ouvido antes de vir parar ali dentro da caverna. Um fantasma? Talvez.

— Você está bem? — Outra voz, agora masculina e profunda se esgueirou pela sua consciência e fez cócegas no seu subconsciente. — Você está bem? — a voz profunda repetiu.

Não era Liam dessa vez.

O tom grave tinha um tom de confiança que ela reconheceu. Um tom que ela admirava, mas desejava não admirar. Outro sentimento brotou dentro dela e uma palavra ressoou no seu coração.

Ligados.

Chase.

Ela se esgueirou mentalmente para fora do estranho sonho em que tinha mergulhado. Chase a segurou pelos ombros e a sacudiu levemente.

— Ei! Está tudo bem? — ele perguntou, com a testa franzida, os lábios quase brancos, enquanto a segurava com firmeza. — Responda. — Ele tocou o rosto dela. As mãos dele deslizaram pelos braços da vampira. Seu toque... era tão bom... Mas parecia errado. — Della?

— Pare de me alisar. — Ela deu um tapa na mão dele e um passo para trás, seu olhar percorrendo a caverna.

— Eu não estava... o que aconteceu? — ele perguntou.

Ela prendeu a respiração, imaginando quanto tempo tinha ficado ali, perdida naquele outro lugar. Ou não exatamente perdida, mas presa. Presa como Natasha.

De repente, ela se lembrou do que o fantasma — ou quem quer que fosse — tinha dito a ela sobre Chase.

O Conselho dos Vampiros mandou Chase atrás de você.

— O que o Conselho dos Vampiros quer comigo? — ela perguntou.

Capítulo Quatro

Um olhar de surpresa se estampou no rosto de Chase.

— Eu não disse que eles me mandaram aqui atrás de você. — Ele se abaixou e se sentou numa grande rocha. A luz filtrada da cachoeira lançava sombras em torno dele. Um pouco da luz tinha raios minúsculos de cor, como um miniespetáculo de luzes.

— A verdade, Chase. Por favor. — O “por favor” não caiu bem. Ela não deveria ter que implorar pela verdade. E era por isso, ela se lembrou, que não podia nunca realmente confiar naquele cara.

Ele suspirou.

— Eles querem que você trabalhe num caso. — Ele soltou o ar como se estivesse frustrado. — Burnett vai me matar por contar a você, mas essa é provavelmente uma vantagem para você, não é?

Ela ignorou o comentário sobre a possibilidade de Burnett matá-lo e a ligeira mágoa na voz dele, e se concentrou na informação que Chase finalmente tinha deixado vaziar.

— Um caso? Que tipo de caso?

— Um que você já resolveu parcialmente.

— O quê?

— Supostamente, você capturou e depois levou a UPF até aquele cafajeste, Craig Anthony, que estava escravizando novos vampiros e usando uma funerária como fachada.

Sim, ela topara com aquela organização quando tinha ido fazer perguntas sobre Chan e o funeral de seu tio, mas...

— Craig Anthony foi pego, então do que se trata esse caso?

Olhando para a cachoeira, Chase descansou as mãos sobre os joelhos. Seu jeans, ainda molhado, estava esticado sobre as pernas musculosas.

— Anthony foi capturado, mas ele não está falando. Tanto na UPF quanto no Conselho, temos certeza de que já puxamos as rédeas da maioria de seus clientes que escravizava vampiros. Mas, de acordo com algumas pistas, ainda pode haver uns vinte ou trinta recém-criados sob o domínio de alguém.

— Então a UPF e o Conselho dos Vampiros na realidade trocam figurinhas?

Chase franziu a testa.

— Não com muita frequência, e só quando é vantajoso para a UPF.

— Ou o contrário — disse Della. Então ela se lembrou de quanto Craig Anthony era desprezível, e que ela não tinha dúvida de que aqueles novos vampiros estavam recebendo um tratamento abominável. Alguém precisava encontrá-los. Por que não ela?

— Então, eles querem que eu trabalhe com a UPF para encontrá-los?

— Não é bem assim. Eles querem que a gente encontre esses vampiros. — Chase estudou o rosto dela. — Eles querem que você venha trabalhar para o Conselho.

Della olhou para a parede de água, tentando digerir a notícia. Desde que soubera da existência do Conselho, ela achava que estavam na clandestinidade. A UPF era o legítimo departamento do governo sobrenatural. Saber que Chase era praticamente associado ao Conselho dos Vampiros denegria um pouco a visão que ela tinha dele.

Ela olhou para Chase em suas roupas molhadas. A ideia de trabalhar com ele, de estar com ele, fazia com que um sentimento de pânico brotasse dentro dela novamente.

— Vou ter que pensar nisso.

— Não perca tempo. Burnett já negou o pedido do Conselho.

Ele negou?

— Tenho certeza que vai falar sobre isso comigo — disse Della, esperando que estivesse certa, mas aceitando que provavelmente não estava. Primeiro, ela sabia que Burnett não confiava no Conselho dos Vampiros. Segundo, mesmo com seus novos poderes, conhecendo-o como ela conhecia, sabia que ele provavelmente ainda hesitaria em deixá-la trabalhar em qualquer caso que considerasse perigoso. Mas a decisão não deveria ser dela?

Droga, claro que sim!, a voz fantasmagórica gritou dentro dela. *Encontre Natasha!*

E foi assim que ela soube que as duas coisas estavam conectadas. Natasha e Liam eram vítimas de Craig Anthony. Ele podia ter sido pego, mas aqueles que ele tinha aprisionado e escravizado ainda estavam lá fora.

— Burnett negou o meu pedido no mesmo instante — disse Chase com sarcasmo. — Ele mantém todo mundo em rédea curta.

Deixando de lado seu último pensamento para se ocupar de Chase, ela juntou as mãos e considerou a acusação que ele tinha feito sobre o líder do acampamento. Della sabia que o que Chase dissera era verdade. Ela tinha passado a maior parte dos últimos meses tentando justamente afrouxar essa rédea, mas sua lealdade a Burnett exigia que ela o defendesse.

— Não tão curta. Pegamos Craig Anthony, não pegamos?

— Isso é verdade — admitiu Chase. — Mas aposto que você só fez isso porque violou algumas das regras dele.

Certo novamente. Mas ela não iria admitir. Encontrou o olhar do vampiro, observando o hematoma debaixo do olho dele.

— Algumas regras existem por uma razão. Como a que não devemos revelar nossos poderes de Renascidos. Foi assim que você conseguiu esse olho roxo? Arranjando encrenca por aí porque fica se exibindo?

— Eu não saio por aí arranjando encrenca, mas resolvo as que aparecem.

— Bem, então pare com isso. Pare de ficar exibindo o que pode fazer. Burnett tem razão. Isso é só um convite para que todo tipo de gente queira mostrar que pode mais do que você. Da próxima vez,

em vez de ganhar um olho roxo, você pode acabar com o pescoço quebrado.

Um lento sorriso surgiu no rosto dele.

— Olha lá, você está quase falando como se importasse...

Droga! Ela se importava. *Ligados*. Que diabos aquilo realmente queria dizer? Ela quase lhe pediu para explicar mais, mas por que diabos iria confiar em alguém que estava sempre cheio de segredos?

Ela se virou para ir embora, mas, antes que atravessasse a queda-d'água, ele apareceu na frente dela.

— Não vá — pediu Chase.

Ela balançou a cabeça.

— A única conversa que eu quero ter com você é a em que vai me dizer quem te mandou ficar de olho em mim e em Chan.

— Eu já disse — ele rosnou, a frustração evidente em seu tom de voz. — O Conselho dos Vampiros.

Della analisou o rosto dele, percebendo que dessa vez ele não tinha vacilado. Será que estava dizendo a verdade? Será que não sabia quem mais estava por trás daquilo? Ah, que inferno, ela não sabia mais em que acreditar!

— Então como é que eles sabiam de mim? — ela perguntou.

— Della, eu trabalho para eles, assim como você trabalhar para a UPF. Eles contam tudo pra você? Claro que não. Burnett nem sequer nos disse que tinha enviado outros agentes quando estávamos procurando aquele garoto, Billy.

A verdade das palavras dele deixou mais uma dúvida pairando na cabeça de Della e em seu coração. Ela odiava a incerteza.

E ele pareceu perceber isso.

— Nós pertencemos um ao outro agora. — Ele se aproximou e pôs a mão no ombro dela. — Por que você está lutando contra isso? — Chase olhou fixamente para ela e de repente franziu os lábios. — É Steve? Você ainda sente alguma coisa por ele?

Ela inclinou a cabeça para trás.

— Sim, eu sinto algo por Steve.

Della não iria mentir. Ela e Steve estavam praticamente juntos agora. Naquele último fim de semana, quando ele tinha aparecido no acampamento, ela tinha parado de fingir na frente de todo mundo. Steve tinha até colocado o braço em volta da cintura dela quando foram para o refeitório na sexta-feira. E porque ela tinha sentido que aquilo era uma espécie de teste, acabou deixando. Droga, ela não queria falhar naquele teste.

Ela não queria falhar com Steve. No entanto, havia uma partezinha dela que se preocupava com a possibilidade de ela estar predestinada a falhar com ele. E tudo por causa daquela ligação idiota com o cara parado na frente dela.

— E isso — Della acenou com a mão entre eles —, *isso* não é a mesma coisa. — Ela teve que ir lá no fundo do seu coração para encontrar algo para explicar o que sentia.

Ela viu emoções brilhando nos olhos dele. Decepção, raiva, talvez até ciúme.

— Você mesmo disse. Essa coisa de ligação pode ser comparada ao relacionamento entre gêmeos idênticos.

A sobrelha dele arqueou em completa descrença.

— Então, você me ama como a um irmão? Aquele beijo da última semana...

— Não exatamente como um irmão, mas... mas... — As palavras de Chase ecoaram em sua cabeça. Ou, pelo menos, uma palavra ecoou. *Ama*. — Eu não te amo e ponto final. — Ela entrelaçou os dedos. — Eu não sei nem se *gosto* de você. — Se sentir atraída por ele, se preocupar com o fato de ele ter sido machucado, isso era outra coisa. Uma coisa em que ela não queria pensar. Uma coisa que ela estava tentando negar.

Ele soltou o ar.

— Isso é papo-furado.

De repente, sentindo urgência em resolver outros assuntos — que não tinham nada a ver com ele —, Della relanceou os olhos para outro arco-íris de cores dançando nas paredes.

— Eu tenho que ir. — Levantando-se rápido, ela deu um passo para fora da caverna. O frio da cachoeira parecia quase surreal. A água encharcou seu cabelo e se infiltrou por baixo da sua camiseta. Imediatamente, ela sentiu uma sensação de perda ao sair. *Eu voltarei*.

— Vai fazer o quê? — Chase estava bem atrás, mas ela continuou andando. Recusou-se a olhar para trás e recusou-se a reconhecer que o sentimento de perda tinha tudo a ver com ele e nada a ver com a cachoeira. Por favor, que seja apenas a cachoeira.

— O que você tem que fazer? — Chase repetiu a pergunta quando ela não respondeu.

— Conversar com Burnett — Della respondeu, pensando no líder do acampamento negando o pedido do Conselho para ela trabalhar no caso, sem sequer falar com ela. E então ela se lembrou da coisa toda do fantasma e da visão maluca que tivera. — E com Kylie e Holiday — disse ela em voz alta enquanto elaborava seu próprio plano. Se alguém podia explicar o que tinha acontecido ali, eram elas.

— Falar sobre o quê? — A pergunta dele foi feita a centímetros da orelha dela. A proximidade era boa e ruim ao mesmo tempo.

— Sobre eu trabalhar com o Conselho dos Vampiros. — Ela voltou a pensar em Holiday e Kylie. — Sobre encontrar Natasha e Liam — murmurou em voz alta, mais para si mesma do que para ele.

Lembrando quanto tinha ficado desesperada durante a visão, ela começou a correr. O sol já estava mais alto no céu. No entanto, ele ainda tinha o tom dourado do amanhecer. O calor do sol aquecia sua pele úmida e ela não pôde deixar de se lembrar da escuridão que sufocava Natasha e Liam.

Quando seus passos ecoaram no chão, ela se deu conta de que Chase não mais a seguia. Ela estava a meio caminho do escritório, quando de repente percebeu que ele não tinha perguntado quem eram

Natasha e Liam. Um pensamento louco lhe ocorreu. Será que ele de alguma forma havia tido a mesma visão?

Ela estava tentada a dar meia-volta e encontrá-lo, para perguntar. Mas não, era loucura. Em primeiro lugar, porque arrancar respostas dele era como arrancar os dentes de um leão raivoso, e segundo, porque... certamente uma dupla visão como essa não poderia ser possível. Mas Della se lembrou de como ele parecia abalado quando ela despertou daquele lugar escuro e úmido. Seria a reação dele ao ver a angústia dela ou será que eles tinham vivido a mesma experiência?

Correndo um pouco mais devagar, ela tirou o celular do bolso e discou o número de Kylie. A camaleão respondeu com uma voz um pouco sonolenta, mas preocupada.

— Algo errado?

— Não... sério. Estou bem. Só tenho perguntas. Me encontre no escritório de Holiday, por favor.
— Ela desligou, confiante de que Kylie estaria lá. A amiga nunca a decepcionava.

Enquanto ela continuava seguindo para o escritório, outro pensamento lhe ocorreu. Ela tinha ido à cachoeira para obter respostas, mas tinha saído com mais perguntas. Aquilo era justo? Por que os anjos da morte respondiam às perguntas de Kylie e não às dela?

— Isso não poderia acontecer, poderia? — Della estava sentada no sofá do escritório de Holiday, contando sobre a voz, sobre a visão, e perguntando se elas achavam que Chase poderia ter tido a mesma visão que ela.

A *fae* líder do acampamento estava sentada à sua mesa, com uma expressão perplexa. Kylie, com uma expressão quase tão confusa, estava sentada ao lado de Della.

— Uau! — exclamou Holiday. — Você teve um dia e tanto, e não são nem sete horas da manhã.

— Nem me diga! — exclamou Della, estatelada no sofá, com o coração pesado. — Então com o que estou lidando aqui? — Ela voltou a pensar em Natasha e Liam. Se Holiday ou Kylie não pudessem ajudar, como, pelo amor de Deus, Della iria salvá-los? Ela não tinha a menor ideia de como dar sentido a tudo aquilo.

— Você conhece alguém chamado Natasha ou Liam? — perguntou Holiday.

— Não — admitiu Della. — Mas... acho que pode ter algo a ver com o caso de Craig Anthony. Chase me disse que ainda existem muitos recém-criados que não foram localizados. E se foi Anthony quem os prendeu lá?

Holiday assentiu.

— Isso é possível, mas... normalmente existe mais de uma conexão.

— Talvez este caso não seja normal. — Ela apertou as mãos.

— Em primeiro lugar, não fique assustada — disse Holiday.

— Eu não estou — Della insistiu, e então percebeu que Holiday estava captando as emoções dela. Mas a *fae* estava errada. — Quero dizer, tudo bem, essa história não me agradou em nada e, quando ouvi pela primeira vez sobre os fantasmas, eu me apavorei um pouco. — Seu coração saltou,

denunciando uma mentira. — Ok, me apavorei muito, mas eu já superei esse medo. O que está me assustando agora é que o tempo de Natasha e Liam está se esgotando. Eles não podem viver assim por muito mais tempo.

Della viu a maneira como Kylie e Holiday olharam uma para a outra, como se soubessem de algo que ela não sabia.

— O que foi? — perguntou Della.

Holiday se levantou e se sentou ao lado de Della, do outro lado do sofá. A expressão em seu rosto era de pura compaixão. O fato de ela se aproximar era para Della um sinal de que o que a amiga estava prestes a dizer não era bom. Na verdade, era tão ruim que ela sabia que Della precisaria de um toque calmante ao ouvir a notícia.

Quando a mão de Holiday chegou mais perto, Della saiu do sofá.

— Não, não me toque. Apenas me diga. O que é que você acha que eu não vou querer ouvir?

Capítulo Cinco

Della ouviu Kylie suspirar. A camaleão sempre suspirava quando estava preocupada ou estressada.

Della viu os olhos azul-claros da amiga cintilarem de preocupação e perguntou:

— O que foi? Podem começar a falar.

Kylie olhou para Holiday e a líder do acampamento assentiu.

— Normalmente — Kylie começou —, quando se tem visões, aquelas em que a gente é realmente a pessoa, é porque... porque ela já está morta.

— Eu sei, mas dessa vez eles não estavam mortos.

— Eles podem parecer vivos, mas estão mostrando a você...

— Não. — Lágrimas brotaram nos olhos de Della. — Então por que raios ela iria me mostrar aquilo?! Se estão mortos, que diabos eu posso fazer? Isso é errado! É doentio! Por que ela me faria passar por tudo aquilo?

Kylie assentiu.

— Eu me senti da mesma forma quando aconteceu da primeira vez comigo, mas...

— Eles fazem isso porque querem ser encontrados — Holiday falou. — Porque querem que a pessoa que os matou seja detida.

Della tentou digerir aquilo. Mas doía. Doía demais, caramba!

Então ela se lembrou de outra visão que tinha tido — a visão em que ela era a garota assassinada, Lorraine, olhando para suas mãos cheias de sangue. De alguma forma, na visão, Della tinha percebido que a garota estava morta. Mas não dessa vez.

— Não, dessa vez foi diferente — Della insistiu. — Eles estão vivos — disse ela. — Eu sinto isso.

Uma lágrima caiu dos olhos de Della, e ela a sentiu, quente, rolando pela sua pele fria. Ela enxugou-a. Então se lembrou da voz do fantasma. *Encontre Natasha*.

— Não — disse Della novamente. — O fantasma me disse para encontrar Natasha. O fantasma não era Natasha.

Holiday se levantou e deu alguns passos na direção de Della.

— Mas, se você estava no corpo de Natasha, isso normalmente significa...

— *Normalmente*. Você continua usando essa palavra. Mas o que é normal quando se trata disso? Eu sou um vampiro, eu não devia nem mesmo me comunicar com fantasmas. Talvez eu esteja fazendo essa coisa toda de fantasma de um jeito anormal!

Holiday passou o cabelo ruivo por cima do ombro e torceu-o, como costumava fazer quando estava pensando.

— Eu não vou dizer que seja impossível, Della. Você e Burnett são os primeiros vampiros que conheço que são médiuns. Mas eu só estou dizendo em que eu acredito.

— Mas você sabe — Kylie acrescentou, e olhou para Della como se quisesse ajudar — que a avó de Sara veio me pedir para curar Sara quando ela estava com câncer. Então, talvez esse fantasma tenha vindo procurar você para ajudar alguém.

— Verdade — disse Holiday. — Mas você nunca esteve no corpo de Sara, esteve?

— Não. — Kylie se encostou no sofá e encontrou o olhar de Della.

Della desviou o olhar da expressão cheia de compaixão da amiga. Ela entendia que elas estavam tentando ajudar e estavam apenas dizendo o que pensavam ser verdade. Della simplesmente não acreditava naquilo.

Ou será que ela não queria acreditar? Seu coração apertou, e a dor — dor de verdade — encheu seu peito. Ela sentiu a compaixão das duas e tentou afastar a dor, assim como tinha feito com todos os seus outros problemas, para pensar neles mais tarde.

Mais tarde. Ela estava se tornando uma especialista naquela técnica de adiar crises emocionais...

Soltando um suspiro decepcionado, fez a pergunta seguinte.

— E aquela coisa toda do Chase? De ele ter a mesma visão que eu?

— Isso é possível — disse Holiday. — Especialmente pelo fato de vocês dois estarem na cachoeira. É um lugar mágico.

Della quase concordou com ela, mas, ao se lembrar de que achavam que Natasha e Liam estavam mortos, ela se perguntou como o lugar poderia ser mágico se dava notícias tão ruins.

Mágico seria se eles estivessem vivos. Se ela tivesse chance de salvá-los. Não, a verdadeira magia teria sido se eles nunca tivessem que passar por aquela situação.

Mais tarde, ela disse a si mesma de novo, afastando a emoção que tentava invadir seus pulmões.

Holiday torceu mais uma vez o cabelo.

— O fato de Chase estar na cachoeira me diz que ele poderia muito bem ter a mesma capacidade de se comunicar com fantasmas que você e Burnett. E isso poderia ser porque... A *fae* olhou para Kylie e parou de falar.

— Por quê...? — perguntou Kylie.

— Eu não sei — disse Holiday, dando de ombros.

Della sabia o que ela iria dizer. Porque todos os três eram Renascidos. Será que todos os Renascidos tinham propensão para se comunicar com fantasmas? Della viu o olhar perplexo no rosto de Kylie. Até agora, Della não tinha falado com Kylie ou Miranda sobre aquilo. Elas ainda pensavam que ela tinha simplesmente contraído um vírus estranho. Ela sabia que não poderia manter aquilo em segredo das amigas para sempre, mas estava esperando conseguir lidar melhor com aquela habilidade antes de tentar explicá-la.

Della inclinou a cabeça para o lado. Ela ouviu uma pessoa subindo os degraus da cabana. Levantou o nariz. Correção. Duas pessoas. Embora só dois pés estivessem entrando.

Uma dessas pessoas era doce e inocente, e cheirava a talco de bebê. A outra... a outra era alguém com quem Della tinha um assunto espinhoso a tratar. E com toda a angústia que se agitava dentro dela, ela nunca se sentira mais preparada para uma discussão do que naquele momento.

Burnett entrou no escritório de Holiday sem bater, a filha deles, Hannah, em seu colo. Ele olhou de Holiday para Kylie e, em seguida, para Della.

— Qual o problema? — Seu olhar fixo em Della sem dúvida captando a expressão de desagrado da vampirinha.

Ela nem sequer teve que responder à pergunta — ele fez isso por ela.

— Aquele sanguessuga ordinário filho da puta! — rosnou Burnett. — Eu o proibi de...

Hannah começou a chorar.

— Veja, nem a nossa filha aprova o seu linguajar. — Holiday se aproximou dela. — Eu juro, se a primeira palavra que sair da boca da minha filha for um palavrão, eu vou lavar a boca do pai dela com sabão duas vezes ao dia pelo resto da vida. — O lado maternal de Holiday sempre falava mais alto.

Burnett, que obviamente não gostou nem um pouco da ideia, fez uma careta.

— Desculpe — ele disse, dando um beijo no cabelo escuro de Hannah com uma gentileza que parecia quase impossível para o vampiro alto e sombrio.

— Não fale palavrão como o seu pai — disse ele para a criança. Depois de entregar o pacotinho em seu colo para a mãe, seu olhar se voltou para Della, e toda a expressão terna e afetuosa desapareceu.

— Meu escritório — ele ordenou, fazendo um gesto para ela segui-lo.

Della não hesitou. Ela começou a andar atrás dele, preparando-se mentalmente para outro bate-boca com o vampiro teimoso e machista. Se ele achava que iria impedi-la de tentar encontrar Natasha e Liam — mesmo se já estivessem mortos — junto com os outros recém-criados que tinham sido forçados à escravidão, os minutos seguintes não seriam nada agradáveis.

Burnett acomodou-se sem falar nada atrás de sua grande mesa de carvalho, que ocupava a maior parte do pequeno escritório. Ao contrário do escritório de Holiday, que tinha um ar feminino e um pouco mágico, o escritório de Burnett parecia totalmente sem graça. Os únicos objetos pessoais no cômodo eram as fotos de Holiday e Hannah sobre a escrivaninha.

Della, braços cruzados sobre o peito, desabou na cadeira em frente ao vampiro, olhando furiosamente para ele. Burnett sustentava o olhar dela, como se quisesse provar que estava com a razão.

Ela decidiu deixá-lo começar a conversa... deixá-lo soltar os cachorros e tentar expor seus argumentos. Infelizmente, ele tinha mais paciência do que ela e esperou até que Della finalmente despejasse tudo:

— Você pelo menos ia me contar?

— É claro que eu ia te contar — ele disse numa voz muito mais calma do que a dela.

— Mas você não acha que deveria ter me contado antes de dizer a eles que eu não iria? Desde quando eu *não* posso mais decidir o que vou fazer ou não?

Ele se inclinou e olhou nos olhos dela de forma calculada.

— Acalme-se.

— Eu não vou me acalmar. Você me negou...

Ele bateu a mão na mesa.

— Sim, eu disse que você não vai trabalhar para eles. Mas eu já dei um telefonema e estou tentando entrar em contato com alguém para fazer uma contraproposta. Mas, para responder à sua pergunta, você realmente não tem poder de decisão quando eu sinto que vai colocar a sua vida em perigo. — Ele expeliu o ar por entre os dentes cerrados. — E antes que você comece, não é porque você é uma garota! Eu não teria permitido que ninguém aqui em Shadow Falls fizesse isso.

Ela descruzou os braços, ouvindo a sinceridade tanto no tom de voz dele quanto em seu coração firme.

— Que tipo de contraproposta?

— Vou sugerir que eles permitam que Chase venha trabalhar com a gente e vocês dois trabalhem juntos no caso. — Ele levantou uma mão. — Eu poderia... *poderia* estar disposto a fazer uma concessão e deixar que ele se reportasse tanto ao Conselho quanto à UPF, mas apenas se concordarem com as minhas condições.

— Que condições?

— Todas as tarefas têm que ser atribuídas por mim, e eu tenho o direito de mandar outros agentes cobrir vocês dois, se sentir que é necessário.

— E se eles não concordarem com isso? — perguntou ela, pensando em Natasha e Liam.

— Então, não há nenhuma razão para que a UPF não possa iniciar a sua própria investigação. Nós já fizemos o trabalho pesado e prendemos o homem.

— E você vai me colocar no caso? — ela perguntou, precisando de garantia.

— Isso terá de ser autorizado pela UPF, mas eu não vejo nenhuma razão para que não autorizem. Você já tem uma boa reputação com eles.

Della relaxou na cadeira, gostando de ouvir aquilo, mas não se sentiu muito aliviada com relação aos seus problemas reais.

— Obrigada.

Ele balançou a cabeça, em seguida franziu a testa.

— Tudo isso poderia ter sido evitado se Chase não tivesse jogado merda no ventilador.

— Você quer dizer “não tivesse causado problemas” ou talvez “jogado caca no ventilador” — corrigiu Della com ironia.

Quando ele pareceu confuso, ela explicou:

— Você não pode falar palavrão, lembra? — Um leve sorriso roçou os lábios dele quando se lembrou da ameaça de Holiday de lavar a boca do marido com sabão.

— Causado problema — disse ele, corrigindo-se.

— E... — continuou ela —, sinceramente, Chase não esperava causar problema. Só aconteceu de ele estar na cachoeira quando fui até lá. — O coração dela deu um pequeno salto, porque ela realmente não acreditava que tinha sido uma coincidência. Eles haviam sido atraídos para lá. Mas Della estava falando de Chase e ela ou de Natasha e Liam?

— Mas ele ainda assim contou a você sobre o caso — disse Burnett, seu tom de voz mais grave por causa da raiva.

— Na verdade, não. Quer dizer, alguém me disse e eu só pedi que ele confirmasse.

Burnett estudou-a, provavelmente ouvindo para ver se o coração dela tinha marcado as palavras como uma mentira.

— Ninguém mais sabe — disse ele.

— Alguém sabe — disse Della.

— Quem? — A testa de Burnett se franziu e ele se inclinou para a frente.

— Um fantasma — disse Della, e sentiu a preocupação surgindo dentro de si.

— O quê? Um fantasma? — ele perguntou, olhando em volta como se esperasse que o fantasma estivesse ali.

Ela contou a Burnett o que tinha acontecido na cachoeira, falando inclusive sobre a voz, a visão de duas pessoas alimentando uma a outra. Ele pegou um lápis e o rolou nas mãos enquanto ouvia.

— Você contou tudo isso a Holiday?

Della confirmou com a cabeça, sentindo um aperto no peito quando ela se lembrou de que a líder do acampamento tinha lhe dado poucas esperanças.

— Ela acha que Natasha e Liam estão mortos.

— E você não? — Burnett parou de rolar o lápis enquanto esperava ela responder.

— Não. Eu acho que o fantasma é alguém que quer que eles sejam resgatados. Ela se referiu a Natasha pelo nome. Ela não disse “me encontre”.

Burnett recostou-se na cadeira, fazendo-a ranger.

— Ela?

Della assentiu.

— E, estranhamente, ela não mencionou Liam. É como se ela estivesse mais preocupada com a garota.

Burnett rolou outra vez o lápis entre as palmas das mãos.

— Mas na maioria das vezes, quando Holiday tem visões semelhantes... como a que você teve...

— Eu sei — cortou-o Della. — Na maioria das vezes a pessoa está morta. Mas eu não sou Holiday. Talvez, por ser uma Renascida, as coisas sejam diferentes para mim. — Ela olhou para ele. — Para nós. Você já teve alguma visão em que eles não estavam mortos?

Burnett pareceu chocado com a ideia de se comunicar com espíritos, como se ela tivesse lhe pedido um conselho sobre o melhor absorvente interno para usar.

— Eu não... Eu nunca tive uma visão. Apenas os sinto quando estão perto de Holiday e posso ouvi-los, às vezes. Mas eu, na verdade, só vi um fantasma: Hannah, a irmã de Holiday.

— Sorte sua.

— É verdade — ele concordou, quase de todo o coração, mas depois acrescentou: — Mas é porque você vê e ouve fantasmas que nós capturamos o último assassino e não prendemos o cara errado. Holiday insiste em dizer que isso é um dom. E às vezes eu não posso discordar dela.

— Eu sei e, se não se tratasse de pessoas mortas, eu poderia concordar. — Um sentimento de pavor percorreu a sua espinha só de pensar nisso. Ela estaria condenada a ser como Kylie agora? Fantasmas aparecendo o tempo todo? Mas, caramba, ela não queria isso.

Burnett deu de ombros e acenou com a cabeça, ao mesmo tempo, como se quisesse discordar, mas não pudesse. Ele se inclinou para a frente outra vez.

— Holiday também disse que, quando você começa a ter esse tipo de visão, é normalmente alguém que você conhece ou alguém que está ligado a você de alguma forma.

Della assentiu.

— Ela me disse isso, também, mas eu não conheço Natasha ou Liam. Foi o fantasma que me disse para encontrá-los. Então, talvez ela conheça Natasha, porque eu não conheço.

— Ok, digamos que você esteja certa e o fantasma não seja Natasha. Você acha que pode conhecer o fantasma?

— Eu acho que não. Acho que ela só me escolheu porque estou ligada ao caso de Craig Anthony.

A sala ficou em silêncio por um minuto e os pensamentos de Della voltaram a se concentrar no outro problema.

— Você realmente já falou com alguém do Conselho dos Vampiros?

— Liguei e disseram que alguém vai entrar em contato.

— Em contato hoje ou esta semana? — perguntou Della, a preocupação deixando sua voz tensa. Se Della estivesse certa e Natasha e Liam estivessem vivos, eles precisavam de ajuda, e rápido. Ou será que Holiday, que tinha mais experiência com essa coisa de fantasmas, estava certa e eles já tinham encontrado o seu destino?

Burnett ajustou seu peso na cadeira novamente.

— A bola já está em jogo. Se eu tentar pressionar, isso poderia ter um efeito negativo. Mas eu vou seguir em frente e dar início às investigações por conta própria. E vou arranjar alguém para verificar todos os arquivos que confiscamos de Craig Anthony. Talvez possamos encontrar algumas informações sobre... Natasha e Liam. Você por acaso não sabe os sobrenomes, sabe?

— Não.

— Conseguiu qualquer outra coisa que possa nos ajudar a localizá-los?

Ela deixou sua mente voltar à visão.

— Nada além de um lugar escuro que cheirava a sujeira. Como se fosse subterrâneo. *Enterrados vivos*. O pensamento provocou calafrios na sua espinha. — Mas...

— Mas o quê? — perguntou Burnett.

— Eu não sei ao certo, mas Chase pode saber de algo sobre isso, também.

— Como é que ele pode saber?

— É só um... Eu posso estar errada, mas acho que ele pode ter uma ligação com essa visão, também. Nós dois fomos atraídos para a cachoeira por uma razão, e eu acho que foi por isso.

— Você quer dizer que ele teve essa visão, também?

— Sim, Holiday disse que é possível. — Ela hesitou. — Será que ele já deixou Shadow Falls?

— Sim. Logo antes de eu vir para cá.

Ela pegou o celular e discou o número dele. Burnett inclinou-se sobre os cotovelos e tamborilou os dedos na mesa. A chamada caiu no correio de voz de Chase.

— Ei, sou eu, Della. Eu... tenho algo para te perguntar. Você pode me ligar?

Quando desligou, Burnett olhou para ela.

— Ele retorna os seus telefonemas?

— Não sei, nunca liguei para ele. — Ela estava orgulhosa de nunca ceder à vontade de ligar para ele. Mas isso era diferente. Não era para falar de si mesma. Ela para falar sobre Natasha e Liam.

— Minha intuição me diz que ele vai retornar — acrescentou, lembrando quantas vezes ele já tinha enviado mensagens para ela e telefonado. Então, novamente, ela se lembrou de uma das últimas coisas que ela disse a ele. *Eu não te amo, ponto final. Não sei nem se gosto de você*.

As palavras tocaram seu coração, que de repente pareceu ficar mais terno, ao recordar a dor nos olhos dele. Então, jurando não se deixar levar por todo aquele sentimentalismo, obrigou-se a se concentrar em outras questões. Ela olhou para as próprias mãos por um segundo, uma pergunta dando voltas na sua cabeça, mas sabendo que a resposta a assustaria. No entanto, ficar sem saber não ajudaria ninguém, então ela perguntou:

— Quanto tempo? Quanto tempo os vampiros podem sobreviver se alimentando uns dos outros?

Burnett largou o lápis e entrelaçou os dedos, descansando as mãos em cima da mesa.

— Por que não tentamos simplesmente encontrá-los? — disse. — Além disso, se Holiday estiver certa, o tempo não é...

— Mas só no caso de eu estar certa e eles estarem vivos. Eu preciso saber. Quanto tempo eu tenho para encontrá-los?

Capítulo Seis

Burnett apertou mais as mãos e sua expressão deixou claro para Della que ele tinha achado a pergunta tão odiosa quanto ela.

— Della, você teve algumas semanas bem difíceis. Não carregue nos ombros as preocupações do mundo inteiro. É domingo, vá ser uma adolescente. Vamos esperar até conseguirmos carta branca para trabalhar no caso, depois nos preocupamos com...

— Pare de dar uma de difícil — Della sibilou. — Apenas me diga!

Ele soltou o ar.

— Depende. Se eles estiverem tomando cuidado para não se esgotarem demais, podem durar umas três semanas.

Era mais do que ela esperava, então tentou encontrar conforto nisso.

Mas a verdade pura e simples continuou inalterada. Se eles ainda estivessem vivos, e se Chase não tivesse compartilhado com ela a visão, então a maior parte da responsabilidade de encontrá-los recaía mesmo nos ombros dela.

Bem, não totalmente. Havia o fantasma. O estômago de Della se contraiu ligeiramente. Quem era o fantasma? E por ela tinha procurado a ajuda a vampira?

Mas mais importante do que a identidade do fantasma, ou da ligação dele com os dois vampiros, era saber como iria fazer para conseguir informações. Por Deus, se aquele espírito que tinha aparecido sem ser convidado queria que Natasha fosse encontrada, ela precisava se mexer e dar a Della algo em que trabalhar! Um sentimento de pânico cresceu dentro dela quando se lembrou de Kylie lhe dizendo, mais de uma vez, que não dava para pressionar ou apressar os fantasmas para que eles falassem.

Mas não era justamente disso que Della precisava? Outro sujeito irracional e difícil de lidar?

Ela olhou para Burnett. Ele se inclinou para a frente.

— Estou falando sério, você precisa ir e...

— Aproveitar a adolescência — Della terminou por ele. — Eu já ouvi você dizendo isso. — Como ela poderia aproveitar alguma coisa, droga, com tantas malditas perguntas dando voltas na sua mente, apertando o seu coração e pressionando a sua consciência?

Quando ela se levantou para sair, uma daquelas questões veio à tona. Ela parou na porta e olhou para trás.

— Alguma notícia sobre quando vamos conseguir sepultar Chan?

A expressão de Burnett revelou frustração.

— Eu verifiquei isso esta manhã. Ainda estou esperando um retorno.

Esperar. Parecia que tudo em sua vida se resumia a esperar.

Depois de ficar horas em seu quarto, só se preocupando, Della decidiu dar ouvidos ao conselho de Burnett. Obviamente, ficar sentada ali esperando uma pessoa morta aparecer não era fácil. Tanto Miranda quanto Kylie tinham saído, provavelmente com os namorados, por isso Della resolveu sair à caça do seu “quase namorado”. Depois de tê-lo abandonado cedo na noite anterior, ela queria passar um pouco mais de tempo com Steve antes que ele fosse trabalhar com o médico e a filha do médico.

Pensar em Steve trabalhando com Jessie, que tinha uma queda por ele, ainda a incomodava. Mas, considerando que ela própria provavelmente iria trabalhar com Chase de novo, supôs que não devesse tocar no assunto.

Assim que ela deixou as sombras do bosque e viu a cabana de Steve, viu Perry saindo pela varanda. Ela parou a alguns poucos metros. Antes que ele a notasse, viu sua expressão: triste e perturbada.

— Algum problema? — ela deixou escapar, e ele deu um pulo ao ouvir a voz dela.

— Não — disse ele rápido. Rápido demais, e Della ouviu o coração dele dançando um tango com a mentira.

E só havia uma razão para ele mentir. Ela cruzou os braços sobre o peito e analisou-o.

— Você sabe que eu gosto de você, certo?

— Sei — disse Perry, como se não soubesse o que ela queria dizer.

— Bom, então você não vai levar para o lado pessoal se esse “não” que você disse magoar Miranda e eu tiver que chutar o seu traseiro.

Ele fez uma careta.

— Eu só estou dizendo que gosto de você, mas gosto mais dela. E se você magoá-la...

Ele soltou um rosnando baixo.

— Ok, vou mudar a resposta, então: não é da sua conta. E se você acha que eu magoaria Miranda de propósito, você é uma idiota.

Della observou o metamorfo loiro sair dali apressado, achando aquilo muito estranho. A raiva não era uma emoção comum em Perry. Ele geralmente fazia algum comentário sarcástico, usando o humor para encobrir o que estava sentindo de verdade ou para pôr panos quentes na situação.

O que significava que o que quer que estivesse errado devia ser ruim o suficiente para tirar o senso de humor do metamorfo.

Quando ela se virou, viu Steve em pé na porta, esperando com um meio sorriso. Os meios sorrisos de Steve sempre eram sexies. Talvez fossem os olhos semicerrados, os cílios reduzindo aqueles olhos castanhos calorosos a duas fendas. Seu cabelo castanho estava despenteado, como se ele tivesse acabado de levantar da cama. Ela sempre gostou dele um pouco bagunçado. Steve usava um jeans justo nos lugares certos e uma camiseta azul-marinho que parecia tão macia que dava vontade tocar. Ah, e ele estava descalço. Até isso a atraía.

Suas preocupações com Perry e Miranda passaram para o segundo plano e ela teve vontade de encostar a cabeça no peito dele e sentir seus braços em volta dela. Deixar a magia que envolvia

Steve fazer seus problemas parecerem menores. E se isso fizesse com que ela também parecesse menor, que fosse. Ela bancaria a garota madura depois.

Além disso, estava apenas seguindo ordens de Burnett. *Aproveitando a adolescência.*

Quando ela subiu os degraus da varanda, o meio sorriso dele desapareceu. Todos os sentimentos suaves que ele despertara se foram e ela se lembrou de Chase e da loucura que tinha acontecido na cachoeira.

— O que há de errado? — ele perguntou.

A expressão dela estaria tão azeda quanto a de Perry?

Ela abriu a boca, mas não tinha a menor ideia de por onde começar. Ou o que dizer. Ela deveria contar tudo?

Que Chase tinha ido vê-la?

Que o Conselho dos Vampiros queria que ela trabalhasse para eles?

Que havia um fantasma andando atrás dela de novo?

Que ela achava que havia um casal de vampiros enterrado vivo e talvezoubesse a ela encontrá-los?

Ela tinha um palpite de que Steve não iria gostar de ouvir nada daquilo.

Ela franziu a testa.

— Posso apenas dizer “tudo” e deixar por isso mesmo?

— Claro que não. — Steve estendeu a mão para ela e puxou-a de encontro a ele. A cabeça dela encontrou aquele lugar especial que ela tanto adorava. Depois de um abraço de dois segundos, ele se virou e começou a entrar na cabana.

— O que está acontecendo? — ele perguntou depois de fazê-la se sentar no sofá e se acomodar ao lado da vampira. O calor do corpo dele aquecendo o dela, seu braço ao redor de seus ombros.

Quando ela não começou a falar, Steve ergueu o queixo dela e a fez olhar para ele.

— Por que eu acho que tem algo a ver com Chase?

Ah, mas que inferno! Ela estava certa. Steve não iria gostar de ouvir aquilo.

— Eu fui até a cachoeira — contou Della.

— Por quê? — ele perguntou, falando como Miranda.

— Porque eu não parava de ouvi-la. Holiday diz que a cachoeira chama a gente. Enfim... — Ela engoliu em seco e apenas disse: — Chase estava lá.

Ela sentiu os músculos de Steve ficarem tensos e podia jurar que a temperatura do seu corpo subiu alguns graus.

— Ele invadiu Shadow Falls? Burnett não o pegou no flagra e lhe deu uma lição?

— Não, porque ele... ele na verdade estava aqui para falar com Burnett.

— Por quê?

— O Conselho dos Vampiros quer que eu e Chase trabalhemos juntos para encontrar uns recém-criados que aquele cretino do Craig Anthony vendeu como escravos.

— E Burnett vetou, certo? — Os olhos castanhos de Steve adquiriram um tom âmbar escuro, enquanto ele esperava pela resposta dela.

— Ele está tentando fazer um acordo para que a gente trabalhe para a UPF, não para o Conselho.

— Mas você vai trabalhar com Chase? — perguntou Steve, o tom de voz tenso.

Ela se recusou a mentir.

— Se eles concordarem...

— Eu não gosto disso. Sério, você já capturou aquele cafajeste do Anthony, agora deixe que outra pessoa faça o resto.

Ela juntou as mãos.

— Eu não posso.

— Por que não?

Porque é a coisa certa, porque...

— Um fantasma.

— Chan? — ele perguntou, arregalando um pouco os olhos.

— Não, outro fantasma. Ela está me pedindo para salvar uma garota chamada Natasha.

— E você tem que fazer o que o fantasma pede? E se ela pedir para você se jogue de uma ponte ou coma uma tigela de...

Della pressionou um dedo contra os lábios macios de Steve.

— Ela de alguma forma... me fez ter uma visão, e eu era Natasha. Ela está presa, Steve, num lugar que parece um túnel, ou uma câmara subterrânea, com outro vampiro e... — Ela teve que puxar o ar lá do fundo para continuar: — Ela e outro vampiro estão se alimentando um do outro. — Os olhos de Della arderam quando ela se lembrou do horror que sentira na visão. — Ela está com medo, não, ela está apavorada! E... e eu sei tudo isso porque eu me transformei nela durante aqueles poucos minutos, eu estava no corpo dela, e eu senti. Eu tenho que ajudá-la, Steve.

Ele olhou para ela, a cor de seus olhos se suavizando e voltando ao tom caloroso de castanho com manchas verdes e douradas. Ela sabia que Steve estava aceitando — que ele tinha entendido. Della não podia afirmar que ele estava empolgado com isso, pois seu olhar ainda era de frustração, mas não iria tentar impedi-la.

Ele afastou uma mecha de cabelo da bochecha dela.

— Você sempre tenta bancar a durona, mas, sinceramente, não há nada duro em você. Você ajudaria o seu próprio inimigo.

— Não me dê muito crédito.

— É você que precisa se dar mais crédito. — Ele expirou profundamente e continuou a olhar para ela. — Ok, você me disse por que *você* tem que trabalhar neste caso, mas por que Chase também? Por que ele tem que trabalhar com você? Por que eu não poderia trabalhar com você? Ou Lucas?

Ela hesitou antes de dizer, mas depois decidiu que ele merecia a verdade.

— O motivo que o fez estar na cachoeira é que ele se sentiu chamado também. Eu acho que Chase teve a mesma visão. Por alguma razão, nós deveríamos fazer isso juntos.

Ele caiu contra o encosto do sofá com um suspiro.

— Eu não... Eu simplesmente não gosto de você na companhia dele.

Ela olhou-o bem nos olhos.

— Eu não gosto de você com Jessie, também.

— Pelo menos eu não estou... ligado a ela. Seja o que for que essa droga signifique. — Ele estendeu a mão novamente e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. — E eu sei que você não gosta de falar sobre isso, e eu estou tentando realmente respeitar isso, mas preciso que você me tranquilize.

Ah, que inferno, o que ele queria que ela dissesse? Que ela não dava a mínima para Chase? Isso seria mentira. Que ela não estava nem um pouco atraída por ele? Isso seria mentira, também. Que ela não tinha medo do que sentia? Outra mentira.

Ela estava assustada. Tinha medo de onde tudo aquilo iria dar, mas a única coisa que sabia, a única coisa de que tinha certeza era... Steve. De como ele a fazia se sentir.

Segura.

Aceita.

Amada.

Ele a conhecia e gostava dela assim mesmo, ainda queria fazer parte da vida dela.

Ele se importava.

Ele cuidava dela. Esperando. Esperando alguma coisa.

O coração dela doía com a indecisão e a necessidade que sentia de oferecer algo a ele tornava essa dor ainda maior. Por fim, ela encontrou uma verdade. Uma verdade que podia lhe oferecer.

— Eu estou aqui, não estou?

Ela se aproximou e apertou os lábios contra os dele. Devia ter sido suficiente, ou pelo menos o suficiente por ora, porque ele retribuiu o beijo.

Capítulo Sete

Os lábios de Steve eram quentes, o gosto viciante. E a magia, a magia que era puramente Steve, aconteceu. Della deixou todos os seus problemas de lado, todas as angústias, medos e assombrações do passado, e não se deixou arrastar para nada que não fosse aquele beijo. A maravilhosa sensação dos lábios dele contra os dela.

Aquele sentimento levou a outros sentimentos e sensações. Formigamentos. Vontades. Desejos.

O que os levou a se mexerem. Se aproximarem. Reclinarem-se, lado a lado no sofá.

Em poucos minutos, estavam ainda mais perto. Braços e pernas emaranhados, os corações batendo na mesma sintonia. Apesar da sua baixa temperatura de vampiro, ela ardia... no fogo do corpo rígido de Steve pressionado contra o dela. Absorta em como a respiração suave dele arrepiava o seu pescoço.

A mão dele deslizou por sob a blusa dela e ela não o impediu. Della queria aquilo tanto quanto ele. Não que ela planejasse deixá-lo ir tão longe, mas aquilo... aquilo era o que ela precisava. Della estava seguindo ordens. Estava sendo uma adolescente.

Mas então ela as ouviu. Vozes. Vozes e passos vindo na direção da cabana.

Ela suspirou e segurou a mão dele.

— Eu acho que estamos prestes a ter companhia.

Ele rosnou e levantou a cabeça do ponto sensível em que beijava o pescoço dela.

— Você quer matá-los você mesma ou prefere que eu faça isso?

Ela deu uma risadinha.

Quando ela encontrou os olhos sedutores dele, enevoados, e viu fogo e desejo ali, sua respiração ficou presa e as mesmas emoções encheram seu peito. Se ela não tivesse ouvido as vozes novamente, teria cedido e voltado a beijá-lo. Voltado àquele lugar, àquele lugar maravilhoso em que ela se refugiava para esquecer as coisas e que também a fazia esquecer seus limites. Mais cedo ou mais tarde, eles não conseguiriam mais parar.

Ela estava pronta para se entregar a Steve?

Ah, mas que inferno, ela tinha acabado de encontrar outra coisa com que se preocupar.

Depois de um beijo de despedida, cheio de frustrações reprimidas, Steve acompanhou-a até a porta dos fundos para evitar a companhia que se aproximava.

— Vou partir daqui uma hora — disse ele.

Ela assentiu com a cabeça e entrelaçou os dedos nos dele.

— Comporte-se. — Uma indesejada visão de Jessie encheu sua cabeça.

— Você também — disse Steve e ela podia adivinhar o que ele estava imaginando.

Ele apertou a mão dela, então se inclinou e a beijou novamente. Os pássaros e o suave sussurro da brisa servindo como música ambiente.

Aquele beijo foi provavelmente quase tão ardente quanto o beijo que trocariam se estivessem se entregando um ao outro, pensou ela, mas depois ela descobriu que até a breve sensação de seus lábios sobre os dela era sedutora.

Ela só tinha se afastado alguns metros quando seu celular emitiu um bipe, avisando da chegada de uma mensagem de texto. Seu coração disparou pensando que era Chase. Mas ela só verificou quando chegou a um bosque de pinheiros, carvalhos e um bordo ou dois, fora do ângulo de visão de Steve. A ideia de magoá-lo fazia com que sentisse uma grande dor peito.

E, no entanto, se agora Steve estivesse recebendo uma mensagem de texto de Jessie, aquilo doeria como o diabo. Se Steve se importasse com Jessie uma fração do que ela se importava com Chase, Della ficaria muito aborrecida.

Merda. Ela com certeza estava magoando Steve. Mas como poderia corrigir isso? Só havia duas opções. Apenas duas. Deixar Steve ou se recusar a trabalhar com Chase no caso. Recusar-se a fazer qualquer coisa relacionada com Chase novamente.

E a constatação caiu em seu colo como uma bola de espinhos. Algumas lágrimas ameaçaram cair quando seu celular bipou novamente. Ela olhou para ele.

Não era Chase. Era Burnett. A mensagem dizia: *Venha ao escritório.*

Della não hesitou.

Quando ela irrompeu no escritório do líder do acampamento, ele olhou para cima.

— Achei que você estivesse por perto. Se não estava, veio muito rápido. Eu te avisei que não queria que...

— Eu estava por perto — disse ela e não era totalmente mentira. Ela estava por perto, mas provavelmente tinha ido mais rápido do que ele gostaria. Pelo menos ser uma Renascida lhe dava algumas regalias, sendo sua supervelocidade uma delas.

— O que é?

— Eu recebi um telefonema do Conselho dos Vampiros.

— Eles vão deixar Chase e eu trabalharmos juntos com a UPF?

— Não. Um dos membros do Conselho ligou para perguntar se tínhamos notícias de Chase. Ele faltou a uma reunião com eles e não está respondendo aos telefonemas. Disseram que ele não costuma fazer isso.

Della sentiu sua pressão arterial subir.

— Eles acham que aconteceu algo a ele? — Ela ainda se lembrava de como Chase gemia quando recebeu o sangue dela durante o renascimento. Quando ele tinha de bom grado feito isso, aceitando voluntariamente sentir dor para salvá-la. *Eu não amo você e ponto final. Não sei nem se gosto de você.*

— Não. Ele parecia mais preocupado com a possibilidade de eu tê-lo convencido a trabalhar exclusivamente para a gente. Quando lhe assegurei de que não era esse o caso, ele insistiu que você deveria saber onde ele estava. Eles acham que ele andava meio obcecado com você ultimamente.

Obcecado comigo? Ela balançou a cabeça.

— Ele não ligou nem me mandou nenhuma mensagem depois que nos vimos na cachoeira. Se tivesse feito isso, eu te diria.

— Foi o que eu garanti a eles — disse Burnett.

Della pegou o celular novamente e digitou outra mensagem para Chase. *Preocupada. Conselho Vamp procurando vc. Tudo bem?*

Ela olhou para o telefone, a respiração presa, rezando para que ele respondesse.

Depois de alguns segundos, quando isso não aconteceu, ela olhou para Burnett.

— Talvez seja melhor eu ir procurá-lo.

— Onde?

— Eu não sei, mas...

— Não. Se você soubesse onde ele está, tudo bem, mas...

O telefone bipou. Ela olhou o número. Era Chase.

— É ele. — Ela leu a mensagem para si mesma.

Preocupada significa que se importa.

Ela cerrou os dentes.

— E aí? — perguntou Burnett.

Ela ignorou Burnett e digitou: *Está tudo bem?*

A resposta veio rapidamente. *Bem. Trabalhando no nosso caso. Até mais tarde.*

Della olhou para cima, inalando o ar.

— Tudo o que ele disse é que está bem e trabalhando no caso.

Ela achava que Burnett iria pedir para ver as mensagens. Ele não pediu, o que mostrava muita confiança de sua parte. Ela apreciava aquilo mais do que ele imaginava.

— Mande outra mensagem, dizendo que eu pedi para ele entrar em contato com o Conselho. Precisamos dele para cair nas graças desses vampiros agora.

Ela fez o que Burnett pediu. Eles se sentaram no escritório em silêncio por vários minutos, à espera da resposta. O telefone não fez bipe.

Por fim, Della colocou o celular sobre a mesa.

— O que Chase ou o Conselho dos Vampiros poderia saber que nós não sabemos? Como ele pode estar trabalhando no caso?

A expressão de Burnett endureceu.

— Eu não sei. Meu pessoal ainda está analisando os arquivos que temos. Eu sei que uma das casas de Anthony Craig foi descoberta antes de chegarmos lá. Talvez alguém do Conselho tenha encontrado

algo. Mas eu não acho. Nós encontramos a maioria das nossas provas nos arquivos da funerária, no celular e no computador dele.

— Eu odeio isso — disse Della, e dessa vez não falava dos seus sentimentos pelo vampiro louco, mas de Natasha e Liam.

— Eu sei, mas agora não há nada que possamos fazer.

De repente, o celular de Burnett tocou. Ele olhou para o telefone.

— Eu preciso atender.

Della imaginou que ele estava querendo dizer que queria que ela sáísse, então ela se levantou.

Quando ela deu um passo em direção à porta, ela ouviu a voz do outro lado da linha.

— É Leo. Eu tenho a aprovação, mas vamos no escuro. Não pegamos o proprietário. Dito isto, é bom que seja esta noite. Três horas da manhã.

O que estava rolando? Será que envolvia Chase? O caso? Ok, ela não queria ser rude, mas estava curiosa. Talvez muito curiosa. Ela deu mais um passo em direção à porta, mas não a abriu.

— Ok, eu vou para lá — veio a voz de Burnett.

Assim que ela estendeu a mão para pegar a maçaneta, Burnett disse:

— Della?

Droga. Ele estava aborrecido porque ela tinha escutando? Ela se virou, sentindo-se culpada. Tinha sido rude.

— Eu sinto muito, deveria ter saído, mas pensei que talvez fosse...

— Sente-se. — Ele desligou o telefone. Seu olhar encontrou o dela, e ela viu. O telefonema tinha algo a ver com ela.

Della não fez o que ele mandou.

— O que foi? — Ela sentiu a hesitação dele e aquilo só poderia significar uma coisa. Uma coisa ruim.

— Sente-se — repetiu ele. — Precisamos conversar.

O relógio no criado-mudo de Della mostrava que eram 2h55 da manhã. Ela tinha cinco minutos. Olhou para suas roupas. Estava pronta.

Roupas pretas.

Botas pretas.

Jeans pretos e uma camiseta justa preta.

Tudo preto, para não ser vista à noite.

Aquela era a primeira regra de ouro que seu primo, Chan, tinha lhe ensinado sobre ser um vampiro. O melhor era que aquela cor era a mais adequada para a ocasião. Preto para o luto. Preto para a dor. Preto para depositar o corpo de Chan na terra e dizer adeus.

O telefonema que Burnett tinha recebido aquele dia, enquanto ela estava em seu escritório, era sobre Chan. Eles finalmente haviam terminado a autópsia e estavam liberando o corpo dele. Pelo

menos agora ele seria sepultado. Quando ela pensasse no primo, não imaginaria o corpo dele em algum necrotério frio.

Burnett havia tentado convencê-la a não ir. Eles haviam descoberto que o cemitério pertencia a lobisomens e era dirigido por eles, e eles não estavam respondendo aos seus telefonemas. Mas Burnett tinha sido implacável e insistido em dizer que precisavam que Chan fosse enterrado em sua própria sepultura. Depois de não conseguir sobreviver ao renascimento, outros vampiros sem registro o haviam enterrado numa sepultura não marcada, na floresta, para evitar que os seus segredos fossem revelados.

Agora que ele tinha sido encontrado, merecia que houvesse uma pessoa que o amava presente em seu sepultamento. Mesmo que ela tivesse que desrespeitar as ordens de Burnett, ela estaria lá para vê-los baixar o caixão do primo.

Pela segunda vez.

Droga, Chan! Deveria ter sido eu. Ela engoliu a sensação de aperto na garganta, lembrando-se do primeiro funeral do primo. O falso. Não que ela soubesse que tinha sido uma farsa. Quando tinha sido transformado, ele forjara a própria morte, como a maioria dos vampiros fazia para pôr um ponto final à sua vida humana. E Della tinha chorado na ocasião assim como chorava agora. Só que, da primeira vez, ela não tinha sentido culpa.

A culpa por ter sobrevivido, explicou Holiday. Lembrando que Chase tinha escolhido salvar Della vez de Chan. Della não ligava para o nome que se dava àquela emoção. Ela ainda se sentia uma merda.

Respirando fundo, foi até a janela e ficou ali. Algumas estrelas brilhavam. Uma nuvem flutuava no céu, encobrindo tudo, com exceção de uma pequena lasca da lua. Ela observou enquanto o nevoeiro cinzento avançava, lembrando-a dos fantasmas.

Não que ela tivesse recebido alguma visita desde a cachoeira, mas eles não se afastavam de seus pensamentos.

Seu telefone bipou com a chegada de uma mensagem. Ela tirou o celular do bolso, esperando que fosse Chase dizendo que tinha conseguido descobrir algo sobre Natasha e Liam. Ela tinha enviado uma mensagem para ele novamente depois de sair do escritório de Burnett, mas ele não havia retornado. Será que não iria responder porque estava chateado com o que ela lhe dissera antes?

Agora não era o momento de se preocupar com coisas triviais. Podia não ser algo insignificante, mas, quando comparado à vida ou à morte, perdia um pouco da importância. No momento, tudo o que ela precisava de Chase era saber se ele tinha compartilhado com ela a visão de Natasha e Liam. Se a resposta fosse sim, será que ele tinha visto alguma coisa que pudesse ajudar a encontrá-los?

Um peso agitou seu peito quando a mensagem apareceu na tela iluminada do telefone. Não era Chase. Apenas Burnett dizendo que se atrasaria uns cinco minutos.

Ela enviou a Burnett um “*Entendido*”. Então, com a mente em Natasha e Liam, localizou as mensagens anteriores de Chase.

Suspirando, digitou “*Me liga*” e estava quase apertando o botão enviar quando adicionou um “*por favor*”.

Ainda olhando para o telefone, ouviu atrás da parede do quarto o barulho sutil de um colchão de molas se ajustando a um corpo revirando na cama. Algo estava mantendo acordada a amiga bruxa, Miranda, colega de alojamento de Della.

Será que isso tinha algo a ver com Perry e aquilo que o deixara irritado mais cedo?

Ela realmente não tinha tempo para dar uma olhada na bruxa, disse Della para si mesma. Além disso, além da tristeza por causa de Chan, a preocupação com coisas como visões e sua própria família e questões românticas... ela não devia estar querendo resolver os problemas de outra pessoa. Mas, então, ouviu a amiga fungar.

Ah, droga, não era uma pessoa qualquer. Era Miranda. Se Della estivesse em apuros, a bruxinha estaria ali num piscar de olhos. Cinco minutos, pensou, saindo do quarto e batendo levemente na porta de Miranda.

— Entre — a voz da bruxa soou baixa e insegura.

Della entrou.

— Só tenho alguns minutos, mas... tem alguma coisa errada?

Miranda se sentou e puxou as cobertas dos joelhos até o peito.

— Sim, mas não posso falar sobre isso.

— Por que não? — Della deu mais alguns passos.

— Prometi que não iria falar.

— Por que você iria fazer promessas estúpidas como essa? Nós contamos tudo umas pras outras.

— Mesmo quando Della disse isso, sabia que também guardava segredos de Miranda e Kylie. Mas não por muito tempo. Ela precisava contar a elas.

— Eu sei que contamos, mas... Eu não posso. — Miranda deu um suspiro trêmulo.

Della deu mais um passo, odiando ouvir a dor na voz da amiga.

— Eu preciso bater em alguém? Você não precisa nem dizer por quê, só me que diga quem e eu vou. Então, nenhuma promessa será quebrada.

— Não — ela disse. — Mas eu adoro saber que você faria isso por mim.

— É Perry? — perguntou Della. Se fosse, Della iria acabar com ele, mas ela definitivamente não era a pessoa certa para oferecer conselhos. Kylie era a guru dos relacionamentos.

Kylie era capaz de consertar quase qualquer tipo de desastre romântico. Bem, exceto os de Della. Seus sentimentos por Steve e seus laços emocionais com Chase devido à “ligação” — qualquer que fosse o significado daquilo — era um mistério até mesmo para um guru dos relacionamentos.

— Eu não posso falar sobre isso — disse Miranda novamente, soltando um soluço.

Isso significava que era Perry ou não? Della tirou o celular do bolso e olhou a hora. Ela precisava ir.

— Posso chamar Kylie para ela vir falar com você?

Era preciso admitir, Della não era a melhor pessoa para consolar as amigas. Mas doía um pouco saber que Miranda não confiava nela.

Miranda balançou a cabeça.

— Não. — Ela enxugou o rosto. — Mas eu gostaria de ganhar um abraço.

— Isso é bem a sua cara... — Della murmurou baixinho enquanto se aproximava e deixava a bruxa abraçá-la. O calor de Miranda lembrava a Della a sua própria temperatura corporal, algo em que ela odiava pensar. Mas pelo bem da amizade, ela ainda deu um tapinha nas costas da bruxa bem de leve — embora, um pouco sem jeito.

— Onde você está indo? — Miranda se afastou, seus grandes olhos verdes cheios de lágrimas encarando a amiga.

Della esfregou as palmas das mãos na parte de trás da calça jeans.

— Nós vamos enterrar Chan.

— Ah, foi mal... — disse Miranda. — Eu estou aqui te pedindo um abraço, quando é você quem mais precisa. Venha cá. Venha. — Ela estendeu os braços e mexeu os dedos.

— Não, eu estou bem. — Della deu um passo para trás, mas seu peito apertou um pouco mais ao se lembrar da dor. Isso é o que os abraços faziam às vezes, traziam tudo à tona. Algumas coisas não precisavam vir à tona.

Miranda pulou da cama, sua camisola cor-de-rosa com estampa de coraçõezinhos tremulando ao redor dela.

— Por que Kylie e eu não vamos com você? Espere. — Miranda agitou as mãos no ar como se apagasse o pedido. — Esqueça que eu perguntei, nós vamos mesmo que você não queira a gente lá. Você não pode ir a um funeral sozinha. — Ela começou a ir para a porta como se fosse acordar Kylie.

— Nããão! — Della pegou-a pelo braço. Droga, ela tinha ido lá para ajudar Miranda, não para começar a Terceira Guerra Mundial. E era assim que acabavam todas as discussões com a bruxa.

— Por quê? Steve vai com você? — perguntou Miranda.

A pergunta tocou fundo o coração de Della. Bastava ouvir o nome dele para ela já se sentir assim, e o sentimento vinha com uma pontada de culpa. Culpa pelo que ela sentia por Chase. Não que ela já tivesse definido o que significava “aquilo”, mas era real. E negar não iria fazer com que deixasse de existir.

— Não, ele não vai comigo. — Della tinha dito a verdade e um pensamento lhe ocorreu: se Steve soubesse, ele gostaria de estar ao lado dela. Steve era assim. Ele se importava. Ela se importava com ele, também. Mas será que ela se importava o suficiente para deixá-lo ir? Para parar de magoá-lo?

Miranda tirou delicadamente a mão de Della do seu braço.

— Desista, vampira. Porque não tem jeito, você não vai sozinha. Kylie e eu vamos com você. — Ela até balançou a cabeça daquele jeito que fazia Della se lembrar dos bibelôs de cachorro que balançavam a cabeça quando colocados no painel do carro.

A frustração fez o estômago de Della contrair.

— Baixe a vassoura, bruxa! — disse Della. — Você não pode ir. Além disso, não é um funeral — ela continuou, o tom de voz ficando mais irritado. Se ela aparecesse com Miranda e Kylie a tiracolo, Burnett teria um ataque. E Della evitava a todo custo que Burnett tivesse ataques.

Vendo a determinação e o amor nos olhos de Miranda, Della estendeu a mão, tentando encontrar paciência, tanto pelo bem da bruxa quanto de si mesma.

— Olha, Burnett nem queria que eu fosse. Eles vão enterrar Chan na sepultura falsa, onde ele deveria ter sido enterrado antes. Então, é um pouco perigoso, desenterrar um caixão, colocar um corpo lá dentro e fazer tudo isso sem que ninguém veja. Violar sepulturas pode dar cinco a dez anos de prisão. E laranja não é a sua cor.

— Eu fico tão bem de laranja quanto você — a bruxa retrucou, enquanto torcia uma mecha do seu cabelo multicolorido. Então ela franziu a testa e seus olhos voltaram a se encher de lágrimas. — Por favor. Eu ainda não quero que você vá sozinha. Dói bem aqui. — Ela colocou a mão no peito.

O coração de Della bateu mais forte com as palavras da amiga.

— Burnett vai estar lá — assegurou.

Miranda fez uma cara que incluía seu típico revirar de olhos.

— Como se ele fosse te dar um abraço, se você precisar.

Della não achava que Burnett fosse abraçá-la, mas não tinha dúvida de que ele iria oferecer a sua solidariedade. E entre vampiros, aquilo era mais do que suficiente.

— Eu vou ficar bem. — E ela ficaria, Della disse a si mesma. Enterrar Chan sob sua lápide era a coisa certa a fazer. Mesmo que a morte dele não fosse.

— Eu tenho que ir. — Ela deu um passo em direção à porta.

— Espere! — disse Miranda. — Um abraço para deixar você mais forte.

A palavra “não” dançava na língua de Della, mas impedir Miranda de abraçar era o mesmo que impedir um cão de fazer xixi num poste. Impossível.

Della inclinou-se e se afastou rápido, observando a bruxa e ainda vendo preocupação em seu rosto.

— Mais tarde vamos ter uma “Sessão Coca Diet” e contar nossos problemas. Mas antes, você precisa encontrar quem fez você prometer que não ia contar o que aconteceu e pôr um fim a essa promessa.

O lábio inferior de Miranda tremeu um pouco.

— Eu não posso.

Della franziu a testa.

— Tudo bem, então não vou contar o que está acontecendo comigo. E é coisa que não acaba mais...

— Isso não é justo! — protestou Miranda.

— Não, não é. É um saco ter amigos que esperam que você despeje todos os seus problemas, mas isso é o que nós fazemos. Então, prepare-se para despejar tudo. Mais tarde.

Ela disparou para fora do quarto de Miranda e para fora da cabana, correndo para encontrar Burnett — esperando que enterrar Chan pelo menos colocasse um ponto final naquele problema, deixando-a livre para resolver os outros.

Natasha e Liam eram os primeiros da lista.

Em seguida, vinha o dilema “Steve ou Chase”. Ou talvez tentar novamente encontrar seu tio. Com todos os problemas que tinha, ela podia escolher por qual deles queria começar.

As nuvens fantasmagóricas tinham ido embora e a meia-lua, acompanhada de estrelas, só irradiava luz suficiente para deixar o céu azul-marinho. Burnett, todo de preto, esperava no portão da frente de Shadow Falls. Seu olhar recaiu sobre Della como se ele estivesse tentando avaliar seu estado de ânimo. Ou talvez sua capacidade de não desmoronar emocionalmente. Mal sabia ele que ela já tinha desmoronado meses antes.

Às vezes, Della não sabia como tinha conseguido seguir em frente, mas tinha a sensação de que tinha tudo a ver com Shadow Falls. As pessoas dali. As amizades. Não necessariamente os abraços — embora a vampira amasse Miranda por causa disso, ela poderia ficar sem eles. Mas só saber que outras pessoas se preocupavam com ela tinha sido suficiente para ajudá-la a juntar os cacos depois de cada uma das decepções da sua vida.

Ela se preocupava com todos eles. Até mesmo com o líder do acampamento durão.

Era preciso admitir, ficar no fundo do poço significava decepcionar pessoas. Se o seu pai de ascendência oriental tinha instilado alguma coisa nela, era lealdade. O que provavelmente explicava por que, até quando seu pai parecia ter desistido dela, ela não tinha desistido dele.

— Pronta? — perguntou Burnett.

Ela assentiu com a cabeça.

Ele começou a correr, as botas batendo contra a terra três ou quatro vezes antes de levantar voo. Della não sabia se poderia fazer o mesmo, mas, quase vendo aquilo como um desafio, ela tentou. Suas próprias botas bateram no chão umas sete vezes antes que ela sentisse a força. Forçando todos os seus músculos a entrar em ação, ela sentiu-se se erguendo no ar. Um sentimento de orgulho a preencheu e, por um segundo, ele se sobrepôs à dor do que ela estava prestes a enfrentar.

Burnett olhou para ela. Seu olhar quase lembrava o jeito como o pai a contemplava quando ela fazia uma boa jogada no xadrez.

Uma sensação quente encheu o peito de Della quando ela fez um ligeiro aceno de cabeça para Burnett.

Isso mesmo, Della pensou. A única coisa que a impedia de desmoronar tinha tudo a ver com as pessoas que tinha encontrado em Shadow Falls. Se ela desmoronasse, eles levariam aquilo para o lado pessoal. E a vampira não iria deixá-los assumir a culpa pelo que estava acontecendo a ela.

Demorou uns 20 minutos, voando numa velocidade que Della nem podia calcular, para ela avistar o cemitério. Assim que o seu destino apareceu, Burnett desacelerou para o que poderia ser

considerada a velocidade normal de um vampiro.

Quando circularam a propriedade, ele começou aterrissar no meio de algumas árvores.

Os pés de Della ainda não estavam firmes no chão quando ela sentiu o cheiro.

Olhou ao redor e depois para Burnett. Ele tinha erguido o nariz, também. Aparentemente, tinha sentido o mesmo cheiro.

— Alguém que você conheça? — ela perguntou, esperando que os agentes que trariam o corpo de Chan fossem lobisomens.

Os olhos de Burnett, já de um verde brilhante, responderam antes de qualquer outra coisa. Della não teve tempo para pensar antes de ver três figuras saindo de um bosque e vindo na direção deles.

Capítulo Oito

— Parem aí mesmo! — A ordem de Burnett ecoou pelo cemitério.

Caramba! A ordem seria para ela, também? Preparando-se para lutar, Della teve que cravar as unhas nas palmas das mãos para atender ao pedido dele. Parada ao lado de Burnett, cada músculo do seu corpo gritava *perigo*.

Soltando grandes lufadas de ar, que tinham até mesmo um gosto de ameaça, ela fitou a testa dos três atacantes em potencial para ler seus padrões. Todos os seres sobrenaturais tinham padrões que identificavam suas espécies, e eles confirmavam o que seu faro já tinha identificado.

Lobisomens.

Ela também notou os uniformes — seguranças. Que piada.

— Não vamos lhes fazer nenhum mal — Burnett anunciou. Ele puxou a camisa escura para mostrar seu distintivo da UPF preso no cinto.

Della tinha que dar crédito ao homem por sempre seguir as regras. Não que ela conhecesse todas as regras da UPF, mas pretendia aprendê-las em breve.

Seu foco se voltou para Burnett, que estava ali altivo, o distintivo ainda à mostra. Ele exalava tamanha autoridade que ela foi tomada de assombro e admiração. Um dia, ela queria um daqueles distintivos.

— Nós também usamos distintivos, sanguessuga! — disse o lobisomem de cabelo ruivo desgrenhado. Ele estufou o peito e Della viu um distintivo com uma cruz celta verde e azul preso à sua camisa suja de algodão.

— Aposto que o meu pesa mais do que o seu — Burnett sibilou, os olhos agora de uma cor dourada.

Os olhos do lobisomem ficaram de um tom laranja brilhante, mas desta vez seu olhar parou por mais alguns segundos no distintivo de Burnett.

O lobisomem do meio, um pouco maior que os outros dois, falou em seguida.

— Já ouvi dizer que as gangues têm um monte de distintivo da UPF falsos.

— Este não é falso — acrescentou Burnett, seu tom ficando mais grave e perigoso.

Della sentiu seu estômago se contrair, preparando-se para enfrentar qualquer ameaça que quisessem fazer a eles. Mas eles não eram, na verdade, uma ameaça tão grande assim. Estavam apenas em três. Ela e Burnett poderiam dar conta deles com as mãos amarradas nas costas. Droga, com seus novos poderes, ela provavelmente poderia dar conta deles sozinha.

— Como espera que a gente acredite que o distintivo é de verdade? — falou o de cabelo ruivo. — Você aparece no meio da noite, no nosso cemitério, com esse seu “brinquedinho” aí, e espera que a gente engula que está aqui a trabalho?

O comentário sobre o “brinquedinho” fez com que Della não conseguisse ficar de fora. Ela rosnou, sua visão mais brilhante, indicando que seus olhos também deviam estar, e seus caninos entraram em cena.

— Ela não é meu “brinquedinho”. — Os olhos de Burnett agora brilhavam num tom verde-limão, mas seu olhar se desviou para o homem de pé entre os outros dois, como se sentisse que ele era o líder da alcateia. — Mostre-me seus registros e diga ao seu amigo bocudo ir mais devagar ou vocês todos vão passar uma noite em custódia da UPF.

— Faça o que ele diz. — O cabeça do pelotão puxou a carteira.

Della viu o ruivo tirar algo do bolso. Ela viu o probleminha imediatamente. Não era uma carteira. Era uma lâmina.

Com uma velocidade que desconhecia, ela arremeteu para a frente. Antes que ele pudesse dizer a palavra “tio”, ou até mesmo *pensar* em dizer a palavra “tio”, ela pegou o lobisomem pelo pulso e torceu o braço dele atrás das costas. Noutra fração de segundo, derrubou-o de joelhos. Burnett de repente apareceu ao lado dela, mas ele ficou simplesmente ali assistindo. Significava que tinha confiança nela. O peito de Della se encheu de um orgulho semelhante ao que ela tinha sentido antes do voo. Deixar Burnett orgulhoso era quase como deixar seu pai orgulhoso.

Ela pegou a faca da mão do lobisomem, em seguida derrubou-o de bruços na grama e colocou o joelho em suas costas para mantê-lo imobilizado. Por incrível que pareça, sua respiração ainda estava uniforme, seu pulso não tinha acelerado. Ela não tinha nem precisado se esforçar.

— Faça o favor de ficar no chão! — disse Della ao cão malcomportado embaixo dela. — Ou não fique. Uma boa briga só me faria bem.

O lobisomem ergueu a cabeça. Della viu a cor laranja brilhante dos olhos dele refletida no chão.

— Eu tinha que pegar a faca para chegar ao meu crachá — ele rosnou.

— Sim, e o brinquedinho aqui teve que tirá-la de você — Della retrucou.

Della poderia jurar que ouviu a risada de Burnett.

— Cala a boca, Evert — mandou o líder dos lobisomens. — Sinto muito pelo comportamento dele. Ele é novo aqui e obviamente muito cabeça quente para este trabalho. — O lobisomem estendeu para Burnett um crachá de identificação, basicamente uma carteira de motorista, mas com uma marcação que significava que ele era registrado.

— Eu não sabia que você era da UPF mesmo — o cara sob o domínio de Della rosnou.

O outro lobisomem puxou a carteira e pegou seu próprio crachá.

Burnett olhou para os crachás, em seguida voltou a entregá-los. Avançou um passo mais para perto de Della e ajoelhou-se ao lado do cara de bruços no chão.

— Eu vou tentar convencer minha agente em treinamento a liberar você, mas é melhor se levantar devagar. Então vai ter que pedir desculpas, e eu vou deixar que ela decida se vai aceitá-las ou não.

Della saiu de cima das costas do canalha. Ele se levantou, mantendo os olhos brilhantes alaranjados colados nela o tempo todo.

— Desculpe — ele murmurou, mas seu tom deixou claro que ele considerava o pedido de desculpas degradante. Ela se perguntou se era porque ela era um vampiro ou porque era uma garota. Um “brinquedinho”. Acho que ele pensaria duas vezes antes de chamar alguém daquele jeito outra vez.

Burnett balançou a cabeça.

— Com certeza você consegue fazer melhor do que isso.

Ele olhou para Burnett e depois voltou a olhar para Della.

— Sinto muito. — A fúria irradiava do seu tom de voz.

Por alguma razão, a mente de Della voou para o último cara que tinha forçado alguém a lhe pedir desculpas porque a tinham desrespeitado. Chase. Ela afastou o pensamento e o ligeiro sentimento de saudade que tomou conta dela.

Burnett olhou para ela.

— Você acha que devemos levá-lo e deixar que passe a noite arrependido do seu comportamento?

Della olhou para Burnett. Ele iria realmente deixar que ela decidisse? Ela olhou para o arremedo de faca que o lobisomem tinha puxado do bolso.

— Não, mas acho que ele precisa saber que, se vai puxar uma faca para um vampiro, ela tem que ser bem maior do que um canivete. — Ela entregou a lâmina de cinco centímetros para Burnett.

Burnett acenou para o lobisomem.

— Caia fora antes que eu mude de ideia.

O ruivo fugiu, com o andar ágil característico de todos os lobisomens. De repente o silêncio caiu como uma chuva suave, e aquele silêncio pareceu ecoar dentro de Della. Enfiando a ponta do sapato no gramado verde bem cuidado, ela assistiu enquanto o lobisomem desaparecia até se transformar num pontinho preto na paisagem.

Pela primeira vez, ela prestou atenção nos arredores. A luz prateada da lua se derramava sobre o terreno nivelado. Tumbas se erguiam do chão como braços de cadáveres estendidos para o céu, querendo fugir da terra fria.

A cada poucos metros, uma estátua envelhecida de um santo ou anjo se projetava acima das pedras, como se guardasse os túmulos. Mas eles estavam protegendo os mortos ou mantendo-os enterrados em suas tumbas?

O ambiente triste e mal-assombrado trouxe tudo de volta — a razão de ela estar ali. Para enterrar Chan. Mas o frio sobrenatural e o pensamento de corpos embaixo da terra também trouxeram à sua mente Natasha e Liam.

Um sentimento pesado de tristeza, acompanhado de um agudo senso de urgência, preencheu seus pulmões. Della engoliu um suspiro e se perguntou como e quando o corpo de Chan iria chegar.

Um formigamento frio percorreu a sua espinha. Seria um fantasma? Sentindo-se atordoada, ela se forçou a olhar para trás, na direção das pessoas que estavam à sua direita. Burnett deu um passo adiante em direção ao líder da alcateia.

O lobisomem, vários centímetros mais baixo do que Burnett, não demonstrou medo, nem a sua postura inspirava agressividade.

— Não que eu queira defender o meu ex-funcionário — ele disse —, mas devo dizer que você aparecer num cemitério dirigido por lobisomens é bastante estranho.

Burnett se empertigou um pouco. Não ao ponto de ficar na defensiva, mas apenas o suficiente para mostrar que não tinha apreciado o comentário do homem.

— A UPF tentou entrar em contato com o proprietário, o senhor Henderson, mas a recepcionista nos disse que ele estava fora do país.

— E me deixou no comando — declarou o lobisomem. — Por que você não entrou em contato comigo? — Suas palavras eram quase desrespeitosas, mas o seu tom exibia cautela, assim como sua postura.

— Se você der uma olhada no seu celular, vai ver que a UPF deixou três mensagens. E eu, pessoalmente, deixei outra esta tarde.

O lobisomem ergueu os ombros um pouco.

— Então você resolveu ignorar os procedimentos legais para, obviamente, fazer algo moralmente antiético. É desse jeito que a UPF costuma trabalhar?

Os olhos de Burnett ficaram mais brilhantes. Mas Della podia dizer que ele estava se contendo. Sem dúvida, estava pronto para resolver as coisas na conversa e evitar um confronto físico.

— Eu não estou aqui para fazer nada antiético.

O lobisomem ergueu as sobrancelhas com descrença.

— Depende de para quem perguntar. É óbvio que está aqui para exumar um corpo e obter algum tipo de prova. Sendo você vampiro, provavelmente para tentar prender um lobisomem por assassinato.

Della não pôde deixar de se manifestar.

— Está redondamente enganado. Ninguém é mais justo do que o homem diante de você.

O lobisomem olhou de relance para Della, então voltou a se concentrar em Burnett como se ela não merecesse atenção. Mas, caramba, o “brinquedinho” já não tinha provado seu valor? Ela soltou um grunhido de advertência. A vontade de agir, de exigir respeito, a espicaçava.

O olhar de Burnett deslocou-se para ela ligeiramente. Naquele breve olhar, ela quase pôde ler a mente dele. *Deixe isso comigo.*

O líder da alcateia ajustou sua postura, ficando um pouco mais na defensiva.

— Você sabe quantos problemas isso pode trazer para o meu patrão? Os humanos consideram algo muito grave profanar cadáveres. Poderiam provocar um escândalo.

Burnett estava de pé, os pés ligeiramente afastados, braços ao longo do corpo, e recebia os ataques verbais do homem sem parecer insultado. Ele quase parecia confiante demais — como um jogador de pôquer que sabia que tinha um trunfo.

— Tem razão — concordou Burnett. — No entanto, seria um escândalo menor do que, digamos, um cemitério aceitar subornos de uma funerária para sepultar caixões vazios. Todo o mistério sobre onde os corpos vão parar não iria somente aparecer no noticiário local, mas poderia acabar em rede nacional. Eu quase posso ler as manchetes: “Famílias de insepultos desesperadas para encontrar os restos mortais de entes queridos”. — Ele deixou seu olhar vagar pelo cemitério ao redor. — Quantos caixões vazios vocês aceitaram de Craig Anthony e seu padrasto?

A postura do lobisomem ficou menos confiante, assim como a do lobisomem em pé ao seu lado. Burnett, obviamente, tinha a melhor cartada.

Embora o líder dos lobisomens não quisesse admitir de imediato.

— Sendo um vampiro, você deve saber que essa prática é vista com pouco rigor pela UPF.

Burnett cruzou os braços sobre o peito largo.

— Não quando os recém-criados se tornam escravos.

— Não sabíamos o que esse homem estava fazendo. Nosso contrato era com o padrasto.

— Vamos esperar para ver como as coisas vão ficar depois que a nossa investigação estiver completa. No entanto, isso me leva de volta à razão para eu estar aqui — disse Burnett, relaxando a postura, como se para deixar o lobisomem saber que um acordo conciliatório não estava fora de questão. — Eu estou com o corpo de alguém cujo caixão está aqui, vazio. Eu simplesmente quero colocar o falecido para descansar em sua própria sepultura.

O lobisomem não devia gostar muito de fazer acordos.

— Isso não está no protocolo. Se começarmos a fazer isso, vamos viver enterrando e exumando corpos. Além disso, se o recém-criado morreu, a família nunca vai saber. Eles já acham que ele está no caixão. O que não sabem não pode afetá-los. Eles são apenas seres humanos.

Apenas seres humanos!

— Eu vou saber — disse Della, o tom de voz mais sombrio e seus olhos, dois tons mais brilhantes.

O lobisomem chegou a dar um passo para trás.

— Bem. Desenterrem quem vocês quiserem. Eu até empresto a retroescavadeira. Se o chefe quiser matar alguém por causa disso, vou dizer para ele resolver com a UPF.

* * *

Trinta minutos depois, com o túmulo já aberto, Della se sentou na grama verde invernal. Passava as mãos sobre as folhas bem aparadas, enquanto observava a retroescavadeira tirar o caixão de Chan de dentro da cova. Antes de os dois seguranças irem embora, os outros agentes tinham aparecido. O saco preto com zíper que eles tinham trazido agora esperava à direita da lápide, já identificado com o nome completo de Chan.

Ela sabia que o corpo de Chan estava dentro do saco plástico. Fechando os olhos, tentou decidir se queria vê-lo. Ela deveria guardar a última lembrança que tinha do rosto dele? A última vez que o vira tinha sido quando estava no processo de Renascimento e tinha entrado em coma. Eles estavam

nas nuvens, e ele tinha aquele sorriso feliz e bobo na cara e a provocava com um comentário sobre alguma coisa. Mas sobre o quê?

Ela vasculhou sua mente e a lembrança que parecia tão longínqua voltou com tudo.

Chan estava brincando com ela por causa da sua inaptidão para jogar boliche e um episódio particularmente memorável. Ela tinha feito um movimento para trás com o braço, para atirar a bola, e esta havia desencaixado dos seus dedos e voado para trás, na direção oposta à da pista de boliche. Todas as cinco pessoas que esperavam sua vez de jogar tinham se atirado no chão para sair do caminho da bola, tentando evitar o impacto. Chan haviam insistido para que contassem a jogada como um *strike*, porque ninguém tinha ficado de pé.

Uma lágrima escapou de suas pálpebras fechadas, ao se lembrar daquele momento nas nuvens e como o sorriso dele parecia com o velho Chan que ela conhecia. Della enxugou algumas lágrimas rebeldes. Sim, era assim que ela queria se lembrar dele — não morto dentro de um saco.

Della ouviu alguém dizer algo em voz baixa, como se fosse de propósito, para que ela não ouvisse. Abriu os olhos. Os agentes, entre eles Burnett, estavam ao lado da sepultura, olhando para o caixão aberto, como se houvesse algo ali dentro.

Della prendeu a respiração. Será que alguém tinha se apossado do caixão de Chan?

— O que foi? — ela disparou. Se fosse um cadáver, seria melhor que ele tirasse sua bunda apodrecida de lá ou estava prestes a ser despejado. Aquele era o caixão de Chan e, por Deus, ele iria ser colocado ali para descansar!

Capítulo Nove

O coração de Della deu um salto mortal antes que ela fixasse os olhos no caixão aberto e, possivelmente, num corpo em decomposição que teria de remover dali.

Um suspiro, que parecia de alívio, escapou de seus pulmões e lábios. Não era um corpo. Apenas uma caixa. Uma caixa grande de sapatos.

Ela tinha que admitir que era bem estranho, mas o olhar de perplexidade no rosto dos três agentes e de Burnett parecia um exagero.

Então ela viu. A caixa pulsou. Como se ali dentro houvesse um coração.

Tum.

Tum.

Tum.

Logo em seguida, os raios de prata da lua foram bloqueados por uma grande nuvem cinzenta que flutuava no céu. O suspiro de alívio se tornou um arquejo.

É só *um rato*, disse a si mesma. Mas, então, o som familiar de um coração batendo saiu da caixa.

— Alguém precisa ver o que tem aí dentro — disse o agente mais jovem, um bruxo, mas pelo tom de voz ficou claro que ele não seria voluntário.

— Quem disse que temos de abri-la? — disse outro dos agentes, um vampiro.

Como se a maldita caixa tivesse ouvido, ela começou a pulsar mais rápido e, então, a tampa voou. Della queria dizer a si mesma que era o vento, mas o ar da noite estava tão parado que nem mesmo as folhas se mexiam.

Com a lua coberta pelas nuvens, o conteúdo da caixa não era identificável. Della se inclinou para vê-la melhor. Havia algo de metal por cima, mas ela não conseguia identificar o quê. Então viu o que pareciam fotografias.

Será que eram as coisas de Chan? O coração de Della deu outro salto. Será que o espírito dele tinha feito a caixa pulsar? Será que ele queria que ela olhasse lá dentro? Della olhou para o saco preto onde o corpo de Chan jazia absolutamente frio. Absolutamente morto. Logo em seguida, uma sensação de frio se apoderou dela.

É você, Chan?

Rendendo-se às evidências, ela expirou o ar viciado dos pulmões.

— Ergam um pouco mais o caixão e eu pego a caixa — disse Della, finalmente.

— Não, eu faço isso. — Burnett parecia constrangido por ela ter se oferecido antes dele. Ele olhou para o agente *fae* que tinha dirigido a retroescavadeira e agora estava com eles.

— Erga um pouco mais o caixão.

O agente voltou para a retroescavadora, quase ansioso para se afastar dali. Della ficou observando e ouviu quando as correntes puxaram um pouco mais o caixão da lama endurecida.

Quando Burnett estava prestes a alcançar a caixa, Della o deteve.

— Era de Chan. Acho que eu é que devia fazer isso.

Ele balançou a cabeça, concordando. Ela pegou a caixa e viu os olhos arregalados de todos os agentes, como se temessem que a coisa fosse mordê-la.

Não mordeu. Pelo menos não fisicamente. Emocionalmente, ela foi mordida tão logo olhou para baixo e identificou o objeto de metal na parte superior. Um dos muitos troféus de boliche de Chan. Ele tinha dito a ela, uma vez, que não se importava que ser um campeão de boliche o fazia parecer um idiota. Aquele era o único esporte em que ele era bom. No entanto, ele nunca foi realmente um idiota, apenas um garoto magricela de família oriental, meio rebelde mas de bom coração.

Sentindo os olhos arderem, ela se afastou até um local mais reservado. A nuvem se afastou da lua e a luz prateada chegou até ela. Por mais louco que parecesse, o brilho da lua quase aqueceu sua pele como o sol.

Ela sentou-se entre as fileiras de lápides e colocou diante de si a caixa aberta e sua tampa. Depois de ver a caixa pulsar, deveria estar com medo, mas estranhamente não sentia isso. Aquilo tinha a ver com Chan. E Chan nunca iria machucá-la.

Em questão de segundos — observando apenas os itens que estavam por cima —, ela entendeu o significado da caixa. Chan tinha enterrado sua antiga vida. Todos os itens da caixa eram coisas que tinham significado para ele. Todas as coisas que ele tinha perdido no dia em que foi transformado. E, caramba, ela sabia o que era aquilo!

Não, ela não tinha forjado a própria morte, mas tinha perdido tanto quanto ele. Ela passou o dedo sobre o troféu de boliche com o nome de Chan. Viu as fotos da família e dos amigos dele, e uma carta da sua primeira e única namorada. Percebendo que poderia ser pessoal, ela não leu.

Em vez disso, pegou e analisou algumas fotos: Chan com a irmã mais nova andando de bicicleta; um retrato de família com a mãe, o pai, a irmã, todos juntos em torno de uma toalha de piquenique. Fotos dele, em sua formatura no colegial — seu corpo magro vestido com um smoking e a namorada, uma garota oriental gordinha, usando um vestido rosa rodado. Um sorriso inesperado se abriu nos lábios de Della ao ver o primo magricela com uma gravata borboleta.

Quando Della colocou as fotos de volta na caixa, avistou o colar. Sua respiração ficou suspensa. Ela tinha dado a ele em sua última festa de aniversário — no boliche. Era o símbolo da paz e, quando ela o encontrou, enquanto fazia compras uma semana antes do aniversário dele, pensou em Chan, que sempre tinha sido um pouco *hippie*.

Ela pegou o colar na palma da mão, em dúvida se deveria ficar com ele, mas então percebeu que a peça não lhe pertencia. Pertencia a Chan. E agora seria enterrado com todas as coisas que tinham sido importantes para ele. Aquilo parecia o correto.

Della olhou para cima e viu que os agentes tinham colocado o corpo de Chan no caixão e estavam esperando que ela se decidisse se iria vê-lo ou não. Instantaneamente, soube que a visão nas nuvens era a lembrança que ela queria guardar. Ela olhou para Burnett e disse não com a cabeça. Ele recomeçou.

— Você quer ficar com a caixa? — perguntou, obviamente entendendo que tinha decidido não ver Chan.

— Não — disse Della, e a palavra soou tão pesada quanto o seu coração, naquele momento. — Ela pertence a Chan. — Della pegou a tampa e colocou-a no lugar. Quando se levantou para passá-la a ele, a tampa voou.

Burnett e Della soltaram ambos um arquejo de surpresa.

— É só o vento — disse Della, mesmo sem acreditar.

— Bem que eu gostaria. — Burnett olhou ao redor.

— Ele está aqui? — Della perguntou, sentindo o frio, mas sem ter certeza se era mesmo Chan.

— Alguém está — disse Burnett. — Você acha que talvez ele queira que você fique com a caixa?

Ela pensou na pergunta e encontrou a resposta rapidamente.

— Não, são as coisas *dele*. — Ela entregou a Burnett a caixa. Então percebendo que os agentes esperavam, ela estendeu a mão para a tampa. Antes que conseguisse encaixá-la, uma foto saiu voando de lá, espiralou no ar por um segundo e depois pousou em seu sapato.

Ela pegou a foto e a examinou. Era Chan, a mãe dele e... outra garota. Ela parecia mais velha do que Chan, um ano ou coisa assim. Della olhou mais de perto a imagem. A garota parecia Della e a irmã. Uma mistura de orientais e americanos.

Mais uma vez dizendo a si mesma que era apenas o vento, ela colocou a foto na caixa, por cima das outras coisas. Mas ela voou novamente, pousando em seus pés.

Os olhos de Burnett se arregalaram.

— Eu acho que alguém quer que você fique com essa foto.

Della assentiu, engolindo um desconfortável nó na garganta. Ela pegou a foto e lentamente recolocou a tampa na caixa. Ambos, tanto ela quanto Burnett, ficaram ali sob o luar prateado, esperando para ver se a tampa voava outra vez. Ela não voou.

O olhar de Burnett, cheio de compreensão, encontrou os dela; em seguida, ele se virou e caminhou de volta para o túmulo. Com a foto na mão, Della o viu se ajoelhar e colocar a caixa no caixão. Então ele se levantou e fechou a tampa.

O som pesado do caixão se fechando ecoou na noite. Parte dela queria gritar para eles pararem. Ela deveria ter se forçado a olhar para Chan, para dizer adeus fitando o seu rosto?

Mas, se ela o visse, iria querer tocá-lo e ela não queria senti-lo morto.

Segurando as lágrimas, ela observou enquanto os agentes baixavam o caixão. O ronco do motor da retroescavadeira e o rangido das correntes soaram altos e tristes. Ela sabia que Chan não estava realmente naquele caixão. Seu espírito estava nas nuvens, num lugar feliz.

Mas ainda assim não era justo. Ele deveria ter sobrevivido.

Um frio gélido a percorreu novamente. Talvez Chan não estivesse nas nuvens; será que ele estava de volta? Será que era ele quem queria que Della ficasse com a foto?

Ela olhou para a foto novamente, mas, através das lágrimas, tudo o que pôde ver foi Chan.

— Eu vou sentir sua falta — sussurrou Della e se deixou cair no chão, lutando contra a necessidade de chorar. Enquanto ela assistia à pesada pá mecânica jogar terra sobre o caixão de Chan, abraçou os joelhos e engoliu as lágrimas.

Seu peito estava oco e ao mesmo tempo pesado. Os agentes e Burnett estavam a menos de cinco metros de distância, no entanto a solidão ainda rastejava dentro dela. Então o frio a cercou como uma nuvem invisível e Della soube que não estava sozinha. Alguém estava ali com ela. Mas quem?

— Chan? — Della sussurrou, deslocando seu olhar para a esquerda e depois para a direita.

Ela não viu nada, mas sentiu muito.

Mas não parecia que era Chan. Ela se lembrou de Holiday dizendo que provavelmente havia uma conexão entre Della e o fantasma que queria que ela encontrasse Natasha.

— Quem é você? — ela sussurrou.

Então a ficha caiu. Ela estava num maldito cemitério! Della olhou para as centenas de lápides. Se realmente podia sentir fantasmas, como suspeitava Holiday, o frio que sentia poderia ser de qualquer pessoa, ou de várias pessoas.

Podia haver centenas de almas ali, ao seu lado. O pensamento fez até seus ossos tremerem. Se ela não devesse aquilo a Chan, daria o fora dali tão rápido que até o vento ficaria com inveja.

Poucos minutos depois, Burnett veio e se sentou ao lado dela na grama macia e bem cuidada. O frio tinha desaparecido. Se ele ou ela ou eles tinham ido embora ou simplesmente se afastado, Della não sabia. Mas dava graças a Deus.

Burnett colocou a palma da mão no ombro dela. Não era quente nem muito afetuoso, mas o toque suave veio com uma carga de emoção.

— Você está bem? — ele perguntou.

Della tinha passado do medo para a tristeza, novamente.

— Tenho certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vai melhorar, mas agora está doendo pra caramba. Ele era... ele era da família.

A mão de Burnett apertou seu ombro, tornando o toque quase tão terno quanto um abraço, mas não completamente.

— Eu sei que você está sofrendo. Família é... — Ele fez uma pausa e em seguida começou a falar.

— Um pouco mais de um ano atrás, eu teria rejeitado a ideia de ter uma família. E olhe para mim agora.

Della acenou com a cabeça, afastando a tristeza para pensar na pequena Hannah.

— Vocês três são uma família perfeita.

— Três? — Burnett riu. — Minha nossa, quando eu me apaixonei por Holiday, eu me apaixonei por Shadow Falls e por todos vocês. Não temos o mesmo sangue, Della, mas você faz parte da nossa família, jamais se esqueça disso.

A emoção apertou os pulmões de Della. E que Deus a ajudasse, porque ela estava prestes a se inclinar e descansar a cabeça no ombro dele. Talvez até mesmo pedir que ele a abraçasse.

Talvez ela devesse ter trazido Miranda e Kylie, afinal. Droga, será que estava ficando viciada em abraços? Haveria algum remédio para ajudá-la a se livrar dessa necessidade? Algo como uma pílula antiabraço?

Capítulo Dez

— Eu vou dispensar os outros agentes — disse Burnett.

Della assentiu e piscou para afastar as lágrimas que ameaçavam cair.

Quando ele se afastou, ela analisou a foto novamente. A garota. Quem seria ela? Virou a foto e não viu nada na parte de trás.

Passos desviaram sua atenção e ela olhou para cima. Era o agente bruxo da UPF. Não parecia muito mais velho do que ela. Embora tivesse cabelos curtos, alguns cachos rebeldes provavelmente o faziam parecer mais jovem. Ele parou a alguns metros da vampira. Ela não gostava de ter de olhar para cima, então se levantou e colocou a foto no bolso de trás.

— Oi — ele disse, cumprimentando-a também com a cabeça.

Ela respondeu com um gesto similar.

— Hã... eu estava pensando se você não gostaria que eu desse um jeito no gramado para que não parecesse... remexido, apenas para o caso de outro parente vir, assim não haverá perguntas.

— Tudo bem — disse ela.

Ele olhou para trás e fez um gesto com a mão. Sob o luar prateado e com a sua magia de bruxo, os montinhos irregulares de terra foram nivelados. Lâminas perfeitas cresceram até o comprimento de grama aparada, e até um par de flores amarelas apareceu ao lado da lápide. A brisa agitou as flores e elas roçaram na lápide com o nome de Chan.

— Obrigada — Della conseguiu dizer, percebendo que não tinha pensado em trazer flores.

— De nada. — Ele parecia um pouco tímido, como se quisesse perguntar algo. — Você é a mesma Della que ajudou a prender Anthony Craig?

Ela assentiu com a cabeça e lembrou-se de que havia um agente bruxo lá, mas esse garoto era mais jovem.

— Então você conhece Miranda? — perguntou.

— Sim — disse Della, surpresa.

— Eu morava no mesmo bairro que ela. Ela era amiga da minha... irmãzinha. Você pode dizer a ela que Shawn Hanson mandou um olá? E que... que eu ouvi falar do que ela fez aquele dia, salvando vocês com aquele feitiço incrível, e só achei que... Achei legal que ela finalmente esteja se virando bem sozinha. Sempre suspeitei que ela fosse mais talentosa do que as pessoas diziam.

— Vou dizer a ela — disse Della, farejando os feromônios dele. Então quer dizer que o agente Hanson tinha uma quedinha por Miranda, hein? Della poderia apostar que Miranda iria gostar de ouvir aquilo. Não que ela fosse trocar Perry por ele, mas que garota não gosta de saber que um cara está a fim dela? Especialmente um cara mais velho.

Ele balançou a cabeça e se afastou. Logo em seguida, ela ouviu a voz contrariada de Burnett. Ergueu os olhos e viu que ele estava falando no celular e agora colocava o aparelho no bolso. Ela estava tão concentrada no bruxo que não tinha ouvido a conversa.

Burnett se aproximou, sua postura dizendo que tinha má notícias.

— O que foi? — perguntou ela.

Ele fez sinal para que ela o seguisse. Eles ficaram entre as árvores novamente.

— Você tem ouvido falar de Chase? — ele perguntou, sua voz ainda baixa.

— Não, por quê?

— Eu acho que ele invadiu a sala de arquivos da UPF.

Della franziu a testa.

— Por que ele faria isso?

— Para espiar a pasta de Craig Anthony que nós confiscamos.

— Como você sabe que era ele? — perguntou Della.

— O invasor foi descrito como um jovem de cabelos escuros que conseguiu escapar dos melhores agentes. Quem você acha que é?

Della não podia explicar por que estava feliz de Chase ter conseguido escapar, mas estava.

— Será que ele pegou alguma coisa?

— Uma pilha de arquivos que tínhamos deixado de lado para analisar. — Ele suspirou e a olhou nos olhos. — Aqueles que continham duas recém-criadas chamadas Natasha.

O coração de Della bateu contra o peito.

— Você encontrou arquivos sobre duas garotas chamadas Natasha? Por que não me contou?

— Nós só descobrimos por volta das onze da noite de hoje. Eu ia te contar tão logo... isto estivesse acabado.

— Você encontrou algum registro de um rapaz chamado Liam?

— Não.

De repente, ela sentiu um ligeiro pânico.

— Se não foi Chase quem pegou os arquivos, então nós os perdemos.

— Eu tinha mandado digitalizá-los. Então, está tudo bem. Mas acho que nós dois sabemos quem fez isso. E ele não pode fazer esse tipo de merda. Ninguém pode irritar a UPF!

Della assentiu, mas não disse nada. Droga, se ela soubesse que os arquivos estavam lá, também teria invadido o depósito da UPF para pegá-los.

Então, de repente, Della percebeu o que isso significava. Chase estava na visão com ela. Por que mais ele teria roubado apenas aqueles arquivos?

— Eu vou com você — disse ela, a urgência que sentira na cachoeira para encontrar Natasha retornando com força total.

— Não — ele disse. — Eu ainda não tenho liberação para que você trabalhe no caso. Devo ter amanhã à tarde, então definimos o que você vai fazer. Eu sei que é difícil, mas por ora... volte para

Shadow Falls e tente descansar um pouco. Você não dormiu. Falte nas aulas hoje. Vamos precisar de você na sua melhor forma amanhã.

— O difícil é saber que eu poderia estar fazendo alguma coisa, em vez de ficar de braços cruzados. Por que não posso só...?

— Não — ele disse com firmeza. — Vá descansar um pouco.

Della cerrou os dentes para evitar discutir, então disse:

— Eu quero ficar aqui um pouco e depois... depois quero ver Steve. Descanso mais tarde. — Ela ainda não tinha pensado em ver Steve, mas no momento em que pensou, soube que não era simplesmente o que ela queria, mas o que precisava.

Ela precisava de Steve. Precisava... dos braços dele ao redor dela. Mais abraços? Droga, ela realmente tinha que procurar um emplastro antiabraço!

Talvez até mesmo um emplastro anti-Steve.

— Tudo bem. Eu preciso ir para a UPF. Você quer que eu peça a um agente para escoltar você?

— Você quer parar de me mimar? Eu posso cuidar de mim mesma, ou você já se esqueceu?

Burnett franziu a testa.

— Tudo bem, se cuida, então. Mantenha a velocidade baixa e voe abaixo das árvores se estiver sob a luz do dia.

— Ok.

— E se tiver notícias de Chase, diga que quero vê-lo imediatamente e depois me ligue.

Ela assentiu com a cabeça, mas não foi um aceno muito confiante. O que Burnett estava indo fazer? Ele se virou como se fosse embora e ela percebeu que precisava de respostas.

— Espere! — pediu Della. — O Conselho dos Vampiros já deu alguma resposta? Chase entrou em contato com eles? A UPF já tomou alguma decisão definitiva sobre mim e Chase trabalharmos juntos? — Se Burnett não tivesse contado a ela sobre os arquivos, havia uma chance de que não tivesse contado outras coisas também.

Pelo olhar estampado em seu rosto, ela estava certa.

— O Conselho dos Vampiros telefonou e eu perguntei sobre a possibilidade de Chase trabalhar para a UPF. Ou pelo menos você e Chase colaborarem um com o outro, e me disseram que eles iriam pensar. Tenho certeza que a UPF vai aceitar, mas...

— Mas o quê? — ela perguntou.

Ele olhou para trás, através das árvores, para garantir que os outros agentes tinham ido embora.

— Mas se eles descobrirem que foi ele quem levou os arquivos, não vão deixá-lo trabalhar com a gente. Vão prendê-lo na primeira oportunidade. Ele não pode fazer merdas como essa. A UPF não tolera desobediência. E, se você gosta dele, faça com que ele entenda isso.

Se ela gostava dele?

Ela gostava. Então se tocou que tinha acabado de planejar ver Steve — de quem ela também gostava. Foi então que se lembrou da constatação a que chegara mais cedo. Ela estava fazendo Steve

sofrer. Só tinha duas escolhas. Desistir de trabalhar com Chase. Ou desistir de Steve.

O simples pensamento de perder Steve fez cada fibra do seu corpo se rebelar e cantar uma música triste. Mas a ideia de se afastar de Chase e diminuir suas chances de encontrar Natasha e Liam também machucavam.

Não havia realmente nenhuma outra maneira?

Encontre Natasha! Encontre Natasha!

O coração de Della deu um salto quando ela ouviu a voz, mas, sinceramente, ela não tinha certeza se era o fantasma falando ou apenas a sua lembrança.

— Eu tenho que ir — disse Burnett, trazendo Della de volta ao presente.

— O que você vai fazer? — perguntou ela.

Ele olhou para Della.

— Sobre o quê?

— Sobre Chase. — Então, de repente, ela preferiu que Burnett não respondesse, por medo de que não fosse gostar da resposta. — Olha, você não pode dizer a UPF que foi ele quem levou os arquivos. — Ela sentia que Chase iria ajudar a encontrar Natasha. Que de alguma forma ele fazia parte do plano e que tinha sido esse o motivo que o levara a ir até a cachoeira. — Não faça isso por Chase, faça por Natasha e Liam.

Burnett passou a mão na nuca e a apertou como se para aliviar um pouco a tensão.

— Eu não estava pensando em delatá-lo, mas vamos esperar que ele não tenha deixado nenhuma evidência para trás e que possa levar a UPF até ele. Eu não vou poder detê-los caso descubram que era ele.

Ela assentiu com a cabeça.

— Tem certeza de que não posso ir? Eu poderia começar a investigar os arquivos que você tem sobre as duas garotas chamadas Natasha.

Burnett fez cara feia para ela.

— Della, eu estou quase certo de que você vai trabalhar nesse caso e que Chase será o seu parceiro, mas você precisa chorar a perda do seu primo por pelo menos um dia. Você precisa de um tempo para se recuperar.

— Eu já estou chorando a perda do meu primo há quase um mês — disse ela. — Isso... — Ela acenou para a sepultura. — Isso foi o ponto final.

Seus lábios se apertaram de frustração, como sempre acontecia quando ela discutia com ele. No entanto, ela sabia que não poderia discordar da lógica de Burnett. O fato de que suas emoções não tinham lógica era o segredo dela. Ela tinha um palpite de que demoraria muito tempo para se recuperar da morte de Chan.

— Eu entendo, mas mesmo assim você ainda não pode ir esta noite. Eu não tenho autorização para incluí-la no caso. Vá ver Steve e então vá descansar. Esteja pronta para começar amanhã.

Ele decolou. Della voltou para o túmulo de Chan. Ela se deixou cair outra vez na terra fria e ficou ali sentada, enrodilhada, tentando se conciliar emocionalmente com seus problemas mais urgentes.

A morte de Chan.

Natasha e Liam.

Steve e Chase.

As estrelas e a lua lentamente desapareceram. Uma pequena fatia de sol espantou a noite, mas, mesmo com a promessa de um novo dia, uma sensação de isolamento a preencheu. Ela se sentou em meio ao silêncio profundo, cercado de lápides. Sozinha.

O frio voltou e ela teve que alterar seu último pensamento. Talvez não estivesse realmente sozinha. Olhou em volta. Não viu ninguém. Mas sentiu alguém. Arrepios espiralaram pelos seus braços e pela coluna vertebral.

— Eu te conheço? — Suas palavras pareciam ser engolidas pela névoa cinzenta da madrugada. Ela olhou para o túmulo de Chan. O sol espreitou uma pouco mais alto acima do horizonte, e as faixas de cor-de-rosa e púrpura brilhante apareceram.

Ela assistiu enquanto a bola alaranjada lentamente se levantava no céu, ofuscando as cores do amanhecer, mas trazendo uma luz diáfana e nuvens brancas que pairavam no céu azul. Ela tentou ignorar o frio. Um frio que parecia mal-assombrado.

Seu olhar se fixou no céu quando o frio em torno dela aumentou e as nuvens começaram a tomar forma. Formas que pareciam quase como três pessoas posando para uma...

Lembrando-se da imagem, ela tirou a foto do bolso e estudou-a novamente. Quando olhou para cima, para comparar a louca formação de nuvens, elas já tinham se dissipado. Olhou novamente para a foto, em seguida virou-a. Ali, rabiscados a lápis, tão clarinhos que ela mal tinha percebido antes, havia três nomes. Chan, Miao — que era a mãe de Chan — e...

— Maldição! — A voz dela parecia fraca no grande lugar mal-assombrado.

Natasha.

Chan conhecia Natasha? Seria a mesma Natasha? Mas qual seria a ligação entre eles?

Levantando-se, caminhou até o túmulo de Chan. Olhou para a lápide, a leve brisa fazendo as flores amarelas dançarem em frente à sepultura.

— Quem é Natasha? Qual é o sobrenome dela? — Ela não sabia com quem estava falando. Com Chan ou com o fantasma de antes — aquele que falava com uma voz feminina. Mas era melhor que alguém respondesse. E rápido.

— Ou é Natasha Owen ou Natasha Brian — uma voz falou atrás da vampira bem quando ela ouviu os passos de alguém golpeando o chão.

Capítulo Onze

Levou apenas uma fração de segundo para que a voz masculina se tornasse familiar e seu cheiro chegasse ao banco de memória de Della.

Ela se virou e viu Chase.

No silêncio de um dia que não tinha amanhecido completamente, eles se encararam.

— Você está bem? — ele perguntou finalmente, parecendo pesaroso, até como se desculpasse.

Ela supôs que sua expressão e seu tom fossem por causa de Chan. Como que por um passe de mágica, seu ressentimento contra ele ressurgiu, por não se esforçar o suficiente para salvar seu primo. Então, como se a varinha de repente tivesse dissipado a mágica, ela se viu questionando a justiça daqueles sentimentos.

Recordou com clareza quanta dor ela tinha sentido na segunda transformação, e que Chase tinha sofrido com ela, só para lhe dar mais chance de sobreviver. Então ela se lembrou dele lhe dizendo mais de uma vez que não acreditava que Chan tivesse sobrevivido, mesmo com a ajuda dele. Será que ela teria sofrido por alguém que mal conhecia, se não achasse que essa pessoa iria sobreviver? E conscientemente deixado que outra pessoa inocente morresse, alguém que ela achava que teria mais chance?

Ela respirou fundo, afastou aqueles sentimentos e decidiu que voltaria a pensar sobre aquilo mais tarde.

— Como você sabia que eu estava aqui? — perguntou ela.

— Acabei de falar com Burnett, pelo telefone. — Ele enfiou uma mão no bolso do jeans.

Ou é Natasha Brian ou Natasha Owen. As palavras de Chase davam voltas na sua cabeça. Infelizmente, apenas os primeiros nomes estavam escritos no verso da foto.

— Então foi você quem invadiu o depósito da UPF?

Ele confirmou com a cabeça.

— Eu não queria perder mais tempo.

— Se eles descobrirem que foi você, não vão trabalhar com você ou com o Conselho, nem deixá-lo trabalhar comigo no caso.

Ele franziu a testa.

— Eles não vão descobrir. Não deixei rastro. E não acho que Burnett vá me delatar. — Ele deu um passo mais para perto.

Na luz dourada da manhã, seus olhos pareciam de um verde cristalino. Ele manteve uma mão no bolso, fazendo um ombro parecer ligeiramente mais alto do que o outro.

Algo sobre sua postura parecia menos confiante agora, ligeiramente vulnerável. E a maneira como ele a estudou a fez se perguntar se era por causa dela que Chase estava assim, talvez por causa do

que ela tinha dito a ele.

Eu não te amo, ponto final. Não sei nem se gosto de você. Aquilo não era totalmente mentira. No entanto, percebendo quanto suas palavras eram difíceis e dolorosas para ele, lamentou tê-las pronunciado.

Os ombros dela se contraíram, sentindo uma tensão louca na presença dele, e ainda assim, ao mesmo tempo, saber que ele estava ali lhe causava algum tipo de paz interior. Ela se lembrou do que sentira na cachoeira também. Pensar na cachoeira fez com que sua mente se desviasse para outro assunto.

— A visão... Você a viu ou vivenciou tudo, não foi?

Ele suspirou como se não quisesse admitir.

— Sim, mas nunca contribuí para que nada daquilo acontecesse. Eu não sabia bem o que aquilo significava. Foi só quando você disse o nome deles que eu soube que você tinha visto também.

— Você era Liam? — ela perguntou.

Ele confirmou com a cabeça.

— Sim, seja ele quem for. Eu não consegui encontrar nada sobre esse sujeito. E verifiquei todos os arquivos. — Havia um toque de desespero na voz dele que espelhava o que ela sentia.

Della se lembrou de que sabia certas coisas sobre Natasha durante a visão.

— Quando a visão estava acontecendo, você descobriu alguma coisa sobre ele ou ficou sabendo de algo?

— Apenas seu primeiro nome e que ele estava com medo. E... que ele... ele daria todo o seu sangue a Natasha para salvá-la. Ele estava mais preocupado com a possibilidade de ela morrer do que com sua própria vida. Ele está apaixonado por ela.

Ouvir aquilo fez com que o coração de Della doesse dentro do peito como um pássaro aprisionado. Lágrimas encheram seus olhos e ela olhou para baixo, evitando o olhar de Chase. Ela se lembrou de Liam insistindo para que Natasha bebesse mais de seu sangue. Della tinha percebido que ele se preocupava com Natasha. Mas o que Natasha sentia por Liam? Della não podia dizer com certeza, mas ela tinha recusado o sangue dele.

Os olhos de Della se umedeceram ainda mais com o pensamento de duas pessoas, possivelmente apaixonadas, presas e se sentindo tão desesperadas. Lembrou-se do que Holiday e Kylie acreditavam sobre eles. Essa possibilidade doía ainda mais.

Ela piscou para conter as lágrimas de fraqueza e olhou para Chase. Por um segundo, pensou em não dizer nada a ele, mas depois percebeu que ele tinha o direito de saber.

— Holiday, ela é uma especialista em fantasmas, e... tem receio de que Natasha e Liam já estejam mortos.

— Não — disse Chase inflexível, a luz verde dos seus olhos brilhando de emoção. — Se nós não os encontrarmos, eles vão morrer. Eu continuo ouvindo aquela voz me dizendo para encontrar Natasha.

— Eu também — disse Della, achando estranho terem ouvido a mesma voz, mas por algum motivo aquilo lhe deu mais esperança. Mas como Holiday era uma espécie de especialista em tudo o que dizia respeito a fantasmas, ela não conseguiu dissipar todas as suas preocupações. — Isso tudo ainda me assusta porque ela acha...

— Eu não me importo com o que Holiday acha. Ela está errada — Chase insistiu.

— Eu acho que precisamos acreditar nisso. — E de pé ali, a apenas alguns metros dele, concordando com ele, Della teve algum tipo de estranha epifania. Os dois, ela e Chase, estavam destinados a fazer aquilo. Eles deveriam trabalhar juntos naquele caso. Mas quem tinha decidido isso? O destino? Os anjos da morte? O fantasma? E quem diabos esse fantasma era? Como tudo isso estava interligado?

— Você já passou por isso antes? — perguntou Chase.

— Pelo quê? — ela perguntou, depois de se distrair com os próprios pensamentos e perder o fio da meada da conversa.

— Visões? Vozes?

Como a confissão de Chase, a dela veio com um toque de hesitação.

— Sim. Chan, e depois... Lorraine. Mas a visão com Lorraine era diferente.

Ele franziu as sobrancelhas como se estivesse avaliando o que ela tinha dito.

— Lorraine? A vítima que foi assassinada no caso em que trabalhamos? — Ele franziu a testa. — Por que você não me disse?

Talvez porque você não me conte nada também. Ela respirou uma lufada de ar da manhã e ela veio com o cheiro dele: hortelã, algum tipo de erva e luz do sol.

— Eu... Eu ficava ouvindo a voz, mas não tinha certeza e... — O vento jogou o cabelo dela no rosto e ela o afastou. — Droga, se eu dissesse que estava ouvindo fantasmas, você teria pensado que eu estava louca.

Ele tirou a mão do bolso.

— Provavelmente. Eu não achava que nós, vampiros, fizéssemos essa coisa de se comunicar com fantasmas. — Seu olhar se desviou e Chase olhou em volta, para as lápides.

Será que ele sentia o mesmo clima mal-assombrado? Como se alguma coisa ansiasse para que ela andasse pelo cemitério e procurasse alguma coisa, mas o que poderia ser encontrado aqui, além de gente morta? Almas perdidas.

— Holiday acha que temos essa capacidade porque somos Renascidos.

Perguntas sobre quando Chase tinha renascido começaram a pipocar na cabeça dela.

Chase fora um dos poucos que tinha sobrevivido sozinho, ou será que alguém o tinha ajudado? Ele estaria ligado a outra pessoa? Agora não parecia a hora de começar a enchê-lo de perguntas. Além disso, ele não era muito de dar respostas.

Ele passou a mão pelo rosto, como se para combater o nervosismo.

— Burnett enfrenta essa merda também?

Ah, ele estava ficando bom em fazer perguntas, não estava?

Será que dar informações sobre Burnett era errado? Os olhos de Chase encontraram os dela e a vampira decidiu que precisava da verdade. Não achava que Burnett discordaria.

— Ele não tem visões, mas sente uma ligação de algum tipo. Supostamente, qualquer um que pode visitar a cachoeira sem se sentir repellido tem um pouco desse... dom. “Dom” é a palavra que Holiday usa, não eu.

Ele ficou parado ali como se estivesse pensando e, em seguida, perguntou:

— Podemos nos comunicar com qualquer um que estiver morto?

Ela teve a sensação de que Chase estava pensando em sua família, que, segundo Della recordava, tinha morrido num acidente de avião. Inesperadamente, sentiu-se tocada ao pensar em tudo o que ele tinha perdido.

— Eu não sei como funciona. Holiday poderia te dizer...

O olhar dele se voltou para a lápide de Chan.

— Eu sei que isso é difícil.

Chase fez uma pausa e o silêncio do cemitério pareceu quase alto. Então a voz dele soou novamente e foi como se o vento a tivesse levado para longe.

— Você realmente falou com Chan? — Ele olhou para ela.

Mais perguntas. Tudo o que Della pôde fazer foi acenar com a cabeça.

Os olhos dele se apertaram com alguma emoção que ela não conseguiu decifrar.

— Será que ele me culpa, também? Por ter morrido?

De repente, ela reconheceu aquele olhar. Culpa. Della não tinha pensado que Chase se importava. Será que tinha se enganado?

— Ele não culpa ninguém — respondeu ela, sentindo um aperto na garganta. — Esse não era o estilo de Chan. — Della sentiu a emoção dominá-la novamente, dessa vez por tudo o que *ela* tinha perdido.

Mais alguns minutos de silêncio encheram o lugar assombrado. Seu celular tocou, o barulho parecendo ricocheteiar nas lápides.

Ela olhou para o aparelho e viu o número de Burnett.

— Burnett sabia que você estava vindo para cá?

— Ele me proibiu de vir aqui — Chase disse sem rodeios. — Mas acho que ele é muito esperto pra acreditar, então provavelmente sabe que eu viria de qualquer maneira.

— Você parece gostar de quebrar regras.

— Não é intencional. Só faço o que é preciso.

Ela praticamente agia da mesma forma, de modo que com certeza não podia julgá-lo por isso. Ela olhou para o telefone e tomou uma decisão. Colocou o aparelho para vibrar e enfiou-o de volta no bolso.

A voz de Chase, profunda e reverente, soou de novo.

— Você quer ver os arquivos?

Ela tinha dito a Burnett para onde estava indo, e ele provavelmente ficaria zangado com a vampira, tanto por não atender ao telefone quanto por se desviar dos planos. Emoções ligadas à visão — desespero, fome, medo — atravessaram seu coração, deixando pegadas pesadas. Burnett poderia ficar furioso, se quisesse.

— Estou pronta, quando você quiser. — Mas ela olhou para o túmulo de Chan mais uma vez.

Chase decolou, e era preciso reconhecer, voou entre as árvores. Eles tiveram de aterrissar duas vezes para correr em áreas urbanas, onde o tráfego do início da manhã era intenso e eles poderiam ser vistos. Della seguia logo atrás dele, recordando vagamente que antes era incapaz de acompanhá-lo. Não que Chase estivesse voando em velocidade máxima; ele parecia disposto a respeitar as regras de Burnett de não demonstrar seu verdadeiro poder. Mas antes, mesmo a essa velocidade, correr mais de dez minutos teria sido demais para a resistência dela.

A rota de Chase era um pouco diferente da de Burnett, mas ela reconheceu o terreno abaixo. Estavam voltando para Fallen, Texas... em direção a Shadow Falls. A alguns quilômetros do acampamento, ele seguiu por uma estrada de terra cheia de curvas e desceu numa espécie de clareira na floresta.

Os pés dela tocaram o chão com um ligeiro solavanco. Ela olhou para trás e viu uma cabana. Não era como as cabanas de Shadow Falls, mas o tipo de chalé elegante que se alugava para pessoas ricas fazerem retiros de yoga ou para entrarem em contato com o seu eu interior.

Quem o projetara fizera um bom trabalho. As vigas formavam uma estrutura na forma de A, construída para fazê-lo parecer totalmente integrado à paisagem natural. À toda volta, havia uma grande varanda, com sofás de vime e cadeiras de balanço. A apenas alguns metros da varanda da frente havia cinco alimentadores de pássaros entre as árvores. A parte da frente do chalé tinha mais vidro do que madeira, por isso quem estava dentro dele não se sentia confinado num espaço fechado.

Chase caminhou até a varanda da frente. Ela o seguiu. Quando subiu os degraus, ela viu um veículo estacionado ao lado da casa. Um conversível azul brilhante. Ela estava longe de ser uma especialista em carros, mas esse parecia rápido e caro.

Seria de alguém ali? Ela farejou o ar, mas não sentiu o cheiro de ninguém. Com exceção... de um cachorro.

Quando passou por uma das cadeiras de vime, notou um par de binóculos sobre uma almofada. Ela olhou para os alimentadores de pássaros e se lembrou de Miranda dizendo que observar pássaros era bom para a aura e a alma das pessoas. Voltando a olhar para Chase com incredulidade, ela perguntou:

— Você é um observador de pássaros?

— Não — ele negou, um pouco rápido demais. Ela olhou através das grandes janelas de vidro e viu uma decoração no estilo de uma casa de veraneio. Grandes móveis de couro, piso de madeira e tapetes coloridos.

— Quem mora aqui? — perguntou ela.

— Eu — disse ele. — Bem, eu e Baxter.

— Baxter? — ela perguntou.

Ele deu um passo para o lado e abriu a porta.

— Conheça Baxter.

Um grande labrador preto com um focinho cinza correu para fora. Embora ele tivesse corrido direto para Chase, Della deu um passo para trás.

Ela não tinha medo de cães, era apenas cautelosa.

Chase coçou atrás da orelha do cão e o animal sacudiu o traseiro com entusiasmo. Della se lembrou de Chase dizendo que a única “pessoa” que ele não tinha perdido no acidente de avião era o seu cão. Seria esse mesmo cão? Ela suspeitava que sim.

— Ele não vai morder — disse Chase, quando ela ainda estava um passo atrás. — Vai, Baxter? — ele perguntou ao cachorro.

Baxter pareceu interpretar isso como um convite e se aproximou. Embora seu focinho cinza indicasse que ele já era idoso, seu corpo tonificado e os movimentos ágeis não demonstravam sinais de idade. Ela estendeu a mão para ele farejar, então lentamente virou-a e alisou a cabeça dele.

O cão aceitou seu toque, mas olhou para ela com cautela.

Della puxou a mão de volta.

— Você não é muito de cães? — perguntou Chase.

— Não, eu gosto de cães. Mas meu pai não gostava muito, por isso nunca tivemos um. Mas meu vizinho teve vários ao longo dos anos, e eu meio que me apeguei a alguns deles. Meu vizinho era um homem divorciado que estava sempre esquecendo de dar comida ao cachorro; algumas noites ele nem sequer voltava para casa. Eu pedia para a minha mãe comprar ração e sempre o alimentava quando via que o dono não estava em casa depois de escurecer.

Um lento sorriso apareceu nos olhos de Chase.

— Então Della Tsang, na verdade, tem um ponto fraco?

— Não é um grande ponto fraco. — Ela lhe lançou um olhar severo. A verdade era que ele era maior do que ela gostaria.

Ela se mexeu e um pássaro voou através da varanda. Ela olhou para a criatura de penas que pousou num dos alimentadores. Ele ensaiou parte de uma canção, quase dizendo obrigado, cravou o bico na malha de arame para pegar um pedaço de comida e, em seguida, voou para longe.

— Eu sabia que tinha ouvido um... — disse Chase.

Ela olhou para ele. Chase estava com o binóculo colado aos olhos e, quando os baixou, sua expressão parecia vitoriosa.

— Esse pássaro não deveria estar aqui agora — disse ele.

Ela quase sorriu com o entusiasmo dele.

— Então você não é um observador de pássaros, hein?

Chase na verdade não pareceu envergonhado, apenas pego no flagra.

— Talvez um pouco. Mas fui forçado. Minha mãe era uma ávida observadora de pássaros. Ela me arrastava para os encontros de observação de pássaros quatro ou cinco vezes por ano.

Della ouviu devoção na voz dele quando falou sobre a mulher que o criou nos primeiros 14 anos de vida, e isso a fez perceber que não sabia quase nada sobre aquele garoto. Não era exatamente culpa dela. Ele tinha sido lacônico desde o início.

E ainda era. Seus instintos lhe diziam que ele sabia mais sobre quem o tinha enviado para verificar como ela e Chan estavam. E esse alguém poderia ser a pessoa que Della estava procurando: seu tio. Recentemente, ela tinha descoberto que o irmão de seu pai era um vampiro que tinha forjado a própria morte anos antes, e ela se perguntou se ele teria feito contato com Chase.

Ela não iria esquecer que não confiava completamente em Chase. Com sorte, se eles colaborassem com o Conselho dos Vampiros, ela poderia obter respostas. Droga, seu tio poderia até ser um dos membros do Conselho. Esse pensamento a fez sentir uma onda de urgência para iniciar o caso — encontrar Natasha e suas próprias respostas.

Capítulo Doze

Outro pássaro passou voando e um clima estranho os envolveu. Della e Chase ficaram ali na enorme varanda, olhos ao longe, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

Ela voltou a fitar as árvores e fez outra pergunta.

— Esta casa era dos seus pais? — Quando Chase não respondeu, ela olhou para ele.

— Não — disse ele, observando os alimentadores de pássaros. — Mas a minha mãe a teria adorado.

E, subitamente, apesar de dizer a si mesma que não confiava nele, ela percebeu que queria saber mais. Mais sobre o passado dele, sobre o seu presente. Aquele desejo de repente pareceu errado e perigoso. Proibido. Uma imagem de Steve brilhou na cabeça dela quando a culpa se esgueirou para o seu coração.

Della engoliu o sentimento desconfortável na garganta e lembrou-se da razão por que estava ali.

— Precisamos olhar aqueles arquivos.

A sobrancelha direita dele se arqueou levemente, como se Chase soubesse que ela estava mudando de assunto de propósito, mas ele abriu mais a porta de vidro para deixá-la entrar.

O aroma de madeira e couro impregnava a sala, juntamente com um leve traço do cheiro de Chase e de seu amado Baxter.

— Sente-se — disse Chase. — Vou pegar os arquivos.

Ela não se sentiu confortável para se sentar. Sozinha, parou junto da grande mesa de centro e do sofá de couro marrom, e observou o ambiente. Olhou para cima, um pouco impressionada com o teto alto e a decoração imaculada. Contra uma parede havia uma enorme estante de pinho com um grande aparelho de TV. Ela imaginou Chase sentado ali na sala, com Baxter enrodilhado ao lado dele, assistindo TV. Na estante, notou alguns porta-retratos que decoravam as prateleiras. Ela apurou os ouvidos para ter certeza de que ele não iria pegá-la bisbilhotando. Ao ouvi-lo remexendo uma gaveta, ela se aproximou e olhou para a primeira imagem — duas meninas abraçadas, rindo como se fossem amigas. A segunda era uma foto em grupo. Ela pegou a foto que parecia um retrato de família.

Reconheceu um Chase mais jovem, provavelmente com uns 13 anos, alto e um pouco magro, mas já mostrando sinais de se tornar um homem. A menina, que se parecia com sua irmã, era uma das garotas da primeira foto. Della suspirou, pensando em Marla e em quanto era difícil elas se verem agora.

Tocando no vidro, ela passou o dedo sobre as imagens das outras pessoas.

Família. Família perdida. Ela sentiu de repente um vazio no peito quando se lembrou das fotos de sua própria família. Fotos agora escondidas numa gaveta, não em porta-retratos. Será que isso

significava que perder alguém para a morte era mais fácil do que ver sua família virar as costas para você?

Ela olhou a imagem de Chase na foto. Feliz. Rodeado de pessoas que amava. Agora elas já não estavam mais ali. Ela supôs que isso também doesse muito.

Suas narinas começaram a arder. Engolindo em seco, colocou a foto de volta.

Baxter se aproximou dela e sentou-se ao lado de sua perna. O animal a olhou com intensidade. Seu olhar não era ameaçador, era como se ele estivesse apenas avaliando-a.

Ela baixou a mão para deixá-lo sentir seu cheiro novamente. Ele esbarrou o focinho molhado nos nós dos dedos dela e farejou. Não só uma, mas duas vezes. Lentamente, sua cauda começou a balançar e ele se aproximou mais, inclinando carinhosamente a cabeça contra sua perna.

Era quase como se o cão pudesse sentir o cheiro do sangue de Chase dentro dela. Isso era possível? Será que ela tinha um cheiro diferente agora que tinha o sangue dele? Ela levantou a mão e cheirou o próprio pulso. Não detectou nada de diferente.

Ela se ajoelhou e olhou nos grandes olhos castanhos do cão.

Depois se inclinou perto do ouvido dele.

— Eu não estou aqui para machucá-lo, apenas para trabalhar com ele. — Ela sussurrou as palavras bem baixinho para que Chase não a ouvisse. — Não que eu não queira chutar a bunda dele às vezes.

Ela passou a mão no cão. Tocou a coleira e sentiu uma gravação no couro macio e envelhecido. Alisando o pelo para trás, virou a coleira para ler a inscrição.

Ouviu o barulho de passos de alguém entrando no cômodo.

— Nunca vire as costas para um desafio — ela repetiu o que tinha lido. — Isso é para o cão ou para você?

— Para nós dois — disse ele.

Um lampejo de emoção tocou os olhos dele. Ela tinha a sensação de que o provérbio queria dizer alguma coisa, mas o quê? Ela reprimiu a curiosidade. Estava ali para trabalhar no caso, não para fazer amizade com Chase.

— Vocês dois ficaram amigos? — ele perguntou, olhando para o cão.

Os dois arquivos estavam nas mãos dele.

— Parece que sim. — Della se levantou e andou até a grande mesa. O cão seguiu-a e se esfregou em Chase, que se juntou a eles no centro da sala.

Ela se sentou numa cadeira. Chase sentou-se ao lado dela. Não tão perto que seus ombros se tocassem, mas perto o suficiente para que ela pensasse na proximidade dele.

Ele empurrou os arquivos para ela, as sobancelhas franzidas.

— Eu já li os dois. Dezenas de vezes. Não sei se vão ajudar. Para ter mais informações seria preciso que fizéssemos uma visita a Craig Anthony ou a um de seus capangas contratados. Tenho a sensação de que a UPF não vai permitir isso.

— Burnett vai — disse ela, certa de que Burnett faria tudo que estivesse ao seu alcance para salvar alguém. Ela puxou os arquivos mais para perto.

— Tudo o que temos são dois nomes possíveis. Não há nada aqui que possa nos dizer qual é a nossa Natasha. E apesar de parecer importante saber o nome dela, eu não tenho certeza se vai nos ajudar.

— Tem que nos ajudar. — Della abriu o primeiro arquivo.

Ela o examinou rapidamente, procurando... encontrou o nome da mãe de Natasha Owen. Jenny Owen.

— Não é Natasha Owen. — Ela o fechou e estendeu a mão para a outra pasta.

Chase colocou a mão sobre o arquivo.

— Como você sabe?

Ela decidiu não mentir.

— Porque o nome da mãe não é oriental. — Havia uma ligeira possibilidade de que a mãe de Natasha pudesse ter assumido um nome americano. Muitos orientais faziam isso, mas geralmente eram os mais jovens. Alguém com mais de 30 ou 40 anos normalmente era mais apegado à cultura dos pais.

— O quê? Como assim? Não estou entendendo — disse ele.

— Natasha é mestiça. — Ela tentou puxar o arquivo de debaixo da mão dele, mas Chase pressionou a palma da mão em cima.

— Como você sabe disso? Estava tão escuro naquela visão que você... você não poderia ter visto.

— Eu não vi. — Ela se levantou da cadeira e tirou a foto do bolso de trás. — Mas eu tenho isso. — Ela pensou em não mostrar a foto enquanto ele não tirasse a mão de cima do arquivo. Mas estava cansada de joguinhos. Eles tinham que confiar um no outro.

Não num nível pessoal, ela se lembrou, ainda acreditando que ele guardava segredos dela, mas o suficiente para trabalhar no caso.

O suficiente para salvar duas pessoas... duas pessoas possivelmente apaixonadas, que precisavam e mereciam ser salvas.

Salve Natasha.

Ela entregou a foto a ele e passou os olhos pela sala.

Chase estudou a foto.

— Vire-a — disse ela.

Ele obedeceu e, em seguida, olhou para ela como se estivesse perplexo.

— Virar para ver o quê?

Ele devolveu a foto. A respiração dela ficou presa.

— Eu não... Mas era... Havia nomes aqui antes. Tinha o nome de “Natasha”, juntamente com o da minha tia e de Chan. — Olhando para cima, com os olhos cheios de dúvida, ela franziu a testa. — Estou falando a verdade!

Ela olhou novamente para o verso em branco da foto, sem nada que identificasse a imagem. Ah, inferno, será que sua mente estava lhe pregando uma peça?

Ou seria o fantasma?

* * *

Della olhou para Chase de pé ao lado da geladeira.

— Estava aqui antes — disse ela, pela décima vez em cinco minutos.

— Então você acha que o fantasma escreveu, e em seguida apagou? — Ele estendeu uma lata de refrigerante para ela.

— Eu... Eu não sei. — Ela aceitou o refrigerante. Não era diet, mas ela tomou assim mesmo. O frio gelado contra a palma da mão a fez se lembrar de como se sentia quando um espírito vinha lhe fazer uma visita — quando estava bem perto. Ela abriu a lata. O som efervescente desencadeou uma necessidade urgente de estar com Kylie e Miranda numa de suas mesas-redondas — para ajudá-la a dar sentido a tudo aquilo, porque certamente não estava fazendo sentido nenhum para ela agora.

Mas, pensando bem, por que deveria? Nada fazia sentido. Fantasmas, visões, a ligação entre ela e Chase — que a fazia se sentir emocionalmente ligada a um total estranho. Tudo parecia insano. E aquele se tornou seu argumento.

— Eu sei que não parece lógico, mas alguma coisa dessa merda toda parece lógico para você? Estamos lidando com uma mulher morta e tendo visões onde somos pessoas diferentes. Diga o que faz mais sentido do que isso e vou aceitar que estou imaginando coisas e procurar um psiquiatra.

— Eu não disse que você estava imaginando coisas, eu só acho que parece... confuso.

— Tudo isso é muito confuso!

— Sim, é. — Ele abriu a bebida.

Ambos tomaram alguns goles de refrigerante, em seguida ela contou sobre a caixa de sapatos que pulsava no caixão vazio e como a tampa tinha caído e a foto voado para fora.

Franzindo a testa, ele olhou para a foto como se estivesse com um pouco de medo.

— Ok, então digamos que seja Natasha. Como é que saber o sobrenome dela vai realmente nos ajudar a encontrá-los? — Chase caiu para trás na cadeira.

— Eu não sei. Mas deve ser importante. O fantasma queria que eu visse isso.

Ele se inclinou na direção dela. Seu antebraço sólido pressionado contra o dela. Um leve arrepio fez seu coração acelerar e ela se afastou.

Chase a olhou de lado como se a achasse uma tola. Mas aquilo não parecia tolice para ela. Nenhum arrepio era permitido.

Ela estendeu a mão para o arquivo da segunda Natasha. Encontrou o nome da mãe da garota e bufou de frustração.

— E então? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Kathy... não é um nome oriental. Quer dizer, a mãe poderia ter mudado de nome, mas...

— Mas isso significa que ainda não sabemos qual Natasha é a nossa Natasha.

— Certo.

A sala ficou em silêncio. Baxter se esfregou contra a perna do dono em busca de afeto. Chase baixou a mão para acariciar o animal, mas sua atenção continuou em Della.

— E você realmente acha que é importante obter essas informações?

Ela refletiu sobre a pergunta.

— Sim, eu acho.

— Ok, então vamos descobrir o sobrenome de Natasha. — Ele se levantou.

Ela também se levantou, pronta para entrar em ação.

— O que vamos fazer? Ir à casa dos pais e ver se algum deles é oriental?

— Não, vamos fazer do jeito mais fácil.

— Mais fácil?

— Vamos falar com a sua tia, a mãe de Chan.

Ela se reclinou outra vez na cadeira.

— Sem chance.

— Nós não vamos dizer a ela a verdade. Invente uma história sobre como você achou a fotografia e veja o que ela sabe.

— Não — disse Della novamente. — Vamos ver se conseguimos encontrar os pais de Natasha. —

Ela pegou os arquivos e os verificou. As duas garotas viviam fora de Houston, mas suas famílias poderiam ter se mudado depois que as filhas desapareceram. Quem sabia havia quanto tempo essas meninas tinham sido escravizadas?

Quando ela olhou para cima, Chase a fitou.

— Por que você está com medo de ver a sua tia?

— Eu não estou. — O celular dela emitiu um curto zumbido, avisando da chegada de uma mensagem de texto e dando-lhe o motivo perfeito para não responder.

Para não pensar nisso.

Ela pegou o celular no bolso.

Onde você está? Não desligue essa merda! Responda. Burnett.

De repente, ter ido à casa de Chase sem avisar o líder do acampamento não lhe pareceu uma boa ideia. Aborrecer Burnett não iria levá-la a lugar nenhum, a não ser fazê-la levar uma bronca daquelas.

Ela e Chase precisavam que aquele caso fosse aprovado pelo UPF e o Conselho dos Vampiros. Embora Della gostasse de pensar que eles poderiam fazer tudo sozinhos, ela não era idiota.

Ela olhou para Chase.

— É Burnett novamente. — Della suspirou. — Precisamos ir. Vamos dizer a ele que queremos visitar os pais das duas Natashas.

— Talvez eu deva ir sozinho e conseguir as respostas já — ele sugeriu. — Você volta para Shadow Falls.

Será que Chase estava com medo de levar bronca por ter ido ao cemitério? Provavelmente. Ela não o culpava. As broncas de Burnett não eram moleza. Embora ela ainda achasse engraçado que Chase, alguém que aparentemente não temia coisa alguma, tivesse medo do líder do acampamento. Mas, pensando bem, ela tinha ido à casa dele sem que Burnett soubesse. Chase não era o único com problemas.

E a bronca que ela levaria seria pior. Quando se tratava de alguém de quem Burnett gostava, era sempre pior.

— Não — disse Della. — O fantasma deu a foto para mim. Acho que eu deveria ir. Além disso... — Ela percebeu o desconforto na expressão dele. — você vai ter que enfrentá-lo, mais cedo ou mais tarde.

— Sim, mas sempre fui de adiar as coisas...

— Então você é um banana, hein? — ela perguntou, levantando uma sobrancelha para que seu comentário ficasse ainda mais insolente.

Chase olhou para ela.

— Se vamos ser uma dupla neste caso, você tem que aprender a trabalhar com Burnett. — E eles seriam uma dupla, porque alguma droga de força superior aparentemente queria.

Ela gostaria de chutar a bunda daquele poder superior, mas isso não era o mais importante agora. O mais importante era que eles tinham um trabalho a fazer e, se falhassem, uma pessoa — na verdade duas — iria morrer.

— Burnett late mais não morde — disse ela.

— Eu não gosto que latam para mim. — O tom de voz dele se aprofundou.

— Eu também não, mas dou a Burnett o direito de dizer o que pensa. E você devia fazer o mesmo.

— Por quê?

Ela pensou em dar uma resposta evasiva, mas decidiu que a verdade faria muito bem.

— Porque ele nunca late apenas por latir. Ele late porque se preocupa. E, goste ou não, todos precisamos de alguém que se preocupe com a gente.

Chase suspirou.

— Não é porque uma pessoa se preocupa com alguém que isso lhe dá o direito de mandar na vida dela.

— Sim, ele tem um pequeno problema com isso, mas está se esforçando para mudar.

Defender a teimosia de Burnett parecia esquisito, mas estranhamente também parecia certo.

Chase a fitou como se ligasse mentalmente os pontos. Mas que tipo de pontos? Por que Della tinha a sensação de que o quebra-cabeça que ele tentava montar naquele instante dizia respeito a ela?

Fique longe dos meus pontos, garotão!

Ele caiu para trás na cadeira ao lado dela, ainda mais perto dessa vez.

— A sua tia não se importa? É por isso que não quer vê-la?

— Você sabe, eu “adoraria” passar algumas horas falando do meu drama familiar, mas não temos tempo. — Para ser sincera, ela só desabafava suas amarguras com Kylie e Miranda. E só Deus sabia quanto precisava de um tempinho com elas agora, em volta da mesa, tomando uma Coca Diet.

Della se levantou de um salto.

— Você vem ou não?

Capítulo Treze

Cinco minutos, exatamente. Esse foi o tempo que Burnett passou no escritório de Holiday. Della sabia, porque ela e Chase estavam de frente para o relógio de parede e, em vez de ficar vesga de tanto observar Chase, ela tinha observado os ponteiros do relógio tiquetaqueando. Eram quase nove da manhã e ela não tinha ido para a cama ainda.

— Por quê? — Burnett finalmente falou, andando de um lado para o outro na sala. Ainda bem que eles tinham ido para o escritório de Holiday, pois o dele não tinha espaço para tanto.

— Por que o quê? — perguntou Della, tentando não ser grossa, mas sem conseguir segurar a língua. Ele rosnou.

— Por que eu dou ordens se vocês dois não escutam? E por que eu iria permitir que trabalhem com a UPF se não conseguem seguir ordens?

— Porque os anjos de morte e um fantasma sem nome se certificou de que faríamos isso — Della suspirou.

Um segundo depois e com uma voz mais calma, ela explicou que tinha visto os nomes no verso da foto e que, no momento em que a mostrou a Chase, até parecia que o fantasma queria que ela fosse com ele.

— Você não trabalha para o fantasma! Você trabalha para a UPF e *eu* digo o que fazer!

— Eu não trabalho para a UPF — Chase rebateu.

Della estremeceu interiormente, desejando que ele não provocasse Burnett.

— Então você não quer trabalhar com Della nesse caso? — Burnett perguntou com rispidez. — Porque você pode sair daqui agora e eu vou fazer tudo para que não a veja nunca mais.

— O que você disse? — Della bufou baixinho, soltando uma lufada de ar quente. — Desde quando...

Chase a interrompeu.

— Só estou dizendo que, até o momento, eu não tenho que seguir suas ordens.

Burnett rebateu.

— Eu disse a você que ela já tinha o suficiente em que pensar, para deixá-la em paz. Era muito difícil fazer isso?

Chase ergueu o queixo.

— Era. Nós estamos ligados e, se ela está sofrendo, eu preciso ter certeza de que está bem. Você não faria o mesmo por Holiday?

O que você disse? Della olhou para o cara.

— Só porque você me deu sangue, isso não significa que eu preciso de você para cuidar de mim!

— Eu não disse que você precisava de mim — contestou Chase. — Eu expliquei por que desobedeci à ordem, uma ordem que eu não estava oficialmente obrigado a obedecer. — Ele olhou para Burnett como se quisesse frisar seu argumento mais uma vez.

Della soltou um silvo.

— Bem, do jeito que você disse parecia...

— Parecia o quê? — Chase a enfrentou. — Nós estamos ligados, quando você vai aceitar isso?

— Talvez nunca! Eu não pedi para ficar ligada a você.

— Parem vocês dois! — Burnett gritou. — Quem está furioso aqui sou eu!

— Não! — retrucou Della. — Eu estou furiosa também. Não gosto de ser usada como um meio para se conseguir alguma coisa. — Ela olhou para Burnett, e então para Chase. — E eu não gosto que você coloque nós dois na mesma categoria de Burnett e Holiday. Estamos trabalhando num caso. Só isso!

— Me mostre a foto — Burnett mandou. — Quando viu que Della e Chase ficaram ali parados, olhando um para o outro, Burnett repetiu: — Me mostre a droga da foto!

Della respirou fundo e tirou a foto do bolso de trás da calça jeans.

Burnett virou-a, procurando pelos nomes. Ok, então ela tinha se esquecido de mencionar a parte sobre eles terem desaparecido.

— Sobre isso... — disse Della. — Os nomes, eles... eles desapareceram.

Burnett olhou para ela com perplexidade.

— Como desapareceram?

— Suponho que o fantasma tenha feito isso.

Burnett piscou.

— Você está me dizendo que o fantasma escreveu os nomes aqui e depois apagou?

— Está vendo? — disse Chase. — Não sou o único que acha difícil acreditar.

Della queria poder dar uma cotovelada bem dada em Chase. Mas ela se contentou em dar um chute na canela.

Ele murmurou um palavrão e, sentindo-se um pouco vingada, ela o ignorou e manteve a atenção em Burnett.

— Eu não sei como ela fez isso — disse Della. — Mas não me diga que é impossível. Você viu a caixa pulsando, a tampa voando e a fotografia aparecendo ali.

Burnett se encostou na mesa de Holiday e passou a mão no rosto, exasperado.

Della se inclinou para a frente.

— Acho que nós dois temos que visitar os pais das duas Natasha e descobrir qual é a nossa Natasha. O fantasma me deu essa foto como uma pista, eu tenho que segui-la.

Burnett olhou para a foto.

— Quem é essa mulher na foto?

Della ficou tensa.

— Minha tia.

— Você não pode apenas perguntar...?

— Não — decretou Della.

Burnett ficou olhando para ela.

— Por quê?

— Não. — Ela encontrou os olhos dele, implorando em silêncio para que Burnett cedesse.

Ele suspirou.

— O problema é que esses pais pensam que as filhas estão mortas. Aparecer na casa deles e fazer perguntas não é uma boa ideia.

— Nós não vamos fazer perguntas. Basta ver se um dos pais é oriental. Já que sabemos que a nossa Natasha é mestiça.

Burnett não pareceu convencido.

— Os pais podem ter se divorciado ou um deles, morrido.

— Eu sei — disse Della. — Mas a foto era uma pista e eu acho... — Ela odiava dizer isso, mas precisava dizer — que é o que o fantasma espera que a gente faça.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Burnett.

— Eu não sei. Sinto como se isso fosse o que ela quer. — E Della sentia mesmo.

— Merda... — Burnett resmungou. Então fez uma pausa e disse: — Eu vou ligar e ver se consigo ter esse caso apurado imediatamente. — Ele apertou a parte de trás do pescoço. — Já liguei para ver se uma delas, Natasha Owen ou Natasha Brian, tinha carteira de motorista. Nenhuma das duas tinha. — Burnett olhou para Della. — Você vai descansar até que eu obtenha a autorização. Está de pé desde as três da manhã e eu duvido que tenha ido para a cama ontem à noite. Você — ele olhou para Chase — vá para... para onde tiver que ir e fique preparado para quando eu ligar. Enquanto isso, vou ver se Derek consegue encontrar alguma coisa sobre uma dessas garotas na internet. O fantasma pode querer que você vá fazer perguntas, mas eu, pessoalmente, não gosto muito dessa ideia.

Della e Chase começaram a falar ao mesmo tempo.

— Só mais uma coisa — disse Burnett, e se virou para eles. — Nós achamos que sabemos quem é Liam.

— Como? — perguntou Chase. — Não havia um arquivo sobre ele.

— Eu sei — Burnett sibilou, falando como se se lembrasse muito bem de que Chase tinha invadido os arquivos da UPF. — Mas havia um relatório de uma pessoa desaparecida no arquivo da polícia de Houston. Um tal de Liam Jones desapareceu há três semanas. O relatório diz que ele pegou uma gripe forte, em seguida desapareceu. Morava a poucos quarteirões da funerária de Anthony.

— Então ele foi transformado e um dos capangas de Anthony o pegou — concluiu Della.

— É o que parece. Eu colocaria outro agente para dar uma olhar nisso, mas aconteceram alguns problemas em Dallas e vários dos nossos homens ainda estão ocupados resolvendo as coisas por lá.

— Eu quero trabalhar no caso — Della insistiu. — O fantasma quer que eu trabalhe nisso.

— Quer nós dois — disse Chase.

Burnett concordou.

— Vou conseguir mais informações sobre Liam e passá-las a vocês antes de começarem.

Eles se voltaram para a porta e estavam quase saindo quando Burnett falou novamente.

— Della? Posso falar com você um segundo?

Chase olhou para trás e franziu a testa, como se não gostasse de ser deixado de fora.

— Pode ir — Burnett disse a ele.

Chase acenou para a vampira antes de sair. Della, de repente inquieta, voltou ao escritório de Holiday.

Burnett esperou Chase se afastar antes de falar.

— Duas coisas. Em primeiro lugar, há alguma coisa sobre a sua tia que eu deveria saber?

Della franziu a testa.

— Não. Se eu for procurá-la e começar a fazer perguntas, ela vai contar ao meu pai e ele... isso pode causar problemas. — Incrível como aquilo podia parecia simples, mas doer tanto. — Meu pai já não tem nenhuma confiança em mim, então, qualquer comportamento suspeito só vai fazer com que eu pareça ainda mais uma filha drogada e problemática.

Burnett assentiu, não muito feliz, mas aparentemente resignado com a resposta.

— Outra coisa. — Ele fez uma pausa, como se escolhesse as palavras com cuidado.

— O quê? — ela insistiu, a pausa matando-a de ansiedade.

— Quando liguei para você mais cedo, para passar as informações que tinha obtido sobre Liam, e você não respondeu, achei que estivesse com Steve. Liguei para ele e disse que você tinha mencionado que iria vê-lo. Disse também que havia acabado de sepultar o seu primo. Ele ficou chateado por você não ter dito nada. Talvez você queira ligar para ele agora.

Della concordou com a cabeça. Seu estômago se contraiu. Como ela iria explicar aquilo a Steve? *Ah, eu estava vindo para cá, mas Chase apareceu, então fui para a casa dele em vez disso.*

Ah, maldição! Não importava que nada tivesse acontecido. Ela estava enganando Steve novamente. Qual era a outra opção? Mentir?

Não, se ele descobrisse, isso só iria deixá-lo ainda mais magoado. E Steve acharia que ela estava escondendo algo porque... porque era culpada. Ela não era culpada, então por que estava se afogando em culpa agora?

Era justo continuar fazendo aquilo com ele? O pensamento a deixou desconfortável. Mas ele não estava fazendo aquilo com ela, também? Passava de segunda a quinta no consultório do veterinário, trabalhando lado a lado com Jessie. Jessie, que não estava ligada a Steve, mas definitivamente morria de paixão por ele.

Percebendo que Burnett estava olhando para ela enquanto chafurdava na autopiedade, deu um passo para trás em direção à porta.

— Obrigada... Vou ligar para ele.

Della saiu, suas últimas palavras se repetindo na sua cabeça. *Vou ligar para ele. Vou ligar para ele.* E ela iria, tão logo descobrisse uma forma de explicar por que não tinha ido vê-lo.

Della estava a meio caminho da cabana, quando se desviou da trilha e se escondeu atrás de um amontoado de árvores. Pegou o celular. Ela tinha que fazer aquilo da maneira certa. Olhando fixamente para o aparelho, de repente achou estranho que Steve não tivesse ligado. Se ele sabia que Della tinha enterrado Chan, deveria ter ligado para ver como ela estava. Não ligar não era o estilo de Steve.

Será que ele já estava com raiva dela? Com raiva porque ela não tinha ligado e contado que o primo estava sendo enterrando? Ou ele tinha adivinhado que ela estava com Chase? *Eu não fiz nada!* Ela começou a preparar sua defesa.

Um sentimento de pavor começou a brotar em seu peito quando percebeu que, mesmo sem ter feito nada, o simples fato de ter buscado o conforto de Chase iria magoar Steve.

Sua cabeça dizia o que ela precisava fazer — deixá-lo livre —, mas seu coração se recusava a aceitar isso.

Ela engoliu um nó de dor e ele caiu como uma pedra em seu estômago.

Respirando fundo, sua mente ainda hesitante, Della discou o número de Steve.

Tocou uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

Então a ligação caiu no correio de voz.

— Oi... Estou em Shadow Falls... Burnett disse que ligou para você e... Me liga, está bem?

Ela fechou o telefone e os olhos por um segundo. Steve sempre respondia às suas chamadas.

Talvez ele estivesse ocupado com um paciente. Uma emergência de algum tipo. Um cão que tivesse engolido uma meia, um lobisomem com um espinho na pata. Isso era o que ela queria acreditar. O que ela iria acreditar até... até que descobrisse algo diferente. Ela simplesmente tinha problemas reais demais para começar a imaginar mais um.

— Merda! O que Burnett disse? — perguntou Kylie.

— O que ele disse antes ou depois de nos passar um belo sermão? — Della perguntou, agradecida pelas suas duas colegas de quarto e melhores amigas terem dispensado o almoço para conversar com ela. Às vezes a solidariedade e a compreensão das duas eram a única coisa que a impedia de desabar.

— Caramba! — exclamou Miranda. — Os sermões de Burnett me lembram a carne assada da minha mãe, dura e difícil de engolir.

Della pegou a lata vazia de Coca Diet e apertou-a até transformá-la numa bola. Ela tentou dormir como Burnett tinha mandado, mas não tinha conseguido. Apesar de estar um farrapo, contou às amigas quase tudo sobre os lobisomens no cemitério, a caixa pulsando, o incidente com a foto.

Contou também que Chase tinha aparecido, desobedecendo às ordens de Burnett, e que ela tinha ido ver os arquivos na casa dele.

Ela só não tinha mencionado toda aquela coisa sobre ser Renascida — isso teria que esperar até outro dia —, desabafar muita coisa de uma vez podia debilitar um vampiro!

Della viu o celular em cima da mesa e se lembrou de que não tinha contado a elas sobre Steve, também. Mas isso porque não havia nada a dizer. E o fato de que já tinham se passado várias horas e ele não tinha ligado agora era um fardo duro e pesado em seu coração.

— Então os nomes apenas desapareceram completamente? — Kylie perguntou, intrigada com isso e por uma boa razão; fantasmas eram a especialidade de Kylie.

— Sim — disse Della.

Kylie refletiu um pouco.

— Eu acho que esses nomes nunca estiveram realmente escritos ali.

— Eu vi! — insistiu Della, pensando que Kylie seria a última pessoa a questionar isso.

— Eu não estou dizendo que seja mentira sua, só que o fantasma fez você pensar que os viu. Como uma espécie de visão. Você estava sentindo o fantasma quando viu os nomes?

Della se lembrou de ter sentido frio várias vezes enquanto estava no cemitério.

— Sim. — Ela pensou nisso por um momento. — Isso faz com que o que eu vi seja... menos verdade?

— Não — disse Kylie. — Fantasmas normalmente não mentem. Burnett vai deixar vocês visitarem os pais?

— Assim que receber o aval da UPF para que a gente trabalhe no caso. Ele deveria ter ligado, horas atrás. — Ela olhou para o telefone novamente e sua mente foi para a outra chamada que ela esperava. A de Steve.

Sentir sua própria angústia lembrou-a de ouvir Miranda chorando de madrugada.

Olhando para a bruxa, ela perguntou:

— Você abriu mão da sua promessa para que possa nos dizer o que está acontecendo?

— Abrir mão de que promessa? — perguntou Kylie.

Della, ansiosa para deixar de lado seus problemas e se concentrar nos de outra pessoa, olhou para Kylie.

— A nossa bruxinha aqui está fazendo segredo conosco.

Com as duas amigas olhando fixamente para ela, Miranda se encolheu na cadeira, cheia de culpa.

Della apontou para a bruxa.

— Ela estava chorando às três da manhã, mas disse que não poderia contar o que estava errado, porque tinha prometido a alguém que não iria falar nada.

— Qual o problema, Miranda? — A preocupação era evidente nas palavras de Kylie.

— Eu ainda não posso falar sobre isso. Não até...

— Até o quê? — perguntou Della.

— Até que alguém diga alguma coisa. — Miranda olhou para Della.

E, de repente, Della teve a sensação de que aquilo tinha a ver com ela.

— Você sabe que não vamos contar a ninguém — assegurou Kylie.

— Eu sei. — Depois de olhar para as mãos, Miranda voltou a olhar para Della.

— Isso tem alguma coisa a ver comigo? — perguntou Della, esperando que estivesse errada, porque do contrário iria realmente ficar brava.

Seu foco em Miranda se desviou rapidamente quando ela ouviu passos na frente da cabana. Ela inclinou a cabeça para ouvir a cadência dos passos e imediatamente soube quem era.

Capítulo Catorze

A batida que Steve deu na porta soou muito alta. Della pensou em se esconder e dizer às duas amigas para mentirem.

— Entre! — Kylie gritou antes que Della pudesse pôr seu plano em prática.

Steve abriu a porta. Della pousou os olhos nele. Então Miranda soltou um suspiro estranho. Voltando a olhar para Miranda, Della viu culpa brilhando nos olhos da garota. Merda! O que quer que a bruxinha estivesse escondendo não envolvia apenas Della, mas tinha algo a ver com Steve, também.

— O que está acontecendo? — Della murmurou para a bruxa.

Miranda afundou mais na cadeira como se a culpa estivesse pesando sobre ela.

— Posso falar com você? — perguntou Steve, e seu tom de voz fez o coração de Della acelerar.

Ela olhou para Steve, realmente olhou, e a mágoa nos olhos dele foi um golpe tão duro no coração que Della não teve nenhuma dúvida de que tinha deixado uma marca ali.

Ela respirou fundo, mas seus pulmões só aceitaram um pouquinho de ar, fazendo sua respiração estremecer. Ela não tinha ideia do que se tratava, mas de alguma forma, uma coisa estava muito clara. Steve sabia que ela tinha estado com Chase.

Eu não fiz nada errado. Eu não sou culpada. Mas maldito seja se ela não se sentia como se tivesse sido empanada e depois frita numa culpa profunda!

— Eu não vou prendê-la por muito tempo — disse ele, o tom sombrio da voz ecoando na cabeça dela.

— Claro. — Ela pegou o celular para não perder a ligação de Burnett, uma ligação que mais uma vez a aproximaria de Chase.

Duas escolhas, sua mente gritava. *Deixe Steve ir ou se recuse a trabalhar com Chase.*

Ela se levantou, sabendo o que tinha que fazer. O medo e uma dor que deixava seus nervos em farrapos transbordavam do seu coração e enchiam seu peito, espalhando-se pelos seus membros e percorrendo todo o seu corpo, dos pés até o couro cabeludo. Até seu dedo mindinho doía.

Ela era um metro e sessenta de nada além da mais pura dor. Mas a única coisa que doeria mais do que perder Steve era saber que ela o estava magoando.

Decisão tomada. Pronta para dar a cara a tapa, ela seguiu Steve.

Ele a conduziu através dos bosques. Parecia saber aonde estava indo. Ela nem sequer reparou na direção, apenas o seguiu, o coração e a mente concentrados no que tinha que dizer.

Steve não falou nada, nem ela. O barulho dos seus passos parecia ser engolido pelas árvores, como se eles respirassem som, não ar.

Ele parou num local perto da lagoa onde nadavam, abandonado agora pela maior parte dos campistas por causa do frio do outono. Os vampiros, mais resistentes à temperatura do que os outros, ainda visitavam o lugar, mas não com tanta frequência. Tudo parecia muito mais divertido quando os outros campistas estavam presentes.

Hoje, no entanto, não havia sons de risos ou água espirrando. A água estava parada, um espelho para as árvores vestidas para o outono. Amarelo e laranja e um tufo ocasional de folhas vermelhas refletiam a quietude tranquila do lago. Della tentou extrair alguma calma da paisagem que alguns achavam bela. Não conseguiu. O outono significava a morte das folhas, e Della sentia que uma parte dela morreria ali também.

O som da respiração de Steve fez Della desviar os olhos da água e olhar para ele.

Seus olhos castanhos refletiam arrependimento, tristeza, dor. E culpa também?

— Não dá mais. — Eles falaram ao mesmo tempo e as mesmas palavras.

Della viu no rosto de Steve a mesma surpresa que ela sabia que estava estampada no rosto dela. Sua garganta apertou.

— Eu não fiz nada errado. — Ela não sabia por que estava dizendo aquilo, mas sentia que era importante. Steve não merecia se sentir traído.

E talvez ela não quisesse ser vista como alguém que traía, também.

Ele deu um passo mais para perto. Tão perto que podia tocá-la se quisesse. Ele não quis. E isso quase a levou às lágrimas.

— Não aconteceu nada entre...

— Eu sei. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. Arrastou os pés e olhou para o chão, mas não antes que ela visse novamente um brilho do que parecia ser culpa. Um pensamento desagradável a atingiu... será que Steve a havia traído? Teriam ele e Jessie ficado juntos? E se ela tivesse errado em confiar nele?

— Você? — perguntou ela, e não teve que dizer mais nada. Quando Steve olhou para cima, Della soube que ele tinha entendido a pergunta.

— Não. Deus, não. — Havia sinceridade na voz dele e ela acreditava em Steve.

Ele suspirou e passou a mão no rosto.

— Você estava morrendo, Della — Steve declarou como se fosse um texto ensaiado, mas ele tivesse esquecido o começo. — Naquele dia, quando Chase me ligou... ele me disse que vocês dois ficariam ligados. Eu nunca tinha ouvido falar em nada parecido, mas também sabia que não importava. Se isso significasse que eu não ia perder você, eu aceitaria. Mas agora...

Os olhos dele ficaram mais escuros e os de Della se encheram de lágrimas.

— Você não me perdeu — ela disse. De repente ela queria tudo de volta. Ela não podia perdê-lo.

— Não completamente, mas...

Quando ele não continuou, ela disse:

— Você me disse que não deixaria essa coisa da ligação entre mim e Chase mudar as coisas — ela o lembrou, mesmo sabendo que era melhor deixá-lo ir, mesmo que ela tivesse aceitado que isso tinha que acontecer, mas por alguma razão ainda parecia errado.

— Eu sei, e pensei que conseguiria. Mas quando eu penso em você e ele...

— Eu não fiz nada. Nós não...

Ele tirou a mão do bolso e pressionou um dedo sobre os lábios dela.

— Eu sei. — Seu toque quente trouxe mais lágrimas aos olhos dela e ela sentiu algumas deslizarem de seus cílios e escorrerem pela bochecha. — O que temos... — ele acenou com a mão — é real e eu quero isso mais do que você imagina. Mas existe algo... algo entre você e Chase, também. Eu vi isso na maneira como vocês dois se olharam hoje.

Ele tinha visto isso? Visto hoje?

— O quê...? Como...?

— Quando Burnett me ligou e você não apareceu, fui até a casa de Chase. Eu o tinha seguido até ali um tempo atrás.

Della se lembrou do pássaro, o mesmo que Chase apontara para ela, e agora ela sabia que era Steve.

— Você tem tão pouca confiança em mim que...

— Não é em você que eu não confio. É em Chase. É essa coisa toda da ligação... Eu esperei semanas para que você pudesse me assegurar de que não é real, que não significa nada, mas você nunca fez isso.

Ele passou a mão na testa.

— Não que eu possa culpá-la por isso, também. Você não queria mentir para mim e, quando eu vi o jeito como vocês dois se olharam, eu percebi que não dava mais pra mim.

Ela sentiu a necessidade de dizer alguma coisa, mas o quê? Então ela não falou nada, apenas ficou ali e ouviu enquanto ele lhe dizia adeus.

— Nessas últimas semanas eu só consegui pensar em você e ele. Segurando a respiração, esperando que o inevitável acontecesse. Eu resolvi segui-lo por aí. Estava tão consumido de ciúme que não conseguia pensar direito. Eu não sou assim. Eu odeio me sentir assim. — Ele passou a mão sobre o rosto outra vez. — Durante toda a minha vida, eu me senti como se estivesse em segundo lugar em comparação à carreira dos meus pais. Aos sonhos e objetivos deles. Eu não quero mais ficar em segundo lugar na vida de ninguém.

Nossa, aquilo doeu.

— Você acha que está em segundo lugar? Como poderia...?

Ele a ignorou e continuou:

— Lembra quanto tempo levou para você aceitar falar comigo? E então... — Ele fez uma pausa como se admitir a verdade fosse muito difícil, como se ferisse seu orgulho. — Chase chega e, sem fazer nenhum esforço, tem você na palma da mão. Eu não quero competir pela sua afeição.

Ela enxugou as lágrimas do rosto.

— Não é uma competição.

— É o que parece. — Ele voltou a enfiar as mãos nos bolsos. — Além disso, você acabou de me dizer que para você também não dá. Você sabe que eu tenho razão.

— Sim. — *Mas por razões diferentes.* Ela não iria deixá-lo ir porque não podia confiar nele, mas porque achava que o estava magoando.

Steve soltou um longo suspiro, do fundo do coração.

— Precisamos dar um tempo.

Tempo? Mais algumas lágrimas escorreram dos olhos dela. Parecia que ele tinha percebido, porque começou a estender a mão em direção a ela.

— Não. — Confusa, a vampira estendeu a mão para deter o toque dele. Ele não estava rompendo com ela? Querendo dar um tempo? Aquilo parecia... errado.

Steve tentou tocá-la novamente.

— Eu estou bem. — A voz dela tremeu junto com seu coração ao dizer aquela mentira deslavada, mas ela se agarrou a pouca força que lhe restava. Não importava o quanto aquilo doía, ela tinha que aceitar que era o melhor.

Ele balançou a cabeça e novamente olhou para longe, como se se esforçasse para encontrar alguma coisa para dizer. Mas ele já não tinha dito?

— Estou indo embora — Steve finalmente deixou escapar.

Ela não tinha pensado que poderia sentir mais dor, mas aquelas palavras conseguiram essa façanha. Steve estava indo embora. Ela não iria mais vê-lo. O coração dela deu um salto mortal dentro do peito.

As perguntas saíram da sua boca antes que ela pudesse contê-las.

— Indo embora de Shadow Falls? Por quê? Para onde?

— Para a França. Uma escola em Paris. Especialmente para metamorfos. É muito elitizada, só convidam dois ou três por ano, e eu e Perry fomos convidados para assistir a algumas aulas especiais.

Ela notou um pouquinho de orgulho na voz dele. Steve estava animado. Tinha o direito de estar, ela disse a si mesma. No entanto, toda aquela dor se agitou dentro dela até que sentisse raiva.

— Desculpe por não dar os parabéns. — A voz dentro de sua cabeça dizia que sua raiva não se justificava. Ou será que sim? — Há quanto tempo você recebeu o convite? — A pergunta saiu como uma acusação.

Ele olhou para ela, confuso — ou seria culpa de novo?

— Quanto tempo?

Quando ele não respondeu, ela expressou seus pensamentos em voz alta.

— Você não está usando essa coisa toda de “Chase” só para justificar que está indo embora?

Steve balançou a cabeça.

— Eu descobri há um mês, mas ainda não tinha decidido se iria.

Ele sabia daquilo havia um mês? Um mês que ele tinha feito tudo para conquistar o coração dela, roubando beijos, fazendo-a gostar dele, e o tempo todo pensando em ir embora?

Ela fechou os olhos por um segundo, enfrentando um enxame de emoções. As palavras dele finalmente fizeram sentido. Della abriu os olhos.

— Espere, você disse que Perry está indo com você?

Ele confirmou com a cabeça.

— É um privilégio ser convidado. Ele não podia recusar.

Ela pensou em sua companheira de alojamento/melhor amiga perdendo seu amado Perry. A bruxa iria ficar superinfeliz, inconsolável. E Della ficaria com ela. Inferno, Della iria até sentir falta de Perry!

Steve apenas ficou ali, olhando para ela. Della piscou para afastar mais algumas lágrimas, sabendo que era isso que sua companheira de alojamento estava escondendo. Felizmente, ela se sentia tão arrasada por causa de Steve, por causa do que Miranda estava sentindo, que não tinha nenhuma vontade de repreender a garota por guardar segredos.

Não. Toda a sua angústia estava projetada numa só direção. No metamorfo sexy na frente dela.

— Divirta-se na França. — Ela se virou para ir embora, mas o ouviu chamar o nome dela. Por alguma razão desconhecida — talvez masoquismo —, Della se virou.

— Isso não tem nada a ver com a escola, Della! Eu queria ir para lá? Droga, sim. Eu me sinto dividido entre ir e deixar você? Sim. Mas então me ocorreu que não era apenas a falta que você me faria que me fazia não querer ir. Era o medo de te perder. Perder você para Chase. E foi aí que eu comecei a questionar tudo. E então vi vocês dois olhando um para o outro e eu soube... Eu soube que, mesmo que eu recusasse a oportunidade de estudar fora, havia uma boa chance de eu perder você de qualquer maneira. Existe algo entre vocês dois e você precisa descobrir o que é. E eu não posso ficar aqui assistindo tudo sem enlouquecer.

Ela assentiu com a cabeça, sem lhe oferecer nada além daquilo. Mas se Steve queria que ela dissesse que tudo bem — tudo bem que ele tivesse feito com que ela baixasse a guarda, passasse a gostar dele, sabendo o tempo todo que estava indo embora —, bem, Della não podia dizer que estava tudo bem!

Um mês antes, ela poderia tê-lo deixado ir e não doeria tanto, se ao menos ele tivesse contado. Se ao menos ele não tivesse invadido suas corridas noturnas. Invadido sua vida. Invadido seu coração.

Steve começou a falar e ela teve que se concentrar para ouvir suas palavras, porque dentro dela tudo o que podia ouvir era seu coração se partindo.

— As aulas podem durar de três semanas a seis meses — disse ele —, dependendo do nosso aproveitamento. Há uma chance de que eu seja aceito para o curso completo e isso significaria quatro anos, mas é uma chance muito pequena. — Os olhos dele ficaram úmidos de emoção e o nó na garganta que ela sentia dobrou de tamanho.

Não importava por que ele estava indo embora, ou se ele estava certo ou errado, ainda assim estava machucando. Mas a culpa era dela? Steve é que tinha iniciado os beijos em todas aquelas corridas tarde da noite!

Mas agora ela via uma dor verdadeira nos olhos dele. E, caramba, ela ainda se preocupava com ele. Se preocupava por ele estar sofrendo.

Um raio de dor atingiu seu peito. Como a dor dele podia machucá-la mais do que a sua própria?

Ela queria desmoronar ali mesmo no chão e soluçar. Não, não apenas soluçar, mas implorar para que ele não fosse. Implorar para que ele entendesse toda aquela coisa da ligação quando ela mesma não entendia. Será que aquilo era justo?

— Acho que vou estar de volta daqui alguns meses — disse Steve. — Talvez... talvez enquanto eu estiver fora você possa... — Ele olhou para os próprios pés por um segundo. — Você precisa descobrir exatamente o que é essa coisa de ligação. Talvez então a gente possa... ver como ficam as coisas.

Ela não sabia o que dizer. Mas aqueles montes de “talvez” a feriam. Doía demais pensar, mas muito menos do que tentar formar palavras.

O celular tocou e ela sabia que era Burnett dizendo que era hora de ir.

Della nem sequer atendeu.

— Eu tenho que ir — disse ela, e foi o que fez.

Um salto e ela já estava no topo das árvores. Deixou para trás o silêncio do lago. Deixou para trás Steve.

Será que ele ainda a procuraria para se despedir? Ou esse era um adeus? Ela o ouviu gritar seu nome, mas dessa vez não olhou para trás.

Capítulo Quinze

Kylie e Miranda sentaram-se na varanda da cabana, esperando, preocupadas, Della voltar. Quando ela subiu as escadas, viu marcas de choro nos olhos de Miranda. Marcas muito parecidas com as que ela própria teria se não tivesse parado alguns segundos para limpar as evidências.

Della viu a dor nos olhos de Miranda. Será que ela tinha contado a Kylie sobre Perry? Provavelmente.

Della teria gostado de pegar outra Coca Diet e se solidarizar com a bruxa, ou talvez até mesmo extravasar um pouco de raiva por ela guardar segredos, mas não se daria esse luxo. E sua conta bancária emocional já estava no negativo.

O telefonema era de Burnett, e ele tinha mandado que ela estivesse no escritório em quinze minutos. Ela tinha exatamente dez minutos agora para limpar o rosto um pouco mais e enterrar o turbilhão emocional.

Parando na frente das duas amigas, disse:

— Burnett me ligou e eu não tenho tempo para conversar. Desculpe.

— Mas você está chateada. Precisa desabafar — insistiu Miranda, enquanto mais lágrimas se acumulavam em seus grandes olhos verdes. Olhos que mostravam tanta preocupação com Della quanto tinham demonstrado com a sua própria dor.

— Eu estou bem — insistiu Della. Ela começou a se afastar, depois parou e olhou para Miranda, que tinha se levantado para olhar para Della com a testa franzida. — E você vai ficar bem, também.

Miranda assentiu.

— Nós vamos passar por isso juntas, certo?

— Certo — disse Della, e como ela não tinha escolha, deixou a bruxa lhe dar um abraço, por um segundo. Então correu para dentro e fechou a porta do quarto, permitindo-se um minuto de autopiedade.

Três minutos depois, já saía pela porta da cabana — acenando para suas duas melhores amigas, mas sem lhes dar tempo para dizer coisa alguma. A culpa por deixar Miranda em plena crise se esgueirou dentro dela, mas Kylie estava com Miranda, disse a si mesma. E Kylie era excelente em consolar pessoas. A camaleão sempre sabia o que dizer, enquanto Della sempre dizia a coisa errada.

Além disso, enterrar toda aquela dor excruciante tinha sido difícil, mantê-la enterrada seria mais difícil ainda. Falar sobre aquilo com suas melhores amigas só iria tornar tudo mais doloroso. Deus, ficar perto de Chase seria pior ainda! Mas ela se esforçaria ao máximo. Ela tinha que se esforçar. Poderia se desesperar depois. Poderia consolar Miranda depois. O problema de Natasha — cara a cara com a morte — fazia os problemas de Della e da amiga parecerem pequenos. E era isso que Della precisava saber para se concentrar, antes que fosse tarde demais.

Burnett informou que Derek não tinha encontrado nenhuma foto das garotas em nenhum dos sites de mídia social. Aquilo era muito estranho. E depois de uma conversa unilateral em que Burnett expôs suas regras sobre segurança e avisou que seu toque de recolher era oito da noite, Della seguiu Chase até o estacionamento onde estava o carro azul brilhante. Burnett tinha insistido para que andassem de carro durante o dia. Ele devia ter dito isso a Chase quando ligou para ele, porque era o mesmo carro que estava estacionado na casa dele.

Chase acionou a chave para destrancar o veículo. Della observou o modelo dessa vez. Um Camaro. Deslizou pelo couro macio do banco do passageiro, que gritava “caríssimo” ao lado do nome do carro.

Ela quase pisou num estojo grande no assoalho.

— Desculpe — disse ele. — Eu trouxe minha câmera. Posso colocá-la na parte de trás.

— Pode deixar. Tenho muito espaço para colocar os pés.

Quando Chase se sentou atrás do volante, ela olhou para a frente. Aquelas tinham sido as primeiras palavras que ela tinha falado para ele.

Della não tinha tido chance... no momento em que entrara no escritório onde Burnett e Chase estavam, Burnett tinha começado a falar. Durante a ladainha do líder do acampamento, ela sentiu Chase estudando-a. Engoliu em seco e tentou manter o rosto impassível, escondendo quaisquer vestígios de dor.

Ela ainda podia sentir o olhar dele. Chase ligou o carro. O motor roncou. Ela ouviu outro barulho suave de vibração e a capota do carro começou a baixar. Uma brisa fresca jogou alguns fios de cabelo no rosto dela.

Ela olhou de relance para o lado do motorista e buscou um assunto que estivesse o mais longe possível da dor pulsante que latejava em seu peito.

— Bonito estojo para uma câmera. Provavelmente tem uma boa câmera dentro — disse ela, olhando para o chão. — Belo carro. Ela olhou para o céu azul, preenchido com algumas nuvens brancas. — Bela casa a que você mora, também. Será que o Conselho dos Vampiros paga tão bem assim ou você já era rico?

Parecia que ele não iria responder, mas depois ele deslizou a mão pelo volante com um certo orgulho masculino.

— Eu mesmo paguei por este carro. A cabana é alugada, mas estou pensando em comprar. O Conselho não paga muito bem.

— Então, você já era rico, certo?

Ele deu de ombros.

— Não eu. Meus pais. Como para o mundo humano, eu estava morto também, Jimmy, que me encontrou, conseguiu dar um jeito. Todo o dinheiro do meu pai e a indenização do seguro de vida foram para um estudo clínico que meu pai estava ajudando a financiar. Mas quando fiz 18 anos, Jimmy entregou-o a mim.

— Foi Jimmy quem criou você? — ela perguntou. — O sobrenatural que não tem registro na UPF?

Chase assentiu com a cabeça e ela podia jurar que ele tinha se encolhido um pouco como se estivesse arrependido de ter contado a ela sobre Jimmy. E isso só a fez querer saber mais. O que Chase estava escondendo? E por quê?

— Esse Jimmy conheceu o seu pai? — perguntou ela, determinada a desenterrar todos os segredos de Chase.

Ele saiu do estacionamento. Seus ombros estavam tensos. Não iria responder? Estaria tentando inventar uma mentira?

— Sim. Eles se conheciam — ele disse finalmente, sua voz misturada com o ronco do motor.

O carro ganhou velocidade. O cabelo de Della voou na frente do rosto.

Para que pudesse enxergar e estudar a expressão dele, ela o jogou por sobre o ombro e segurou-o com a mão. Se Chase mentisse, ela conseguiria detectar.

Ele fitou a estrada, mas continuou a falar. Ela manteve os olhos no rosto dele e encolheu as pernas para não pisar na câmera.

— Eles se conheciam havia quase um ano. — Ele não pestanejou e não pareceu vacilar.

Será que ela acreditava nele? Sim, por algum motivo, acreditava.

— Seu pai sabia que Jimmy era um vampiro? — perguntou ela, sentindo que, se tinha respondido a uma pergunta, ele poderia responder outras.

Ela viu seu pomo de adão subindo enquanto ele engolia. Será que era difícil para Chase responder àquela pergunta? Se era, por quê?

— Jimmy trabalhou meio período com o meu pai numa clínica. Ele descobriu que o meu pai era portador do vírus. Foi sincero com ele.

— E seu pai acreditou? Quer dizer, Jimmy simplesmente disse: “Ei, eu sou um vampiro e você é um portador de um vírus que pode transformá-lo em vampiro também”. Isso não parece muito realista. — Quantas vezes ela tinha pensado se conseguiria contar aos pais sobre si mesma?

Chase olhou para ela e quase sorriu, antes de voltar a olhar para a estrada.

— Jimmy disse que ele poderia provar que estava falando a verdade. Ele convenceu meu pai a dirigir até uma estrada rural em algum lugar. Então levantou voo e, quando isso não o convenceu, ele levantou o Porsche do meu pai. Aquilo chamou a atenção dele. Ninguém mexia com o carro do meu pai.

A risada na voz de Chase revelava a admiração que sentia pelo pai, e Della se perguntou se seria por isso que Chase tinha comprado aquele carro — porque o pai teria gostado.

Chase estava com os olhos na estrada, fazendo as curvas e trocando as marchas com agilidade. O motor ronronava. Della não era ligada em carros, mas tinha que admitir que tinha gostado daquele. Da potência. De como Chase o dirigia. Do seu cabelo ao vento, da confiança que irradiava sentado no banco do motorista e trocando as marchas.

— Eu adoraria ter visto a expressão do meu pai — disse Chase, aparentemente ainda com o pai na cabeça. — Levou meses para que ele concordasse que fôssemos testados.

— Quem foi testado? — perguntou Della.

— Minha irmã e eu. — Ele olhou para a estrada e as mãos apertaram o volante. — Era do local do teste que vínhamos quando o avião caiu.

Ele nunca tinha falado tanto sobre si mesmo, e ela quase se sentia sedenta de informações, querendo mais.

— Jimmy é um Renascido?

Chase ergueu os ombros como se ele de repente se sentisse desconfortável com a conversa.

— Sim. — Ele desviou os olhos para ela. — No porta-luvas tem coisas de prender o cabelo, se quiser.

Então, você já levou outras garotas para passear neste carro? Ela afastou o pensamento e voltou a se concentrar na conversa.

— Ele é, é quem... Você está ligado a Jimmy?

— Sim — disse ele.

Ela deixou que o pensamento desse voltas na sua cabeça.

— Como é que é isso?

— O quê? — ele perguntou.

— Ser ligado a duas pessoas... — Ela olhou no porta-luvas e pensou em pegar uma daquelas coisinhas de cabelo. — A quantas pessoas você é ligado?

Chase olhou para ela, seu sorriso diferente dessa vez, quase como se tivesse lido a mente dela.

— Cuidado, quase parece que você está com ciúme.

Não era ciúme, ela queria insistir, mas não conseguia pensar em como explicar o que era. Inferno. Ela não conseguia explicar porque não entendia.

— Eu só estou curiosa para saber como isso funciona — Della rebateu. O vento fez voar mais alguns fios do seu cabelo, que açoitaram sua bochecha. Ela devia estar acostumada com o cabelo no rosto, mas, obviamente, ficar sentada no vento era bem diferente de voar sentindo o vento.

Inclinando-se para a frente, ela abriu o porta-luvas. Um pacote fechado com três elásticos de cabelo se encaixou nas pontas dos seus dedos.

— Eu os comprei no caminho para cá, quando Burnett disse que tínhamos de ir de carro. Minha irmã odiava quando meu pai baixava a capota. E o dia estava bonito demais para não dirigir com ela abaixada.

Então nada de garotas?

— Obrigada — ela disse, e então, por algum motivo, desejou não ter dito. Ser grata a ele parecia errado quando ela estava tão arrasada... *Agora não era hora!* Ela precisava pensar em Natasha.

Depois de pegar um elástico da embalagem, ela devolveu os outros para o porta-luvas e puxou o cabelo para trás. Um novo raio de sol se infiltrou por uma nuvem branca e aqueceu o rosto de Della.

Chase olhou para ela, seu sorriso já se fora.

— Eu só estou ligado a Jimmy e a você.

Della tinha tantas perguntas na ponta da língua! E não apenas para compreender Chase, para descobrir seus segredos, mas para entender o que estava acontecendo com ela.

— Com quantas pessoas um vampiro pode se ligar? Quantos Renascidos ele pode salvar?

— Isso na verdade não foi comprovado — disse ele, voltando a se concentrar exclusivamente na estrada.

— Com quantos esse Jimmy tem ligação?

As mãos dele apertaram o volante, a pergunta sem dúvida o deixava desconfortável. Ela percebeu que ele ficava mais à vontade para falar sobre si mesmo do que sobre Jimmy. Ele estaria com medo de que ela passasse para Burnett a informação sobre um vampiro não registrado?

Por um segundo, Della quis contar a ele sobre seu tio e que ela também não tinha falado a Burnett sobre ele porque também temia que ele pudesse não ser registrado, mas ela não estava pronta para se abrir tanto.

Afinal, confiança era algo a ser conquistado. E Chase ainda tinha de conquistar a dela. Mas estava chegando perto, disse uma voz dentro dela. Ele estava respondendo às suas perguntas.

— Eu não... Eu não me importo se Jimmy é registrado ou não. Preciso saber tudo isso por mim — assegurou ela.

Você precisa descobrir exatamente o que é essa coisa de ligação. As palavras de Steve ecoaram dentro dela.

— Eu preciso saber — Della repetiu, mais uma vez afastando a dor.

Chase não olhou para ela, mas seus ombros relaxaram.

— Jimmy é ligado a três pessoas, mas da última vez ele quase morreu. E...

— E o quê? — perguntou ela quando Chase parou de falar.

Ele suspirou.

— Cada vez que um Renascido se liga a alguém, ele abre mão de um pouco do seu poder. Jimmy está quase se tornando um vampiro comum agora. Ele não pode se dar ao luxo de fazer isso novamente.

Della digeriu aquilo.

— Você... perdeu um pouco do seu poder quando se ligou a mim?

— Um pouco. — Ele se inclinou para a frente para ver a placa da autoestrada à distância, então acelerou e ultrapassou um carro para pegar a rampa.

Então Chase não só tinha sofrido, como desistido do seu poder? E considerando como ele dirigia, ela tinha um palpite de que poder significava muito para ele. Chase mal a conhecia. Por que tinha feito aquilo?

— Você não deveria ter... — Ela caiu para trás no assento. — Eu ainda acho que eu poderia ter conseguido sozinha.

— Nós todos queremos pensar assim. — Ele desviou o olhar para ela de novo e a vampira viu emoção em seus olhos. — Eu não me arrependo — disse ele num tom de voz terno.

Ela não queria ternura nenhuma.

Chase trocou a marcha e Della viu como ele fazia isso com facilidade.

— Você sabe dirigir? — ele perguntou, provavelmente por vê-la observando-o.

— Claro.

— Trocar marchas?

— Não.

— Eu vou te ensinar.

— Não precisa — disse ela, mas não podia negar que parecia mais divertido do que dirigir um carro automático. — Eu não quero destruir o seu carro.

— Se você fizer isso, eu simplesmente compro outro.

— Pare — disse ela.

— Parar com o quê?

— De ser bonzinho.

Ele riu.

Ela desviou a atenção de Chase e de sua amabilidade e olhou para os arquivos enfiados entre os bancos — os arquivos com os endereços das duas Natashas.

Pelo menos descobririam o sobrenome da Natasha de sua visão em breve. Será que isso ajudaria a encontrá-la? Por alguma razão o fantasma parecia pensar que sim. E Della poderia ter uma esperança.

Encontre Natasha.

Della estremeceu ao som da voz. Dessa vez ela não se perguntou se realmente tinha ouvido ou se estava apenas evocando a lembrança da voz.

Ela tinha ouvido. Sentiu os pelos da nuca se eriçarem, como se as palavras tivessem lhe causado um calafrio.

O fantasma estava ali.

Della olhou para o banco de trás. Vazio. Talvez o fantasma não estivesse realmente no carro, apenas na sua cabeça.

O motor do carro rugiu mais alto. Ela olhou novamente para Chase. As mãos dele seguravam o volante com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Você ouviu isso também, não é?

— Merda, ouvi... — disse ele, entendendo perfeitamente o que ela queria dizer. Então o carro disparou para a frente.

Como se tentasse ultrapassar o fantasma.

Mas, se o que Holiday e Kylie diziam sobre os fantasmas e sua obstinação era verdade, o Camaro de Chase não tinha nenhuma chance.

Capítulo Dezesseis

— Chegamos.

Menos de uma hora depois, Chase parou o carro em frente a uma casa térrea de tijolos vermelhos, com várias janelas, numa estrada de terra de uma cidadezinha nos arredores de Houston.

Maior do que a casa em que Della tinha crescido, esta tinha uma varanda que rodeava a casa toda, com um balanço de vime que oscilava ligeiramente com a brisa da tarde. Um grande carvalho, duas vezes mais alto do que a casa, erguia-se à direita da propriedade, e um balanço do pneu pendia de uma corda. Parecia envelhecido, como se tivesse sido brinquedo de alguém e essa criança já tivesse crescido.

Mas algo na casa evocava uma família, um lugar onde nas tardes preguiçosas de domingo pessoas que se amavam se reuniam na varanda para tomar sorvete caseiro. Della se lembrou de que também fazia isso no quintal da casa dos pais quando ela fazia parte de uma família amorosa. Ou na casa da sua tia Miao, quando eles iam jantar lá.

Afastando esse pensamento, ela observou os canteiros meio abandonados na frente da casa. O sinal de negligência dava a entender que todos aqueles momentos agradáveis tinham se perdido no tempo.

Será que era ali que Natasha tinha morado? Onde seus pais ainda viviam e choravam pela filha que pensavam estar morta? E que estaria mesmo morta se Della e Chase não conseguissem encontrá-la?

A tensão contraiu o peito de Della. Seria a tristeza que sentia com aquele lugar imaginado ou essa seria outra pista?

Ela quase perguntou a Chase se ele estava sentindo a mesma coisa, mas ficou preocupada com a possibilidade de ele achar que era loucura.

Os pneus do carro de Chase esmagaram o cascalho quando ele parou completamente. Ele desligou o motor e virou a cabeça para o lado no mesmo instante que ela, para ver se conseguiam captar algum som vindo de dentro da casa.

— Parece que não tem ninguém em casa — disse ela.

— Talvez estejam no trabalho — disse Chase. — Ou talvez estejam só descansando e não andando pela casa. O carro pode estar na garagem.

Ele baixou um pouco a cabeça e olhou com atenção a garagem anexa.

Aquele era um daqueles dias em que ela perdia a noção do tempo, então Della pegou o telefone para ver a hora.

— É quase cinco da tarde. — Soltando o telefone no colo, ela pegou os arquivos. — Esta é a casa dos Owen ou dos Brian?

— Dos Owen — respondeu Chase.

Della olhou para as informações que havia no arquivo — basicamente os nomes e endereço dos pais, o nome do cemitério onde um caixão tinha sido colocado numa cova para fazer os pais acreditarem que Natasha Owen estava morta. Era o mesmo cemitério que Chan e outros recém-criados tinham usado em seus funerais falsos. O mesmo em que o corpo de Chan estava realmente enterrado agora. Ela olhou através do para-brisa à luz do sol poente. O dia estava terminando. O céu já estava escurecendo.

— Você quer tocar a campainha só para ter certeza de que eles não estão? — ele perguntou.

Ela olhou para Chase. Eles não tinham pensado num plano infalível. Ela só queria verificar se um dos pais era oriental.

— Acho que sim — disse ela, sua mente agitada, ainda sentindo uma tristeza e uma solidão inexplicáveis. Era por causa daquela casa ou suas emoções com relação a Steve estavam finalmente tomando conta dela?

O olhar de Chase ficou em seus olhos por um segundo a mais do que o necessário. Ele se inclinou, aproximando seu rosto do dela... aproximando sua boca da dela. Ela recuou depressa, batendo o ombro na porta do carro.

— Eu não estava... — Com as sobrancelhas franzidas, ele se virou para pegar algo no banco de trás. Quando se afastou, deixou cair alguns papéis no colo dela.

— Eu estava apenas pegando isso. Achei que poderíamos dizer que estamos vendendo revistas para pagar uma viagem ao México, onde ajudar a construir casas para os pobres.

Irritada com a sua reação exagerada, Della murmurou:

— Então talvez seja melhor você avançar mais uns quarteirões e esconder o carro.

— Por quê? — perguntou.

— Porque pessoas que dirigem Camaros conversíveis não vendem revistas para ajudar os pobres. — Della se encolheu por dentro. Por que ela estava sendo tão antipática?

— Tudo bem. — A cara feia dele piorou. Chase desceu a estrada de terra e fez uma curva para que o carro ficasse fora do ângulo de visão de quem estava na casa. Quando estacionou, ele olhou para ela.

— Mas você está errada. Minha irmã e eu fazíamos isso duas vezes por ano. E provavelmente daria para cobrir todo o estado do Texas com a quantidade de revistas que minha mãe comprou. Claro, ela acabava doando-as para abrigos. A maioria mesmo antes de abri-las.

— Desculpe. — Ainda mais envergonhada, Della saiu do carro com as revistas na mão.

Ele fez o mesmo e, num piscar de olhos, estava do lado dela.

— Eu não achava que você fosse preconceituosa. O que você tem contra as pessoas com dinheiro?

— Eu não... sou preconceituosa. Me desculpe. — Della fechou a porta do carro e o barulho pareceu ecoar através da área arborizada que os rodeava. Sentindo-se quase observada, ela olhou ao redor, a placa de “lotes a venda” fincada no chão. Algumas árvores grandes e belas já tinham sido cortadas e jaziam mortas no meio do mato.

— Então é só comigo? — Chase se aproximou e ela deu um passinho para trás. Seu traseiro encostando contra o carro.

— Sim. É você. — Ela disse a verdade. — E tudo mais. Eu estou no limite.

— Você me culpa, não é? — A proximidade dele parecia desafiá-la.

Ela não se mexeu, não querendo que ele soubesse que a perturbava tanto.

— Culpo você pelo quê? — Ela inclinou o queixo e encontrou os olhos dele.

— Por Steve ir embora.

Della franziu a testa.

— Como você sabe?

— Hoje, depois que eu saí do escritório de Burnett, ouvi alguém dizendo que Steve estava partindo.

Emoção — raiva, mágoa, e talvez até mesmo culpa — vieram à superfície, saindo daquele lugar onde ela as tinha enterrado mais cedo. E a constatação de que Steve tinha dito a todos que estava indo embora antes de dizer a ela também foi um golpe no seu coração. Ela odiava pensar naquilo. Engoliu um nó que apareceu em sua garganta. Mas a maldita coisa não descia.

Ele só crescia cada vez mais.

— Sinto muito — disse Chase, tão perto que a respiração dele fez cócegas na testa dela.

Não foi preciso mais nada. Sua respiração e duas palavras foram suficientes para que todas as emoções viessem à tona e ela as despejasse em cima dele.

— Não minta. Você não sente muito. — Ela bateu no peito dele com a palma da mão.

Chase não se moveu. Ficou olhando para ela, em seus olhos, como se pudesse ler seu coração, sua mente e sua dor. E durante aquele segundo, ela achou que não havia segredos entre eles. Chase sabia tudo. Mais do que pretendia saber. Ele conhecia todos os fracassos dela, todos os seus pesares.

Ela não gostava da ideia de alguém conhecendo-a tão bem.

— Tem razão — disse ele, sua voz profunda e sincera. — Eu não lamento que Steve esteja indo embora. Eu não lamento que eu tenha uma chance de provar que você e eu pertencemos um ao outro. Mas não se atreva a duvidar que eu lamente ver o seu sofrimento. E a dor em seus olhos quando você entrou naquele escritório, a dor que você está se esforçando tanto para esconder agora, eu vi. Eu a sinto. E por isso, caramba, eu sinto muito.

Ela não sabia quando tinha começado a chorar. Della não chorava fácil. Mas tinha perdido Steve. E ainda assim, ali estava ela com Chase, algumas horas depois. Sentia-se culpada, dizia a si mesma que a única razão pela qual estava ali era o caso, mas no fundo sabia que era algo mais. Ela inclinou a cabeça para a frente, apoiando-a no peito de Chase e deixando cair mais algumas lágrimas. Ele passou os braços ao redor dela e a abraçou.

E por mais insano que fosse, ela se sentiu bem. Aquilo parecia tão certo! E, no entanto, ainda assim parecia errado. Terrivelmente errado.

Ela deu um passo para o lado, para longe do abraço, e limpou as lágrimas do rosto.

— Temos que ir ver se tem alguém em casa — disse ela, se esforçando para manter a voz firme. Chase balançou a cabeça, aproximando-se, e com um dedo, enxugou uma lágrima no rosto dela.

— Vai ficar tudo bem. Acredite em mim.

Ela se virou e começou a andar. Em seguida, uma constatação bateu forte dentro dela.

Bateu com toda a força.

Numa fração de segundo.

Ela acreditou nele. Mas não sabia o que era aquele “tudo bem” e o que significava. Porque tudo na vida dela estava mudando. Mais uma vez. E ela odiava mudança.

Ninguém atendeu na casa dos Owen, de modo que eles foram embora e decidiram ir à casa dos Brian, que ficava a cerca de 30 quilômetros de distância. Della não falou durante os primeiros quinze minutos. Nem Chase.

Tudo o que ela fez foi descansar a cabeça em seu peito. E deixar que ele a envolvesse em seus braços. Por que aquilo parecia mais do que um simples abraço?

A resposta veio. Veio com clareza. Porque ela se apoiava nele. Fisicamente. Emocionalmente.

Della Tsang não era de se apoiar nas pessoas. Pelo menos não em muitas pessoas. Definitivamente não em alguém que mal conhecia. Especialmente alguém que tinha praticamente causado o problema que agora a devastava.

Mas que inferno! Ela estava tão confusa!

Della olhou para os carros em movimento nas quatro pistas, suas emoções tão congestionadas quanto aquela autoestrada.

Um sedã verde costurava entre as pistas dois carros à frente. Os motoristas de Houston dirigiam como lobisomens tentando alcançar uma presa fresca antes que outro lobo ficasse com a melhor parte. De repente, ela reconheceu o trecho da autoestrada. Ficava a apenas alguns quilômetros do acesso para o seu bairro.

E foi então que se lembrou do dia em que estava no carro com seu pai e ele lhe ensinou a dirigir.

É como jogar xadrez. Você tem que ficar na ofensiva e na defensiva. Tem que adivinhar o que o motorista do carro ao lado vai fazer.

O engraçado é que ele nunca tinha perdido a paciência com ela, nem mesmo quando Della acidentalmente raspou a lateral na porta da garagem e passou por cima dos tacos de golfe dele. Seu peito ficou mais pesado quando se lembrou do que Derek tinha dito sobre o homem calmo e gentil que a tinha criado e a amava... costumava amá-la. A polícia suspeitava que ele fosse o culpado pelo assassinato da irmã, Bao Yu. Ele simplesmente não podia ser.

Ele nunca tinha batido nela ou na irmã. Ele não precisava. O olhar de decepção em seus olhos era castigo suficiente tanto para ela quanto para Marla. Logo em seguida, uma nova dor atingiu seu coração. Ela sentia falta deles. Sentia tanta falta que até doía.

Ela esfregou um dedo na têmpora, perguntando-se por que estava de repente pensando naquilo tudo.

— Droga! — Chase sibilou.

Della olhou de relance quando uma van vermelha entrou com tudo na pista de Chase. Ele desviou para a faixa da esquerda, os pneus guinchando, entre dois carros em alta velocidade. Em seguida, o motorista do carro na frente deles pisou firme nos freios. Chase fez o mesmo, e, então, para não bater na traseira do carro, ele puxou o volante com tudo, voltando para a outra pista. Buzinas explodiram ao redor deles.

Della viu o acidente em sua mente: carros com a lateria amassada, pessoas feridas, sangue, muito sangue. Mas Chase de alguma forma, só Deus sabia como, conseguiu evitar a batida.

Chase, as mãos ainda segurando o volante, murmurou um palavrão. Della, adrenalina correndo nas veias, ofegou.

Então ela olhou pela janela lateral e viu um Honda dourado se aproximando da sua janela. Em câmera lenta, viu o motorista começando a virar a cabeça.

— Merda! — Com sua supervelocidade de vampiro, ela tirou o cinto de segurança. Seu olhar dardejou para o assoalho do carro, já ocupado pelo enorme estojo da câmera cara. Ela fez a única coisa que podia para se esconder do outro motorista: se jogou sobre o console, entre a alavanca do câmbio e os assentos e batendo o rosto no colo de Chase.

— Ai! — ele gemeu, dando um pulo no banco.

Ela tinha a impressão de que seu queixo tinha batido nos testículos dele. Ela de fato tinha um queixo muito duro... Mas não importava. Ah, importava, sim. Aquele era o último lugar em que ela queria estar. Mas Della não estava se movendo. Não podia.

Entre enterrar o rosto no colo de Chase e deixar seu pai vê-la andando de carro por Houston num Camaro esportivo e com um cara bonitão, ela preferia a virilha de Chase. O pai teria um ataque.

Provavelmente a tiraria de Shadow Falls e a internaria em algum reformatório. Ela não podia perder Shadow Falls. Não podia perder Kylie, Miranda, Holiday, Burnett e até mesmo a pequena Hannah Rose. A virilha de Chase era uma escolha melhor. E ela ficaria ali, com o nariz enfiado no meio das pernas dele, até que ele saísse da rodovia. Mas se Chase soltasse gases, ela teria que matá-lo!

Capítulo Dezessete

— Della? — Chase sibilou.

— Saia da autoestrada — ela retrucou, então se lembrou de que o pai provavelmente pegaria a saída seguinte. — Não, não saia da autoestrada. — Ela virou a cabeça um pouco para o lado e a ponta do nariz roçou no zíper.

— Della? — disse ele, mais firme. — Que diabos você está fazendo?

Você quer dizer além de estar tentando não pensar em onde está meu nariz?

— O que você acha que estou fazendo? — Então, percebendo qual poderia ser a resposta de Chase, ela acrescentou: — Esqueça que eu perguntei isso. Estou me escondendo. O meu pai está no Honda dourado na pista da direita.

— Merda! — exclamou ele.

— Eu já disse isso — rebateu Della. E, em seguida, uma outra onda de pânico a invadiu. — Ele me viu? Está olhando para o seu carro?

— Não — ele disse.

— Então por que você disse “merda”?

— Porque...

— Eu machuquei você? — ela perguntou, lembrando a força com que tinha batido no colo dele, e sentiu o rosto ficando quente de vergonha.

— Um pouco.

— Desculpe — disse ela, acariciando o lado da perna de Chase antes de perceber quanto aquilo podia parecer estranho. As mãos dela sobre a perna dele. Então, pensando bem, por que acariciar a perna dele poderia ser mais estranho do que enterrar o nariz em suas partes íntimas?

O próximo som que ele produziu foi uma risada. Profunda, sincera e quase musical. Aquilo só serviu para irritá-la.

— Não ria — disse ela entre os lábios apertados.

— Desculpe, mas é engraçado.

— Não, não é — Della retrucou.

— Ah, é sim. — Ela sentiu a mão de Chase tirar suavemente alguns fios de cabelo da bochecha dela. O freio de mão do carro cutucava suas costelas.

Ela fechou os olhos, o calor da humilhação queimando seu peito.

— Será que ele não deixou a rodovia ainda?

— Ainda não — disse Chase. — Não saia daí. — O dedo dele tocou na orelha dela, como se traçasse as bordas externas.

— Você está prestando atenção na estrada? — ela deixou escapar.

— Estou.

— Então pare de brincar com a minha orelha.

Ele riu novamente.

— Você está preocupada com a sua orelha?

Ela gemeu.

Chase riu novamente.

— Tente não se mexer muito.

Alguém poderia morrer de vergonha?, Della se perguntou. E, depois de alguns segundos, ela questionou:

— Você não está mentindo, está?

— Sobre o quê?

— Sobre o meu pai ainda estar na rodovia.

— Não. Eu não estou mentindo. Ele está prestes a sair. Aviso quando a barra estiver limpa. — Ele fez uma pausa de um segundo. — Pode levantar.

Ela se levantou. E sem nenhuma outra opção, olhou para Chase, que desatou a rir.

— Seu rosto está tão vermelho... — disse ele em meio às risadas.

Ela rosnou para ele e, então, por razões que não podia explicar, tudo de repente pareceu engraçado para ela, também. A risada explodiu e Della não conseguiu mais parar. Eles riram praticamente ao longo de todo o caminho até o segundo endereço.

Eles voltaram às 7h59. Um minuto antes do toque de recolher. Burnett estava sentado do lado de fora da varanda do escritório, o telefone na mão, quando os dois chegaram. Della não tinha chegado ao escritório ainda quando se lembrou de toda história sobre a partida de Steve.

— Eu estava prestes a ligar para vocês — disse Burnett, e levantou-se para abrir a porta da cabana. Chase e Della o seguiram até o escritório de Holiday.

— Alguma coisa? — perguntou ele enquanto andava em direção à mesa.

Della de repente desejou que tivesse dito a Chase para não mencionar o desastre de quase topar com o pai dela. Conhecendo Burnett, o mínimo detalhe poderia fazer com que ele voltasse a ficar superprotetor com relação a ela.

— A família Owen não estava em casa — contou Chase.

Della prendeu a respiração, esperando e rezando para que ele não trouxesse o encontro com o pai dela à tona e pronta para intervir com algum outro assunto, se ele fizesse isso.

— Demos uma passada na casa da família Brian — acrescentou Della.

— Vocês conseguiram alguma coisa lá? — Burnett se encostou na escrivaninha de Holiday.

— Sim. Nenhum dos pais é oriental. — Della contou a Burnett sobre a ideia de tocar a campanha tentando vender revistas.

— Eu sabia — acrescentou Burnett. — Logo depois que vocês saíram, finalmente me enviaram cópias das carteiras de motorista deles. Eu também chequei o senhor e a senhora Owen. Brancos também.

Della assentiu.

— Mas como você disse...

— Poderia apenas significar que eles não são os pais biológicos de Natasha — Burnett acabou a frase por ela.

— Eu ainda acredito que seja um deles — disse Della. — Na verdade, eu acho que ela é Natasha Owen. — No momento em que ela disse, teve certeza. — Se tivéssemos tempo, teríamos voltado à casa deles. — Ela quase tinha ligado para Burnett e pedido que o toque de recolher fosse prolongado, mas como era sua primeira noite trabalhando no caso, sabia que ele iria recusar. — Mas se voltarmos agora...

— Não, já é tarde. Vocês precisam descansar. Podem ir amanhã à noite.

Burnett passou a mão pelos cabelos e olhou para a porta. Della podia ouvir alguém subindo os degraus do escritório, lá fora. Em seguida ela ouviu o balbuciar de um bebê.

— Por que você acha que o sobrenome dela é Owen? — perguntou Burnett, desviando os olhos para a porta, obviamente esperando que a esposa e a filha entrassem.

Della olhou para Chase. Ela não tinha perguntado a ele mais cedo. Provavelmente porque não queria pensar nisso.

— Eu senti algo na casa dela. Uma tristeza. Eu acho que o fantasma estava lá. Não senti o mesmo na casa dos Brian.

Chase franziu a testa.

— Você sentiu também? — Della perguntou a ele.

— Sim — disse ele. — Mas eu achei que tinha imaginado.

Eu também, Della pensou, mas não disse.

— Tudo bem — disse Burnett. — Vocês podem voltar amanhã. Talvez descubram alguma coisa.

— Ei, vão devagar! — disse Holiday, de pé na porta com o bebê apoiado no quadril. — Estou um pouco preocupada com isso.

Hannah Rose começou a agitar as mãos ao ver o pai. Burnett estendeu a mão para ela, aproximando a garotinha do peito.

— Eu consultei a polícia local sobre a família Brian e os Owen. Nenhuma das duas famílias tem histórico criminal. Eu não acho que representem qualquer perigo.

Holiday franziu a testa.

— Não é com eles que estou preocupada. — O olhar da *fae* de cabelos ruivos passou de Della para Chase.

— Então, com quem é? — perguntou Della, quase certa de que a amiga iria dizer alguma coisa sobre Chase. Os ombros de Chase enrijeceram como se ele tivesse pensado a mesma coisa.

— O fantasma — explicou Holiday.

— Por que o fantasma iria nos fazer algum mal? — perguntou Della. — Tudo o que ela quer é que a gente encontre Natasha.

— Eu concordo — disse Chase.

— Talvez. — Holiday pegou uma mecha de cabelo e a enrolou no dedo. — Mas ela conseguiu fazer com que vocês dois tivessem a mesma visão, e se ela fez o que Burnett me contou, com aqueles nomes na parte de trás da foto, então é muito poderosa. Um fantasma com esse tipo de poder, e desesperado, pode ser perigoso. Mesmo que suas intenções não sejam ruins. Já se sabe que os espíritos podem causar deslizamentos de terra, tornados. O último engavetamento de vinte carros que aconteceu em Los Angeles foi provocado por um espírito.

Della pensou no acidente que quase tinha acontecido na autoestrada. Aquilo não teria sido obra de um fantasma, teria? Por que ela iria tentar prejudicá-los se estavam tentando ajudá-la?

— Eu não vou parar de procurar Natasha — Della insistiu e lançou um olhar para Chase com a esperança de avisá-lo para que não falasse sobre o acidente em que quase tinham se envolvido. Se Holiday ou Burnett pensassem que o fantasma era perigoso, ficariam mais propensos a pôr um fim na investigação.

Os olhos de Chase se arregalaram quando ele se lembrou do acidente. Della sacudiu a cabeça muito discretamente.

Holiday falou outra vez.

— Eu não estou sugerindo que vocês parem. Só tentem conseguir um pouco mais de informações antes que o fantasma envie vocês em tentativas inúteis de encontrar uma pista.

Della agradecia a preocupação de Holiday, mas...

— Você disse que fantasmas fazem o que querem, quando querem. Não é como se eu pudesse mandar uma mensagem para ela me enviar mais informações.

— Mas se você parar de seguir as orientações dela, ela vai ser forçada a recorrer a outra coisa. Quanto mais informações ela der a vocês, mais serão capazes de descobrir.

— Eu não quero parar — disse Della, e o fantasma não queria que ela parasse, também. Ela sentia isso, não gostava de sentir, mas sentia. — Natasha e Liam vão morrer se a gente não encontrá-los. E rápido.

Della viu nos olhos de Holiday novamente. Ela não achava que eles estivessem vivos.

— Não diga isso! — disse Della, inclinando o queixo em desafio.

— Não diga o quê? — perguntou Chase.

Della olhou para ele.

— Eu disse a você, ela acha que eles já estão mortos.

— Eles não estão mortos — disse Chase, com a mesma convicção de Della.

Encontre Natasha!

A voz veio tão alto em sua cabeça que Della se encolheu. Quando olhou para Chase, ele estava com os olhos fechados. Ele tinha ouvido, também.

— Eu sei que é difícil aceitar, mas nós não sabemos se eles estão vivos — disse Holiday.

No mesmo instante, a temperatura na sala caiu tão abruptamente que todos começaram a exalar vapor com a respiração. Um vaso de vidro com flores que estava na borda da mesa de Holiday explodiu em pedaços. O vidro caiu de um lado, a água de outra. A água se transformou em pedacinhos de gelo, como sorvete, e todos os pedacinhos rolaram pela mesa até formar letras.

V

I

V

A

Logo depois que o A se formou, a porta do escritório de Holiday bateu com um estrondo tão alto que produziu um eco através do ar gelado.

Todos os pedacinhos de gelo rolaram pela mesa e caíram no chão, quicando até derreter.

Della prendeu a respiração, com medo de respirar. Ela viu o mesmo pânico evidente no rosto de Chase. Burnett apertou mais a filha no colo.

Holiday simplesmente levantou a sobrancelha direita.

— Então, tudo bem — disse ela, parecendo completamente calma. — Talvez eles estejam vivos.

Trinta minutos depois, Della e Chase foram dispensados após mais avisos para que tivessem cautela, mas com a promessa de Holiday e Burnett, e até com um balbúcio de aprovação de Hannah, de que avançariam na investigação.

Burnett concordou que poderiam ir no dia seguinte à tarde ver se encontravam a família Owen em casa. Eles também dariam uma volta pelo bairro onde Liam morava para ver se conseguiam descobrir alguma coisa.

Burnett iria voltar e interrogar os homens presos durante o caso Craig Anthony e ver se ele conseguia “persuadi-los” a dar alguma informação sobre os últimos vampiros desaparecidos. Pelo olhar de preocupação do vampiro durão, Della teve certeza de que não queria saber que método de persuasão ele usaria.

Enquanto caminhavam para a varanda, Chase ficou perto dela. Sob a lua quase cheia, ela se afastou da varanda e se voltou para a trilha de volta à sua cabana.

— Venha comigo até o carro — disse ele em voz baixa.

— Por quê? — Uma imagem de Steve, com os olhos cheios de dor, encheu a cabeça e o coração de Della, e a mesma culpa de antes se esgueirou pela sua consciência.

Franzindo a testa, Chase desviou os olhos de volta para a cabana, como se dissesse que ele queria ter certeza de que ninguém estaria ouvindo.

Ah, mas que droga, ela só ia levá-lo até o carro. Tinha passado o dia com ele, ela poderia ficar mais alguns minutos. Além disso, uma vizinha um pouco culpada sussurrou que Steve tinha ido embora.

Quando passaram pelo portão até o estacionamento, o ombro de Chase roçou no dela e ela deu um passo rápido para o lado. Ele olhou para ela e franziu a testa, e depois falou.

— Aquilo foi assustador.

— Não se preocupe, eu vou te proteger — disse ela com ironia.

Chase olhou para ela.

— Você sempre tem que bancar a espertinha?

— Só com pessoas especiais — disse ela.

— Então você admite que sou especial. — Ele sorriu. Mas o sorriso desapareceu rapidamente. Chase passou um dedo sob o olho dela. — Você parece cansada.

Ela afastou o dedo dele.

— Eu estou bem. — Mas, na verdade, ele estava certo. Ela estava cansada. À beira da exaustão. E não tinha sequer começado a digerir tudo o que tinha acontecido naquele dia. Chase balançou a cabeça.

— Você acha que foi o fantasma que quase causou o acidente na estrada?

Um frêmito de medo agitou suas entranhas quando Della pensou na possibilidade de que o fantasma tivesse todo aquele controle.

— Eu não vejo por que ela faria isso.

— Eu sei, mas foi estranho. Eu não sei se você viu, mas todos os carros começaram a andar de um jeito meio louco antes de tudo acontecer. E por um segundo, foi quase como se o carro estivesse fora de controle.

— Você acha que ela tomou posse do carro? Tomou posse de um monte de carros na autoestrada? — Della perguntou, sem querer acreditar. Não. Não ela não queria!

— Depois do que ela fez lá, eu acho que é possível. Além disso, Holiday disse que...

— Não. — Della balançou a cabeça. — Ela fez aquela coisa esquisita com o gelo só para provar que estava lá. Não precisava provar nada na rodovia.

Ele suspirou como se acreditasse nela só até certo ponto. Para ser sincera, ela também só acreditava até certo ponto.

— Tudo que eu sei é que não gosto disso. — Chase baixou a voz como se tivesse medo de que o fantasma pudesse estar ouvindo. — E eu quero que você diga a ela para parar com essa merda. Faça com que ela saiba que faremos o máximo para achar Natasha e Liam, mas só se ela parar de mexer com o meu carro e com a minha cabeça.

— Espere aí! — disse Della. — Deixe-me ver se entendi... Você quer que *eu* diga isso a ela? — O sarcasmo exalava das palavras da vampira.

— Quero — Chase afirmou, como se não visse problema algum.

— Por que você mesmo não diz? — ela rebateu, com a mão na cintura.

Ele fez uma careta.

— O fantasma é seu.

— É meu? Por que diabos o fantasma é *meu*?

— Porque está mais perto de você.

— Quem disse?

Chase abriu a boca e nada saiu imediatamente. Em seguida as palavras jorraram dos lábios dele.

— Porque... Porque ela... — Seus olhos se arregalaram como se ele tivesse pensado em algo. —

Porque ela deu a você a foto de Natasha. E Natasha tem alguma ligação com a sua família.

O raciocínio dele fazia sentido, todo o sentido, mas Della não queria ver dessa forma. Recusava-se a enxergar dessa maneira. Ela não queria ficar sozinha nessa com uma pessoa morta. Compartilhar com *ele* não era a situação ideal, mas a ideia não tinha sido dela.

— Isso não faz com que ela seja minha — Della insistiu. — Ela fala com nós dois. Nós temos a guarda conjunta aqui, amigo. Você devia ter pensado nisso antes de se ligar a mim. E não tente fugir da sua responsabilidade.

— Ela é um fantasma! — Chase contestou. — Não um bebê.

— É a mesma coisa! — ela murmurou e se virou para ir embora.

— Há uma grande diferença. — As palavras dele ainda chegaram aos ouvidos dela. — Tchau — Chase disse quando ela não parou de andar. — Até amanhã.

— Tchau — Della gritou, mas sem olhar para trás.

Ela começou a descer a trilha escura. Uma dor apertou o seu peito. Cada passo na direção da cabana machucava um pouco mais. Machucava como se ela estivesse se afastando de algo que a fazia se sentir em casa, em vez de estar andando em direção a ela. A sensação de estar sozinha a consumia.

Ou talvez não tão sozinha.

Um estranho ruído repetitivo de sopro a acompanhava. Um tipo de sopro repetitivo e bem assustador. O coração dela deu um pequeno salto.

Será que fantasmas provocavam aquele ruído? E cheiravam... à galinha?

Capítulo Dezoito

Recusando-se a ceder à vontade de sair correndo dali, Della se virou, as presas já projetadas e os olhos como se já brilhassem.

Um pássaro enorme ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Sou só eu. — A voz de Perry saiu do bico do pássaro enquanto bolhas brilhantes começaram a aparecer, sinalizando que o metamorfo estava mudando de forma.

— Você tem noção de que eu poderia ter arrancado a sua cabeça? — ela sibilou, assistindo enquanto o pássaro sumia e Perry aparecia em seu lugar.

— Porque eu a assustei ou porque você está com raiva de mim? — ele perguntou, as palavras um pouco atrapalhadas pelo bico em processo de se transformar em lábios. Della desviou o olhar, era muito assustador assistir aquilo.

Olhando para as árvores, levou apenas uma fração de segundo para ela se lembrar da razão por que deveria ficar furiosa com ele. Perry estava indo embora. E sem contar o fato de que ela iria sentir falta do imbecil. Uma das melhores amigas da vampira ficaria devastada.

Della não gostava de pessoas que devastavam alguém de quem ela gostava. Mesmo quando a pessoa que estava causando essa devastação também fosse seu amigo.

Ela se virou para Perry novamente.

— Definitivamente, porque estou furiosa. E eu não estava com medo! — Seu coração batia com a melodia de uma mentira, mas metamorfos não podiam ouvi-la, então sua pequena mentira branca não contava. — Você sabe o que sua partida vai fazer com Miranda?

Ele franziu a testa e chutou a terra.

— Vai me machucar também. Mas o que eu posso fazer? Recusar a oferta? É a minha única chance de talvez...

— Talvez o quê? — perguntou Della.

— Nada — disse ele.

— Não venha com essa de “nada” pra cima de mim! O que você ia dizer?

Perry chutou outra pedra no chão.

— De mudar as coisas.

— Mudar o quê?

— Eu — ele disse.

Della balançou a cabeça.

— Não há nada de errado com você.

— Certo — ele disse, como se achasse que Della só estava falando por falar. Será que ele não podia ver que ela estava cansada demais para só falar por falar?

— O que há de errado com você? — perguntou ela, de repente, percebendo que não entendia por que Perry estava indo para aquela escola. Ela conseguia entender por que Steve iria. Ele faria um curso intensivo de medicina sobrenatural. Mas Perry não estudava medicina.

— Desembucha, menino pássaro! — Della soltou. — Estou morta de cansaço e não quero demorar muito nessa conversa.

— Você ainda não percebeu que eu tenho que me esconder no dia dos pais? E se Burnett me convoca para um caso, eu já tenho que ir transformado?

— Por quê?

— Porque eu não consigo controlar as coisas.

— Que coisas? — perguntou Della.

— A cor dos meus olhos. E quando fico nervoso eu... me transformo sem querer.

Della vasculhou a memória.

— Então você se transformou num dragão e num leão descomunal uma ou duas vezes. Isso não é o fim do mundo.

— Não aqui, certo? Mas se for no mundo humano? Isso poderia provocar um verdadeiro caos.

Della não podia negar. Seria uma notícia em rede nacional. Ela podia até imaginar a CNN noticiando. Eles provavelmente colocariam a culpa num dos partidos políticos. Ou então nas pesquisas relacionadas às células-tronco.

— E você realmente não consegue controlar?

— Bem que eu gostaria.

Seu coração, já partido de uma centena de maneiras diferentes, ainda se condoía pelo metamorfo.

— Então vá aprender a se controlar e volte logo. Miranda é louca por você, eu tenho certeza de que ela vai esperar.

— Ela não deveria.

— O quê? — perguntou Della. — Ah, droga! Por favor, não me diga que você está rompendo o namoro com ela.

— Não estou rompendo, apenas dando um tempo.

— Dá no mesmo, idiota. Você não pode fazer isso com ela!

— Você e Steve fizeram.

Della ficou atônita.

— Não. Steve e eu não estávamos juntos. Você não pode romper com ninguém se não estiver namorando a pessoa. — Era mais uma mentira do ponto de vista emocional. Eles estavam namorando, sim, mas ela ignorou esse detalhe, ignorou a pontada de dor que a mentira provocara. Neste momento, ela apenas sentia por Miranda.

— Por que diabos você está fazendo isso? — Della fervia.

Os olhos azuis dele se estreitaram.

— Ela precisa descobrir o que quer.

— Dã, ela já sabe! Ela quer você. — E foi então que um pensamento lhe ocorreu. E esse pensamento disparou para seu estômago, queimando e a deixou completamente fora de si. A raiva espantou sua exaustão. — Isso tem a ver com sexo? — ela perguntou. — Porque se tiver, eu vou torcer o seu pescoço.

A pergunta pareceu chocá-lo.

— Não!... Quero dizer...

— Homens! — Ela fervia. Della se aproximou e espetou o dedo no peito do metamorfo. — Ouça aqui, seu tarado! Ninguém deve ser forçado a fazer algo se não está preparado. Especialmente quando se trata de tirar a roupa.

— Não é... Você não entende.

— Ah, eu entendo muito bem. — Ela deu outro cutucão em Perry. — Os caras são uns cretinos que pensam que, se não podem conseguir o que querem de uma garota, só têm que seguir em frente e tentar com outra pessoa.

— Pode parar! — ele ordenou, seu tom profundo vibrando de frustração. — Você não entende.

Os olhos dele ficaram vermelho brilhante. Perry estava prestes a se transformar em algo grande e cruel, mas, com o humor em que Della estava, ela ficaria feliz se isso acontecesse. Estava louca para torcer o pescoço dele.

Mas, antes que começasse a se transformar, o banana se virou e foi embora.

— É isso mesmo! — ela gritou para ele. — É melhor você pôr o rabo entre as pernas e correr. — Então Della se tocou. — A propósito, você foi capaz de se controlar muito bem! Você não precisa ir para Paris. Fique com Miranda.

Perry não respondeu. Apenas continuou andando. Irritada, ela começou a correr para a sua cabana, pronta para encontrar Miranda chorando. Para sua grande surpresa, apenas o silêncio a recebeu quando ela abriu a porta.

Silêncio e um calafrio.

Ela parou e olhou em volta, à espera de que pedacinhos de gelo comesçassem a cair. Mas então o frio desapareceu. Dizendo a si mesma que estava imaginando coisas, ela se dirigiu para seu quarto, mas viu o bilhete sobre a mesa da cozinha. Chegou mais perto, quase com medo de que tivesse sido deixado pelo fantasma, mas relaxou quando viu que estava escrito na caligrafia de Kylie.

Della, não sabíamos quando você voltaria. Miranda foi para uma reunião de bruxas e estou com Lucas. Mas, se precisar de nós, é só ligar e voltamos num piscar de olhos. Vou ouvir você e Miranda desabafarem.

Melhores amigas para sempre!

Della suspirou.

Aquelas duas eram demais. Ela quase tirou o celular do bolso, mas não quis dar uma de carente. Ela as veria quando chegassem em casa. Ao entrar em seu quarto, seu olhar se concentrou na cama.

Instantaneamente, tudo o que ela queria fazer era rastejar até lá e cair no sono. Não queria pensar. Não queria chorar. Sono e esquecimento. Uma hora, talvez duas. Desde que ela tinha renascido, isso era de tudo que realmente precisava para ficar novinha em folha.

Caiu de costas na cama, com os olhos fechados no momento em que seu corpo encontrou o colchão. O sono demorou segundos, estava tão perto como se ela pudesse tocá-lo, mas seu telefone, ainda enfiado no bolso, vibrou com a chegada de uma mensagem.

Não olhe, uma voz sussurrou dentro de sua cabeça. Ela gemeu, então, incapaz de resistir, tirou o celular do bolso e ficou de costas. Tinha que se concentrar para ficar de olhos abertos.

Assim que viu o número, baixou a cabeça e ficou de bruços, sobre a almofada. E a dor que ela estava ignorando aumentou em seu peito.

Levantando-se novamente, leu a mensagem.

Oi... Achei que seria mais fácil simplesmente dizer adeus dessa forma. Vou sentir sua falta. Bye, Steve.

Ele enviou a ela uma carinha infeliz. Como se a carinha infeliz fosse fazê-la se sentir melhor. Ela enfiou o rosto no travesseiro e chorou até dormir.

Duas horas mais tarde, Della despertou com alguém subindo os degraus da varanda. Ela abriu as pálpebras pesadas e fungou o ar para ver se conseguia identificar o visitante. A porta da cabana se abriu e Della reconheceu o cheiro fresco de ervas que pertencia a uma certa bruxa. Relembrando seu breve encontro com Perry, o coração de Della imediatamente ficou apertado pela amiga.

Miranda abriu uma fresta da porta e enfiou a cabeça.

— Você está acordada?

Della se sentou.

— Sim. Mas nada de abraços, ok? — As palavras saíram da sua boca antes que ela visse o olhar nos olhos inchados da amiga.

Della não tinha sido a única a chorar aquela noite. Naquele momento, ela desejou ter chutado o traseiro de Perry.

A amiga não merecia aquilo.

E Miranda merecia mais do que Della. A bruxa merecia Kylie. Kylie sabia como lidar com mágoas. Della sempre dizia a coisa errada. Mesmo quando se esforçava para dizer a coisa certa.

— Você está bem? — Miranda perguntou.

A bruxa estava sofrendo, estava em pedaços, Della quase podia ouvi-la chorando por dentro e, ainda assim, a sinceridade na voz de Miranda dizia que a garota estava preocupada com ela.

— Você me conhece, nada consegue me derrubar. — O coração dela deu um salto, revelando a grande mentira.

— O que Steve queria? — perguntou Miranda.

— Terminar comigo — disse Della, reprimindo qualquer indício de fraqueza.

— Eu queria ser mais parecida com você — disse Miranda.

Não, você não queria.

— Como você está? — perguntou Della, porque parecia a coisa certa a dizer, mas ela realmente não queria ter perguntado. A dor de Miranda pairava no ar como uma nuvem.

— Arr... asada. — A respiração de Miranda tremeu com um suspiro.

Droga, Miranda era sua amiga.

— Ok, um abraço — Della concordou. Ela conseguiria suportar um; então, se tivesse sorte, Miranda iria para a cama.

A bruxa entrou como um tufão no quarto, caiu sobre a cama e colocou os braços ao redor de Della. E não foi somente um abraço e ir para a cama. Era o tipo de abraço que a pessoa dá quando não quer mais ir embora.

E por mais louco que aquilo fosse, nem Della queria que a amiga fosse embora. Queria que as coisas continuassem do jeito que estavam. *Vai ficar tudo bem.* Ela ouviu as palavras de Chase, mas Della sabia que “tudo bem” significava que Steve não estaria por perto. E nem Perry.

Capítulo Dezenove

— Eu só... não entendi essa droga de história de... dar um tempo — Miranda chorava no ombro de Della. — As pessoas não fazem esse tipo de coisa.

Sim, elas fazem. As lágrimas quentes da bruxa molhavam a camiseta de Della e a vampira pensava em todas as pessoas que tinham saído da sua vida nos últimos tempos. Então, finalmente se sentindo desconfortável com o abraço, conseguiu se desvencilhar dos braços de Miranda. Abraços nunca deviam durar mais do que quinze segundos.

— Vai ficar tudo bem. — Della repetiu as palavras de Chase, mas sem a mesma convicção de quando ele as tinha dito. O que ela queria dizer era que tudo aquilo era uma droga. E no topo da lista de coisas que eram uma droga estava o fato de Della ser uma droga em consolar pessoas.

— Não, não vai! — Miranda rebateu. — Eu disse que esperaria por ele. Três semanas, meses, anos. Eu não me importo. Mas Perry disse que não, que não era justo pedir que eu esperasse. Então ele falou que, se eu ainda amá-lo quando ele voltar, nós podemos voltar às boas e ser felizes.

— Voltar às boas? Quem é que ainda diz uma merda dessas? — Della berrou, dizendo a primeira coisa que lhe veio à mente, e pela expressão nos olhos de Miranda talvez tivesse sido a coisa errada.

A bruxa respirou algumas vezes em meio aos soluços, cobriu o rosto com as mãos, e chorou por mais um minuto inteiro. Então olhou para cima com os olhos tão borrados de rímel que ela parecia mais um guaxinim.

— Quer que eu leve você pra cama? — perguntou Della, esperando que a bruxa dissesse que sim antes que ela falasse algo que deixasse tudo pior.

Miranda nem a ouviu, ou não conseguiu, no seu estado emocional.

— Perguntei se ele ainda me amava. Sabe o que ele disse?

— Algo terrível, tenho certeza — respondeu Della.

— Disse que não podia nem imaginar o que era não me amar.

— Babaca! — xingou Della, ainda tentando dar o seu melhor, mas se encolhendo ao perceber quanto era incapaz de consolar alguém.

— Então ele disse que precisávamos olhar para isso de forma racional. — Miranda soltou um gemido alto e agudo. — Ele está agindo como... um adulto!

Ela disse a última palavra como se tivesse sentido um gosto ruim na boca.

— Sim, quem quer uma coisa dessas? — disse Della.

— Eu sei. Não quero ser adulta quando se trata desse assunto — continuou Miranda. — Eu sei que um relacionamento à distância vai ser difícil, mas será que ele se importa tão pouco comigo a ponto de não querer nem tentar? Vai simplesmente desistir. Acho que ele pensa que não vale a pena nem tentar fazer com que dê certo.

Um nó se formou no peito de Della. Não era isso exatamente que ela sentia com relação a Steve? Ele estava desistindo dela, dos dois, e mesmo que ela tivesse alguns sentimentos confusos com relação a Chase, não estava pronta para desistir de Steve.

Ah, ela sabia que não era justo querer se agarrar a ele, mas, caramba, aquilo doía!

— Eu sinto muito — disse Della, dessa vez com total sinceridade, e deu na bruxa outro abraço, seu coração tão dolorido quanto o da amiga.

Uma hora depois, Della estava em silêncio. Miranda, ocupando metade do travesseiro de Della, tinha chorado até dormir.

Della ouviu Kylie entrar na cabana. A camaleão parou na sala de estar e escutou. Provavelmente tinha virado vampiro para sintonizar a sua superaudição e saber quem estava em casa.

Ela foi até a porta de Della e abriu uma frestinha. Ela só rangeu uma vez.

— Shh — implorou Della numa voz mais baixa que um sussurro. — Se acordá-la, você é que vai ter que fazê-la dormir da próxima vez. Isso me custou cinco abraços.

Della se arrastou para fora da cama com a lentidão de uma lagarta. Kylie voltou para a sala de estar e Della fechou a porta com cautela e silenciosamente. Elas saíram da cabana e foram até a varanda da frente. Cada uma se sentou numa ponta e deixaram os pés balançando alguns centímetros acima da relva.

— Sinto muito. — Kylie olhou para ela e mordeu o lábio inferior. — Eu devia ter voltado horas atrás. Holiday perguntou se Lucas e eu poderíamos ir ao Walmart. Eles ficaram sem ovos e perguntou se podíamos dar uma corridinha até lá. Liguei para Miranda e ela disse que tudo bem. Eu não achei que você já estivesse em casa. E não sabia que íamos demorar tanto.

— Está tudo bem — disse Della.

Kylie olhou para trás, em direção à porta.

— Ela está muito arrasada?

— Está simplesmente sendo Miranda — disse Della.

— Então ela está arrasada. — Kylie sorriu tristemente. — E você cuidou dela apesar de estar sofrendo também. Que droga!

— Eu estou bem — disse Della.

— Mentirosa. — Kylie, obviamente, ainda no modo vampira, inclinou a cabeça ligeiramente para o lado como se ouvisse o coração de Della vacilar.

— Ok, estou sofrendo, mas sou mais dura na queda.

— Não — disse Kylie. — Você apenas finge melhor. — Ela olhou para Della como quem diz “desembucha”. — O que Steve queria?

Della suspirou.

— Como se Miranda não tivesse contado.

— Ela contou — disse Kylie —, mas eu tinha receio de que tivesse algo mais.

— Teve algo mais — disse Della, seu coração revivendo a dor. — Ele disse que não suporta ver Chase e eu trabalhando juntos.

— Não é a mesma coisa que vê-lo trabalhar no consultório do veterinário com aquela sirigaita sorridente que morre de tédio por ele?

— Ele não acha.

— O que você acha? — perguntou Kylie.

— Eu acho... Ah, eu não sei o que eu acho. Sinto um milhão de coisas diferentes agora, e nenhuma delas é boa.

Kylie soltou um suspiro profundo, cheia de empatia.

— Então, ele vai embora mesmo?

Della assentiu com a cabeça e sentiu um nó na garganta, então seus pensamentos se voltaram para Miranda dormindo em sua cama.

— Eu até entendo por que Steve está fazendo isso, mas Perry... Isso me irrita. Você acha que é porque Miranda não transou com ele? Eu fui direta e perguntei, mas ele negou e seu coração não o acusou de ser mentiroso, mas eu não tenho certeza se acredito nele.

Kylie puxou uma das pernas e abraçou-a.

— Eu posso estar errada, mas não acho que seja isso. Não Perry. Ele é tão apaixonado por Miranda!

— Sim, mas você sabe o que eles amam mais do que qualquer outra coisa.

Kylie deu de ombros.

— Por mais triste que pareça, eu realmente acho que Perry está tentando fazer a Miranda um favor. Eu encontrei com ele esta tarde e parecia tão deprimido que dava até dó.

— Dã. Então, ele que não faça essa droga de viagem para Paris! Isso é tão difícil?

— Muito difícil — disse Kylie. — Coloque-se no lugar dele. Ele praticamente não pode entrar em contato com o mundo humano. Você e eu, nós pensamos em fazer faculdade e no que vamos fazer da vida. Ele não pode fazer a mesma coisa. Se não conseguir aprender a se controlar, vai ter que se esconder pelo resto da vida. E tenho certeza de que Miranda fala sobre o que ela quer fazer. Perry deve se sentir um empecilho na vida dela.

— Caramba! Ser um adolescente sobrenatural é um saco.

Kylie suspirou.

— Eu achava um saco ser uma adolescente humana, também.

— Eu não achava — disse Della. — Era ótimo.

Kylie olhou para ela.

— Você não me disse que seus pais queriam que você fosse médica?

— Sim — confirmou Della.

— E você ia fazer isso apenas para agradá-los?

— Não — disse Della.

— Então cedo ou tarde você seria obrigada a enfrentá-los, e então as coisas não seriam tão maravilhosas assim. Eu só estou dizendo que tanto os seres humanos quanto os seres sobrenaturais têm que enfrentar uma barra-pesada quando são adolescentes.

— Talvez — disse Della num tom insolente. — Mas ser vampiro só põe mais lenha na fogueira. E não conseguir impedir a si mesmo de se transformar num dragão cuspidor de fogo deve ser pior ainda.

— É verdade — Kylie admitiu. — Ver o seu falecido pai andando por aí quando você nem sabia que ele era seu pai também não é moleza. Mas eu conheço crianças humanas que tiveram que passar por coisas tão ruins quanto isso.

Kylie mordeu o lábio.

— Olhe a minha amiga, Sara. Ela tinha câncer.

Della balançou a cabeça.

— Sabe, você parece Holiday quando fala. Lógica, otimista.

— Nossa, pareço tanto assim? — Kylie franziu a testa. — Eu detesto quando ela fala de algo absurdo e argumenta de um jeito que aquilo até passa a fazer sentido.

Della riu.

— Você seria uma conselheira perfeita. — Depois acrescentou: — Pense nisso, talvez você possa me ajudar a fazer com que alguma coisa faça sentido.

— Conselheira Galen a seu dispor! — Kylie brincou. — O que a aflige? Espere. Deixe-me adivinhar. Um certo vampiro tentou te beijar hoje e você não sabe como se sente a respeito?

Della franziu a testa.

— Não é isso. — Ele não a tinha beijado, mas Kylie tinha acertado em cheio ao dizer que ela não sabia como se sentia.

— Então ele não tentou beijá-la? — Kylie perguntou, inclinando a cabeça para ouvir o coração de Della.

— Não. Eu pensei que ia fazer isso, mas não fez.

— Então ele não estava muito romântico?

A mente de Della levou-a de volta ao momento em que ela se inclinou sobre Chase, em que ele a envolveu em seus braços. Então ao momento em que ele tocou a orelha dela. E isso a levou de volta à toda aquela história do nariz na virilha dele. Um riso inesperado escapou de seus lábios.

— O que foi? — perguntou Kylie.

Della não sabia se contava ou não, mas então se deu conta de que aquilo era exatamente o tipo de coisa que elas contavam uma para a outra. As coisas loucas, idiotas, constrangedoras. Era para isso que serviam as amigas. Para contar tudo uma às outras.

Apesar da temperatura baixa, o rosto de Della ficou quente. Então ela não aguentou e contou a Kylie que tinha visto o pai na autoestrada.

— Será que ele viu você? — Kylie perguntou com preocupação.

— Não. Eu... me escondi. O estojo da máquina de Chase estava ocupando o assoalho do carro, então eu... eu tive que deitar de bruços no colo dele. E acho que o meu queixo talvez tenha machucado os testículos dele.

Kylie começou a rir e Della se juntou a ela. Elas riram tanto que não ouviram uma pessoa se movendo atrás delas.

— O que é tão engraçado? — perguntou Miranda, parecendo sonolenta. Ela se sentou ao lado das amigas, balançando os pés do lado de fora da varanda também. Della repetiu a história sobre enfiar o nariz na virilha do Perverso da Calcinha.

E as três ficaram lá, sentadas no escuro, os grilos cantando à distância, rindo como garotas. Quando conseguiram parar, Kylie olhou para Della.

— Então, por que você precisa da minha ajuda para algo fazer sentido?

Della olhou para Miranda, sabendo que a garota não iria gostar do assunto. Droga, Della não gostava do assunto também, mas precisava de conselhos e Kylie era muito boa nessas questões. Especialmente se fosse algo que ela não queria que Holiday ou Burnett soubessem.

— Fantasmas.

Kylie fez uma cara engraçada, então olhou para Della toda séria.

— Fantasmas raramente fazem sentido.

Miranda soltou um gemido.

— Eu prefiro pensar que vocês é que estão pondo o nariz onde não são chamadas.

Della fez uma careta.

— Então talvez você prefira voltar lá para dentro.

— Acho que não. Prefiro ficar aqui, com vocês duas falando de fantasmas, do que sozinha lá dentro sabendo que vocês estão aqui falando de fantasmas. Minha imaginação pode ser mais assustadora do que a verdade.

Della não concordava. O que ela tinha para falar era bem assustador.

Capítulo Vinte

Della contou a Kylie sobre o acidente na autoestrada e o que Holiday tinha dito sobre fantasmas que são capazes de causar confusões como aquela.

— Você viu o fantasma quando isso aconteceu? — perguntou Kylie.

— Não, eu não a vi em momento algum. Eu só a ouço. Sinto uma presença fria.

— E você ainda não sabe quem ela é?

Della se lembrou de que Holiday e Kylie haviam dito que ela provavelmente tinha uma conexão com o fantasma.

— Não. Mas nós já sabemos qual é a conexão. É que Chan conhecia Natasha.

Kylie fez uma expressão de dúvida.

— Na maioria das vezes, é mais do que isso.

— Bem, desta vez não é — insistiu Della.

— Você a sentiu quando o acidente estava prestes a acontecer? — perguntou Kylie.

— Eu não sei — Della respondeu com sinceridade. — Aconteceu tão rápido e então eu vi meu pai e...

— Foi quando você viu seu pai? — perguntou Kylie.

— Sim — confirmou Della, percebendo que não tinha associado as duas coisas. — Você acha que ele tem alguma coisa a ver com isso?

— Dã — acrescentou Miranda, intrometendo-se na conversa.

Della fez cara feia para a bruxa.

— Se você não pode dizer nada construtivo, então fique de boca fechada.

A bruxa fez uma careta de volta.

— Eu poderia dizer algo construtivo, mas você não vai querer ouvir.

— O que eu não quero ouvir? — Della perguntou, irritada.

Miranda olhou para Kylie como se pedisse permissão para falar.

— Você não precisa da aprovação dela. Basta dizer — Della despejou.

— Bem. Você age como se você não soubesse quem é o fantasma, mas eu acho que está na cara.

— Não é Natasha — Della discordou.

— Eu não estou dizendo que é Natasha.

— Então, quem é? — Della e Kylie perguntaram ao mesmo tempo.

Miranda olhou para ambas e, em seguida, pareceu estar quase com medo de dizer.

— Sua tia.

— Minha tia Miao está viva.

— Não, a outra.

Della ofegou.

— Você quer dizer Bao Yu?

— Ela não foi assassinada?

Della assentiu.

— É, é ela. Isso faz sentido. Ela viu seu pai, se assustou e fez todos os carros perderem o controle...

— Não! — Della sentiu um ardor no peito e seus olhos ficaram incandescentes. — Meu pai não matou a irmã!

Miranda deu um pulinho para o lado, afastando-se da vampira.

Kylie estendeu a mão e gentilmente segurou o braço de Della. A emoção calma que irradiava do toque dizia a Della que a camaleão tinha se transformado em *fae*.

— Eu não disse que ele a matou — respondeu Miranda, num tom compreensivo.

— Ela poderia ter surtado por vários motivos ao ver seu pai.

— Que motivos? — perguntou Della, o toque calmante de Kylie amenizando sua fúria, mas não o medo. Gostasse ou não, o que Miranda dissera fazia sentido. E Della na verdade não queria acreditar.

As sobrelhas de Miranda se ergueram.

— Eu não consigo pensar em nada agora, mas tenho certeza de que existem alguns. Não existem, Kylie?

— Claro! — disse Kylie, não parecendo muito confiante. — Mas primeiro precisamos saber se é de fato o fantasma da sua tia. Em segundo lugar, supondo que o fantasma seja ela, ainda não sabemos se ela provocou a perda de controle dos carros porque está com raiva.

— Certo — disse Miranda. — Talvez ela quisesse que você e seu pai se vissem para que fizessem as pazes e parassem de brigar. — Miranda colocou os braços sob a blusa para se proteger do frio.

— Se ele tivesse me pego andando por aí com um cara gostoso num conversível caríssimo, não teríamos feito as pazes.

Kylie puxou o outro pé e abraçou os dois joelhos.

— Talvez ela estivesse avisando que ele estava lá, pois não queria que você fosse apanhada. — Miranda desviou os olhos para Kylie. — Você se tocou que ela chamou Chase de o cara de gostoso?

Della rosou.

— Não pode ser minha tia. O que a minha tia, uma adolescente que foi assassinada há quase vinte anos, teria a ver com Natasha?

Logo em seguida, uma brisa tão fria que veio com pedacinhos de gelo soprou sobre elas. Pedacinhos minúsculos de granizo começaram a quicar no alpendre.

Calafrios arrepiaram os pelos do pescoço de Della e ela se lembrou do que tinha acontecido mais cedo no escritório com a água e o gelo. Olhou para Kylie e a amiga encontrou seu olhar, os olhos arregalados como se estivesse tentando dizer alguma coisa.

Miranda começou a bater os dentes quase no mesmo ritmo do gelo, contra a cerca de madeira.

— Me digam que... — plin, plin — Essa... essa é uma tempestade normal.

— Esta é apenas uma tempestade normal — disse Kylie, se levantando. Della nem sequer tentou ouvir o coração de Kylie para saber se ela estava mentindo. A verdade, juntamente com o medo, estava refletida em seus olhos azul-claros.

Miranda se encolheu toda e olhou para a camaleão.

— Você está querendo me enrolar, não é?

— É isso aí! — Kylie olhou em volta. Della seguiu seu olhar e não viu nada, mas isso não significava que o fantasma não estivesse lá.

— É melhor a gente ir para dentro — Kylie sugeriu, parecendo desconfiada. E logo em seguida um raio atingiu o chão, na frente da varanda. A corrente elétrica vibrou no ar. Os pelos dos braços de Della se arrepiaram.

Sem perder tempo, Miranda ficou de pé e atravessou a porta da cabana. Della esperou por Kylie para seguir a bruxa. Com suas amigas seguras lá dentro, Della deu um passo para fazer o mesmo. Antes que ela cruzasse o limiar, a porta se fechou com um estrondo que foi seguido por outro raio de sacudir o chão.

— Merda! — Kylie gritou do outro lado da porta. — Della, você está bem?

Della, sentindo os dedos gelados com um medo paralisante, mas muito teimosa para admitir, se virou e olhou para a tempestade e o fantasma.

— Quem é você? Diga logo, droga!

E foi então que a escuridão a engoliu. Seus braços e suas pernas ficaram dormentes. Seu coração parou de bater. Ela se sentiu congelada.

A escuridão desapareceu e a parte de trás de suas pálpebras ficou vermelha. Ela se forçou a abrir os olhos e viu.

Viu seu pai quando jovem, de pé diante dela. Na mão direita, uma faca. Sangue, espesso e vermelho, pingava da lâmina e se derramava no chão de madeira ao lado de onde ela estava deitada.

Onde ela estava... sem respirar.

Onde ela estava... morta.

Sentindo como se estivesse flutuando, ela deixou o corpo. Viu a cena sangrenta novamente de cima. A pessoa no chão, caída numa poça de sangue, não era ela. Longos cabelos pretos e sedosos da uma garota oriental espalhavam-se ao redor de seu corpo; seus olhos estavam abertos, olhando para o nada, mas havia tanto sangue em seu rosto que era quase impossível ver suas feições. Della viu apenas os olhos.

Tão parados.

Tão tristes.

Mas o pai dela estava lá.

Ele estava de pé sobre o corpo, a faca na mão, o assassinato em seus olhos.

Não!

Não!

Não!

— Della? Della?

Ela ouviu a voz de Kylie. Profunda e grossa, como se estivesse no modo proteção. O som de uma porta sendo arrombada ecoou à distância. Então Della sentiu as mãos de Kylie em seus ombros.

A visão de Della se desvaneceu e a camaleão loira, com um brilho cintilante em torno dela, apareceu de pé na sua frente. Atrás de Kylie estava Miranda, lágrimas de medo empoçadas em seus olhos verdes.

— Você está bem? — perguntou Kylie.

Bem?

De jeito nenhum!

Ele havia dado a vida a ela. Ele a amava. Lia livrinhos infantis para ela quando criança. Ele a ensinara a jogar xadrez. Ajudava-a na lição de álgebra.

Ele tinha matado a irmã.

Seu pai era um assassino.

Não!

Tudo nela queria negar. Mas ela tinha visto. Como poderia *não* acreditar?

Não, ela não tinha visto. Havia muito sangue no rosto da menina, ela não sabia se era realmente sua tia ou outra pessoa.

— Eu estou bem — Della mentiu. Então se afastou de Kylie e passou correndo por Miranda.

Della entrou em seu quarto, virou-se, segurou a maçaneta da porta e olhou para suas melhores amigas. A preocupação enchia os olhos das duas, mas Della não podia lidar com isso agora.

— Nós precisamos conversar — disse Kylie.

— Não. — Não dessa vez. Ela não podia dizer isso a ninguém. Não queria pensar sobre isso. — Eu só quero ficar sozinha! — Bateu a porta.

Quando se virou, viu o livro sobre a cama. O anuário que ela tinha conseguido para ajudar a encontrar o irmão gêmeo do pai. Não estava ali quando ela saiu. Como tinha ido parar ali...?

O fantasma? Ela poderia ter...?

E, de repente, sua mente começou a ligar os pontos.

Um ponto.

Dois pontos.

Três.

— Eu sinto muito. — A voz de Kylie veio por trás dela com o clique da porta sendo aberta. — Não me importo com o que disse, você não precisa ficar sozinha. Acabou de ter uma visão, não é? Eu sei como elas fazem a gente se sentir.

— Nós somos amigas. — A voz de Miranda ecoou atrás dela. — Não batemos a porta na cara umas das outras.

Della virou-se, ouvindo o que elas diziam, mas perdida em seus próprios pensamentos.

— Eles são gêmeos. Pode não ter sido ele...

— O quê? — Kylie e Miranda perguntaram ao mesmo tempo.

— Meu tio não estava morto na época. Ele era só um vampiro. Então poderia ter sido ele, o gêmeo do meu pai, que eu vi de pé diante dela.

— O que seu tio poderia ter feito? — Kylie chegou mais perto. Seus olhos azuis se enchendo de compaixão.

— Eu estava morta. Não sei quem eu era. Poderia ser minha tia. E meu tio pode tê-la matado.

— Sua tia? — disse Kylie. — Então Miranda estava certa, a sua tia é o fantasma?

Della balançou a cabeça.

— Eu não sei. Tinha tanto sangue no rosto dela!

— Tenho certeza de que estou certa — disse Miranda. — Quem mais poderia ser?

— Eu disse que não sei com certeza! — Della protestou.

Kylie ficou parada ali como se estivesse pensando.

— Ela lhe contou qual a ligação entre ela e Natasha?

— Não. — Della lutou contra o ardor em suas narinas. — Eu a vi morta. Vi um homem que se parecia com meu pai de pé sobre ela com uma faca ensanguentada.

— E você acha que era o seu tio?

— Tem que ser — disse Della. — Tem que ser.

Della passou o resto da noite mais se revirando na cama do que propriamente dormindo. Não que isso a surpreendesse. A visão tinha mexido tanto com ela quanto sua primeira visita à UPF, quando ela tinha visto dois corpos. Della quase caía no sono e então acordava com um sobressalto ao ver a imagem do pai — não, do tio — segurando a faca ensanguentada.

Tinha que ser o tio. Acreditar nisso tornava tudo quase aceitável. E daí que ela tinha grandes esperanças de encontrar o tio? Ela abriria mão de ter um membro da família que fosse vampiro, que a compreendesse e a amasse. Ela jogaria tudo isso fora para não ter que acreditar que o pai fosse capaz de matar.

Della rolou novamente na cama. Da sua janela, podia ver uma lasca do céu ficando lentamente mais cor-de-rosa com o sol nascente. Um novo dia. Um dia melhor, ela esperava. No momento em que a luz tinha conseguido tornar as sombras mais brilhantes, ela ouviu os passos.

Passos em direção à sua cabana... à sua janela. Apenas uma pessoa entrava pela sua janela com certa regularidade. Uma pessoa que tinha dito que não queria dizer adeus pessoalmente e mandado uma mensagem com uma carinha triste.

Desde a visão da noite anterior, ela tinha colocado toda a mágoa de Steve num saquinho apertado e o enterrado no coração. Mas aquele barulho. Aqueles passos tão familiares — tanto a dor quanto o prazer de tudo que Steve representava em sua vida dançaram no seu coração.

Antes que Della pudesse decidir se corria e se escondia ou o deixava entrar e lhe dava um pontapé na bunda, um rosto triste apareceu na sua janela. Ela se levantou e apertou as mãos em punhos. Ela queria gritar, rir e chorar ao mesmo tempo.

Ele abriu a janela e saltou para dentro como se pertencesse àquele lugar. Pertencesse ao seu quarto e à sua vida.

E, dane-se, ela não o condenava, porque não tinha certeza se não era verdade.

Capítulo Vinte e Um

Steve deu um passo em direção a ela. Della deu um passo para trás. Atrás dele, o sol nascente deixava o céu púrpura.

— Você disse...

— Eu não consegui.

— Não consegui ir embora? — Della prendeu a respiração, não piscou, até seu coração parou de bater enquanto ela esperava, rezando para que ele dissesse que ela estava certa. *Mas e depois?*, uma voz dentro dela perguntou. *E Chase?*

— Não, eu não poderia ir embora sem dizer adeus... Mas deixar você vai ser um inferno.

Ele deu um passo para a frente e colocou as mãos quentes em torno da cintura dela. Lentamente, Steve a puxou contra si e ela não resistiu. Não conseguiu. O pensamento de chutar a bunda dele já esquecido.

Ele não a beijou, apenas a abraçou. A cabeça dela descansou naquele lugar especial em seu peito. O que agora Della insistia em pensar que pertencia a ela. Seu cheiro, um perfume picante de terra misturado com o aroma de vento fresco, encheram seus sentidos.

Ela o respirou avidamente. Lágrimas se formaram em seus olhos.

Quando Steve se afastou, até mesmo os olhos dele estavam úmidos.

— Quero que saiba que não importa o que aconteça, eu nunca vou me arrepender do que vivemos. Do que tivemos. E, se eu te perder, você será sempre aquela que saiu da minha vida mas eu nunca vou esquecer.

Ele parou e olhou para o teto por um segundo. Dois. Três.

Depois soltou um suspiro e sua respiração soou trêmula. Ou seria a dela?

— Me prometa — disse Steve, olhando para ela. — Me prometa que você não vai fazer nada idiota e se matar por aí. Me prometa que você vai parar de deixar a ignorância dos seus pais te machucar tanto. Você não merece isso. Me prometa que, antes de se apaixonar por Chase, você vai se lembrar de que eu amei você primeiro.

Foi nessa hora que a vontade de chutar a bunda dele voltou!

Ela bateu no peito dele com a palma da mão. Steve cambaleou para trás, mas manteve-se firme.

— Por que você me fez gostar tanto de você quando sabia que estava indo embora? Você poderia ter me deixado em paz! Eu não estaria sofrendo agora! Por quê?

Ele a segurou e a beijou, então. Seus lábios tinham um gosto quente, tinham um gosto de Steve — tão doces, mas estranhamente salgados. Talvez por causa das lágrimas dela, e talvez até mesmo das dele. Antes que ela percebesse, muito antes do que ela queria, o beijo terminou. Della abriu os olhos.

Ele tinha ido embora. Ela viu várias pequenas centelhas flutuando no ar. Então avistou o pássaro, um falcão-peregrino empoleirado em sua janela.

Numa postura altiva, quase régia, o pássaro inclinou a cabeça para ela, em seguida, saltou e voou para longe. Com ele, foi embora uma parte do seu coração. E ela não tinha certeza se teria aquela parte de volta um dia.

Della ouviu Miranda e Kylie deixarem a cabana a tempo de tomarem o café da manhã. Della perdeu o café e a Hora do Encontro. Mas conseguiu se recompor o suficiente para ir à primeira aula. Matemática. De lá, ela foi para a de Ciências. A aula estava pela metade e Haden Yates, irmão de Jenny, falava sobre ondas sonoras. Podia ser até interessante, se ela conseguisse prestar atenção.

Mas não conseguia.

Não enquanto ainda se recuperava da visão da noite passada. Ruminava a possibilidade de que o pai e, se não fosse ele, o tio, fosse um assassino. Além do fato de que mais um dia tinha se passado e ela ainda não tinha nem ideia de onde encontrar Natasha. Acrescente a isso tudo o fato de que uma parte de seu coração estava sobre o oceano voando em direção à França, e era alguma surpresa que ela não conseguisse dar a mínima para as ondas sonoras?

Alguém no fundo da sala riu. Della olhou para trás e à direita, em seguida percebeu que algo não estava certo. Ela virou a cabeça ao redor para ter certeza de que não estava enganada. Não. Não se enganara. Ela estava tão ocupada chafurdando na autopiedade que não tinha percebido que Kylie e Miranda não estavam na sala. Droga.

Que tipo de amiga ela era? Especialmente considerando que Miranda estava no mesmo barco furado que ela. Bem, ela não tinha uma tia morta assombrando-a, mas não havia dúvida de que, do ponto de vista da sua vida amorosa, o coração da garota tinha sido arrancado do peito.

Della se levantou da carteira para sair da sala, mas se lembrou de que ninguém simplesmente se levanta e deixa uma sala de aula no meio de um debate sobre ondas sonoras.

— Della? — disse Yates.

Ela olhou para ele. Ia começar a explicar que precisava encontrar as amigas, mas isso não lhe pareceu uma desculpa razoável para deixar a sala. E, ultimamente, o senhor Yates andava se queixando das faltas de Della — mesmo quando eram aprovadas por Burnett.

— Hã... Eu preciso ser dispensada.

— Por quê...?

— Razões pessoais — disse ela, esperando que ele não discutisse, porque, se fizesse isso, ele não ia gostar da desculpa alternativa que ela tinha para sair da aula. Mas Della iria usá-la... mesmo que fosse uma mentira.

— Que tipo de razões pessoais? — ele perguntou, parecendo um pouco irritado.

Dane-se, ela tinha tentado poupá-lo. Della colocou a mão no quadril e encontrou o olhar contrariado do professor.

— Estou naqueles dias e precisando dar uma geral. Claro, você não iria entender.

O queixo do senhor Yates caiu, mas ele não a dispensou da aula, então ela simplesmente continuou.

— Quero dizer, eu sei que vocês não entendem toda essa coisa de menstruação.

A cor vermelha dele subiu do pescoço para o rosto e ele ficou parecendo quase um personagem de desenho animado, mas ainda assim não a dispensou.

— Mas, falando sério, se o seu pênis sangrasse uma vez por mês...

— Pode sair! — ele quase gritou e ela mal o ouviu por sobre o riso dos outros alunos.

— Obrigada. — Ela disparou para fora da sala e não diminuiu o ritmo até parar na sua cabana.

Ela podia ouvir Miranda e Kylie lá dentro. A voz chorosa de Miranda era a que ecoava mais alta.

Sentindo-se muito mal por abandoná-las depois de ter recebido tanto apoio delas nos últimos meses, Della irrompeu cabana adentro. Estavam sentadas à mesa da cozinha. Miranda tinha um pote de meio litro de sorvete nas mãos e três potes vazios jaziam ao lado, sobre a mesa. E eles pareciam ter sido lambidos, de tão limpos.

Kylie encarou Della como se não soubesse mais o que fazer com a bruxa. Não que Della tivesse grandes ideias.

— Sinto muito. Eu não sabia que estávamos dando uma festa do sorvete.

Della parou ao lado da mesa.

Miranda soltou mais um soluço e colocou outra colher grande de sorvete de banana na boca.

— Ele ne...nem me ligou — ela choramingou com a boca cheia de sorvete.

Della respirou fundo e pediu a Deus para que tivesse paciência.

— Ele está no meio do caminho. Depois que se chega a cerca de 20 mil pés de altitude, é meio difícil encontrar uma torre de celular...

— Eu dei a ele um telefone especial. — Miranda soluçou. — Ele não precisa de uma torre de celular.

— Todos os telefones celulares precisam... Ah, você quer dizer um telefone mágico?

Miranda assentiu com a cabeça e soltou outro soluço.

— Que legal! — admirou-se Della.

— Não é legal se ele não me... liga. Por que ele... não me ligou?

Kylie franziu a testa para Della como se dissesse que não sabia o que dizer.

— Tenho certeza de que ele vai ligar — disse Kylie e o coração da camaleão deu uma cambalhota, denunciando a mentira.

Della caiu numa cadeira e se perguntou se mentir não era de fato a melhor opção. Ela tentou imaginar Perry voando e de repente surgiu uma dúvida.

— Como Perry está voando com os seres humanos se ele não pode se controlar quando está perto deles?

Miranda mergulhou a colher de volta no pote de sorvete.

— Burnett deu um antialérgico a ele. O remédio diminui a capacidade de um metamorfo de mudar de forma.

Della refletiu sobre aquilo.

— Então por que ele simplesmente não toma antialérgicos todo dia? Assim não teria que ir para escola nenhuma aprender como não se transformar.

— Ele teve que tomar mais de dez comprimidos — disse Miranda.

— Mais de dez? — perguntou Kylie.

— Bem, aí está a explicação, dã — disse Della. — Talvez ele tenha desmaiado no avião e é por isso que não te ligou.

— Acho que ele não me ligou de propósito — Miranda gemeu.

— Eu não acho — disse Kylie, e seu coração deu mais cambalhotas no peito, dizendo a Della que era exatamente isso que Kylie pensava. Inferno, Perry provavelmente já tinha confidenciado a Kylie que não telefonaria para Miranda.

Droga, Perry! Não importava que o motivo que o tivesse levado a romper com Miranda fossem suas próprias inseguranças. Mesmo assim ele ainda iria partir o coração e o espírito dela. O espírito de Miranda era frágil. E aquilo elevava a fúria de Della à décima potência. Ela respirou fundo e tentou acalmar a fúria que deixava seus olhos incandescentes.

Miranda encheu a boca com outra colherada de sorvete, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela parecia patética e nojenta, porque seu nariz estava escorrendo, molhando todo o lábio superior, e ela ainda assim não parava de comer.

E de repente Della perdeu a paciência. Não conseguiria ficar ali parada, vendo Miranda daquele jeito.

— Chega! — ela gritou e tirou o pote de sorvete das mãos da amiga.

— Devolve isso! — Miranda exigiu e se levantou, tentando enfiar a colher dentro do pote.

— Não vamos brigar — disse Kylie. — Devolva o sorvete.

— Não! — Della afastou o pote da colher de Miranda. Mas a bruxa tentou alcançá-lo novamente.

Della enfiou o dedo no sorvete.

— Meus dedos estão imundos! — Ela encarou a companheira de quarto chorosa. — Eu estava com o nariz escorrendo hoje de manhã. — Ela continuou, cutucando o sorvete com o dedo, na esperança de desencorajar a garota.

— Eu não me importo! Eu quero o meu sorvete! — Miranda gritou e avançou para pegar o pote.

— Parem com isso! — disse Kylie.

Della ignorou Kylie, saltou para trás, e enfiou o dedo mais fundo na massa gelada. Então fingiu que iria entregar o pote à Miranda, mas em vez disso jogou-o no chão e, em velocidade de vampiro, começou a pisar com os saltos das botas sobre o pote de sorvete até deixá-lo em tal estado que a bruxa precisaria de um canudinho se quisesse recuperá-lo do chão.

Miranda ficou ali, olhando para aquela sujeira toda com fúria nos grandes olhos verdes.

— Eu cabulei aula para comprar esse sorvete.

Parecendo completamente fora de si, ela levantou o dedo mindinho e começou a girá-lo.

— Pare com isso! — Kylie gritou.

— Não. Deixe que ela faça isso! — Della encostou o rosto no de Miranda. Seu nariz quase tocava o da bruxa. E isso era meio nojento, porque o nariz dela estava cheio de sorvete. Pelo menos Della esperava que fosse sorvete e não...

— Não faça isso! — Kylie puxou Miranda para trás. — Pode acabar muito mal.

Della ergueu a mão.

— Fique fora disso! — ela disse para Kylie. — Deixe a bruxa me transformar em canguru ou me encher de espinhas, eu não me importo! — Della voltou a olhar para Miranda. — Você é minha amiga, droga! E eu não vou ficar parada olhando você comer até ficar enjoada e gorda como uma porca.

— Eu não me importo de ficar gorda! — protestou Miranda.

— Bem, eu me importo! — Della rebateu.

— Você não entende! — Miranda soluçou.

— Uma ova que não! — disse Della e de repente as lágrimas encheram seus olhos. — Olha, eles nos deixaram! Nós não queríamos isso. Não pedimos por isso. Eles é que devem ficar no fundo do poço, não nós!

— Mas eu amo...

— Eu sei que você ama Perry, mas você não merece isso. Eu não mereço isso! Steve e Perry basicamente nos disseram a mesma coisa: para descobrir o que queremos. Bem, caramba, isso é o que você deve fazer. Você não vai ficar chafurdando nessa merda de autopiedade e ficar imensa de tanto tomar sorvete. Você vai seguir em frente com a sua vida e descobrir o que você quer! E adivinha? Você pode descobrir que quer mais do que um namorado como Perry.

— A vampira tem razão — concordou Kylie.

Miranda fungou.

— Mas eu não quero...

— Olha, eu não estou dizendo que você vai se apaixonar por outra pessoa, mas talvez paquerar um pouco, se abrir para outras possibilidades. Você pode até mesmo se divertir.

— Quem é que eu vou paquerar? Todos aqui sabem que...

— Bem, paquere alguém que não seja daqui.

— Eu não quero paquerar ninguém...

E de repente Della se lembrou de algo que não tinha contado a Miranda. Sobre o bruxo agente da UPF que tinha ajudado a enterrar Chan. Ela teve que vasculhar o cérebro para se lembrar do nome dele, mas conseguiu.

— Que tal Shawn Hanson?

A boca de Miranda se abriu de surpresa. Em seguida, fechou de repente.

— Sua vampira sanguessuga de uma figa! Você leu o meu diário? — O dedo mindinho de Miranda voltou a girar. — Eu devia, eu devia...

— Eu não li merda nenhuma! — Della fez uma careta. — Mas teria lido se soubesse que você tinha um diário. Onde ele está? Aposto que eu daria boas risadas com ele.

— Não minta pra mim — Miranda rebateu. — De que outra forma você saberia sobre Shawn?

— Eu sei sobre ele porque o conheci.

— Mentira! — Miranda acusou e olhou para Kylie. — Vire vampira e verifique o batimento cardíaco dela.

Kylie deu de ombros.

— Eu já me transformei em vampira e ela não está mentindo.

Della abriu um sorriso de vitória.

— Ouça a camaleão, ela está falando a verdade.

Quando Miranda não disse nada, Della continuou.

— E não é só isso. Quando eu disse o seu nome, ele começou a poluir o ar com todo tipo de feromônio. O cara é louco por você.

— Agora eu sei que você está mentindo.

— Eu juro! — disse Della.

Miranda fez uma careta.

— Como ele sabia que você me conhecia? Onde você o encontrou?

— Ele estava ajudando no enterro de Chan. E sabia que eu conhecia você porque todo mundo estava falando da prisão e de como você transformou aqueles cinco capangas em cangurus. Ele me disse que você era amiga da irmã dele e que ele sempre soube que você tinha mais talento do que as pessoas acreditavam.

Os olhos de Miranda brilharam um pouco.

— Todo mundo estava falando disso? Sério, ele realmente disse essas coisas sobre mim? Que eu sou talentosa?

Della pôs a mão no coração.

— Palavra de honra. Que um raio me parta se eu estiver mentindo.

— E eu posso enfiar uma agulha no seu olho se você estiver mentindo? — perguntou Miranda.

— Sim, a agulha, também — disse Della.

— E os feromônios... Ele realmente...?

— Eu juro!

Miranda caiu para trás na cadeira. Ela ficou ali sentada pensando durante vários segundos. Em seguida, seus olhos perderam o brilho.

— Eu ainda não quero Shawn. Eu quero Perry.

— Eu sei. Mas você não pode ficar doente se Perry não ligar até voltar. Olhe para isso como uma oportunidade para ter certeza de que é ele mesmo que você quer. É difícil. Mas, que droga, vá beijar

alguns sapos para ver se algum se transforma em príncipe.

Miranda cruzou as mãos no colo e, em seguida, olhou para Della.

— Você vai fazer isso?

— Eu não conheço nenhum sapo — disse Della.

— Não, eu quero dizer, você vai se abrir e ver se Chase na verdade não é um sapo, mas um príncipe?

— Eu não acho que o Perverso da Calcinha seja...

— Pare aí mesmo! — Miranda voltou a ficar de pé e lançou para Della o que se poderia considerar um olhar fulminante. — Você não pode destruir o pote de sorvete de uma pessoa, ficar despejando conselhos em cima dela e depois não segui-los você mesma.

— A bruxa tem razão — disse Kylie.

— E tem mais! — acrescentou Miranda. — Você não chamava Chase de Perverso da Calcinha há um bom tempo. Por quê?

Porque ela tinha parado de desconfiar tanto dele, Della pensou. E porque ele não tinha dito mais nada sobre as calcinhas dela, o motivo pelo qual ele tinha ganhado o apelido, para começo de conversa.

— Bem. Eu vou seguir meu próprio conselho. — De certa forma, ela já tinha feito isso. E talvez devesse se lembrar do quanto desconfiava de Chase no início, também.

— Promessa de mindinho! — Miranda estendeu o dedo mindinho.

Della entrelaçou seu dedo mínimo no da bruxa, mas não pôde deixar de se perguntar qual seria o castigo em caso de quebra de uma promessa de mindinho. No dia anterior, ela tinha confiado nele, hoje não confiaria. Não até que suas dúvidas com relação ao Perverso da Calcinha se desvanecessem completamente.

— Diga que promete — Miranda repetiu.

— Prometo — disse Della, percebendo que a promessa não incluía confiar no garoto. Tudo o que ela tinha prometido era tentar descobrir se Chase era um sapo ou um príncipe. E daí se ele fosse um príncipe? Aquilo não significava que ele era o príncipe *dela*.

Capítulo Vinte e Dois

Della foi para a sua última aula e, logo depois que acabou, foi direto para a cabana, onde ligou para Derek e perguntou se podiam se encontrar. Por mais que ela estivesse pensando em Steve e em Perry e Miranda, não tinha esquecido a visão. E se havia alguém que poderia ajudá-la a encontrar respostas, era Derek. Ele era ex-namorado de Kylie e já tinha trabalhado no escritório de um detetive particular, então tinha ajudado Della a desenterrar informações sobre sua família no passado. Fora ele quem descobrira sobre o assassinato de Bao Yu.

— O que manda? — ele perguntou.

— Só algumas perguntas... sobre o caso da minha tia.

Ele parou um minuto.

— Eu na verdade não sei muito a respeito.

— Eu gostaria que me contasse tudo o que sabe — disse ela.

— Ok. Estou com Jenny, ela pode ir junto?

— Claro! — disse Della, percebendo que tinha sido negligente com a promessa que fizera a si mesma de ser mais amiga de Jenny, a nova camaleão do acampamento. Mas Della andara meio ocupada, certo? Um fio de culpa se esgueirou através dela.

Della sentou-se na varanda para esperar, depois que desligou o celular. O clima de outono era agradável, o céu era de um azul perfeito e o sol estava quente em seu rosto. Um lindo dia para se pensar em assassinatos. Para pensar num assassinato que tinha acontecido anos atrás, mas o fantasma tinha dado a ela uma imagem, e ela só poderia presumir que era importante. Ou talvez só precisasse provar a si mesma que não era o seu pai o assassino.

Quando ouviu os passos de duas pessoas se aproximando pela trilha, ela ergueu os olhos e viu Derek e Jenny surgindo numa curva do caminho. Estavam de mãos dadas e conversavam em voz baixa, sorrindo.

O coração de Della deu um mergulho, sentindo uma fisgada ao ver duas pessoas tão perfeitas uma para a outra. Ela sempre tinha esse sentimento quando via Kylie e Lucas juntos. E talvez até um pouco com Miranda e Perry — o babacão.

Jenny viu Della, soltou a mão de Derek e correu para abraçá-la. Della permitiu.

— Eu sei que você está trabalhando num caso para a UPF, mas senti a sua falta. E fiquei preocupada com você... quando Steve foi embora.

— Eu estou... está tudo bem e me desculpe — disse Della, sua mente ainda às voltas com as pessoas perfeitas uma para a outra, e perguntou-se se as outras pessoas viam ela e Steve assim também.

— Está se desculpando pelo quê? — perguntou Jenny.

— Por ser muito ocupada. Vamos almoçar juntas amanhã.

— Eu estou convidado? — perguntou Derek.

— Não — disse Jenny. — Não poderemos falar de você, se estiver lá. — A garota riu, parecendo quase inebriada. Será que era o amor?

Derek franziu a testa.

— O que você vai dizer sobre mim?

— Você nunca saberá! — brincou Jenny. — Mas tenho certeza de que vai ser algo bom.

Della revirou os olhos. Seu coração podia estar meio mole, mas aquilo estava ficando sentimental demais.

— Vocês querem entrar? — Della ofereceu antes que os dois comessem a se beijar ou algo assim.

— O dia está tão bonito! Por que a gente não pode simplesmente se sentar aqui fora? — respondeu Jenny.

Eles se sentaram, encostando-se na parede da cabana. Derek dobrou um joelho e, quando olhou para Della, ela sabia que ele estava se perguntando por que tinha pedido para vê-lo.

— Eu acho que já contei tudo o que descobri.

— Você não me disse como ela morreu — corrigiu Della. — Você conseguiu uma cópia do relatório?

— Não, meu amigo investigador só me disse o que o detetive amigo dele contou. — Ele fez uma pausa como se pensasse, então franziu a testa. — Tenho certeza de que ele disse que ela foi espancada até a morte. Disse que no relatório estava escrito que havia muito sangue.

— Então não foi esfaqueada? — ela perguntou. — Se tivesse sido esfaqueada, estaria escrito lá, certo?

Derek considerou um minuto.

— Acho que sim. Por quê?

— Nada importante — ela mentiu, agora ainda com mais certeza de que o fantasma que a assombrava era realmente sua tia. Só porque ela era oriental, isso não significava que estivesse envolvida. Tudo bem, isso podia ser só um desejo seu, mas Della merecia poder desejar um pouco.

Então, de repente, ela percebeu que não tinha visto o fantasma realmente ser esfaqueado. Só tinha presumido que a vítima tivesse sido morta pela faca. Ah, inferno, agora ela estava mais confusa do que antes.

— Você consegue se lembrar de mais alguma coisa? Talvez tenha esquecido algo. Ou não achado que era importante. Você pode pedir a ele para contar tudo de novo?

Derek parecia que iria dizer não, mas então suspirou.

— Eu vou perguntar, mas...

— Mas o quê? — ela perguntou.

— É só que... você não gostou muito do que eu descobri da última vez... Sobre seu pai ser o único suspeito... e eu não acho que vai ser diferente.

— Eu preciso saber — disse Della. — Se vou gostar ou não, isso não interessa.

Algumas horas depois, Della avistou o Perverso da Calcinha assim que fez a primeira curva da trilha que levava ao escritório. Ele tinha lhe mandado uma mensagem mais cedo, dizendo que precisava vê-la.

Ele andava com senso de propósito... não, era mais com confiança. Usava jeans, uma camisa amarela brilhante e um blusão com capuz marrom com o zíper quase todo fechado. As botas combinavam com o blusão, desbotadas, mas ainda quentes. O amarelo da camisa deixava seus olhos verdes ainda mais claros. Quase de um verde dourado.

Ela sentiu o pulso acelerar como se pela expectativa de vê-lo. Não era isso, Della disse a si mesma, mas sentia que era mentira.

— Algum problema? — ele perguntou, tão logo chegou perto dela.

— Como assim? — respondeu ela com outra pergunta para evitar ter que mentir.

A expressão dele dizia que Chase tinha percebido. Ela não se importava. Simplesmente não era justo que Chase conseguisse controlar o batimento cardíaco dele e, portanto, mentir. Claro, ela quase podia saber se ele estava mentindo através das expressões faciais, mas esse não era um método 100 por cento preciso.

— Sobre o que você precisa conversar? — Aquela tarde, ela tinha começado a se preocupar com a possibilidade de Chase ter tido a mesma visão que ela na noite anterior.

Se isso fosse verdade, será que ele suspeitava que a vítima estava relacionada a Della? Será que ele sabia que seu pai ou seu tio era responsável por um assassinato? Chase poderia facilmente juntar os fatos se o que ela suspeitava fosse verdade — que seu tio era a pessoa por trás do Conselho dos Vampiros que o enviara para ver como ela e Chan estavam. Seu tio poderia até mesmo ser do Conselho.

Ou Chase poderia estar falando a verdade quando dizia que estava apenas obedecendo ordens.

De qualquer maneira, isso a levou ao problema que precisava resolver. Quando ela iria se encontrar com o Conselho e ter a chance de ver se o tio estava envolvido?

— Você me responde e eu te digo.

— Responder o quê? — Ela continuou andando. Chase estendeu a mão e pegou-a pelo cotovelo. Não apertou, foi um toque suave. Como se isso significasse alguma coisa. Isso a incomodou.

— Para de enrolar, Della. Me diga o que está errado.

Isso significava que ele sabia? Ou que ele só sabia que ela estava evitando mentir? O coração dela deu algumas cambalhotas.

— Por que você acha que algo está errado? — Ela se afastou da mão dele e continuou andando em direção ao escritório.

— Você parece triste. — Chase acertou o passo com o dela.

— Dia ruim — Isso não era uma mentira. Ela quase tinha sido transformada em canguru por uma de suas melhores amigas. E, pela sua conversa com Derek sobre a tia Bao Yu, dava para adivinhar que tudo o que ela pensava era verdade.

Ela não olhou para Chase enquanto andava, só olhava para os próprios pés. Suas botas pretas ainda tinham restos de sorvete. O cheiro de sorvete de banana exalava das solas. Ela provavelmente deveria ter passado um paninho nelas.

Quando inspirou novamente, sentiu o cheiro de sabonete masculino picante e perguntou por que ela não tinha nem se preocupado em trocar de roupa. Então se lembrou de que não deveria se preocupar com a própria aparência. Eles estavam numa missão, não numa droga de encontro romântico.

— Eu acho que é mais do que apenas um dia ruim — disse ele.

Della parou de andar e olhou para ele.

— Por que você acha que é mais?

— Quer parar de responder a uma pergunta com outra pergunta? Apenas converse comigo.

Mais desconfiada do que nunca, ela levou uma mão ao quadril.

— O fantasma disse alguma coisa a você? — No momento em que fez a pergunta, Della se arrependeu.

Chase olhou para ela.

— Não. Eu apenas... Eu posso ler você... faz parte da ligação, eu acho.

— O que você quer dizer com “ler”? — Certamente ele não poderia saber o que ela estava pensando. Isso seria desastroso.

— Posso dizer se você está chateada só olhando pra você.

— Como? — perguntou ela.

— Eu observo detalhes. Coisas que eu não notaria antes.

— Que coisas?

— Em primeiro lugar, esse seu jeito malcriado está um pouco mais evidente. — Ele quase sorriu.

— E, em segundo lugar, a sua sobrancelha direita ergue quase um centímetro quando você está tensa.

Della relaxou propositadamente as duas sobrancelhas.

Ele riu.

— Você também não passou a perceber coisas em mim?

Ela queria muito dizer que não, mas seria mentira e ele saberia. Ela já não tinha notado como a cor da camiseta dele mudava o tom dos seus olhos? E a confiança ao trocar as marchas. E...

— Eu sempre fui do tipo observador. — Havia alguma verdade naquilo também.

O brilho nos olhos dele desapareceu.

— Sério — ele disse. — O que há de errado?

— É pessoal. — Chase não podia argumentar com isso. Ela recomeçou a andar.

— Espere. — Ele pegou o braço dela novamente.

Talvez ele pudesse argumentar, sim.

— O fantasma lhe disse alguma coisa? É isso?

Veja só, ela tinha razão quando concluiu que aquilo tinha sido um erro. Della se afastou.

— Burnett está à nossa espera.

— Estamos adiantados, lembra? Droga, fale comigo! Se o fantasma...

— Eu já disse, é um assunto pessoal.

— É porque Steve foi embora? — A decepção tocou a voz dele e seus olhos ficaram um pouco mais brilhantes como se a ideia o incomodasse.

O primeiro impulso dela foi dizer que Steve não era da conta dele, mas talvez ela pudesse usar isso para fazer Chase parar de ficar no seu pé. Della levantou o queixo.

— E isso é pessoal.

Ele assentiu como se estivesse satisfeito em saber que aquilo era tudo o que a preocupava.

— Tudo bem, mas se quiser conversar, eu vou ouvir.

Ela tinha certeza de que Chase não tinha a mínima vontade de ouvi-la se lamentando por causa de Steve, mas parecia ter sido sincero.

— Ah, tá, como se isso fosse acontecer... — disse ela.

— Lá vai ela ser malcriada de novo...

— Mas eu sou tão boa nisso! — Della respondeu, meio de provocação.

— Ah, isso é verdade! — Ele sorriu.

O sorriso dele, genuíno e sexy, a pegou de surpresa e ela olhou para Chase por uma fração de segundo a mais do que deveria. Ele notou, também. Ela podia dizer pela forma como o olhar dele — suave e sedutor — buscou lentamente os olhos dela.

Afastando o pensamento, ela endireitou a postura.

— O que você precisa falar comigo antes de conversar com Burnett?

Ele parou de andar e afastou um galho de uma árvore que estava no caminho.

— Eu quero pedir que ele adie um pouco o toque de recolher. Se vamos à funerária ver se encontramos alguém que saiba alguma coisa sobre Liam, podemos precisar ficar lá um tempo. Mas, se você acha que Burnett vai dizer não, então a gente talvez precise seguir a teoria de que é melhor dizer que estamos arrependidos do que pedir permissão.

Ela fez uma careta.

— Burnett não gosta dessa teoria.

— Tudo bem, vamos pedir.

— É assim que você trabalha com o Conselho dos Vampiros? — Ela aproveitou a oportunidade para desviar a conversa para o Conselho.

Ele fez uma cara de “caí na real”.

— Os caras do Conselho dos Vampiros não são superprotetores como Burnett. Parece até que você é filha dele!

— Então eles não se importam com você.

— Eles se importam, mas acham que eu vou conseguir fazer o meu trabalho sem que tenham de supervisionar cada pequeno detalhe.

Ela começou a andar novamente.

— Imagino que, quando eu for uma agente de verdade, não só uma agente júnior temporária, Burnett também agirá assim comigo. — Ela não poderia deixar de defender Burnett, mas, em seguida, acrescentou: — Mas estou ansiosa para conhecê-los.

Quando Chase não respondeu, ela olhou para ele.

— Quando você acha que vai ser?

— Quando vai ser o quê? — ele perguntou, e Della reconheceu a sua própria tática de responder a uma pergunta com outra pergunta.

— Agora quem está fazendo isso? — ela perguntou. Chase fingiu inocência. — Encontrar o Conselho dos Vampiros — ela respondeu diretamente. — Quando é que vai acontecer?

— Eu não sei se isso vai acontecer.

— Ah, eu simplesmente presumi que, já que eles têm participação no nosso trabalho, eu iria encontrá-los assim como você se encontrou com Burnett.

— Eu posso averiguar — disse ele. — Mas tenho a impressão de que Burnett não aprovaria.

— O que Burnett não sabe não vai matá-lo — Della respondeu.

— Mas você quer perguntar a ele sobre protelar o toque de recolher. Isso faz sentido?

— Ele saberia se eu ficasse fora até tarde — disse ela, apontando a diferença.

— Ele não tem como saber...

— Eu ainda acho que vai pegar mal pedir para ficar na rua com você até mais tarde; ele vai dizer não.

— Pedir algo que pega mal nunca matou ninguém. E a gente não vai saber se não perguntar.

— O que me faz voltar ao mesmo ponto — disse ele. — Vamos perguntar sobre você se encontrar com o Conselho dos Vampiros.

— Não — ela disse.

Chase franziu a testa e uma fina linha — de preocupação, talvez — apareceu entre os olhos dele. Ela teve a nítida sensação de que não era apenas Burnett que não aprovava seu encontro com o Conselho dos Vampiros. Haveria uma razão para Chase não querer que ela os encontrasse?

Poderia ser porque ela estava certa? O tio dela fazia parte da organização? O tio dela, que ela acreditava ter assassinado sua tia?

E Chase sabia disso.

Ela se lembrou da promessa do mindinho para Miranda. Descobrir se Chase era mais um sapo do que um príncipe. Agora, o Pervertido da Calcinha estava mais para quem comia gafanhotos no jantar.

Burnett entregou-lhes uma foto de Liam Jones.

— Ele é um bom garoto. Sem ficha criminal. Ia fazer engenharia. É parte afro-americano e parte branco. E morava com a mãe.

Della olhou para a foto e, embora estivesse muito escuro para ver o rosto dele na visão, de alguma forma ela sabia que aquele era de fato Liam.

Chase olhou para a foto e Della poderia dizer que ele sentiu o mesmo. Esse era o Liam que estavam procurando. Ele olhou para Burnett.

— Aliás, nós vamos precisar de um toque de recolher estendido esta noite.

A expressão de Burnett endureceu.

— Quanto tempo a mais?

— Quanto for preciso — disse Chase, olhando para a foto. Della podia dizer que ele quase sentia um vínculo com Liam. Não que ela pudesse culpá-lo, ela sentia uma espécie de ligação com Natasha também. Sentir como se estivesse na pele dela, na cabeça dela, provocava esse tipo de coisa.

— Nós vamos ficar bem — acrescentou Della. — Você sabe que a gente sabe se cuidar.

— Ser forte e rápido não faz de ninguém invencível. — Ah, cara, Della tinha ouvido aquilo uma centena de vezes desde que tinha Renascido.

— Quase faz — argumentou Chase.

Della interiormente se encolheu. Essa não tinha sido a coisa certa a dizer. Ela lançou a Chase um olhar de advertência.

— E isso explica por que eu não posso confiar em você.

— Você quer que a gente procure Liam ou não? — perguntou Chase.

Burnett contemplou-o por alguns longos segundos, silenciosos. Mas não ficaria em silêncio por muito tempo. Ele nunca ficava.

— Sim — ele disse, com firmeza —, mas vou mandar outro agente acompanhá-los durante essa parte da noite.

Chase se inclinou para a frente.

— Eu odeio discutir com você, mas andei fazendo umas investigações. Há umas duas gangues sobrenaturais à solta por aí. Gangues de adolescentes. Nós não precisamos de um velho babão saindo com a gente. Ele vai acabar com o nosso disfarce num segundo.

Os olhos de Burnett ficaram mais brilhantes.

— Eu mesmo vou.

— E eu insisto na mesma coisa. — Chase cruzou os braços sobre o peito.

Putá merda! Chase tinha chamado Burnett de velho babão?

Della prendeu o fôlego, com medo de que Burnett cancelasse toda a missão.

Os olhos de Burnett se iluminaram e ela o viu apertar a mandíbula como se para refrear sua vontade de chutar Chase dali.

— Vou mandar um agente mais jovem.

Chase bufou.

— Nós realmente não...

— Eu. Vou. Enviar. Um. Agente. Mais. Jovem. — A voz grave e alta de Burnett deixou claro que ele não admitia discussão.

Quando Chase se reclinou em sua cadeira, Burnett continuou, num tom de voz mais normal.

— Eu vou ligar passando os detalhes depois.

— Tudo bem. — Chase se levantou e começou a deixar o escritório.

Della saiu atrás dele, mas olhou para trás, na direção de Burnett, que ainda parecia contrariado. Ela deixou Chase se afastar um pouco e, então, enfiou a cabeça pela fresta da porta.

— Eu não acho que você pareça um velho babão. Ele nunca viu você sem camisa.

— Obrigado — disse ele —, eu acho. — Burnett se levantou. — Tome cuidado. E fique de olho nele. Chase pode ser mais inconsequente do que você.

— Vou ficar.

Havia um rádio ligado dentro da casa dos Owen. Mas, desta vez também, parecia que não tinha ninguém em casa. Ou a pessoa lá dentro estava dormindo e respirando tão baixinho que eles não conseguiam ouvir. Della farejou o ar. Ela teve que ignorar o aroma de banho de Chase para ver se conseguia captar quaisquer vestígios de humanos.

Conseguiu.

— Eu estou farejando...

— Eu sei, mas senti esse mesmo cheiro ontem — disse Chase. — Eles provavelmente têm uma sala de ginástica e ela está cheirando a suor. Você nunca foi a uma academia humana? O cheiro é quase insuportável.

Della não ia a uma academia desde que tinha se tornado vampira. Deu uma olhada rápida nele, se perguntando por que ele iria a uma academia. Os aparelhos não eram fortes o suficiente para oferecer a um vampiro um treino de verdade. Então ela se lembrou da razão por que a maioria dos caras vai a academias: para conhecer garotas gostosas.

Ela bateu mais uma vez na porta com força. Ficaram mais alguns minutos na porta da frente, sem que ninguém atendesse. Della levantou a mão e torceu o rabo de cavalo; usava o elástico de cabelo do porta-luvas do Camaro outra vez.

No trajeto para lá, Chase tinha tentado iniciar uma conversa, mas ela tinha evitado. Ainda estava pensando na possibilidade de ele realmente saber do seu tio.

— Nós temos algumas opções — disse Chase, dando alguns passos para trás e olhando para cima.

— Que tipo de opções? — perguntou Della, lutando contra a onda de decepção e também com a tristeza esmagadora — a mesma que sentira ali no dia anterior. Seria a casa? Ou o fantasma?

— Nós poderíamos entrar e ver se conseguimos encontrar fotos que possam nos dizer com certeza se Natasha Owens é a nossa garota.

— Eu acho que o nome disso é arrombamento e invasão — disse Della.

— Só vamos entrar — disse ele. — Eu vi uma janela no andar de cima que está aberta. E nós ouviríamos se um carro entrasse na garagem.

Ela lembrou as palavras de despedida de Burnett sobre Chase ser inconsequente. Mas a tentação venceu.

— Não é como se fôssemos roubar alguma coisa — acrescentou.

Ela recuou e olhou para a janela do segundo andar, cuja vidraça estava aberta uns bons dez centímetros. Ah, inferno, o que de pior poderia acontecer?

Você poderia ser pega, presa e, então, com certeza seu pai iria tirar você de Shadow Falls.

Na mente dela passou uma imagem de Natasha e Liam. Ok, será que a voz era do fantasma? Ou era apenas ela aceitando que às vezes simplesmente precisava correr riscos?

— Vamos nessa.

Capítulo Vinte e Três

— Ou talvez seja melhor a gente não fazer isso — acrescentou Della um segundo depois, quando percebeu que o que eles estavam prestes a fazer era na verdade um crime. E aos 17 anos, ela poderia ser julgada como um adulto.

Chase olhou para ela.

— Você quer esperar aqui fora?

— Não — ela retrucou, sentindo como se ele a chamasse de covarde.

Ele olhou em volta e inclinou a cabeça para o lado, como se para confirmar que nenhum carro estava se aproximando.

— Então, vamos. — Chase saltou, agarrou o parapeito da janela, soltou uma mão e, em seguida, abriu a janela. Só depois que ele tinha entrado, Della saltou para cima.

Agarrou o parapeito da janela e Chase ofereceu uma mão. Ele a ignorou e alçou o corpo, entrando no cômodo. Uma sala de jogos. Havia um grande sofá de couro marrom num canto e uma imensa TV de tela plana no outro. Uma esteira e um conjunto de pesos estavam arrumados ao lado, o que ela esperava que explicasse por que o cheiro de seres humanos era tão forte.

Música, uma canção da cantora Dido, inundava o cômodo, vindo de dois alto-falantes instalados no teto. Della olhou para o interior agradável, percebendo o sentimento de tristeza ainda mais forte do que lá fora. Ela olhou ao redor, procurando fotos de família, mas, com exceção de algumas gravuras de animais selvagens, não havia nada pendurado na parede.

Chase andou até a porta, abriu-a lentamente e começou a entrar pelo corredor. Della, sentindo-se uma criminosa, se esgueirou atrás dele. Chase parecia ter a intenção de descer as escadas, mas seu olhar se desviou para a parede do saguão, onde havia o que pareciam ser fotos de família.

— Olhe! — Della sussurrou, ainda nervosa. Seu olhar passou da foto dos pais — a mãe era americana e o pai parecia ao menos em parte oriental — para o de uma garota. Natasha. O coração de Della cantou uma pequena canção de vitória. — É ela! — confirmou Della. — Eu sabia.

— Tudo bem — disse Chase. — Agora sabemos que o nome dela é Natasha Owen. Vamos ver se conseguimos encontrar seu quarto e alguma pista lá dentro que possa nos ajudar.

Ele andou até a primeira porta à direita e abriu-a. Um quarto. Decorado em suaves tons de creme, mas desprovido de personalidade. A cama parecia recém-arrumada ou talvez ninguém dormisse ali. Quarto de hóspedes, Della supôs, e tanto ela quanto Chase deram um passo para trás ao mesmo tempo. A porta fez um leve tilintar quando ele a fechou.

O próximo quarto, ao ser aberto, despejou sobre Della uma onda quente de emoção. Pintado e decorado com um tom vibrante de roxo e móveis brancos caiados, era um típico quarto de

adolescente. Até a colcha, de um roxo chamativo, deixava evidente que aquele quarto tinha sido ocupado por uma jovem. Alguém que amava a vida e a vivia com prazer.

Não havia dúvida. Era o quarto de Natasha. Della sabia disso.

Três pares de sapatos estavam espalhados pelo cômodo, jeans e algumas blusas tinham sido empilhadas num canto, como se da última vez que Natasha estivera ali, ela não tivesse certeza do que vestir e tivesse trocado de roupa várias vezes.

Será que ela tinha um encontro? Ou ia sair para comer pizza com os amigos? Por mais estranho que fosse, de pé ali, Della sentia traços da personalidade de Natasha se infiltrarem pelos seus poros. Alguns CDs estavam sobre a cômoda. A garota adorava música. Talvez até mesmo para dançar.

Afastando aqueles pensamentos malucos para longe, Della começou a fazer o que eles tinham se proposto ali: ver se conseguiam encontrar alguma pista.

A cama não estava feita, como se o mundo tivesse parado no dia em que Natasha tinha desaparecido ou, como os pais dela o viam, no dia em que ela morreu.

Por um segundo, Della lembrou que a mãe não tinha mudado nada, no quarto dela, depois que ela tinha se mudado para Shadow Falls. Seria esse um sinal de amor?

Na mesa de cabeceira, havia uma foto de Natasha e duas outras meninas, todas rindo, fotografadas num momento de felicidade, de amizade.

Della se aproximou da foto e pensou nas suas duas amigas, Miranda e Kylie. Será que essas eram as melhores amigas de Natasha? Será que também tinham ficado devastadas ao saber da suposta morte da amiga?

Pegando a moldura, Della se lembrou dos poucos amigos que tinha deixado para trás, na sua antiga vida. Estranhamente, eles não eram nem de perto tão importantes para ela quanto Miranda e Kylie.

Afastando os pensamentos do seu passado, notou uma outra foto de três garotas com chapéus de formatura na cabeça. Natasha era mais velha do que Della pensava. Isso, ou ela tinha terminado o secundário mais cedo.

Ela colocou o porta-retrato na cômoda e pegou outro. O rosto de Natasha chamou sua atenção. Havia algo... quase familiar nele. E não era só por já tê-lo visto na foto com Chan e sua tia.

O ruído de Chase abrindo gavetas e vasculhando as coisas de Natasha atrás dela chamou sua atenção. Com a forte sensação de que ele estava invadindo o santuário pessoal que os pais de Natasha tinham feito para a filha, ela colocou a foto de volta no lugar, quase desejando que não tivesse nem mesmo a tocado.

Della olhou para Chase.

— Não tire as coisas do lugar — disse ela, sentindo que a mãe ou o pai iam muitas vezes ao quarto e tinham memorizado onde estavam todas as coisas da filha. Coisas que contavam um pouco da vida dela.

— Eu só estou procurando alguma coisa que possa nos ajudar a encontrá-la.

Della não sabia o que seria, mas sabia que encontrariam algo ali, quase como se o fantasma os tivesse levado até lá. Em cima da cômoda havia o retrato de um homem. Cabelos escuros, olhos puxados. Della tinha quase certeza de que era o mesmo homem na foto de família que ficava no corredor.

Engraçado como Natasha parecia mais oriental do que o próprio pai. Sorte dela, Della pensou, lembrando que ela mesma mal parecia filha de um oriental.

De repente, por trás da música suave e da voz da cantora, veio o barulho de um carro em movimento na rua.

— Está chegando alguém! — disse ela.

— Eu sei — disse Chase.

No momento em que se aproximou da janela, o carro estava avançando pela entrada de carros.

— Merda! — Della murmurou.

— Tudo bem — disse Chase. — Vamos esperar até que ele abra a porta, então vamos pular pela janela. Vai ficar tudo bem — disse ele, quando a sentiu quase em pânico.

Sentiu corretamente. A adrenalina de Della bombeava a toda velocidade. A ideia de ser pega fazia o medo correr pelas suas veias. E então ela ouviu. Não o motorista dentro do carro que desligava o motor. O carro era o menor dos problemas. O que Della ouviu foram passos. Passos subindo os degraus da escada.

Alguém *já estava* no interior da casa. Tinha estado lá o tempo todo. E se tivesse ouvido ela e Chase? Estaria vindo verificar?

Chase, obviamente ouvindo os passos também, voltou a olhar para a janela.

— Ele ainda está no carro. — A voz dele mal chegava aos ouvidos de Della.

— O que vamos fazer? — ela respondeu no mesmo tom baixo.

— Plano B — ele disse.

— Qual é?

Ele fez uma pausa de um segundo.

— Não faço a mínima ideia.

— Merda! — Ela sussurrou de novo.

Os passos chegaram mais perto, vindos pelo corredor, e estavam quase em frente ao quarto. Nada além de uma fina lâmina de madeira os separava do momento em que seriam pegos, invadindo a casa.

Nunca Della invejou tanto o dom da invisibilidade de Kylie. Mas ficar ali lamentando não ter esse dom não a levaria a lugar nenhum — ela precisava de um plano. E rápido.

— O armário. — Ela enganchou o braço no de Chase e o puxou para dentro.

Mal tinham fechado a porta e se agachado entre sapatos e peças de roupa caídas quando os passos pararam. Bem do lado de fora da porta.

Dela puxou os joelhos na direção do peito. A escuridão enchia o espaço exíguo. O ombro dela pressionava o de Chase. Precisando de mais ar para vencer o pânico que comprimia seus pulmões,

respirava rápido e superficialmente, esperando não fazer muito barulho. O aroma de perfume e xampu, obviamente de Natasha, impregnava o ar. Então o cheiro picante do sabonete masculino de Chase, misturado com o aroma de ar fresco, encheu os pulmões de Della. Embora ela não conseguisse enxergar um palmo na frente do nariz, fechou os olhos. Com força. E rezou.

Que ninguém entre. Que ninguém venha até aqui.

A porta se abriu e os passos entraram no quarto. Passos suaves como os de uma mulher. O que aconteceria a seguir? Se a pessoa a quem pertenciam os passos realmente os tivesse ouvido, será que olharia dentro do armário? Ah, não! Por que Della tinha escolhido o armário?

Della sentiu o estômago se contrair ao pensar em ter de explicar aos pais por que ela tinha invadido a casa de alguém.

Droga! Droga! Ela e Chase iriam ser pegos e aquilo acabaria muito mal. Realmente muito mal.

Os passos circularam pelo quarto. Com os olhos ainda fechados com toda a força, Della ouviu a pessoa soltar um suspiro profundo. Os lábios de Chase se aproximaram do ouvido dela.

— Se abrirem a porta, saltamos voando pela janela. É só manter a cabeça abaixada e procurar cair na grama. Se for bem rápido, eles não vão conseguir nos descrever para a polícia.

Della abriu os olhos. Uma réstia de luz entrava por baixo da porta do armário. Aquilo ou seus olhos tinham se acostumado à escuridão, e ela passou a enxergar as coisas à sua volta — as roupas no chão, o par de tênis desgastados no canto do armário. Ela voltou a fitar a porta, preparando-se para correr como louca se ela se abrisse.

Della contou até três, achando que já era hora de a pessoa se decidir se iria examinar o armário.

Um.

Dois.

Três.

A porta não se abriu.

O barulho do colchão cedendo sob o peso de alguém acrescentou outra camada de tristeza à música que tocava ao fundo.

Então ela ouviu um soluço sentido. Um soluço feminino. Não fazia parte da música. Era algo que vinha do fundo do coração. E parecia dor. Pura. Dor.

— Por que eu continuo ouvindo você? — disse a mulher. — Você está aqui, querida? Por que eu não aceito que você se foi? Pode me ouvir? Eu amo você. Sinto muito a sua falta.

Ela não se foi, Della queria dizer. Lágrimas encheram seus olhos. Enquanto sentia o peito doer por Natasha e sua mãe, Della não pôde deixar de imaginar se a mãe sentia a falta dela.

Será que algum dia a mãe tinha entrado no quarto dela e chorado?

Della não percebeu que ainda segurava a mão de Chase até que os dedos dele se entrelaçaram nos dela e os apertaram levemente. Será que ele lamentava a dor da mãe de Natasha também? Era como se ele estivesse tentando comunicar que tudo ficaria bem.

Mas como isso era possível? A tristeza da mulher ficou ainda mais evidente, pesando no ar, até dentro do pequeno armário. O sentimento de injustiça, de pesar, inundou o peito de Della e a fez se sentir sufocada.

A música de repente parou e o toque de um telefone soou em algum lugar.

O toque foi substituído por uma voz eletrônica anunciando: *chamada de Miao Hon*.

Dela segurou a respiração. Com certeza ela ouvira errado. Mas a mensagem se repetiu. *Chamada de Miao Hon*.

Por que a sua tia, mãe de Chan, estaria ligando para a mãe de Natasha?

Della respirou com um tremor. Ela desviou os olhos para Chase, mas ele parecia não ter associado o último nome de Chan com a pessoa que estava ligando.

O leve barulho do colchão se infiltrou pela porta. Então os passos deixaram o quarto. O clique da porta do quarto sendo fechada chegou aos ouvidos de Della, mas soou diferente. Distante.

Muito distante. Imediatamente, o armário pareceu mais escuro. Em vez de num esconderijo, ela estava agora numa prisão.

Dela se virou para falar a Chase que ela queria ir embora — queria sair dali, afastar-se da dor —, mas não era mais Chase sentado ao seu lado.

Capítulo Vinte e Quatro

O medo era a emoção que a impelia, mas, quando o sentiu, ele se transformou em outra coisa. Algo que a fez sentir borboletas no estômago. Uma sensação boa.

Com os ombros contra os dele, ela olhou para o garoto, tentando entender. Ele tinha olhos castanhos, quase pretos, amendoados, e pele cor de café com leite com muito leite. Seu cabelo curto era preto e caía em cachos na testa. Seus traços eram... perfeitos, exceto por uma cicatriz ainda recente sobre a sobrancelha esquerda. Algo sobre ele agitou seu banco de memória, mas ela não conseguiu detectar o quê. No entanto, ela tinha o estranho desejo de passar os dedos pelo ferimento em fase de cicatrização.

De repente, outra lembrança sussurrou nos recônditos do seu cérebro. Ela não via nada, mas captou um vago vislumbre de uma briga e soube que ele tinha sido ferido enquanto tentava protegê-la.

Ele olhava para ela com carinho e paixão. Ela queria diminuir a distância entre eles, mas de repente não precisou mais. Ele se inclinou, chegando mais perto, a boca quase na dela. Sua leve respiração tocou seus lábios.

Ele ia beijá-la.

Correção. Ele a estava beijando.

Não, não ela. Ele estava beijando Natasha.

Ele era Liam. E Natasha correspondia ao beijo.

— Você está tão linda! — ele sussurrou, afastando os lábios e percorrendo os dela, ainda úmidos do beijo, com os dedos.

— Não estou, não. Meus cabelos estão duros de sujeira. Preciso de um banho — ela disse rindo.

— Não é o que eu vejo — ele disse.

— Que bom que aqui está escuro! — ela exclamou.

Ele a beijou outra vez e dessa vez o beijo começou suave e depois ficou mais ardente. A boca de Liam tinha um gosto bom. Era doce e tinha um leve sabor acre de sangue. Do sangue dela. Do sangue dele.

Eles deviam ter acabado de se alimentar do sangue um do outro. Mas dessa vez ela não sentia repulsa. Estava muito envolvida com o beijo, com Liam, para se importar.

Ela podia estar frente a frente com a morte, mas no momento queria se sentir viva. Sentir paixão. Tocar. Ser tocada.

Quando viu, eles estavam deitados lado a lado. O chão duro de terra nem parecia tão desconfortável. Tudo o que importava era Liam. Ele estava deitado ao lado dela. Sem camisa. Ela traçou com o dedo a tatuagem de uma cruz de contornos estranhos no ombro dele.

A mão dele se esgueirou por baixo da camiseta dela e os beijos ficaram mais quentes, mais doces.

Natasha acariciou o abdômen e a cintura dele. Eles tinham que parar antes que fossem longe demais, mas então a lógica interveio. Tudo o que eles tinham era um ao outro. Como poderia ser errado se agarrar a isso?

Os dedos dele deslizaram por baixo do sutiã e roçaram o bico do seio dela. O toque era tão divino e real! Até mais real do que antes.

Ela virou a cabeça, abriu os olhos e viu um tênis. O tênis de Natasha. O armário de Natasha. Então sentiu uma mão outra vez, sobre o seu seio.

— Merda! — Della murmurou entredentes, saltando para trás. — Tire a mão do meu...

— Shh. — A outra mão de Chase, aquela que não estava acariciando seu seio, pressionou os lábios dela.

Della instantaneamente se lembrou da razão por que tinha que ficar em silêncio. Mas a mão dele, ainda envolvendo delicadamente seu seio, ficou onde estava. E, embora ela odiasse admitir, seu toque era celestial. Mas aquilo era errado. Muito errado.

— Tire a mão daí, agora! — ela sussurrou num tom de voz baixo o suficiente para que ele não pudesse reclamar. Mas Chase devia ter sentido a ameaça na voz dela, pois seus olhos se arregalaram.

— Desculpe, eu não... eu não tinha... — A voz dele soou mais baixa que um sussurro, só audível aos ouvidos dela. — Ah, droga, eu tiro a mão se você tirar a sua.

Minha mão? Ainda lutando para restabelecer a ligação com seu próprio corpo e dissipar a visão, ela segurou a respiração ao constatar algo alarmante. Chase não era o único com mão boba ali. A mão dela estava na parte de trás da calça dele, sob o algodão macio da cueca, e acariciava o seu traseiro. O sangue afluiu para o rosto dela instantaneamente.

Ela tirou a mão de dentro da cueca o mais rápido possível.

— Calma — ele disse novamente, tirando a mão de debaixo da camiseta dela e puxando-a para perto dele. Ela começou a lutar para se desvencilhar de Chase e ele sussurrou:

— Você vai bater na parede do armário e vão nos pegar aqui.

Pegos no maior amasso dentro do armário de Natasha, enquanto os pais dela estavam no andar de baixo, disse uma voz dentro da cabeça dela. Ela apurou os ouvidos, não para ouvir nenhuma voz, mas para o que estava acontecendo dentro da casa. Claro que ela ouviu vozes, um homem e uma mulher.

Ela respirou fundo e lentamente foi se afastando de Chase, colocando alguns centímetros entre os dois. Mas isso não fez com que se sentisse melhor. Como poderia?

Ela tinha simplesmente trocado carícias íntimas com o Perverso da Calcinha. Não intencionalmente. Mas ainda assim dava no mesmo, não dava?

Ela tentou se lembrar do que tinha acontecido — de Chase tocando-a, ela tocando-o —, mas só conseguiu se lembrar de que era Natasha e ela estava inebriada com os beijos de Liam.

Foi nesse momento que se deu conta de que Chase estava enxergando pelos olhos de Liam, assim como ela estava enxergando pelos olhos de Natasha. Isso significava que ela não podia ficar furiosa com Chase? Provavelmente. De algum modo, ela tinha a impressão de que não tinha sido ele quem

deslizara a mão *dela* para o interior da cueca *dele*. Ela tinha feito isso por conta própria. Ou com a ajuda de Natasha.

Ah, mas Della ainda queria ficar furiosa com Chase.

E, quando ele olhou para ela, a vampira o encarou com raiva. Ela podia estar errada, mas mesmo assim a sensação de raiva era boa.

Chase franziu a testa.

— Eu acho que podemos sair... em silêncio. Parece que os dois estão no andar de baixo. Precisamos abrir a janela e pular sem que nos vejam.

Ela tentou engolir a tensão. Dois tipos de tensão. Aquela que sentia no fundo da barriga, por causa do toque de Chase, e outra, diferente. Do tipo que dizia que eles ainda não estavam livres de encrenca. Ainda podiam ser presos por arrombamento e invasão. Não importava que a janela estivesse aberta.

Engatinhando, ela o seguiu para fora do armário. Quando ficou de pé, seu olhar subiu até o traseiro dele, um bumbum atraente e musculoso, e ela corou novamente.

Ele levantou a vidraça com todo o cuidado para não fazer barulho e olhou para ela.

— Pule mais para a direita, assim eles não vão ver você da janela da frente. Fique atrás das árvores e vá para o carro. Eu vou estar bem atrás. — As palavras dele vieram tão baixas que ela mal ouviu.

Della fez o que Chase disse e aterrissou bem à direita da janela. Então correu até a fileira de árvores. O sol já tinha começado a se pôr no horizonte. A luz dourada capturada nas folhas vermelhas e amarelas fazia com que parecessem ainda mais brilhantes.

A adrenalina a ajudou a dar mais alguns passos, e então ela parou. Não o ouvira atrás dela. Ela olhou para trás. Chase não estava ali. Onde diabos ele estava?

Um. Dois. Três. Ela iria contar até dez, depois iria atrás dele.

Estava chegando ao nove quando ele finalmente apareceu na janela e saltou, aterrissando de pé a três metros do ângulo de visão da janela.

Juntos, eles correram até um canteiro de árvores na rua. Quando Della localizou o Camaro azul, quase conseguiu respirar.

— Por que você demorou tanto? — ela perguntou.

— Entre, depois eu falo.

E foi então que Della notou um volume sob a camiseta dele.

— Você pegou alguma coisa! — ela sibilou. — Eles vão notar, caramba! Provavelmente sabem de cor tudo o que tem naquele quarto.

— Estava no armário, atrás de umas caixas de sapatos. Acho que eles nem sabem que estava lá. — Ele tirou de debaixo da camiseta um livreto. — Acho que é um diário.

Della instantaneamente pensou em Miranda e no seu diário. Claro, Della tinha brincado com a amiga, dizendo que gostaria de ver o que ela escrevia ali, mas na verdade não faria isso. Eram coisas

particulares.

— Você não pode pegar assim o que não é seu! — ela contestou.

— Se nos ajudar a encontrar Natasha e Liam, vou aceitar qualquer bronca que você me der por causa disso.

Della lutou contra a sua consciência, em dúvida se ele estava certo ou errado, depois decidiu que ela provavelmente faria a mesma coisa. Mas por alguma razão aquilo não a impediu de achar que Chase estava errado.

Talvez ela só estivesse furiosa com ele por causa de outras coisas. Coisas que envolviam ambos dentro do armário. Ah, sim, aquilo tinha sido muito errado!

Eles entraram no carro e Chase subiu a capota para que não ficassem tão expostos, depois deu a partida e arrancou. Quando passaram pela casa, um homem e uma mulher estavam do lado de fora da casa, olhando para cima, na direção da janela aberta. Eles passaram rápido, mas Della notou que o homem parado ao lado da mãe de Natasha não era o mesmo homem da foto de família. Mesmo assim, ver os dois do lado de fora foi para Della a prova de que eles por pouco não tinham sido pegos.

Por muito pouco mesmo.

— Achou alguma coisa útil? — Chase perguntou quinze minutos depois. Ela não tinha falado desde que tinham deixado o bairro de Natasha e Della começara a ler o diário.

— Não — respondeu ela. — São só coisas normais. De dois anos atrás. — Ela examinava as anotações escritas à mão do diário de Natasha.

Outros dois minutos tinham se passado quando ele perguntou:

— Quer falar a respeito?

— Do diário? — ela perguntou, apesar de saber a que Chase se referia. Ou pelo menos, tinha receio de saber.

— Você está se recusando a falar comigo. Acho melhor conversarmos.

Ela de fato não tinha falado com ele de propósito. Estava concentrada na leitura do diário de Natasha e se sentindo culpada por fazer isso. E, depois, tentando descobrir por que sua tia tinha ligado para a mãe de Natasha.

Havia uma ligação entre as duas. Uma ligação que, segundo tinha presumido, era apenas Chan. Mas, se a mãe de Chan estava ligando para a mãe de Natasha, a ligação não era só essa. Della teria que descobrir o que era. Mas como, sem visitar a tia? Sem deixar o pai furioso com ela?

— Você ouviu o que eu disse? — ele perguntou.

— Sim e não.

— O quê? — Chase perguntou, confuso.

— Sim, eu ouvi você, e não, não quero conversar a respeito...

— Você não pode me culpar pelo que aconteceu.

— Claro que posso! — ela sibilou em voz baixa.

— Você não está sendo justa.

— Onde você arranhou essa ideia de que eu sou justa?

Ele riu.

— Ei, você estava com a mão na minha bunda e eu não estou furioso com você.

— Bem, isso é só uma prova de que eu sou mais sensata. Porque você devia estar furioso. Apalpar estranhos não é...

— Nós não somos estranhos. — Chase voltou a olhar para a frente, mas não antes de ela ver o brilho de humor nos olhos dele. Segundos depois, com um ar sério novamente, ele acrescentou: — Estamos ligados. Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que aceitar isso.

Della começou a dizer a ele que nunca aceitaria, mas nem sabia mais se isso era verdade. Então ficou de boca fechada. Por mais incrível que pudesse parecer, isso o aborrecia mais do que qualquer outra coisa. Ela guardou a informação na memória para outro dia.

— Olha — ele começou —, aconteceu por causa da visão. E, em vez de ficar encanada com isso, a gente deveria tentar descobrir se a visão pode nos ajudar em alguma coisa.

— Tem razão — ela admitiu.

— Uau, você acha que eu tenho razão? Pode me dar isso por escrito? — ele respondeu com sarcasmo.

Della franziu a testa e fechou o diário. Natasha tinha escrito sobre um garoto de quem gostava e sobre o que as amigas diziam. Aquilo quase partiu o coração de Della, porque o relacionamento entre Natasha, Amy e Jennifer parecia muito especial. Tão especial quanto o seu relacionamento com Miranda e Kylie.

O que teria acontecido com essas garotas? Será que sentiam falta de Natasha?

— Eu não me lembro muito da visão — disse Della.

— Eu pude ver melhor desta vez — disse Chase. — Não sei se foi porque havia mais luz no lugar onde estavam ou porque o fantasma nos deixou ver mais.

— Eu consegui ver melhor também. E acho que por esses dois motivos. — Della tentou se lembrar dos detalhes. — Liam tinha um corte na sobrancelha. — Ela deixou sua mente voltar à visão e tentou encaixar as peças. — Ele se machucou quando tentava proteger Natasha.

— De quem? — Chase perguntou, como se Della pudesse ter a chave para descobrir o mistério.

E bem que ela queria, droga!

— Eu não sei, eu só... Natasha pensou sobre a briga e eu vi Liam sendo agredido e ela tentando apartar a briga e se sentindo culpada. O que Liam estava pensando? — ela perguntou.

Ele a olhou de relance, parecendo quase culpado. Ela soltou um grunhido baixo.

— Ah, droga... Por que eu fui perguntar? Você só conseguia pensar em tirar a roupa dela, não é?

— Ei, isso era ele! Não eu! — Chase voltou a olhar para a frente. — E eu não acho que ele era o único pensando nisso.

Della não podia negar. Natasha desejava Liam também. Della só queria que isso não a tivesse levado a passar a mão na bunda de Chase.

— Ela tinha uma tatuagem — disse Chase, trocando a marcha.

— Ela não parecia o tipo de garota que teria uma tatuagem — estranhou Della.

— Bem, mas ela tinha. No ombro. — Della de repente se lembrou de ver uma no ombro de Liam também. Estranhamente, ela se lembrava de Natasha passando o dedo sobre ela, como se já soubesse seu contorno, embora Della mal conseguisse enxergá-la.

— Isso é estranho — murmurou Della.

— O que é estranho?

Um toque soou no carro. Ela interrompeu a conversa e tirou o celular do bolso. Seu coração acelerou.

Que não seja Steve.

Quando ela viu que não era Steve, seu coração voltou a bater normalmente. Então ele ficou apertado. Ele não tinha ligado para ela. Provavelmente não ligaria mais. Assim como Perry. Caramba, aquilo doía!

Encarando o telefone, ela se obrigou a falar.

— É Burnett.

Chase corrigiu a postura no banco, fazendo o couro do estofamento estalar.

— Com certeza para se certificar de que não fizemos nenhuma idiotice.

— Nós fizemos uma idiotice — ela disse.

— Aquilo não foi uma idiotice. — Chase olhou para ela com um sorriso sexy. — Pode me odiar se quiser, mas eu gostei.

Della rosnou para ele.

— Olha só, você é como todos os outros caras. Só pensa em sexo. Eu estava falando em invadir a casa.

— Ah, mas aquilo definitivamente não foi uma idiotice. Descobrimos o que precisávamos saber.

Ela concordou com ele, mas não deixou de achar que também tinha razão.

— Seria idiotice se tivessem pegado a gente.

— Mas não pegaram — ele justificou. Então olhou para a estrada e depois para ela novamente. — E não é só isso que eu penso. Não com relação a você.

— Certo. — Della olhou de volta para o telefone que ainda tocava.

— É melhor atender ou ele vai ter um aneurisma.

Ela lançou um olhar desaprovador para Chase.

— Você precisa parar com essa animosidade com Burnett.

— Ele é superprotetor demais!

— Porque ele se preocupa. — Ela atendeu o telefone. — Oi — Della cumprimentou, falando perto do fone.

— Onde vocês estão? — A voz de Burnett explodiu dentro do carro.

Della ficou tensa na hora, mas decidiu ignorar a tensão e torcer para que o tom de voz exaltado fosse só o jeito normal de o vampiro dizer “Eu estou preocupado, por isso pareço furioso”.

— Saímos da casa dos Owen há uns quinze minutos.

— E então?

— É ela — confirmou Della, sentindo o olhar de Chase sobre ela. E sem conseguir evitar, olhou para ele também. Chase parecia preocupado e estava com a mão estendida como se quisesse falar com Burnett também. Ela balançou a cabeça.

— E os pais? Vocês não complicaram as coisas, né? — A pergunta era quase uma defensiva.

Talvez um pouquinho.

— Não fizemos nada muito grave! — ela respondeu, esperando ter evitado a mentira.

— Então quer me explicar por que a polícia está atrás de vocês agora?

Capítulo Vinte e Cinco

Della foi obrigada a explicar a Burnett tudo o que tinha acontecido. Sim, ele ficou muito contrariado quando ela contou que tinham invadido a casa, mas não tanto quanto achou que ficaria. Parece que obviamente ele também tinha sua cota de arrombamentos no passado. Por que outro motivo não teria surtado?

Ela se perguntou se o motivo de Chase e Burnett baterem de frente tantas vezes era porque os dois eram muito parecidos. Ela se lembrou de quando Kylie tinha lhe contado que Della e Burnett costumavam se estranhar porque pensavam e agiam da mesma forma. Esse era o jeito de Kylie falar que os dois eram cabeças-duras que nunca pensavam antes de abrir a boca.

Seria essa também a razão por que ela e Chase viviam discutindo? Não, eles não eram nada parecidos. Ele era um pé no saco.

Mas tinha um traseiro bem gostoso. Della deu um chute bem dado naquele pensamento e expulsou-o da sua mente. Deixando um vazio no lugar... e adivinha que pensamento o preencheu?

Um certo metamorfo, cujo traseiro era igualmente gostoso. Cujos traseiros tinham partido para longe e a abandonado. Cujos traseiros estavam agora em Paris, provavelmente flertando com todas aquelas beldades francesas. E numa cultura na qual a televisão e os livros fazem com que o sexo seja encarado como uma prática tão comum quanto escovar os dentes. Houve uma época em que essa cultura a intrigava, mas não agora que o cara de quem ela gostava, um cara supergato, estava à solta por lá.

Droga! Droga! Droga!

Tentando afastar aquele pensamento, ela pensou no telefonema que a mãe de Natasha tinha recebido. Por mais que Della detestasse a ideia, se eles não encontrassem outra solução, ela teria que visitar a tia.

E a tia provavelmente contaria ao pai dela. E então o pai provavelmente a tiraria de Shadow Falls. Sim, ela se lembrava de ter ouvido o pai dizer à mãe, quando ela sugeriu que levassem Della para ver a tia: *Não lavamos nossa roupa suja fora de casa.*

Roupa suja.

O pai dela achava que ela era sua roupa suja.

Ela soltou um suspiro trêmulo. *Desculpe, pai!*

O pensamento no pai a levou de volta à visão em que viu o pai ou o tio de pé ao lado do corpo da tia, com uma faca ensanguentada na mão. Correção, seu tio. Ela já tinha se convencido de que o pai não poderia ter feito aquilo. Ele não poderia. Ela o conhecia muito bem. Ela o conhecia!

— Vamos sair ou ficar sentados aqui simplesmente? — A voz de Chase a tirou da sua pequena sessão de autopiedade.

Ao erguer os olhos, ela percebeu que ele tinha estacionado em frente ao restaurante onde deveriam encontrar outro agente — uma retaguarda para o caso de se virem em apuros.

— Não, acho melhor a gente ficar sentado aqui — ela disse, com ironia, e saiu do carro.

Ele a esperou enquanto Della contrornava o carro e então caminharam na direção do restaurante.

— Qual o problema? — ele perguntou.

Bastou aquela pergunta, ou talvez o tom preocupado com que Chase a fez, para que um nó se formasse na garganta dela. Ela engoliu aquilo inteiro também. Não daria para começar a desfazê-lo naquele momento.

— Vamos só fazer o nosso trabalho — ela disse, tentando não ser sarcástica. Della olhou para a placa de neon pendurada sobre o prediozinho do restaurante. Buck's Burgers, mas o B estava faltando, então se lia Uck's Burgers. Não era um nome muito apetitoso.

Ela abriu a porta do restaurante e farejou o ar para detectar alguém sobrenatural. O cheiro de carne na grelha e óleo velho de fritar batatas enchia o ar de tal maneira que Della não conseguiu ter certeza.

Uck's Burgers de repente pareceu um nome apropriado. Ela já tinha sido apaixonada, um dia, por comida barata e gordurosa, mas, desde que tinha se transformado, aquela paixão tinha esfriado bastante.

Um coro de vozes ecoava pelo salão, junto com o chiado de carne fritando na grelha. O lugar não era o que ela chamaria de restaurante fino. O chão parecia precisar de muita água e sabão, e a superfície do balcão tinha um aspecto pegajoso. Aquele era com certeza um reduto de caras da pesada.

Della farejou o ar novamente, tentando detectar o cheiro do agente. Ela podia jurar que havia um vampiro ali, mas não tinha certeza absoluta. Chase parou ao lado dela e sussurrou:

— Você não disse que conhecia esse cara?

— Eu conheço. — Della foi olhando de assento em assento.

— Onde ele está? — Chase perguntou.

— Ali. — Della andou até Shawn Hanson, o bruxo que tinha sido tão gentil no enterro de Chan e tinha uma queda por Miranda.

Chase insistira com Burnett de que eles precisavam de alguém com uma aparência jovem. Burnett tinha conseguido. Shawn não podia ter mais de 20 anos, talvez 19, mas parecia ter uns 16 anos, usando um blusão de capuz e um jeans gasto. Com o brinco, ele não só parecia jovem, mas meio rebelde e bem gato.

O cabelo loiro e encaracolado parecia meio despenteado — ele não era como aqueles caras que andam por aí com o cabelo todo estiloso. Ela tinha a impressão de que aquele era o Shawn que tinha agradado Miranda também. De certa forma, aquele visual meio desleixado, o ar afável e os olhos azuis lembravam um pouco Perry.

— Oi — disse ela.

— Por que demoraram tanto? Estou esperando há quase meia hora. — Os olhos dele se estreitaram como se dessem um aviso.

Não que ela precisasse. O fato de Shawn entrar imediatamente no disfarce deixava claro que alguma coisa estava acontecendo. Ela lutou contra a necessidade de levantar o nariz e farejar o ar outra vez.

— Foi mal — desculpou-se Chase, entrando no disfarce também. — O pai de Della mostrou o revólver outra vez. Acho que a gente não devia ter se beijado na frente dele. — Ele empurrou-a para o lugar vago no banco e depois se sentou ao lado dela.

— Ele vai te dar um tiro qualquer dia desses se você não respeitá-lo — disse Della.

Shawn deu uma risada.

— Vamos pedir alguma coisa pra beber ou vamos para o parque andar por lá e dar um gole naquilo que eu trouxe? — ele perguntou, se inclinando sobre a mesa.

A princípio, Della achou que ele se referia a alguma coisa real.

— Eu trouxe o que vocês pediram. — Obviamente isso fazia parte do disfarce.

Ele pegou a mochila que estava no banco, ao lado dele.

— Um litro de O. E está fresco.

Isso foi o suficiente para que Della soubesse que qualquer que fosse o sujeito para quem Shawn estava fazendo aquela encenação toda era um vampiro. Quando ela inspirou novamente, detectou o cheiro deles. Estavam em dois, não, três.

Então Della farejou um cheiro forte e doce. Droga, Shawn tinha de fato trazido sangue, e tinha até cheiro de O. Sua boca encheu de água... já fazia tempo que ela não conseguia nada tão fresco.

— Por mim, podemos ir — disse Chase, se levantando e oferecendo a mão a ela.

Della se levantou sem a ajuda de ninguém. Quando ficou de pé, ela viu três sujeitos sentados num canto. Vampiros. Com uma aparência jovem, mas malcuidada. Possivelmente membros de uma gangue. Chase pôs a mão na cintura dela enquanto andavam até a porta. Ela saiu do alcance dele e no mesmo instante captou outro cheiro. Um lobisomem. Bem perto.

O cheiro dele penetrou no nariz de Della e despertou uma memória. Ela queria poder olhar em volta para encontrá-lo. O cheiro não estava ligado a uma lembrança negativa, mas, com exceção dos lobisomens de Shadow Falls, as memórias que ela tinha dessa espécie raramente eram boas.

Eles cruzaram a porta de saída e Shadow esperou até que se afastassem para sussurrar:

— Estou supondo que eles vão nos seguir.

— Ainda não saíram — disse Chase.

— Você viu o lobisomem? — Della perguntou a Shawn, que estava à sua direita, enquanto Chase andava à esquerda. — O cheiro dele é familiar.

— Não vi nenhum lobisomem — disse Shawn. — Mas havia uns seis caras lá de boné e um casal trabalhando nos fundos. Poderia ser um deles.

— Eu também senti o cheiro dele — disse Chase, olhando para Della. — Você sabe onde já o viu antes?

— Não, não era um cheiro associado a nada ruim. Só me deixou meio desconfiada.

— É de Shadow Falls? — Chase perguntou.

— Não. Eu não desconfio dos lobisomens de Shadow Falls.

Eles continuaram andando pela calçada. Os olhos azul-claros de Shawn fitaram Chase.

— A propósito, eu sou Shawn Hanson. Muito prazer.

Chase acenou com a cabeça.

— Prazer.

Shawn olhou para Della e algo em sua expressão mudou.

— Você está bem?

Ela sabia que ele se referia à morte de Chan.

— Sim, tudo bem — ela disse e quase se sentiu culpada por não ter ficado muito tempo arrasada com a morte do primo. — Obrigada novamente por... dar um jeito no lugar da sepultura.

— Não foi nada.

Della sentiu o ombro de Chase roçar no dela e ela olhou para ele.

— Shawn foi um dos agentes que ajudou a enterrar Chan.

— Certo. — Chase inclinou um pouco a cabeça para o lado. — Eles estão nos seguindo agora.

Della se concentrou e pôde ouvir o leve som de passos, mas ainda estavam distantes. Sem dúvida, eles achavam que a conversa entre eles estava fora do alcance dos três. Mas, além da força superior, os Renascidos também tinham uma audição extrassensível.

— Devo me virar para olhá-los? — ela perguntou.

— Não — avisou Shawn, baixando a voz. — Vamos para o parque. Conheço um lugar lá dentro onde quase ninguém passa. Vamos ter mais privacidade para fazer perguntas a esses caras.

Eles continuaram descendo pela calçada, os passos ecoando na noite. Shawn falava como se aquilo fosse tão simples... — encontrar um lugar sossegado e fazer algumas perguntas.

Podiam chamá-la de pessimista, mas não achava que seria tão fácil. Um pressentimento, uma premonição talvez, lhe dizia que aquela noite não iria acabar bem.

Para ela tudo bem, disse a si mesma. Ela podia dar conta de três vampiros. As questões do coração eram o que a derrubavam, e seus pensamentos se voltaram para Chan.

* * *

Eles chegaram ao parque e continuaram a andar por uma trilha que levava até um dos lagos. Só as estrelas e a lua iluminavam a paisagem. Della ouviu passos distantes se misturando com os sons da noite e até detectou o som de algum animal selvagem contrariado buscando um esconderijo.

Depois de alguns minutos, os passos que os seguiam mudaram de trajeto. Della teve a impressão de que os três vampiros achavam que sabiam para onde eles estavam indo e queriam pegar um caminho

diferente para preparar uma emboscada.

Ela olhou para Chase e ele fez um sinal com a cabeça, como se tivesse notado a estratégia. Della estendeu a mão e tocou o braço de Shawn, fitando-o com um aviso no olhar. Ele assentiu como se entendesse exatamente o que ela queria dizer.

Eles chegaram ao lago, a lua e as estrelas refletidas no espelho d'água. Continuaram andando ao lado do lago até uma área mais recuada.

Depois de alguns passos, ela sentiu um cheiro forte de gambá. Chase e Shawn gemeram de nojo, ao sentir o fedor. Mas ela não se importava. Della era uma daquelas pessoas esquisitas que na verdade gostavam do cheiro. Ela respirou fundo. Misturado ao fedor do animal, ela detectou outro cheiro. Ah, droga, era cheiro de rato. Três deles. Não, muito mais que três.

Ela desviou o olhar, já brilhante por causa da ameaça que sentia, e fitou Chase. Ele estava com uma das mãos cobrindo o nariz e não pareceu notar. O que será que aqueles vampiros fora da lei esperavam conseguir? Eles estavam obviamente dispostos a seguir seu propósito, esperando que não fossem detectados. Mal sabiam eles.

— Temos companhia.

Ela mal deu o aviso e oito vampiros apareceram e os cercaram.

Com a ameaça agora visível, as presas dela se projetaram.

— Vocês não vão querer fazer isso — disse Shawn.

— Parece que vão, sim — murmurou Chase, os olhos agora brilhantes e as presas à mostra.

— Ei, esse garoto é bem esperto! — disse um dos vampiros fora da lei, apontando para Chase.

— Vai devagar e pega leve — Della sussurrou, avisando Chase, esperando que ele entendesse que deveriam deixar Shawn, o agente encarregado por Burnett, tomar a iniciativa antes de atacarem.

— Mas eu gosto de ir rápido e pegar pesado — disse um dos vampiros delinquentes, balançando os quadris com um movimento vulgar.

Chase grunhiu.

— Calma — Della sussurrou.

— Passa a mochila, Garoto Bruxo — disse um vampiro de cabelo preto à direita de Della.

— Acho que a gente pode resolver isso. Eu tenho um plano — disse Shawn, parecendo muito calmo e no controle da situação. Della admirou sua abordagem tranquila. Não que ela achasse que iria funcionar, mas tinha que reconhecer que ele estava tentando.

— Vamos fazer o seguinte — Shawn continuou. — Eu dou a mochila a vocês e conto onde enterrei mais alguns litros aqui perto. Tudo o que vocês têm que fazer é responder a algumas perguntas.

— Você tem mais O? — perguntou o vampiro que gostava de ir rápido e pegar pesado.

— É isso aí. E tudo o que têm que fazer é responder a algumas perguntas.

O vampiro de cabelos escuros, obviamente o líder, e ainda mais obviamente um delinquente, tirou uma faca escondida na panturrilha. Uma faca bem impressionante — com uma lâmina de uns dez a doze centímetros. Grande o suficiente para causar um bom estrago.

Ela se lembrou da faca que tinha atingido seu peito na sua primeira missão, e que era do mesmo tamanho. Não que pudesse acontecer de novo. Sendo uma Renascida, esse cara não tinha a mínima chance. Ou, pelo menos ela esperava que não.

— Tudo bem — disse o vampiro —, mas, olha só, eu não gosto de perguntas. Gosto de sangue O. Então por que você não me diz simplesmente onde está o sangue e talvez assim você me convença a não te matar. Ou pelo menos te matar bem rápido.

A ameaça fez o sangue de Della ferver nas veias. O vampiro empunhando a faca sorriu, um sorriso tão perverso que Della estremeceu. Não de medo, mas de expectativa. Arrancar aquele sorriso da cara dele ia ser bem divertido!

Ela olhou para Chase.

— Tudo bem, talvez ir devagar e pegar leve não seja uma boa ideia.

— Ainda não — disse Shawn, levantando a mão. Então ele se dirigiu ao líder do bando. — Você vai preferir não se meter conosco. — Ele levantou a camisa e mostrou o distintivo e uma faixa do abdômen malhado.

Uau! Della agora entendia por que Miranda tinha uma queda pelo garoto.

Todos caíram num silêncio mortal. Nem as folhas se moviam. Sem dúvida, o líder dos delinquentes estava analisando suas opções: cooperar, correr como louco ou continuar com a ameaça.

— Não queríamos assustar vocês — disse o vampiro tagarela, rápido e pesado. — Não é mesmo, Marco? — ele perguntou ao líder.

Marco não disse nada a princípio. Aparentemente, não era tão idiota quanto o amigo.

— Eles só estão em três — disse outro vampiro.

Marco, o mandachuva, mudou de postura. Seus ombros ficaram mais tensos, como se estivesse na defensiva. Talvez Della tivesse superestimado sua inteligência.

Os olhos dele ficaram um pouco mais brilhantes, revelando que ele não tinha nenhuma intenção de recuar. Ela quase bateu palmas.

Marco levantou a faca.

— Acho que ganhamos pontos extras se tirarmos um agente da UPF do caminho, não acham, rapazes?

Della viu todos os outros vampiros sacando facas e, sem aviso, atacarem. Os oito de uma vez.

Capítulo Vinte e Seis

Della investiu contra Marco primeiro. Ela agarrou a faca e arremessou-a num tronco de árvore, onde ficou cravada até o cabo. Girando o corpo, deu um bom chute na barriga do vampiro. Isso não foi suficiente para tirá-lo de cena. Então ela o acertou nas bolas. Ele se estatelou no chão com um gemido.

Com o canto do olho, ela viu o vampiro rápido e duro deitado de bruços no chão, desacordado. Chase estava agora investindo contra outro vampiro e parecia que estava se saindo muito bem. Ela virou a cabeça para checar Shawn. Ele tinha duas espadas nas mãos e aquelas lâminas bizarras emitiam luz! Elas faziam Della se lembrar da espada mágica de Kylie. Ele já tinha derrubado alguns, mas com três vampiros golpeando-o com facas, provavelmente precisaria de ajuda.

Della andou até lá calmamente e bateu o dedo no ombro de um deles. Quando o delinquente se virou, com a faca na mão, ela o chutou entre as pernas. Ei... se tinha funcionado da primeira vez, por que não funcionaria da segunda?

Ele caiu no chão e se encolheu até ficar numa posição fetal, gemendo como o líder. Ela avançou mais um passo e ajudou Shawn com os outros dois, mas viu um dos vampiros correndo com a mochila e o sangue O negativo.

E aquilo simplesmente não era aceitável.

— Volte aqui, seu covarde! — Della disparou atrás dele.

O fugitivo corria rápido. Provavelmente sairia vencedor nas Olimpíadas, se não estivesse concorrendo com Renascidos. Ela o pegou pelo colarinho da camisa em menos de trinta segundos.

Ele se virou e investiu com a faca. Ela se desviou. Pegando-o pelo punho, ela girou o braço dele até quase o ponto de quebrá-lo, forçando-o a soltar a arma.

O vampiro deixou a mochila cair no chão também e tentou acertar Della com a mão esquerda. Ela não esperava o ataque e ele conseguiu golpeá-la no queixo. Ela sentiu muita dor, mas a irritação foi ainda maior!

— Abaixa! — Della ouviu o grito de Chase vindo de trás e o farfalhar dos arbustos enquanto ele se aproximava a toda velocidade.

— Não! Ele é meu! — E querendo mudar sua tática um pouquinho, ela fechou o punho e deu um murro no vampiro. Ele caiu no chão, inconsciente.

Ela ainda sentia dor nos nós dos dedos quando ouviu um grito de Shawn em meio à escuridão. De dor ou de raiva, Della não sabia. E não tinha tempo para pensar nisso. Ela e Chase dispararam na direção do bruxo.

O agente loiro estava com o ombro ensanguentado e tinha perdido uma das espadas. Mas seu olhar de determinação deu a Della a certeza de que ele ainda não tinha desistido de lutar. Avançava com

passos leves e ágeis, mantendo afastado o vampiro mais alto, o último que restava do grupo.

Della fisgou o olhar de Shawn.

— Quer ajuda?

— Não — ele sibilou ao mesmo tempo que arremetia com tudo e bloqueava outro golpe de faca do vampiro. — Eu dou conta! — garantiu. E deu mesmo. Quando o vampiro desviou os olhos para Della e Chase, Shawn arrancou a faca da mão do malandro. O vampiro deu meia-volta e começou correr, mas de repente ficou paralisado. Não paralisado como a pessoa fica quando está cansada demais para se mexer. Literalmente *congelado*.

Finíssimos cristais de gelo pendiam do nariz dele.

Della olhou novamente para o bruxo e ele ainda estava com o dedo mínimo suspenso no ar.

— Por que você não fez isso logo de cara? — Della massageava o queixo onde tinha levado um soco. Não estava quebrado, mas já tinha inchado um pouco.

— É preciso um segundo de calma para dar certo. Eles investiram rápido demais. E eu sou mais rápido em desembainhar espadas do que em lançar feitiços.

— Ahh... — exclamou Della, sem entender direito aquela coisa de magia.

— Nojento... — murmurou Chase, chegando mais perto para ver melhor a cara do sujeito.

— Você está bem? — perguntou Della, examinando o braço de Shawn.

— É só um cortezinho. — Ele se fez de durão, mas, como já tinha levado uma facada, Della sabia que o corte devia estar ardendo como o diabo.

Shawn olhou em volta, procurando alguma coisa.

— Eu tenho algemas elétricas na mochila, se você quiser começar a prender esses caras.

— Ah, um dos caras ia fugindo com ela. Vou pegar — disse Della, mas, quando ela se virou, Chase já estava voltando com a mochila numa mão e arrastando com a outra o delinquente que ela tinha nocauteado.

— Essa foi fácil — disse Shawn alguns minutos depois, enquanto observava Della e Chase algemando todos os vampiros, com exceção do que estava congelado. — Vocês dois são muito bons.

Shawn olhou para Della e depois desviou os olhos para Chase.

— Burnett está certo. Precisamos roubar você daquele Conselho dos Vampiros.

— Obrigado, mas não obrigado — respondeu Chase.

— Sabia que nós pagamos duas vezes mais?

— Sem chance — repetiu Chase, convicto.

Por que não?, Della queria saber, mas deixou o assunto de lado para pensar nele mais tarde.

Suspirando e sentindo o fluxo de adrenalina diminuir, ela fechou a mão, que parecia ligeiramente inchada por causa do soco, e sentiu o queixo latejar. Um leve grunhido veio do vampiro congelado, que devia estar descongelando, porque saliva pingava da sua boca. Ela olhou para Shawn.

Della arremessou para ele o último par de algemas. Shawn as pegou no ar e prendeu-as em volta dos pulsos do vampiro congelado.

— Você também não foi nada mal — Della disse a ele.

— Na verdade... — Shawn forçou o vampiro a se deitar no chão ao lado dos outros e depois se afastou um pouco e pegou o celular —, recebi ordens para conseguir informações sem causar problemas. Burnett não vai ficar nem um pouco satisfeito.

— E ele algum dia já ficou? — murmurou Chase, e depois se aproximou de Della e segurou o queixo da vampira.

— Aquele idiota deixou um hematoma em você. — Ele olhou para trás, na direção do agressor inconsciente.

— Não foi nada. — Della se afastou do toque de Chase.

— Acabou. — A voz no telefone ecoou atrás deles. — Sim, ela está bem.

Della revirou os olhos, sabendo que Burnett tinha perguntado dela primeiro, como se ela não soubesse se cuidar. Que constrangedor!

— Eu disse que ele é superprotetor — Chase cochichou, levantando o queixo dela outra vez.

— E você, é o quê? — Ela deu um tapa na mão dele.

— Estamos todos bem — disse Shawn, um pouco mais alto, como se para se certificar de que Burnett iria ouvir.

Ela e Chase olharam para o bruxo e Della inclinou a cabeça para o lado, tentando ouvir a voz do outro lado da linha.

— Os outros estão bem? — veio a voz de Burnett pelo telefone.

— Sim. — Shawn deu uma olhada no seu ombro sangrando.

— Algum problema? — Burnett perguntou, percebendo a mentira.

— Estou com um corte, mas não é nada grave.

Burnett gemeu.

— Conseguimos alguma coisa?

— Bem, as coisas não saíram como que a gente queria... Vamos precisar de um camburão aqui.

Burnett gemeu de novo.

— Quantos são?

— Oito. — Shawn se afastou um pouco mais e Della não conseguiu mais ouvir Burnett.

— Você está bem mesmo? — Chase perguntou a ela, estendendo o braço para pegar a mão que Della tinha usado para nocautear o vampiro.

— Dá pra parar! — ela avisou.

— Ei, vocês dois! — Shawn olhou por sobre o ombro. — Eles estão todos vivos, certo?

Chase deu uma olhada nos oito vampiros enfileirados como peças de dominó.

— Sim, mas eu posso dar um jeito nisso — disse, olhando feio para o vampiro que acertara Della.

Della e Chase seguiram o carro onde estavam os vampiros, escoltados pelos seguranças da UPF. Burnett encontrou-os na rua. Andou até Della e levantou-lhe o queixo.

— Não foi nada — ela garantiu, irritada.

— Qual deles fez isso? — ele perguntou com uma fúria silenciosa.

— Isso importa?

— Aquele de camiseta marrom — disse Chase, sem que ninguém lhe perguntasse.

Della olhou carrancuda para Chase e depois voltou a se dirigir a Burnett.

— Por que Shawn, que levou uma facada, passou por aqui e já foi embora e você não ficou todo preocupado com ele?

Burnett franziu a testa.

— Porque o nome do meio da minha filha não é Rose por causa dele. Além disso, eu já marquei uma consulta médica para Shawn. E você, mais algum ferimento?

— Não, estou bem.

— O pulso — Chase respondeu. — Ela nocauteou um dos caras. Deu um belo soco nele.

— Eu estou bem! — ela grunhiu.

Só então Burnett deu uma olhada em Chase.

— Você está bem?

— Nem um arranhão.

— Presunçoso! — Della vociferou.

Burnett olhou para a porta.

— Você pode levar Della de volta para Shadow Falls? Assumimos daqui em diante.

— Não! — Della e Chase falaram ao mesmo tempo.

Della levantou o queixo roxo.

— Eu... nós queremos saber se eles sabem alguma coisa sobre Liam.

A expressão de Burnett endureceu, mas os olhos dele revelavam que ele não estava a fim de discussão. Ele se virou e olhou para outro agente em pé no balcão da recepção da UPF.

— Leve esses dois à sala seis para assistirem aos interrogatórios.

Chase se aproximou de Burnett. Della notou que o vampiro mais velho só era uns dois centímetros mais alto que Chase.

— Eu deveria fazer os interrogatórios — queixou-se Chase.

— Lamento. — A determinação deixou a expressão de Burnett mais severa. — Trabalhe para nós e você terá todos os privilégios. Enquanto isso, fará só que eu mandar.

Os olhos de Chase ficaram um pouco mais brilhantes, mas ele não respondeu. Lembrando-se da resposta negativa de Chase antes, quando Shawn mencionou a possibilidade de ele trabalhar para a UPF, a curiosidade dela sobre o trabalho com o Conselho dos Vampiros se reacendeu. Por que Chase estava trabalhando para eles? Como isso tinha começado? Havia uma razão para a lealdade que ele demonstrava?

O outro agente, um lobisomem, saiu na frente e fez sinal para que ela e Chase o seguissem. Enquanto Della obedecia, ela se lembrou do cheiro de lobisomem que tinha sentido no restaurante.

O agente abriu uma porta no final de um corredor cinzento e sem graça.

— Eles vão trazê-los um a um... daqui a uns três minutos. Vocês vão poder ver e ouvir todos eles, mas eles não vão poder ver nem ouvir vocês. — O lobisomem foi até uma parede de vidro. Não que ele precisasse explicar. Tanto Chase quanto ela já tinham estado ali antes. — Burnett vai fazer os interrogatórios.

Quando ficaram sozinhos na sala, Della olhou para Chase e sua curiosidade aumentou.

— Porque você é leal ao Conselho dos Vampiros?

— O que quer dizer? — ele perguntou.

— Você parece bem leal a eles.

Os ombros dele enrijeceram.

— Eles não são um bando de malfeitores como vocês costumam pensar. Podemos não concordar com todas as políticas da UPF, mas...

— Eu não disse isso. Estou simplesmente perguntando por que você é tão leal a eles.

Chase pareceu acuado com o questionamento.

— É uma pergunta estranha partindo de você, que defende Burnett mesmo odiando que ele fique te mimando o tempo todo.

O contra-ataque dele, em vez de dar uma resposta direta, só a deixou mais curiosa. Será que ele estava escondendo alguma coisa?

— Não é tão estranho — Della respondeu. — É exatamente por isso que estou curiosa. Eu sou leal a Burnett porque... — Ela fez uma pausa, achando difícil admitir aquilo em voz alta. — Ele é mais do que apenas um trampolim para a minha carreira. Ele é como se fosse da minha família. Qual é a sua desculpa?

Ele não respondeu de imediato. Será que estava inventando uma mentira ou...

— Eu gosto do meu trabalho. Gosto da liberdade que o Conselho me dá. Não é nenhum segredo que acho ridícula a preocupação de Burnett com os agentes.

— Sim, mas Burnett só é assim comigo. Estamos falando de trabalhar para a UPF, não de trabalhar para Burnett.

— Tem razão, mas eu sinto que ele tem bastante influência na UPF. E os outros são exatamente como ele.

Della poderia ter contestado aquele ponto de vista. Ninguém se preocupava tanto quanto Burnett e, embora ela odiasse ser tão mimada, tinha que admitir que gostava dele. Fora isso, Della não podia negar que a resposta de Chase fazia sentido.

— Como você foi contratado pelo Conselho dos Vampiros?

Ele olhou através da parede de vidro, para a sala de interrogatórios vazia.

— Eles ficaram sabendo que sou um Renascido. Então foram me procurar.

Por hábito, ela tentou ouvir o batimento cardíaco dele. Não notou nenhuma alteração, mas ela não podia se esquecer da capacidade dele de controlar esse órgão. Suas suspeitas aumentaram. Será que Chase tinha se virado de costas de propósito, só para Della não notar os sinais de que ele estava mentindo?

Ela estava prestes a chamar a atenção dele para esse fato quando ouviu um barulho. Era um agente, um dos vampiros que tinha ido ajudá-los a transportar os delinquentes para lá, trazendo para a sala um dos suspeitos que seriam interrogados e forçando-o a se sentar numa cadeira.

Alguns segundos depois, Burnett entrou na sala e se sentou do outro lado da mesa, em frente ao pobre vampiro algemado. Burnett carregava um arquivo, que ele abriu sobre a mesa. Seu olhar se fixou nos papéis por alguns instantes. Ele não agia com violência, mas, sendo Burnett, só sua presença já intimidava.

Ele ficou sentado ali sem falar nada. Sem nem olhar para o vampiro. Mesmo por trás da parede de vidro, Della podia sentir a tensão aumentando na sala.

O vampiro não aguentou mais o silêncio.

— A gente não ia machucar ninguém, só queríamos o sangue.

— Engraçado, não foi o que pareceu, não é mesmo? — Chase perguntou a Della.

— Não — ela admitiu.

Lentamente, Burnett olhou para a frente.

— Diga isso para aquele agente que levou uma facada e para a que levou um soco no queixo.

— Ei, aquela mina me deu um chute no saco!

— Você tem sorte de ela não ter arrancado seu saco e jogado badminton com ele...

Chase deu uma risadinha.

— Burnett te conhece bem...

Della deu de ombros, mas não respondeu. Estava ocupada demais observando o que estava acontecendo na outra sala, na esperança de aprender uma coisinha ou duas.

Burnett se reclinou na cadeira e endireitou os ombros, fazendo o garoto do outro lado da mesa parecer menor ainda. Será que ele fazia isso de propósito?

Por fim, Burnett falou, mas olhando novamente para os arquivos.

— Ela geralmente não pega tão leve com otários que ameaçam a vida dela.

— Eu já disse que a gente não ia...

— Jason Von, certo?

Quando o garoto não respondeu, Burnett se inclinou para a frente, os olhos brilhando.

— Esse é o seu nome?

— É — Jason respondeu.

Burnett assentiu.

— Olha aqui, Jason, eu não vou fazer rodeios. Vocês oito vão ficar detidos por tentativa de roubo, e dois de vocês ainda têm um bônus extra por assalto. As celas estão quase cheias. Temos dois

lugares em Burton. Não é um passeio no parque, mas Parkrow, nossa outra prisão, aquela é barba pesada. Só cinquenta por cento do pessoal que entra lá sai vivo. E vinte cinco por cento acaba tirando a própria vida. E os dois primeiros de vocês cinco com ficha mais leve que nos contarem o que precisamos saber vão poder ir para Burton.

Ele tirou uma fotografia do arquivo e deslizou-a pela mesa até ela ficar na frente do vampiro. O mesmo vampiro que de repente começou a parecer jovem demais para estar numa enrascada daquele tamanho.

— Você é um dos que vai ter a sorte de ir para Burton? — Burnett deu uma batidinha na foto com o dedo indicador. — Eu preciso de informações sobre este garoto. — Ele olhou dentro dos olhos do vampiro. — Você o conhece? Já o viu antes? Eu sei que ele andava circulando pela área da gangue de vocês.

O vampiro, que provavelmente não era mais velho do que Della, deu uma olhada na foto e seus olhos se arregalaram de reconhecimento. Nas suas pupilas castanhas Della viu outra coisa. Medo.

— Ele está apavorado — constatou Della.

— Com razão — Chase respondeu. — Eu já vi Parkrow, é o mesmo que ir para o inferno.

— Não — disse Della. — Ele ficou apavorado quando olhou a foto. Ele sabe alguma coisa e está com medo de falar.

O garoto olhou novamente para Burnett.

— Eu...

— Burton ou Parkrow? — perguntou Burnett.

— Eu... ahn... — o vampiro vacilou.

— Muito bem — disse Burnett. — Parkrow. Ele se levantou para sair da sala.

— Não — Della murmurou. — Ele sabe alguma coisa.

Sim, ele sabe. Encontre Natasha.

A voz ecoou na cabeça de Della. Ela olhou para Chase para ver se ele tinha ouvido também, mas aparentemente não tinha.

Ainda pensando na voz, Della farejou o cheiro do lobisomem outra vez. Ela olhou para trás para ver se algum lobisomem tinha entrado na sala, mas não viu ninguém.

Inspirou o ar outra vez, para ver se estava enganada. O cheiro persistia. E a familiaridade que sentiu deixou seus sentidos em alerta. Era o mesmo cheiro que tinha percebido no restaurante.

— Está sentindo esse cheiro? — ela perguntou a Chase.

Ele pareceu confuso, mas ergueu o rosto e respirou fundo.

— Cheiro do quê?

Droga! O fantasma estava tentando lhe dizer alguma coisa. Mas o quê?

Seu olhar se desviou para o garoto novamente, para o medo em seus olhos.

— Não sei merda nenhuma! — ele disse.

Della viu a sobrancelha esquerda do garoto se agitar. Assim como a de Chase quando ele mentia.

Burnett parou na porta.

— Vai se arrepender disso.

Ele está mentindo. O fantasma falou de novo.

Burnett virou a maçaneta.

— Não! — Sem conseguir reprimir o grito, ela deu dois passos na direção da parede de vidro e levantou o punho.

— Não! — Chase investiu como se fosse detê-la.

Tarde demais, ela deu um soco no vidro.

O olhar de Burnett e do vampiro voaram para lá ao mesmo tempo. O garoto pareceu absolutamente chocado, mas Burnett só fez cara feia. Mas não era uma cara feia qualquer. Era uma cara feia que beirava à fúria assassina.

Ele saiu e fechou a porta atrás de si. Sem dúvida para bater um papinho com a pessoa que ousara golpear o vidro. Mas tudo bem. Ela precisava mesmo falar com ele. Della tinha começado a andar em direção à porta quando ela de repente se escancarou e bateu na parede com tanta força que pedacinhos de reboco caíram do teto como flocos de neve.

— Que diabos pensa que está fazendo? — Burnett rugiu. — Nunca interrompa um interrogatório!

Capítulo Vinte e Sete

Chase se aproximou um pouco mais, como se tivesse receio de Burnett bater nela. Della não estava tão preocupada. Não que ela não tivesse medo de Burnett. Ela tinha medo de desapontá-lo, medo que ele visse suas fraquezas. Mas nunca sentira medo de que ele a agredisse fisicamente.

— Desculpe, mas é que ele sabe alguma coisa — Della despejou.

A cara feia de Burnett piorou.

— Eu sei que ele sabe alguma coisa! — Ele jogou as mãos para cima com frustração. — E estava prestes a me contar!

— Não, ele não estava. Ele ia despistar porque está com medo.

— Não, ele ia me dizer a verdade porque está com medo! — Burnett insistiu.

Ela balançou a cabeça.

— Você precisa perguntar sobre o lobisomem.

— Que lobisomem?

— Eu... não sei. Mas se você perguntar... Espere, deixe que eu pergunte, eu vou agir como se soubesse mais e vou arrancar a verdade dele.

— O quê? — Burnett sibilou e, quando viu que Della não respondia, ele desviou o olhar para Chase. — De que diabos ela está falando?

Chase parecia confuso, mas então seus olhos verdes encontraram os dela e ele quase sorriu.

— Eu estou boiando, mas aposto meu braço direito que ela sabe alguma coisa. Se for esperto, vai confiar nela.

Burnett voltou a encarar Della.

— Eu confio nela. Mas ainda preciso de uma explicação.

Della deu. Em uma palavra.

— Fantasma.

* * *

Della parou do lado de fora da porta, tentando reunir coragem e invocar a adulta dentro dela. Tinha pedido por isso, agora precisava seguir em frente.

Mesmo com a sua temperatura fria de vampiro, ela podia sentir gotinhas de suor se acumulando na testa. Nervoso. Nada mais do que isso.

E se ela estivesse errada? E se só tivesse imaginado o cheiro de lobisomem? E se o garoto não soubesse merda nenhuma mesmo? E se ela falhasse? Tanto Burnett quanto Chase estavam assistindo tudo da outra sala com parede de vidro.

Minha nossa! Onde ela estava com a cabeça para sugerir aquilo?

Encontre Natasha.

Ah, sim, agora ela sabia. A voz. O fantasma.

Endireitando a coluna, lembrando-se de que a vida de Natasha e a de Liam estavam em perigo, varrendo de dentro dela qualquer rastro de insegurança, ela abriu a porta.

Lembrando-se do modo como a presença de Burnett enchia a sala, ela entrou. Não olhou o vampiro imediatamente.

— Eles mandaram *você*? — o vampiro perguntou numa voz condescendente.

Ela cruzou os braços e por fim olhou para ele.

— É por causa do que eu sei.

— O que você sabe? — ele perguntou, os olhos castanhos não demonstrando o mesmo medo que ela viu quando ele estava na presença de Burnett.

Ela engoliu o nó da dúvida. Pensou em pegá-lo pelo colarinho e prensá-lo na parede. Mas suspeitava que Burnett não iria respeitar aquilo.

— O gato comeu sua língua? — ele perguntou, quase sorrindo.

Ela sentiu o risco de fracassar se esgueirando dentro de si, mas não iria desistir sem uma boa briga.

Puxou a cadeira em frente a ele, fazendo com que ela arranhasse o chão de ladrilho, e deixou-se cair no assento.

— Eu sei que você estava prestes a esconder a verdade quando respondeu ao agente.

— Você sabe, é? — Ele deu um sorriso afetado.

Ela queria bater nele.

— Sim, você não estava pensando em contar a eles sobre os lobisomens.

O olhar em seus olhos castanhos dizia a Della que ela conseguiria sair da sala de cabeça erguida.

— Você não entende... — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Merda!

— Me passe os nomes agora e você vai ser levado para a melhor prisão.

Ele literalmente se encolheu de medo.

— Acho melhor tentar a sorte na prisão pior.

— Sério? — Ela se inclinou para a frente, entrando propositalmente no espaço dele, tentando pressioná-lo a falar. — Porque eu estou imaginando que pelo menos metade dos detentos em Parkrow são lobisomens. E membros de gangues — ela acrescentou, rezando para que os lobisomens que ele tanto temia pertencessem a gangues. — E você sabe que vamos conseguir respostas e eles vão presumir que você foi o dedo-duro.

Ele deu um pulo da cadeira, agarrou o encosto com as mãos algemadas e jogou-a de encontro à parede. O móvel espatifou no chão, a alguns centímetros de onde Della estava. Não era bem uma tentativa de agredi-la, era mais um ataque de fúria.

Della levantou a mão para a parede de vidro, onde Burnett e Chase estavam, esperando que eles entendessem que ela estava pedindo que não interrompessem. Deixar o vampiro delinquente nervoso

fazia parte do plano.

Ela deu alguns passos, pegou a cadeira e atirou-a de volta no lugar.

— Sente-se! — ela mandou. E, quando olhou nos olhos dele, ela se deu conta do quanto ele era jovem. Ser jovem não era desculpa para aquele comportamento, mas ela de novo se sentiu privilegiada por ter um primo para ajudá-la na transformação e depois por ter Shadow Falls para lhe dar retaguarda e mantê-la na linha. Será que esse garoto tinha alguém para cuidar dele?

Como ele não respondeu imediatamente, Della tentou outra tática.

— Olha só, eu sei que você está nervoso. E provavelmente com medo. Mas diga o que precisamos saber e aposto que a UPF vai manter você vivo até que consiga mudar o rumo da sua vida.

Ele praticamente caiu sentado na cadeira. Não demonstrava mais nenhuma arrogância, ele parecia... desesperado. Ela conhecia aquele sentimento também.

— Eu... não sei muito. Vi um grupo de lobisomens com esse garoto. Acho que o nome dele era Liam. Marco estava tentando recrutá-lo quando vimos os lobisomens com ele. Ele cedeu rapidinho. Disse que os lobos eram fudidos, disse que pegavam recém-criados e que não valia a pena brigar com eles.

— Qual era o nome da gangue? — Della perguntou.

Quando ele não respondeu, Della deu um murro na mesa.

— Eu não sei! Eles não disseram o nome da gangue. Eu não sei nem se eram uma gangue. — Ele parou de falar um minuto. — Mas ele disse o nome de um dos lobisomens. Um tal de Damian Baker, ou talvez Bryan, um nome com B. Isso é tudo o que eu sei.

Della acreditava nele. Ela começou a deixar a sala, mas então se lembrou do cheiro familiar de lobisomem no restaurante.

— Damian ou um dos amigos dele estavam no Buck's Burgers? — ela perguntou.

— Eu não sei. Acho que podiam estar.

— Como são esses lobisomens?

— Como todo lobisomem, cães fedorentos.

Sem aviso, Della teve aquela sensação de vazio no estômago. Uma fome tão grande que a barriga até doía, e ela sabia que a sensação era de Natasha.

— Vou precisar mais do que isso! — ela disse, e a sensação de vazio no estômago era um aviso de que precisaria andar rápido, se quisesse encontrar Natasha e Liam vivos.

Burnett interrogou os outros vampiros usando as informações que Della tinha conseguido com Jason Von. Eles acabaram conseguindo mais informações. O nome do lobisomem que tinha sido visto levando Liam era Damian Bond. Burnett estava investigando esse nome no banco de dados da UPF para ver se encontrava mais alguma coisa.

Antes de deixar o escritório da UPF, Burnett chamou Della de lado e disse quanto ela tinha ido bem no interrogatório. No entanto, tomada pelo sentimento de que Natasha e Liam estavam correndo

contra o tempo, Della não conseguiu saborear o elogio.

Apesar da ordem de Burnett para que fossem direto para casa, ela e Chase voltaram ao Uck's Burgers. Era quase uma da manhã, o restaurante estava fechado, como a maior parte do comércio, e eles ficaram sentados dentro do carro, no estacionamento, com a capota arriada. Não estavam farejando nenhum lobisomem na área. Tudo estava em silêncio, e eles reclinaram só um pouco o banco, confortáveis em meio à noite e ao silêncio, olhando as estrelas.

— Estou vendo a Ursa Menor — disse Chase.

— É, acabei de encontrá-la.

— Minha mãe adorava observar as estrelas — contou Chase. — Às vezes, à noite, ela colocava nossos sacos de dormir no jardim e ficávamos deitados lá, olhando o céu.

— Parece bem legal — disse ela, olhando para ele. — Você sente muita falta deles?

— Sinto, mas não tanto quanto antes.

Depois de uns dez minutos, pensando em quanto Burnett ficaria bravo se soubessem que estavam ali, ela disse a ele que era melhor irem para casa.

Quando Chase estacionou em frente a Shadow Falls, ela pegou o diário, falou um rápido “até mais” e pulou do carro sem nem abrir a porta. Ela tinha uma sensação maluca de que, se não fugisse, ele tentaria beijá-la.

Quando saiu do carro, sentiu que Chase olhava para ela.

— Te vejo amanhã! — ele disse, saindo do carro.

Ela não olhou para trás, mas que um raio a partisse se não estava sentindo como se uma parte importante dela estivesse ficando para trás. Uma parte dela queria dar meia-volta e pedir a ele que lhe garantisse que iriam mesmo encontrar Natasha e Liam.

— Vou sentir sua falta! — Chase gritou quando ela passava pelo portão de Shadow Falls.

Eu também. O pensamento cruzou sua mente, mas ela se recusou a dizê-lo em voz alta. Então se lembrou de algo e se virou. Antes de falar, Della inclinou a cabeça ligeiramente para ter certeza de que ninguém estava ouvindo. Não escutou nada.

— Não se esqueça de me arranjar uma reunião com o Conselho.

Ela o viu acenando e entrando no carro. Ela ficou parada ali, olhando enquanto os faróis traseiros desapareciam na estrada. Engraçado como o pedido dela tinha feito com que ele fosse embora rápido, quando antes ele não parecia ter nenhuma pressa. Será que isso significava alguma coisa?

Capítulo Vinte e Oito

Eram quase duas da manhã quando ela entrou no quarto. A cabana estava em silêncio. Só o som suave da respiração de Miranda e Kylie adormecidas enchia o espaço. Della tirou as roupas, vestiu o pijama e se arrastou para a cama, abraçando o travesseiro. Sua mente dava voltas, muito agitada para dormir.

Agora, na cama, sentindo um leve arrepio pouco natural, os pensamentos em Chase se dispersaram e foram substituídos por outros pensamentos...

Ela olhou em volta do quarto em busca de algum sinal do fantasma. Não viu nada, mas isso não queria dizer que não havia ninguém ali.

— Você é minha tia?

As palavras pareceram pairar no ar acima dela, numa nuvenzinha de névoa.

Della puxou as cobertas até o pescoço, depois colocou o diário na sua frente e começou a ler. Encontrou a página onde tinha parado antes. Algumas datas não tinham o ano, mas pela letra Della podia ver que eram de uma época em que Natasha ainda estava no secundário.

Curiosa para saber se havia alguma coisa sobre a transformação dela, Della passou para as páginas finais, conferindo a data. Escritas nas últimas páginas estavam as palavras: *Adeus, diário*. Mas a data no alto era 13 de outubro do ano anterior.

O que significava que ler o diário de Natasha não iria ajudar em nada, era só invasão à privacidade. Uma privacidade entendiente, diga-se de passagem, mas mesmo assim era uma invasão. Ela fechou o diário e colocou-o de lado, mas ele de repente se abriu.

Olhando em volta, ainda sentindo um calafrio, ela fechou o diário novamente. Dessa vez, quando ele voltou a se abrir, Della pressupôs que deveria ler a página em que ele estava aberto. Assim como tinha acontecido com a foto no caixão de Chan.

— Ótimo. Mas como isso vai me ajudar a encontrá-la. Ela só descreve coisas normais do dia a dia aqui. — O que Della tinha achado uma coisa chata, verídica e normal pareceu algo bom. Como seria se o seu único problema fosse saber que o cara de quem ela gostava nem sabia da existência dela? Ela costumava ter essa vida, pensou. E Natasha também, ponderou. Agora a vida da garota tinha virado um pesadelo também.

Della olhou para a página do dia 10 de janeiro. Começou a ler.

Mamãe me chamou no quarto dela hoje. Eu sabia o que ela ia me dizer. Ela vai se casar com Tom.

Della soltou um suspiro. Então a vida de Natasha não era tão perfeita assim. Della lembrou-se da foto do homem mestiço na mesinha de cabeceira da garota. Aquele devia ser o pai dela de verdade. Será que ele tinha morrido ou os pais eram divorciados? Então ela se lembrou do homem do lado de fora da casa, olhando para a janela do andar de cima. Devia ser Tom.

Ela continuou a leitura.

Eu fiz o que devia. Disse que estava feliz por ela. Mas foi difícil. Também é difícil constatar quanto sou egoísta. Quero minha mãe só pra mim. Não quero dividi-la com ninguém. Mas não penso em viver para sempre na casa dela. Vou me formar em menos de um ano. E então ela ficará sozinha. Ela não merece isso.

Não é que eu não goste de Tom. Bem, talvez eu não goste dele, mas também não desgosto. E não acho que ele seja ruim. Eu sei que ele ama minha mãe. E é legal comigo. Mas não é o meu pai. E eu sinto que ele está querendo substituí-lo. Eu não quero que Tom seja o meu pai.

E tê-lo por perto me lembra do pai que eu tinha. É loucura sentir falta de alguém depois de tantos anos. Eu sinto muita falta dele, mas o tempo também faz a gente esquecer. Como a voz dele. Eu costumava achar que sempre me lembraria dela. O jeito como ele me chamava de docinho — mas não me lembro mais. Já se passaram sete anos desde que ele morreu. Eu ainda olho para a foto dele quase toda noite e tento me ver nele. E eu vejo um pouco, mas não muito. Eu gostaria de ter o nariz dele.

Della olhou para a página e percebeu quanto ela tinha em comum com Natasha. Quantas vezes ela não tinha olhado no espelho e se perguntado por que não se parecia mais com o pai, mais com a família dele e com a cultura de que tanto se orgulhava? Talvez o fato de ser mestiça levasse a pessoa a se sentir assim — como se não pertencesse nem a um grupo nem a outro.

Della continuou a ler, mas o diário passou a relatar só coisas mais corriqueiras. Uma briga que ela teve com Tom, a escolha de um vestido para o baile de formatura. Ela leu tudo e só faltavam algumas páginas para o final. O último relato era mais longo do que os demais.

Falta uma semana para eu fazer 18 anos. Hoje mamãe me perguntou o que eu queria de aniversário. Eu sabia que ela perguntaria, como sempre faz. Ela é um doce, quer que a gente ganhe o que quer e não apenas o que ela quer dar. Mas este ano eu olhei nos olhos dela e decidi não mentir. Eu quero a verdade, disse a ela. Sua expressão quase me fez chorar. Me lembrou de como ela ficou quando a polícia bateu na nossa porta e disse que o meu pai tinha morrido na explosão da fábrica. Eu acho que ela tem medo de me perder. Ela não vai me perder, mas vou ficar com raiva se aquilo em que acredito for verdade. Ela deveria ter me contado há muito tempo.

Curiosa, Della virou a página, mas não havia mais nada para ler. Do que Natasha estava falando? Que mentira a mãe teria contado a ela? Della fechou o diário, seus sentimentos em relação à mentira

com relação ao pai de Natasha espicaçando-a, enquanto sentia o sofrimento de garota.

Della colocou o diário na mesinha de cabeceira e ficou pasma quando o viu voar dali e bater na parede. E o frio no quarto tornou-se mais intenso.

— Por que você está infeliz? — Della olhou para cima e viu cristais de gelo brancos caindo do teto. Estava nevando em seu quarto.

— Chega dessa merda de frio! — gritou ela e se sentou. — Por que não podemos apenas conversar? Me diga onde está Natasha e eu vou salvá-la. Me diga como vocês duas estão ligadas.

Suas palavras fizeram mais nuvens de vapor pairar no ar. Elas estavam a alguns centímetros dos seus lábios.

— Me conte... me diga quem matou você. E juro por Deus que, se você disser que foi meu pai, eu vou saber que você é uma mentirosa.

Della prendeu a respiração. O coração dela a levou de volta para o tempo em que ficava no escritório na companhia do pai. As risadas que tinham dado juntos. O amor que tinham um pelo outro. Seu pai podia não ter morrido como o de Natasha, mas ela sentia falta dele do mesmo jeito.

— Fale comigo — disse ela novamente. Nenhuma resposta. E aquilo deixou Della furiosa. — Muito bem! Se você não vai falar, então faça o favor de tirar o seu traseiro gelado daqui. — Ela voltou a deitar a cabeça no travesseiro.

Passos soaram na cabana. A porta se abriu. Kylie estava ali.

— Você está bem?

— Não tenho paciência com fantasmas — disse Della com a voz firme, tirando com um tapa um floco de gelo dos cílios.

— Quer que eu durma com você?

— Eu não estou com medo, só de saco cheio. — O coração dela deu uma sacudida anormal. E se Kylie estivesse no modo vampiro teria ouvido. Della não verificou. Ela estava cansada demais para levantar a cabeça.

Kylie foi até a cama e se deitou com ela. Mesmo cansada, Della encontrou forças para contar à amiga sobre o seu dia. Desde a visão no armário de Natasha, até Chase afanando o diário, até a briga no parque, atrás do lago. A frustração dela agora era por causa de Natasha e Liam, que não tinham muito tempo.

— Você não pode fazer mais nada — disse Kylie, mas Della percebeu a desesperança na voz da amiga. Ela, como Holiday, ainda tinha dúvidas se Natasha e Liam ainda estavam vivos. Della se recusava a acreditar.

A temperatura do quarto por fim voltou ao normal. Com uma protetora ao seu lado, Della puxou os cobertores até o queixo — não para se esconder do frio, mas para se manter longe dos pensamentos de assassinato, fantasmas e duas pessoas presas em algum lugar, correndo contra o tempo.

Della estava quase dormindo quando Kylie fez uma última pergunta.

— Você fez o que Miranda disse?

— O quê? — Della murmurou.

— Abriu seu coração para Chase, para saber se ele é um príncipe ou um sapo?

— Eu acho que ele é as duas coisas — disse Della, e recordou da mão de Chase em seu seio quando saiu da visão. Como era ser tocada por ele. De repente, ela se sentiu muito quente e desejou que o fantasma voltasse e fizesse nevar novamente.

Na quarta-feira de manhã, o toque do celular despertou Della com um sobressalto. Ela se sentou e se lembrou de ouvir Kylie saindo da sua cama e se vestindo para ir à escola, junto com Miranda. Olhando pela janela, viu o sol atravessando a vidraça.

— Merda! — Ela devia ter voltado a dormir depois disso. Se começasse a dormir até tarde e a faltar nas aulas, Burnett provavelmente iria diminuir seu tempo de trabalho.

Ela pegou o celular. Seu coração deu uma sacudida quando ela pensou que poderia ser Steve. Olhando para o número, fechou os olhos, caiu de costas na cama e repreendeu-se por ainda querer que fosse Steve.

Então, a contragosto, atendeu à chamada.

— O que você quer?

— Bom dia, Raio de Sol!

— Vá pro inferno.

Chase riu.

A risada dele se derramou sobre ela como uma calda quente. Maldito seja! Foi então que Della se lembrou do que tinha dito a Kylie. *Príncipe e sapo*.

Ela o ouviu se mexer, quase como se ainda estivesse na cama também.

— Sabe, a única coisa melhor do que ouvir sua voz rouca pela manhã seria acordar ao seu lado. Seu cabelo bagunçado, a luz do sol entrando pela janela e fazendo sua pele macia brilhar. Aposto que você está sexy como o diabo.

Ela passou a mão pelos cabelos, olhou para baixo e percebeu que estava usando o pijama dos Smurfs.

— Eu não apostaria nisso.

— Não me diga. Você está vestindo o pijama dos Smurfs, não está?

Ela mordeu o lábio para não xingá-lo. Ela ficou de boca fechada, não porque estivesse com um palavrão na ponta da língua, mas porque sabia que ele estava certo.

— Você tem um conjunto de calcinha e sutiã que combina com o pijama? — perguntou ele, sem dúvida querendo provocá-la.

— Você realmente é o Perverso da Calcinha! — ela disse.

— Sou o quê?

— O Perverso da Calcinha!

Ele riu.

— Não, eu só sou pervertido quando se trata de você! — disse Chase parecendo sincero. — Você está bem?

— Claro que estou. Por quê?

— Anda dormindo tarde. Ficou acordada pensando em mim?

Ela ia começar a dizer que era óbvio que não, mas teria sido uma mentira.

— O fantasma veio me ver — ela disse a verdade, em vez de responder à pergunta dele. — E você? Qual é sua desculpa? — Ele tinha pensado nela? Não, espere, ela não queria saber.

— Minha desculpa para quê? — Chase perguntou.

Della não conseguiu encontrar uma resposta atravessada, então simplesmente a deixou pairando no ar.

— Parece que você ainda está na cama também. Ou isso não foi o barulho do colchão?

— Estou. Quer saber o que estou vestindo?

— Não! — Mas uma imagem se formou na mente dela. Seu rosto ficou quente quando ela se lembrou de quando estava naquele armário, passando a mão na bunda dele.

— Eu fiquei até quase quatro da manhã trabalhando no caso — Ele fez uma pausa. — E pensando em você. — Della o ouviu rolar na cama novamente.

Ela fechou os olhos e não soube o que dizer. Então não disse nada.

— O que ela disse? — Chase perguntou.

— Ela quem? — Della respondeu, a mente num turbilhão, o rosto ainda quente.

— O fantasma? — ele perguntou.

Ótimo, ela precisava mesmo mudar de assunto.

— Esse é o problema, ela não disse nada. Apenas fez nevar.

— Nevar?

— Sim, no meu quarto!

Ele fez uma pausa.

— Você sabe quem é ela?

— Eu não estou bem certa — respondeu.

— Quem você pensa que é? — ele perguntou.

Talvez esse assunto não fosse melhor do que o anterior.

— Que horas são? — ela perguntou, na esperança de desviar a conversa.

— Oito e meia.

— Se eu correr, ainda consigo pegar a primeira aula. Preciso ir.

— Então você não quer saber o que eu descobri sobre o nosso cara, Damian Bond?

Ah, mas que inferno, ela estava caindo na dele. É claro que queria saber.

— O que você descobriu? — Ela se sentou.

Capítulo Vinte e Nove

— Quem você acha que o fantasma é? — perguntou Chase, como se só estivesse disposto a contar as novidades se ela também contasse.

— Eu não tenho certeza absoluta. — Della falou a verdade.

— Então, quem você acha que é? — ele perguntou pela segunda vez.

— Não foi você quem disse que ela era o meu fantasma? — Della rebateu e sentou-se na beirada da cama.

— Não foi *você* quem disse que tínhamos a guarda conjunta? — ele rebateu, como se estivesse frustrado. — Se isso vai nos ajudar a encontrar...

— Se fosse nos ajudar, eu diria, mas agora só estou confusa. Então pare com essa enrolação e me diga o que você sabe sobre Damian Bond.

Ele a deixou sofrer por alguns segundos antes de começar a falar.

— O mais importante é que ele está na Califórnia agora, e já faz três dias. Portanto, não era dele o cheiro que você sentiu ontem à noite.

— Como... Como você sabe disso?

— A UPF não é a única que tem um banco de dados. Eu pedi para o Conselho dos Vampiros fazer um relatório sobre ele. Quando estava indo para casa ontem à noite, eles me ligaram. Ele está numa lista de observação. Já pertenceu a uma gangue que tinha como alvo os vampiros. Supostamente, desistiu, mas nós temos um endereço dele. Eu farei uma visita à casa de Damian. A namorada me disse que ele estava em Los Angeles. Ele faz uns trabalhos de dublê em filmes. Mas está voando para casa na sexta à noite. Acho melhor encontrá-lo na esteira de bagagens, não acha?

A mente de Della girava.

— Sim. — Mas ela não podia negar que tinha ficado desiludida ao saber que Damian não era o lobisomem que ela tinha farejado no Uck's Burgers. Especialmente porque era esse o cheiro que o fantasma a tinha feito sentir quando estavam assistindo ao interrogatório. Como tudo isso se encaixava?

Expelindo o ar dos pulmões, ela olhou para os dedos dos pés descalços.

— Você já contou isso a Burnett?

— Ainda não. Pensei em contar primeiro para a minha parceira.

Algo na maneira como ele disse “parceira” causou uma vibração no estômago dela. E foi uma vibração boa — como se Della fosse parte de algo... ou alguém... importante.

Ela tirou o cabelo do rosto e voltou a olhar para a porta do quarto quando ouviu passos correndo na frente da varanda da sua cabana. Uma boa farejada e ela reconheceu o cheiro da bruxa.

— Miranda vem aí — Della disse ao telefone. — Eu tenho que ir. Ligue para Burnett e conte tudo a ele. Se não fizer isso, ele vai ficar puto.

— Esse não é o estado normal dele?

— Faça isso e pronto. — Ela desligou quando a porta se abriu e Miranda irrompeu para dentro do quarto.

— O que há de errado? — perguntou Della.

A bruxa respirou fundo como se tivesse corrido.

— Kylie me disse que Shawn foi esfaqueado! — ela exclamou, parecendo um pouco em pânico. — Ele está bem? — Ela ainda tinha o garfo na mão como se tivesse recebido a notícia durante o café da manhã e esquecido de deixá-lo no prato.

Della tomou a decisão rápida de manipular um pouco a verdade. Ei... se Kylie podia bancar a casamenteira, talvez Della pudesse também.

— Eu não sei. Ele estava bem machucado. Eu tenho o celular dele. É melhor você ligar e ver como ele está.

Shawn na verdade estava bem. Depois de tomar alguns pontos, tinha voltado a viver normalmente. Ele tinha dado o número de seu celular para ela e Chase na entrada de Shadow Falls, apenas para o caso de haver mais alguma notícia sobre o lobisomem. Aparentemente, ele ia continuar ajudando no caso.

Miranda franziu a testa.

— Por que eu iria ligar para ele?

— Humm, vamos ver. Talvez porque você esteja tão preocupada que correu do refeitório até aqui com um garfo na mão, para perguntar como ele estava — disse Della.

— Mas... eu não... não somos... amigos.

— Mas poderiam ser.

Miranda revirou os olhos.

— Eu me lembro do que você disse sobre ele exalar feromônios e tudo mais, mas ele é mais velho do que eu.

— Mais velho quanto? Dois anos? Ligue pra ele.

— Mas eu não estou... Eu só...

Della quase podia ler a mente da bruxa.

— Perry ligou?

Um olhar triste e tocante se estampou no rosto da bruxa.

— Não.

— Deixe-me ver se entendi. Perry diz que quer dar um tempo no tal relacionamento entre vocês. Ele vai embora. Você dá a ele um telefone mágico e ele pode ligar a hora que quiser, de qualquer lugar, e ele não se dá ao trabalho de usá-lo. Certo?

O lábio inferior de Miranda tremeu um pouco, mas ela confirmou com a cabeça.

— Então que se dane! Ligue para Shawn!

Della pegou o celular e mandou uma mensagem para Miranda com o número do celular do bruxo.

— Ligue pra ele! — ela sibilou quando o telefone da bruxa apitou. — Nós tínhamos um acordo, lembra?

Miranda fez beicinho e fulminou Della com os olhos, e era difícil fazer as duas coisas ao mesmo tempo, mas ela conseguiu.

— Você cumpriu a sua parte do trato... com Chase? Porque, se não cumpriu, eu não vou...

— Ele colocou a mão dentro do meu sutiã e eu passei a mão na bunda dele. Será que isso pode ser considerado a minha parte do trato?

Uma hora depois, no caminho para a aula de matemática, o celular de Della tocou. Ela olhou para a tela; era uma daquelas chamadas de alguém tentando vender seguros. Mas logo antes de ela enfiar o telefone de volta no bolso, percebeu que não falava com a mãe... havia um século! A mãe não ligava todos os dias, mas pelo menos duas vezes por semana Della recebia um telefonema “só para saber se estava tudo bem”.

A constatação ficou dando voltas na cabeça dela, então caiu como um pássaro morto no seu coração. Será que a mãe estava tentando esquecer que ela existia, assim como o pai? Ou talvez ela só estivesse ocupada. Antes que perdesse a coragem, procurou o nome da mãe na sua lista de contatos e ligou.

O telefone tocou uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

E foi para o correio de voz.

— Ei, mãe, sou eu, Della. — *Para o caso de você ter esquecido quem eu sou.* — Eu acabei de perceber que não nos falamos e queria ter certeza de que está tudo bem. — *Eu te amo. Sinto sua falta.* — Me liga.

Della tinha acabado de colocar o celular de volta no bolso quando Holiday apareceu.

— Ei, eu estava procurando você.

— Por quê? A minha mãe ligou? — perguntou Della, pensando que talvez ela só tivesse perdido o telefonema da mãe mais cedo.

— Hã, não. Algo errado?

— Não, eu só... Eu não tenho notícias dela há algum tempo. Ela tem ligado ultimamente para saber de mim?

Holiday pensou um minutinho.

— Não na semana passada. Você está preocupada com alguma coisa? — a líder do acampamento perguntou, captando as emoções de Della.

— Nada de mais — disse Della, e em seguida perguntou: — Precisa de alguma coisa?

— Ah, bem, eu precisava dar uma esticada nas pernas e achei que você podia se juntar a mim.

Della olhou bem para a líder do acampamento.

— O que eu fiz?

Holiday riu.

— Nada.

— Então o que você precisa falar comigo? — perguntou Della. — E não diga que não é nada, porque isso seria uma mentira e *faes* boazinhas não mentem.

Holiday fez uma careta.

— Nós mentimos às vezes. Mentirinhas brancas. — Ela sorriu. — Então, tudo bem, eu quero falar com você, mas você não está em apuros.

— Se você está grávida e quer que eu faça o parto do seu segundo filho, a resposta é não — brincou Della. — Eu não me recuperei do primeiro ainda.

Holiday riu.

— Bem, se você precisar de terapia, pode deixar que eu pago. Venha, vamos caminhar até o lago.

Elas entraram numa trilha na floresta e tudo ficou em silêncio. Os sons dos outros campistas desapareceram, e só um inseto ocasional fazia barulho.

— Você tem certeza de que não estou em apuros? — perguntou Della.

— Eu só estou um pouco preocupada — disse Holiday.

— Com o quê?

— Você... e toda essa coisa de ligação com Chase. Vocês estão passando bastante tempo juntos. Eu só queria ter certeza de que você está... ok.

— Não estamos rebolando os quadris — Della garantiu.

Holiday riu.

— Você tem mesmo jeito com as palavras, mocinha. E, sim, essa era uma das minhas preocupações, mas não é só isso. — Holiday ficou séria novamente. — Então você não está nem um pouco interessada nele dessa forma?

Della chutou uma pedra inocente que por acaso estava na frente do seu pé.

— Eu não diria “nem um pouco”.

— Então, o que você *diria*?

— Eu preferiria não dizer nada. — Ela encolheu os ombros.

Holiday suspirou.

Elas chegaram ao lago e Holiday apontou para a frente.

— Vamos nos sentar no píer.

Elas andaram até o fim da ponte de madeira.

Holiday se sentou, tirou os sapatos e enrolou a barra da calça jeans. Os dedos dos pés mal tocaram a água.

— Hoje está um dia bonito! — ela disse.

— Está mesmo — Della concordou, com sinceridade. Não estava frio, nem calor. O céu estava azul brilhante, as nuvens brancas e o sol estava quente em seus ombros. Della se sentou ao lado dela e tirou as botas e as meias. A água só causou um friozinho refrescante em seus pés.

— Onde está Hannah? — perguntou Della.

— Eu contratei uma babá para me ajudar a cuidar dela durante parte do dia. Sinto como se estivesse ignorando o meu trabalho.

Depois de alguns minutos, Holiday falou novamente.

— Burnett está investigando essa coisa toda de ligação e existem algumas poucas informações que confirmam o fato de que é real, mas elas são vagas. Muito vagas.

— O que dizem? — perguntou Della, querendo ver se ela sabia mais do que Chase tinha contado.

— Que os dois vampiros ficam ligados emocionalmente. Há provas de que podem ser membros da mesma família, por isso a ligação não é necessariamente romântica.

Um peixe deu um salto a alguns metros do píer e Holiday e Della olharam para ele.

— O que você acha que esse vínculo significa? A ligação entre vocês é romântica? — Holiday perguntou.

— Você sabia que os peixes fazem xixi e cocô na água? — disse Della quando Holiday esticou as pernas e afundou os pés na água.

Holiday revirou os olhos.

— Eu sei. E essa foi provavelmente a pior tentativa de mudar de assunto que eu já ouvi.

— Sim, mas eu não consegui pensar em nenhuma outra coisa — disse Della.

Holiday sorriu e então sua expressão ficou séria novamente.

— O que eu estou dizendo é que o que Chase fez por você foi uma coisa maravilhosa, mas eu não quero que se sinta obrigada a oferecer parte de si mesma que não deseja oferecer.

— Ele não está me pressionando para fazer sexo — disse Della, sabendo que era verdade. A coisa toda do armário tinha sido por causa da visão, não tinha nada a ver com eles. Mesmo que ele tivesse gostado. E ela também, admitiu para si mesma.

— Isso me deixa mais tranquila — disse Holiday, passando o pé pela superfície da água. — Mas você sente algo por ele. Eu posso dizer. E também posso dizer que você não está completamente confortável com isso. E isso me preocupa.

Della chutou a água.

— Eu odeio quando você faz isso, sabe?

— Faço o quê? — Holiday puxou o cabelo por sobre o ombro.

— Lê minhas emoções. — Della franziu a testa. — Porque, embora você esteja certa ao dizer que me sinto desconfortável, não é o que você está pensando. Se eu me sinto desconfortável, é por causa do que eu sinto, não porque ele está tentando me pressionar a fazer alguma coisa.

Holiday olhou para Della.

— E o que você sente?

— É maluquice minha — ela disse.

— Isso faz sentido. — Ela estendeu a mão e tocou o braço de Della. — Eu só quero ajudar. E eu sei que você é uma pessoa muito reservada, mas às vezes ajuda falar sobre as coisas.

— Que coisas? — perguntou Della.

— O que você sente?

Della engoliu a frustração.

— Eu já disse, é maluquice. — Ela suspirou. — Olha, se eu soubesse de verdade o que sinto, eu diria, mas eu não sei. Eu gosto dele? Sim. Me sinto atraída por ele? Sim. Se eu acho que a coisa da ligação é real? — Ela quase disse que não, mas a verdade escapou. — Sim. Mas eu não sei em que medida ou aonde isso vai me levar. Parte de mim confia nele. Parte de mim, não. E então, você conseguiu entender alguma coisa disso, exceto que eu estou completamente confusa e me sentindo meio paranoica?

Holiday sorriu.

— O amor é confuso e pode fazer você se sentir paranoica.

— Eu não disse nada sobre amor — disse Della.

Holiday sorriu.

— Eu não quero dizer um “amor”, para o resto da sua vida. Apenas um romance. — Ela se inclinou para trás e olhou o céu. — No entanto, eu não estaria fazendo meu trabalho como líder do acampamento se não contasse sobre as preocupações de Burnett com você.

— Ah, mas que inferno! Ele mandou você falar comigo sobre Chase?

— Não, foi ideia minha, e quando contei a ele, ele... bem, também falou como se sentia a respeito.

— Ele não gosta de Chase — disse Della.

— Ele não confia totalmente em Chase. E *realmente* não confia no Conselho dos Vampiros.

— E eu acho que ele é um tantinho superprotetor.

Holiday sorriu.

— Ele não seria ele mesmo se não fosse superprotetor. Mas tem faro para essas coisas. Então, eu só quero que você seja cuidadosa.

— Eu sou sempre cuidadosa. — *Pelo menos a maior parte do tempo.*

Capítulo Trinta

Della almoçou com Jenny, Kylie e Miranda. Elas pegaram suas bandejas e levaram para trás do escritório, sentando-se sob a sombra das árvores para comer.

Passaram metade do tempo rindo, enquanto Miranda contava sobre alguns de seus feitiços que tinham dado errado. Como no dia em que ela queria remover uma mancha da camisa do pai e acabou removendo todas as roupas dele.

Quando viram que o vizinho idoso “humano” tinha visto a cena, tudo virou um caos. Especialmente porque as roupas desapareceram quando o pai dela estava inclinado, tirando um assado do forno. Momentos depois, o pai estava usando dois pegadores de panela para cobrir as partes.

Della precisava mesmo dar umas risadas. Uma ou duas vezes, ela viu a tentação nos olhos de Miranda para contar o que Della tinha dito a ela sobre Chase e toda aquela história da mão dele e da mão dela, mas a garota deve ter entendido o olhar de Della dizendo “eu mato você” e não abriu a boca sobre o assunto. Della não tinha a mínima necessidade de falar sobre isso.

Especialmente depois da conversinha com Holiday. Não que Holiday a tivesse feito se sentir diferente, ela só não queria que Burnett ficasse sabendo de alguma coisa e realmente começasse a surtar.

Miranda não mencionou se ela tinha ligado para Shawn. Della decidiu que não iria pressionar mais. Tinha que ser decisão dela. Mas, se a amiga começasse a voltar ao modo “sorvete e lágrimas”, Della poderia mudar de ideia.

Ela não conseguiria, e não iria, ficar por perto, vendo a amiga sofrer e se castigar por causa da idiotice de um garoto. E, sim, ela considerava Perry um cretino. Miranda gostava dele, e o fato de ele pedir um tempo quando na verdade gostava dela, também era idiotice.

Depois de um almoço tão divertido, o dia pareceu mais leve. Após as aulas, Della esperou Chase no portão da frente. Burnett tinha precisado sair para tratar de outro caso e por isso eles não tiveram antes a reunião habitual para repassarem as regras. O plano era voltar ao Uck’s Burgers e ver se ela encontrava algum vestígio do lobisomem.

Quando o Camaro azul de Chase encostou, ela andou até o carro. Fazia meses que não andava tanto de carro e, embora adorasse voar, todo aquele tempo dentro de um carro fazia com que se sentisse um pouco mais humana. Como uma verdadeira adolescente. E isso era bem legal.

Ele parou ao lado dela. Seu cabelo estava despenteado pelo vento, Chase usava óculos escuros e seu sorriso era tão caloroso quanto o sol. Ela sentiu a mesma emoção que sempre sentia quando o via. A ligação? Ou, como Holiday tinha falado, apenas um romance normal? Mas, no momento, Della não queria pensar ou julgar. Quando saltou a porta, caindo no banco do passageiro, ele estendeu para ela um saquinho.

— O que é isso? — ela perguntou.

— Eu comprei mais elásticos de cabelo. Você continua levando todos e não trazendo nenhum de volta.

Ela pegou o saquinho e, quando o virou no colo, mais do que apenas elásticos de cabelo caíram de lá. Uma bonequinha Smurf — uma Smurfette — caiu em seu colo. Ela olhou para ele.

O sorriso dele se alargou.

— Desculpe, mas, quando vi, tive que comprá-la. Sério, eu tentei deixá-la lá, mas não consegui. Ela chamou meu nome e não me deixou ir embora. E você devia ter visto o olhar com que o brutamonte tatuado no caixa me encarou.

Antes que percebesse, ela estava sorrindo de volta.

— Obrigada — agradeceu.

— De nada. — Seus olhos se encontraram e se mantiveram assim por um segundo longo demais.

Ela pegou um dos elásticos e prendeu o cabelo. Ele só ficou observando e ela viu o olhar dele deslizando para os seus peitos por alguns segundos, como se ele estivesse se lembrando do tempo em que tinham ficado no armário.

E, por um breve segundo, ela quase invejou Natasha, que tinha vivido tudo aquilo enquanto ela só tinha vivido alguns segundos. Não era estranho pensar que uma garota que estava enfrentando a morte estava vivendo mais e passando por mais experiências do que ela mesma?

— Precisamos ir — disse Della, lembrando-se de sua conversa com Holiday.

— Tem razão. — Ele ligou o carro e, quando se reclinou no banco, colocou a mão na parte de trás do banco do passageiro, virando o corpo para olhar por sobre o ombro. O movimento foi natural, como se ele sempre o fizesse quando se virava para pegar algo no banco de trás. Mas, enquanto sua mão estava lá, seus dedos roçaram no pescoço dela. O toque, acidental ou intencional, enviou um doce arrepio pela espinha dela.

Ela observou enquanto Chase saía do estacionamento, trocando as marchas. Algo sobre o processo parecia legal. Ela lembrou que, quando era menor e o pai a levava para assistir a corridas de carro, ficava fascinada com os pilotos. Quando olhou para cima, Chase estava olhando para ela novamente.

Depois de alguns minutos apreciando o vento nos cabelos, Della notou que ele pegou uma estrada secundária.

— Aonde você está indo?

— Você já vai ver — disse ele.

Chase dirigiu mais alguns quilômetros e então entrou no que parecia uma estrada rural que terminava num bairro pouco desenvolvido. Lá havia ruas, mas não havia casas. Ele estacionou o carro e, em seguida, saiu e deu a volta até o lado dela.

— O que está fazendo? — ela perguntou, ainda no banco do passageiro, olhando para ele e vendo a si mesma em seus óculos de sol. Por um segundo, a visão a fez se lembrar da velha Della, aquele que podia só curtir um passeio de carro com um garoto bonito.

— Chega pra lá.

— O quê?

— Senta atrás do volante. Eu quero que você dirija.

— Não. — Ela negou com a cabeça, seu rabo de cavalo balançando para os lados e fazendo cócegas na parte de trás do seu pescoço. — Eu disse que não sei trocar marchas.

— Você não sabe trocar marchas... ainda. Eu vou te ensinar.

— Eu... eu não...

Antes que ela percebesse o que Chase pretendia fazer, ele escorregou para o banco dela, pegou-a no colo e passou-a por sobre o console e o câmbio, depositando-a no banco do motorista. O toque rápido contra seu traseiro enviou outra onda de formigamento através dela.

Ela franziu a testa para ele, mas Chase apenas sorriu. Ele estava se divertindo. E que Deus a ajudasse, porque ela também. Talvez fosse por causa do almoço em que apenas tinha dado risadas com as amigas. Talvez fosse o fato de aquilo ser algo diferente, porque ela podia tentar algo novo sem ter de ouvir Burnett discorrer sobre perigos e regras. Ou talvez ela estivesse cansada da pressão de tudo e, só por um tempinho, quisesse se esquecer e se divertir.

— Vamos lá — ele começou. — Está vendo os pedais? É como um carro automático. Só que ele tem um pedal a mais. O primeiro da esquerda para a direita é a embreagem, o segundo é o freio e o terceiro é o acelerador. Para você ligar o carro e engatar a marcha, precisa pisar na embreagem, então soltar lentamente enquanto pisa no acelerador. É muito fácil. Você só precisa soltar a embreagem enquanto pisa no acelerador. Então tira o pé da embreagem.

Della inclinou a cabeça para o lado, olhando os pedais.

— Não é tão fácil, ainda tenho que trocar as marchas.

— Sim, mas é simples. Quando o carro precisar de outra marcha, você vai ouvir e sentir. Você tira o pé do acelerador e faz a mesma coisa: pisa na embreagem, troca a marcha, em seguida pisa no acelerador de novo.

Ele pegou a mão dela e colocou-a sobre o câmbio. A palma da mão dele ficou em cima da dela para mostrar como trocar a marcha.

— Esta é a primeira. Está sentindo?

Ela sentia a mão dele. Sentia arrepios.

— Sim — Della disse, esperando que a voz não soasse tão trêmula quanto ela se sentia por dentro.

— Aqui é a segunda. — Ele moveu o câmbio para baixo. O polegar dele moveu-se para cima e para baixo ao lado de dedo mindinho dela, enviando todo tipo de sensação maravilhosamente quente para seu coração.

Ele ensinou a ela todas as diferentes marchas. Della tentou arduamente pensar na troca das marchas e não na mão dele sobre a dela.

— Agora você troca. — Chase tirou a mão. Somente o orgulho a impediu de fingir que não se lembrava, para que ele mostrasse de novo.

Ela fez o que ele tinha mostrado. A única marcha que não conseguiu encontrar foi a sexta.

— É bem aqui. — Ele chegou um pouco mais perto, a mão dele pressionando a dela novamente enquanto ele mostrava o leve movimento para baixo e ligeiramente para o lado direito.

— Sentiu?

— Sim. — Ela sentia tudo. Quando ele deslizou o braço esquerdo por sobre a parte de trás do seu assento e quando o antebraço dele roçou o ombro dela. Quando Chase falou bem perto e sua respiração fez cócegas na bochecha dela.

— Pronta pra tentar? — ele perguntou.

Ela olhou para ele. A pergunta ecoou dentro dela. Ela estaria pronta?

Pronta para parar de lutar contra o que sentia? Combater a chamada “ligação”, que fazia algo dentro dela se sentir completa?

A resposta sussurrou através da sua mente. *Talvez.*

— Sim — ela respondeu, enquanto um “talvez” era tudo o que podia dar à sua própria pergunta. E ela sabia o que a detinha. Ela ainda não estava completamente certa de que ele não sabia mais sobre quem o tinha enviado para ter certeza de que ela conseguiria passa pelo renascimento.

— Tudo bem — disse ele. — Vamos nessa.

Ela teve que ajustar o assento para que pudesse alcançar os pedais. Respirando fundo, querendo aprender aquilo, ela colocou o carro em ponto morto, pôs o pé na embreagem e virou a ignição. Ela o sentiu observando e abriu um sorriso.

— Até agora foi fácil.

A maneira como ele tinha estacionado obrigava-a a dar marcha à ré no carro, então ela engrenou a primeira marcha. Ela fez o que ele tinha ensinado, colocou o pé no acelerador e liberou lentamente a embreagem. O carro avançou. Uma sensação de vitória envolveu-a, mas desapareceu no instante em que o carro engasgou e morreu.

— O que aconteceu? — ela perguntou, olhando para ele. O sorriso de Chase fez com que ela gemesse de frustração.

— Você tirou o pé da embreagem muito rápido. Precisa soltar mais devagar. Mas quase conseguiu. Tente novamente.

Determinada, ela repetiu os passos. E, dessa vez, o carro andou quase dez metros antes de engasgar e morrer.

Ela rosnou, bateu a mão no volante e lançou um olhar infeliz para ele.

— Tem algo errado.

— Não tem nada errado. É só ter um pouco mais de sutileza. — Ele riu.

— Pare de rir! — disse ela.

— Ei, eu não estou rindo de você. Estou rindo porque... Porque me lembrei de Jimmy tentando me ensinar. E porque eu adoro... estar aqui, com você. Com você não brigando comigo, mas brigando com o meu carro. — Ele se inclinou. — Tente de novo.

Seus lábios estavam tão perto... Então, eles roçaram levemente nos dela.

Capítulo Trinta e Um

— Para dar sorte — disse Chase, então recuou como se não quisesse assustar Della, para não deixá-la ainda mais irritada.

Ela não estava irritada. Ou talvez uma parte dela estivesse, mas ela não queria que essa parte importasse agora.

Quando Della não disse nada, não reclamou, ele a beijou novamente. Dessa vez, o beijo durou alguns segundos.

Ela colocou a mão no peito dele e lhe deu um empurrão de leve.

— Você deveria estar me ensinando a dirigir.

A língua dele se afastou e passou pelo lábio inferior dela.

— Ok — ele disse, seu sorriso tão brilhante que a fazia querer beijá-lo novamente. Então Chase deu um puxão no rabo de cavalo dela. — Lembre-se, devagar e bem de leve.

Sim, ela pensou. Era assim que ela queria levar aquilo. Devagar e bem de leve.

Depois de cerca de mais três tentativas, ela finalmente conseguiu.

— Olha só! — ele disse. — Eu disse que você ia conseguir.

Ela começou a dirigir um pouco mais rápido. O vento era bom; o ronco do motor dava uma sensação boa. Era potente.

— É quase tão bom quanto voar, não é? — ele perguntou, olhando-a passar de uma rua pavimentada para outra.

— Pode ser até melhor — disse ela, trocando as marchas e adorando a suavidade com que conseguia fazer isso. — Até que velocidade ele pode ir? — ela perguntou e olhou para ele.

— Ele é rápido — disse Chase. — Acelere um pouco mais.

Ela olhou em volta e não havia outro carro à vista. Então fez isso. Pisou no acelerador e sentiu o rugido. Olhando de relance para o velocímetro, viu que tinha passado dos 140 por hora.

Estava prestes a diminuir a velocidade quando ouviu a sirene.

— Merda! Meu pai vai me matar! — ela murmurou. Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, antes que pudesse olhar pelo espelho retrovisor, Chase agarrou o volante com uma mão, ergueu o traseiro dela do assento com a outra, e eles trocaram de lugar.

Em seguida, ele desacelerou rapidamente e parou no acostamento.

— O que está fazendo? — ela perguntou, virando a cabeça para ver o carro da polícia parando atrás deles.

— Garantindo que o seu pai não vá matá-la — disse ele. — Porque, se ele magoar você, vou ter que dar uma lição nele, e essa não é a melhor forma de começarmos nosso relacionamento.

Ela estava prestes a dizer que eles não teriam um relacionamento, mas então mordeu o lábio.

— É um conversível; o guarda provavelmente viu que eu estava dirigindo.

— Você estava indo muito rápido, ele não pode dizer com certeza quem estava dirigindo.

Della olhou para ele.

— Certo. *Eu* estava indo rápido. Era eu que...

— Tudo bem — disse ele. — Apenas deixe que eu resolva isso.

— Mas a culpa é minha. Você não devia...

— Eu é que fiz você dirigir.

Ela já podia até ouvir o sermão, o mesmo que seu pai lhe dava cada vez que ela pegava o carro. O sermão sobre o perigo de escrever mensagens de texto enquanto dirigia... Sobre...

— Seu seguro vai subir e...

— Dinheiro não é problema.

— O seu pai... Quer dizer, Jimmy, não vai ficar chateado? Eu não quero você levando a culpa por algo que eu...

Chase enfiou a mão no bolso de trás e tirou a carteira de motorista, pronto para assumir a culpa.

— Tenho 18 anos, Jimmy não é mais responsável por mim.

Della olhou para o carro de polícia novamente, sentindo o estômago embrulhar.

— O que ele está fazendo? Por que não está vindo para cá?

— Calma. Ele está só verificando se o carro não é roubado.

Ela lançou para Chase um olhar de pânico.

— Merda! Não é roubado, é?

Ele olhou para ela de cara feia.

— Eu não sou ladrão de carros.

— Eu sei... Desculpe, é só que... Eu nunca fui parada pela polícia antes.

— Relaxa. Ele não vai prender a gente.

— Ah, meu Deus, eu nem tinha pensado nisso. Aí, sim, meu pai me mataria. E Burnett... ele me mataria outra vez. Onde eu estava com a cabeça? Eu não deveria ter dirigido acima do limite de velocidade. Ah, Jesus, eu coloquei a gente nessa encrenca.

Chase estendeu a mão e tocou o ombro dela.

— Fica fria. Vai ficar tudo bem. Se exceder o limite de velocidade é a pior coisa que você já faz, você é uma boa cidadã. — Então ele sorriu. — Você fica bonita quando está assustada.

Ela bateu na mão dele.

— Eu não estou assustada. Eu estou... preocupada.

— Eu sei, mas vai ficar tudo bem. Prometo. Confie em mim. E ninguém nunca vai descobrir. Nem o seu pai nem Burnett. Vai ser o nosso segredo.

Ela olhou fixamente para os olhos verdes dele. E uma parte dela confiava nele. Mas apenas uma parte.

De repente, ela se sentiu culpada. Culpada por ter tempo para se divertir quando deveriam estar à procura de Natasha e Liam.

Ela lançou outro olhar para o carro da polícia e, por puro nervosismo, começou a bater o pé no assoalho do carro.

— Fala sério, por que está demorando tanto?

Chase tocou em seu ombro novamente.

— Calma ou ele vai pensar que sequestrei você ou algo assim.

— Ok. Eu estou me acalmando. Eu estou. — Ela olhou para a frente. Então, depois de algumas respirações profundas, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Você sabe que vai ficar tudo bem. Nós vamos sair dessa.

Chase tinha acabado de dizer isso, mas, quando ela pensou nas palavras, a voz em sua cabeça não era de Chase. Ela abriu os olhos. O sol, o céu azul, o Camaro, o carro da polícia, tudo tinha desaparecido.

Virado fumaça.

De uma só vez.

Escuridão, tudo o que via era escuridão. Ela piscou novamente.

— Você está bem? — Dessa vez ela reconheceu a voz.

Liam.

— Posso perguntar uma coisa? — ela disse. Ah, pode apostar, Della tinha perguntas também. *Onde estamos?*

— Sim — ele respondeu.

Ela virou a cabeça e mal conseguiu vê-lo. Ele era bonito, mesmo com um dos olhos meio inchado.

Me diga onde vocês estão para que eu possa tirar você e Natasha daí. Ela tentou dizer as palavras, mas elas não saíram. Ela podia estar dentro do corpo de Natasha, mas não tinha controle sobre ele.

Em vez disso, Natasha perguntou:

— Você tem alguém?

— Como assim? — perguntou Liam.

— Tem namorada?

Ele estendeu a mão e tocou o rosto dela.

— Eu acho que depois do que fizemos, três vezes, isso significa que temos... “alguma coisa”. — Ele riu.

Natasha sorriu, mas na realidade ela não estava de muito bom humor.

— Eu quero dizer antes de agora.

Ele hesitou.

— Eu costumava ter. Um ano atrás, mas ela se formou e foi embora estudar na Faculdade do Sul da Califórnia.

— Você a ama? — Natasha espanou a terra do joelho e Della sentiu quanto ela queria que Liam dissesse não.

— Eu achava que sim. Eu queria ir com ela, mas, mesmo com a bolsa de estudos que me deram, minha mãe não podia pagar. Ela já tinha dois empregos para poder pagar meu colégio aqui.

— Então você é inteligente. Eu percebi isso — disse ela.

— Sim — disse ele. — Mas aposto que você não se sai mal na escola também.

— Eu não sou tão inteligente a ponto de entrar na Faculdade do Sul da Califórnia — disse ela. Fez uma pausa, e então perguntou: — Então vocês dois só se separaram quando ela foi embora?

— Não, nós tentamos continuar. Sabe, esperar um pelo outro. Tomar um avião para nos ver quando possível. Mas, depois de algumas semanas, ela conheceu outra pessoa.

— Sinto muito.

— Eu não — disse ele. — Virar vampiro teria colocado um ponto final no relacionamento, de qualquer maneira.

— Sim, é o tipo de coisa que atrapalha um pouco as coisas, não é? — A emoção se acumulou no peito de Natasha e Della percebeu que os sentimentos de Natasha eram muito parecidos com os que ela sentia em relação a ser transformada. A vida tinha sido arrancada dela.

— Por favor, não me diga que você tem alguém! — disse Liam. — Porque eu não vou gostar disso.

— Não tenho, não — disse ela. — Como você, havia uma pessoa, mas eu tinha terminado quando... quando me transformei.

— Você forjou sua própria morte? — ele perguntou.

— Aquele cara da funerária me disse que eu tinha que forjar. Disse que eu ia acabar matando meus pais ou coisa assim.

— Isso é mentira, você sabe. — Ele pressionou os lábios contra a testa de Natasha.

— Não sei, não. No começo é a maior loucura.

— Eu sei, mas eu não sou um assassino nem acredito que você seja. — Ele colocou os braços em volta dela. Ela enterrou o rosto no ombro dele.

— Isso é o que eles querem que a gente seja. Ou queriam. Por que você acha que eles não voltaram?

— Eu não sei.

Della tentou descobrir o que eles queriam dizer com aquilo, mas não tinha informação suficiente.

Um som retumbou acima, como se fosse algum tipo de equipamento de escavação. Natasha olhou para cima.

— Você forjou a sua morte? — ela perguntou a Liam.

— Não, nem tive chance. Aquele grupo de lobisomens me encontrou no segundo dia. Eu estava vagando pelas ruas, sofrendo como o cão. Eles me pegaram e me colocaram com os outros. — Ele

fez uma pausa, então ergueu o queixo dela e a fez olhar para ele. — Eu não me importo se vou viver ou morrer. Eu estava a ponto de acabar com tudo quando vi você. Estava tão assustada... e tudo o que eu queria era fazer com que você se sentisse melhor. Você salvou a minha vida.

— Não, você salvou a minha. E quase foi morto por causa disso. Ela levantou a mão e tocou a sobancelha e o olho dele.

— Não, só apanhei um pouco. Mas valeu a pena.

Alguns minutos de silêncio se passaram. O estômago de Natasha roncou de fome e seus pensamentos a levaram ao passado.

— Sinto falta deles — ela disse.

— Não daquele namorado, espero — ele disse.

— Não, ele era só... não era nada sério. Sinto falta dos meus pais. Minhas amigas, Amy e Jennifer. Elas eram minhas melhores amigas deste mundo. E eu sei que estão sofrendo. Especialmente minha mãe. Ela me amava tanto... — Natasha começou a chorar.

Liam a levantou do chão e a colocou no colo dele.

— Vamos sair daqui. Então você vai poder revê-los.

— Como? Eles acham que estou morta. — Ela pressionou o rosto contra o peito dele.

— Vamos inventar uma história. Dizer que você foi sequestrada ou algo assim. Vamos dizer que eles enterraram o corpo errado. Ei... Eu vou fazer isso acontecer. De alguma forma, Natasha, eu vou dar um jeito.

Della sentiu o desespero inchar dentro do peito de Natasha.

— A quem estamos querendo enganar?

Natasha agarrou a camisa de Liam.

— Nós não vamos sair daqui, Liam. Nós vamos morrer.

— Pelo amor de Deus! Não diga isso. Vamos sair daqui, sim, então vamos descobrir de que forma outros como nós vivem. Deve haver outra maneira.

Natasha chorou mais alguns minutos, então, finalmente esgotada, ela apenas se inclinou contra ele. Ele sabia exatamente como abraçá-la para fazê-la se sentir... amada.

E ela o amava, ela percebeu. Ela nunca tinha se sentido assim com ninguém antes. Era quase como se ele captasse os pensamentos dela. Ele se inclinou e beijou a testa dela novamente.

— Ah, e se você conseguir uma bolsa de estudos para alguma faculdade, eu vou com você. Eu não vou te perder, ok?

— Você não vai — disse ela. E, embora quisesse acreditar nele, que eles iriam sair daquela vivos, que iriam realmente ter uma chance de viver juntos, ela não conseguiu. Não acreditava.

Mas pelo menos eles tinham um ao outro agora. Ela ergueu o rosto e o beijou. Beijou-o com desejo e paixão.

— Quer fazer aquilo pela quarta vez?

— Eu lhe fiz uma pergunta! — A voz veio de algum outro lugar. E agora não era a voz de Liam, nem de Chase.

Della abriu os olhos rapidamente e o sol quase a cegou.

— Desculpe — disse Chase.

Della se virou e olhou para Chase, ele estava com a mesma expressão atordoada que ela devia ter em seu próprio rosto. Então viu o policial ao lado da porta do motorista e seu olhar nos olhos castanhos — um olhar bem contrariado. Um homem contrariado. Ele parecia um buldogue — que, aliás, precisava ficar um pouco menos diante da sua tigela de comida. Ele até tinha bochechas flácidas como as de buldogues, daqueles que babavam.

— Estamos um pouco nervosos — ela deixou escapar. — Quero dizer, eu estou nervosa. Nunca fui parada pela polícia antes.

— Isso provavelmente porque não faz muito tempo que anda saindo com o senhor Ligueirinho aqui.

Chase perdeu o olhar habitual de superioridade e sua expressão era um pedido de desculpas.

— Eu só estava tentando me exibir para a minha nova namorada — Chase disse ao policial. — Sei que estava errado. Pode me multar se quiser. Mas pelo menos eu a trouxe a esta estrada vazia, para não correr o risco de causar um acidente.

— Para não correr o risco de ser pego, você quer dizer. — O policial franziu a testa e as bochechas balançaram. — Passe a carteira de motorista, filho — ele mandou.

Chase entregou a carteira a ele.

O guarda se afastou, ou melhor, bamboleou para longe. Além de tudo, ele andava como um buldogue. Entrou na viatura outra vez, com as luzes azuis ainda piscando.

Chase olhou para ela. Della não disse nada, mas ele devia ter visto a aflição em seus olhos.

— Nós vamos achá-los.

— Nós *temos* que achá-los — disse Della.

O celular dela tocou. Ela o tirou do bolso e olhou o visor. Provavelmente a mãe dela, que ainda não tinha retornado a sua ligação. Verificou o número.

— É Burnett. Você acha que ele já sabe que nós...?

— Só se tiver um informante em cada delegacia do Texas.

Della se preparou para levar uma bronca.

— Eu não acho isso muito difícil.

Capítulo Trinta e Dois

Burnett não sabia que eles tinham sido parados e multados. Tinha ligado para informá-los de que Shawn não iria encontrá-los no Uck's Burgers. O agente supostamente estava trabalhando em outro caso. O fato de Burnett ter sido vago com relação aos detalhes quase fez Della suspeitar.

A voz de Burnett soou do outro lado da linha.

— Eu acho que seria melhor vocês voltarem para Shadow Falls.

— Não, estamos indo para o Buck's.

— Por quê? Nosso principal suspeito só vai estar na cidade na sexta-feira. Vocês vão perder tempo.

— Não, lembra que eu senti um cheiro conhecido quando estávamos no restaurante aquela noite? Acho que isso significa alguma coisa.

— Eu sei mas... Shawn não vai poder estar lá e...

— Vamos ficar bem — disse ela num tom determinado. — Confie em mim.

Burnett ficou quieto.

— Tudo bem, mas lembrem-se das regras. Não arranjem confusão. Se conseguirem alguma pista, me liguem o mais rápido possível. E... — Ele continuou por mais dois minutos e terminou com: — Mas eu realmente acho que vocês só vão perder tempo.

Felizmente, ele desligou antes que o guarda voltasse para entregar a Chase a multa *dela*.

Infelizmente, trinta minutos depois de se sentarem no Uck's Burgers, Della ficou com medo de que Burnett estivesse certo. Nem ela nem Chase tinham percebido no ar qualquer cheiro de lobisomem. Havia alguns vampiros no lugar, e eles certamente tinham checado Della e Chase, mas, obviamente, decidido não arranjar encrenca.

Chase pediu dois refrigerantes. Lembrou-se de que ela bebia diet e, por alguma razão, isso a agradou. Conversaram sobre banalidades, sabendo que os outros vampiros estavam ouvindo.

Mas, quando eles foram embora, a conversa ficou um pouco menos banal.

— Você conseguiu descobrir se a visão pode nos ajudar? — perguntou Chase.

Della deixou sua mente divagar até a lembrança que poderia facilmente partir seu coração.

— Eles disseram algo sobre alguém querer que eles se tornassem assassinos.

— Eu sei.

— Você acha que alguém está fazendo os recém-criados se tornarem assassinos?

Chase balançou a cabeça.

— Eles poderiam, mas é preciso confiar na pessoa que te manda fazer algo assim.

— E o barulho? — perguntou Della. — Era como se houvesse um equipamento de construção acima deles.

Ele assentiu.

— Mas poderia ser qualquer coisa.

Ela passou o dedo pela borda do copo.

— Nós precisamos contar a Burnett sobre isso. Nem chegamos a contar sobre a outra visão.

— Se você acha que isso vai ajudar, então conte. Eu simplesmente não consigo ver como. — Ele pegou um guardanapo e enrolou-o no dedo de pura frustração. — O que eu não entendo é por que o fantasma está fazendo isso. Nos fazendo ter essas visões sem nenhuma razão. Não estamos conseguindo nada que vá nos ajudar a encontrá-los.

Della sentia a mesma coisa, mas, de repente, a resposta lhe ocorreu.

— Mas nós nos importamos.

— O quê?

— Nós nos importamos. Ela quer que a gente se preocupe com eles.

Chase soltou a respiração e olhou para sua bebida.

— Então ela está conseguindo.

Ele enfiou o canudo no copo.

Os dois ficaram em silêncio, como se estivessem tentando processar aquela ideia. Então Chase olhou para ela e Della viu que ele já não estava mais pensando na visão.

— Por que você não forjou sua morte como a maioria faz? — ele perguntou.

Ela encolheu os ombros.

— Eu tinha Chan e, quando meus pais me levaram para o hospital, porque eu estava doente, encontrei outros sobrenaturais que me deram o telefone de Shadow Falls. Holiday não é muito a favor de vampiros forjando a própria morte.

Ele balançou a cabeça e olhou para seu refrigerante por um tempo.

— Mas, obviamente, não foi tão fácil pra você. Eu ouvi você reclamando do seu pai... e sobre a sua tia. E no dia dos pais eu estava lá, você... parecia bem infeliz sentada ali com eles.

Ela suspirou.

— Houve momentos em que eu pensei que poderia ser mais fácil de outra maneira, mas depois de ouvir o que Natasha disse, não sei. Holiday pode ter razão.

Ele assentiu.

— Você perdeu outras pessoas, também?

Lembrando-se da conversa que ambos tinham ouvido entre Natasha e Liam, Della suspeitou que ele se referia a um namorado.

— Sim. Eu tinha alguém.

— Era muito próximo?

— Eu achava que éramos. Mas estava errada.

— Ele magoou você? — Chase perguntou, e seus olhos ficaram um pouco mais brilhantes com a raiva óbvia.

— Sim. — Ela girou a bebida nas mãos, acompanhando com o dedo uma gota que escorreu pelo vidro, reunindo coragem para fazer a mesma pergunta. — E você?

— Eu tinha só 14 anos. — Ele fez uma pausa, como se essa fosse a resposta, em seguida, acrescentou. — Mas, sim, havia alguém.

— Você a amava? — perguntou Della.

— Era um amor juvenil — disse Chase. — Ela era amiga da minha irmã. Eu tinha uma queda por ela fazia bastante tempo. Até que ela finalmente parou de me olhar como o irmão mais novo.

— Você nunca foi vê-la? Quer dizer, eu sei que ela pensa que você está morto, mas você nunca a observou nem de longe para ver como ela está?

— Não. — Ele baixou os olhos, olhando para o próprio copo. — Ela morreu.

— Como? — perguntou Della, seu peito se enchendo de emoção.

— Ela estava no avião quando a gente caiu.

O coração de Della então realmente se contraiu de dor.

— Sinto muito.

— Eu também. Mas eu a vi depois... ou quase isso.

Della pegou o canudo e agitou o gelo.

— Você quer dizer como um fantasma?

Ele fez uma careta.

— Eu acho que você chamaria assim. Eu estava mal por causa do acidente, e estava meio cá meio lá... com eles. Ou quase lá, se você me entende...

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu entendo. A mesma coisa aconteceu comigo quando eu estava... renascendo.

— Fico feliz que você não tenha decidido ficar lá — disse Chase.

— Você também — Della admitiu.

Ele sorriu.

— Quer saber, acho que ela sabia de você.

Della fez uma careta.

— A sua namorada? Como ela podia saber de mim?

— Ela disse que os espíritos podiam prever o futuro e que eu conheceria alguém que seria um verdadeiro desafio.

— Isso não quer dizer que seja eu! — Della insistiu.

Ele riu.

— Eu não acho que já tenha conhecido alguém mais desafiador do que você.

Ela ergueu o terceiro dedo do copo só um pouquinho.

Ele viu e riu.

— Eu me diverti hoje.

Ela mordeu o lábio.

— Eu vou te pagar a multa. Quem ia adivinhar que iriam nos multar em quatrocentos dólares?

— Sim, mas eu estava 80 quilômetros acima do limite de velocidade.

Della franziu a testa.

— *Eu* estava 80 quilômetros acima do limite.

— E você curtiu cada segundo — disse Chase. — Eu pagaria duas vezes esse valor para vê-la se divertindo de novo.

— Sim, mas você não vai pagar. Vou receber alguma coisa por trabalhar neste caso e vou reembolsá-lo.

— Viu só? Você é um desafio — provou ele. — Eu tenho muito dinheiro, Della.

— E você é só um playboyzinho pentelho! — disse ela, mas não pôde deixar de sorrir.

Seu parceiro estava ou não estava sendo mais um príncipe do que um sapo no momento?

Naquela noite, Della se deitou na cama com a Smurfette sobre a mesinha de cabeceira, olhando para ela.

Por que aquela bonequinha idiota significava tanto?

Porque ele tinha comprado para ela. Porque ele tinha passado vergonha e mesmo assim comprado para ela. Porque era evidente que ele estava pensando nela quando a viu.

Ela se lembrou do aviso de Holiday. *Basta ter cuidado.*

Ela teria, disse a si mesma.

Antes de levar aquilo adiante ela queria...

O que ela queria?

E a resposta veio. Ela queria saber com certeza se podia confiar em Chase. Queria ter certeza de que ele não estava guardando mais segredos.

Enquanto estava pensando no que queria, ela pegou o celular só para ter certeza de que não tinha perdido nenhuma ligação da mãe.

Nenhuma chamada.

Ficou em dúvida se ligava de novo, mas então percebeu que isso a magoaria muito. Se a mãe não se dava ao trabalho de ligar de volta, Della não ligaria também.

Quinta-feira, logo depois das aulas, o celular de Della tocou. Esperando que fosse a mãe, ela correu e atendeu, sem sequer verificar o número. Não era a mãe. Era Burnett novamente — precisava vê-la. Ela decolou e jurou não pensar na mãe novamente. O líder do acampamento estava esperando na varanda da frente da cabana. Não era um bom sinal.

Ela o seguiu até o escritório dos fundos, porque o escritório de Holiday estava ocupado. Ele se encostou à mesa e fez sinal para que ela se sentasse na cadeira. Um olhar ao redor e Della percebeu que Holiday tinha redecorado a sala — havia um peso de papel de cristal sobre a mesa, juntamente com fotos mais coloridas de Hannah, o orgulho e a alegria de Burnett. No canto da sala havia uma planta, uma planta viva. A sala não parecia mais tão austera.

Não até Della ver a expressão de Burnett.

Alguma coisa estava errada.

— O que foi? — perguntou Della.

— Nós tentamos ir atrás de Damian Bond na Califórnia. Ele não estava onde disse à namorada que estaria e foi demitido do emprego há dois dias. Mas eu verifiquei e, até agora, ele ainda tem uma reserva para um voo na sexta-feira à tarde. Então eu estava pensando, por que você não tira uma noite de folga, fica aqui e descansa um pouco.

— É porque eu dormi tarde ontem, não é? Mas eu estava bem hoje de manhã.

— Não é isso — disse ele. — Bem, talvez um pouco. Você não tem parado um instante. Eu sei que ficou correndo ontem à noite até quase duas da manhã. Você não pode continuar indo até o limite desse jeito. Sei o que estou dizendo, eu sou agente. Você precisa relaxar, respirar um pouco.

Della controlou seu temperamento estourado.

— Está tudo bem. Não preciso dormir muito. Você devia saber disso, também. E ainda estou respirando. Não está ouvindo? — Ela respirou fundo.

Ele franziu a testa.

— Eu posso ver nos seus olhos. Você não pensa em mais nada que não seja esse caso. Você tem que aprender a relaxar. Isso pode te consumir por dentro se não aprender a deixar tudo de lado às vezes.

— Eu vou deixar tudo de lado e relaxar quando encontrar Natasha e Liam. Você mesmo disse que eles não têm muito tempo.

Ele soltou o ar com frustração e Della sentiu que ele sabia de mais alguma coisa. O que não tinha contado a ela?

— Tem outra coisa, não tem?

Quando ele não respondeu de imediato, ela teve vontade de gritar, mas se forçou a ficar sentada e perguntar novamente numa voz calma. Ei... se ele queria que ela ficasse calma para trabalhar no caso, ela ficaria... mesmo que isso a matasse.

— O que você não está me dizendo, Burnett?

Ele contornou a mesa e sentou-se em sua cadeira.

— Um dos outros lobisomens que foi preso finalmente decidiu falar ontem. Ele confirmou o que Jason Von disse. E o que o Conselho dos Vampiros desenterrou nos arquivos dele. Mas... — Ele fez uma pausa. — Ele também disse que faz quatro semanas que pegaram Liam. Ele sabe com certeza porque era aniversário do irmão dele. — Burnett balançou a cabeça. — Della, não há como eles terem sobrevivido tanto tempo.

Ainda controlando suas emoções, ela disse:

— Você estava lá quando o fantasma fez aquela coisa. Ela soletrou a palavra “vivos”. Você viu. Como ainda pode questionar?

— Até Holiday disse que os fantasmas, às vezes... ficam confusos. Talvez Natasha seja o fantasma e ela não queira aceitar que...

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Nós não sabemos se eles foram colocados naquele túnel, ou o que quer que seja, há quatro semanas. Eles podem ter sido trancados lá recentemente.

A expressão de Burnett permaneceu firme e Della viu isso em seus olhos. Ele tinha provas, ou achava que tinha.

— O que mais? Apenas me diga o que você sabe — disse ela, e seu coração ficou apertado com a possibilidade de ouvir o que ela sabia que não queria ouvir. O que sabia que não queria acreditar.

Ele soltou um longo suspiro.

— Eu queria que Holiday estivesse aqui. Ela deve chegar daqui a alguns minutos.

— Eu não preciso de Holiday, Burnett. Só preciso saber o que está acontecendo.

Ele assentiu.

— Eles estavam sequestrando recém-criados e os usando em lutas nos subterrâneos.

Della lembrou-se da visão que tinha tido no dia anterior... agora fazia sentido.

Burnett se ajeitou melhor em sua cadeira.

— Descobrimos que a mesma coisa estava acontecendo em Dallas e conseguimos detê-los. Prendemos os envolvidos lá, e conseguimos até libertar vários recém-criados que tinham sido capturados. Eles estavam sendo trazidos de outros países.

Della continuou ouvindo, mas até o momento, ele não tinha dito nada que provasse que Natasha e Liam estavam mortos.

— Até o outro comparsa falar hoje, não sabíamos o que estava acontecendo aqui. Ele nos deu os nomes dos responsáveis. Às cinco da manhã, prendemos três deles. Achamos que esse Damian Bond poderia ser um deles também.

— Portanto, essa é uma boa notícia — disse Della. — Estamos mais perto de encontrá-los. Por que você...?

— Tem mais. — Burnett cruzou as mãos sobre a mesa. — Soubemos que, quando aconteceram as primeiras prisões em Dallas, eles mandaram avisar os parceiros de Houston para que eliminassem as provas.

— Eliminassem? — Della repetiu. — Eles os mataram?

Ele assentiu.

— Fomos informados sobre uma vala comum. Fica num ferro-velho, onde destruíam e enterravam carros.

Nesse instante, Della se lembrou dos ruídos que ouvira na visão, os sons de equipamentos de grande porte. A dúvida começou a cortar os fios de esperança que ela tinha amarrado tão forte no coração.

— A UPF ainda está recolhendo os corpos, e vamos levá-los para serem identificados. Eu sei que você não quer acreditar, mas há uma boa chance de Natasha e Liam estarem entre as vítimas.

As lágrimas encheram os olhos dela, mas ela não se importou.

Encontre Natasha.

A voz sussurrou na cabeça de Della. A voz estaria errada? Mas o queria dizer a visão: a visão da mulher assassinada por alguém tão parecido com seu pai ou seu tio? Perguntas começaram a espicaçar seu coração dolorido, sedento de respostas.

Ela enxugou as lágrimas.

— Quanto tempo... antes de termos certeza?

— Pode levar até uma semana para confirmarmos a identidade de todos os mortos.

Della se levantou.

— Tudo bem, mas até que você encontre os corpos de Natasha e Liam, vou continuar procurando. E não vou acreditar que eles estejam mortos até que eu mesma os veja no necrotério.

— Della, você precisa...

— Não! — rebateu Della. — Vou continuar procurando.

— Onde? Você já seguiu todas as pistas.

Ligação de Miao Hon. As palavras de repente ecoaram dentro da cabeça de Della. Não vindas da memória, mas, obviamente, do fantasma.

Mas por quê? A resposta veio com clareza. Pela mesma razão que ela tinha enviado a foto. Sua tia sabia algo que Della precisava descobrir. E talvez, apenas talvez, fosse a informação de que ela precisava para encontrar Natasha.

— Não, eu não segui todas ainda — garantiu Della. Ainda havia a pista que ela estava evitando.

Ela deixou Burnett, sem olhar para trás quando ele chamou o nome dela. Voou da varanda do escritório e se dirigiu para sua cabana. Encontrou a fotografia na gaveta da mesinha de cabeceira, e em seguida foi embora. Ela decolou e saltou o portão. Sabia que o alarme iria soar e Burnett e saberia que era ela.

Della não se importava.

Ela precisava chegar à única pessoa que achava que iria entender como ela se sentia. A pessoa que poderia ajudá-la a fazer o que tinha fazer.

Chase.

Capítulo Trinta e Três

Chase estava na varanda de casa quando ela atravessou o topo das árvores. Ele estava com o celular na mão, o olhar focado em algo mais acima, como se olhasse para ela.

— Ela está aqui — Della o ouviu dizer enquanto se aproximava.

Provavelmente Burnett, talvez muito aborrecido porque ela tinha saído sem a permissão dele. A quem ela queria enganar? Ele devia estar furioso.

Ela não se importava.

Chase desligou o celular e largou-o numa das cadeiras de vime da varanda.

Ela aterrissou em frente à varanda com um baque não muito gracioso.

Della não se importava.

Ele se lançou para a frente como se quisesse segurá-la, mas ela se apoiou no balaústre da varanda.

Chase estava sem camisa. Obviamente não esperava receber visitas.

Ela não se importava.

O rosto úmido revelaria que ela tinha chorado.

Ela não se importava.

Chase olhou para ela preocupado, com ternura nos olhos.

E, maldição, ela se importava! Della se importava com Chase. Ela sabia que ele se importava com ela também. Como tinha chegado a essa conclusão ela não sabia, mas isso não vinha ao caso no momento.

— Era Burnett — ele avisou.

— Ele te contou? — ela perguntou, as emoções se agitando dentro dela, quase a deixando atordoada.

— Só que você ficou aborrecida com as notícias e saiu de lá sem avisar. Ele começou a explicar, mas eu vi você e desliguei. O que aconteceu?

— Eles acham que eles estão mortos. — As narinas dela ardiam e ela teve que engolir a saliva para impedir que mais lágrimas caíssem.

— Mas nós sabemos que eles não estão — Chase disse, chegando mais perto. Ela podia sentir o cheiro dele, o aroma fresco de vento e alguma erva natural.

Quando ele estendeu o braço na direção dela, ela recuou. Tinha que contar a ele. Então queria que ele acabasse com todas as suas dúvidas, convencesse-a de que seus medos não tinham fundamento.

— Mas algumas coisas que eles disseram fazem sentido.

— O quê?

— Burnett disse que havia um cafajeste qualquer organizando lutas entre eles para entretenimento. Lembra que eles disseram que queriam que se tornassem assassinos?

— Lembro, mas como é que isso...

Della contou a ele sobre a organização em Dallas, que a UPF não sabia que havia outros fazendo isso, que aqueles que estavam fazendo a mesma coisa em Houston tinham sido avisados para eliminar as evidências.

Chase arregalou os olhos com as notícias.

— Mas eles ainda podem estar vivos. Isso não significa que mataram todo mundo.

A visão dela borrou um pouco mais com as lágrimas que teimavam em querer cair.

— Eles encontraram uma vala comum. Fica embaixo de um ferro-velho. — Ela engoliu outra vez.

— Lembra o barulho do equipamento em cima deles? E se for isso? E se...?

A dúvida se estampou nos olhos de Chase, mas então ele piscou e ela desapareceu.

— Não. O que eu lembro é dos dois conversando, se beijando, rindo e chorando. Eu me lembro deles vivos. Por isso, não. — Ele afirmou com a convicção que ela queria... ela precisava... ouvir.

— Eu não acredito. Nós estivemos lá. Sentimos o que eles sentem. Eles não estão mortos. Estão vivos.

— Mas e se estivermos errados? — O estômago de Della se contraiu. — E se eles só quisessem que a gente soubesse.

— Soubesse o quê?

— Eu não sei... talvez que eles se amavam.

Chase balançou a cabeça e depois se aproximou dela e colocou uma mão em cada ombro.

— Eles estão vivos. Eu acredito nisso.

— Eu quero acreditar. — Uma lágrima escorreu pela bochecha dela.

Ele a puxou para si. Ela descansou a cabeça no seu ombro nu, extraindo força e conforto daquele abraço, da proximidade. Mas Della não tinha ido até lá por isso. Sabia o que precisava fazer. O que tinha quase certeza de que era o mesmo que o fantasma queria que ela fizesse.

Ela se afastou.

— Eu preciso que você me empreste seu carro.

— Para ir aonde?

— Eu vou ver minha tia.

— Por causa da foto? — ele perguntou.

— Porque o fantasma quer que eu vá.

Chase estendeu o braço para a cadeira de vime e pegou o celular, em seguida pegou uma camiseta que estava pendurada na cadeira.

— Ela disse isso... que queria que você visse sua tia?

— Mais ou menos.

— Mais ou menos como? — perguntou.

Ela estendeu a mão.

— Você vai me emprestar o carro ou não?

— Não. Eu vou com você — disse ele. — Mas primeiro quero saber o que realmente está acontecendo. — Quando Della assentiu com a cabeça, ele olhou para trás, na direção da porta. — Vou pegar as chaves e os sapatos. Você pode me contar no caminho.

Ela deu a Chase o endereço e ele o colocou no GPS. Só perguntou se ela queria que ele baixasse a capota. Ela disse que não, porque estava com receio de chegar muito perto do seu antigo bairro e ser vista por alguém que a conhecesse.

Della se sentou no banco da frente, a mente tumultuada, pensando em diferentes maneiras de fazer suas perguntas à tia. Perguntas sobre Natasha. Perguntas a respeito do tio e da tia sobre os quais seu pai nunca tinha contado. Depois ela tinha que descobrir uma maneira de pedir que a tia não contasse ao pai sobre a sua visita.

— Explique o “mais ou menos” — disse Chase, interrompendo os pensamentos dela.

— O quê?

— Como é que o fantasma “mais ou menos” te disse para ver sua tia?

Quando ela não respondeu de imediato, Chase insistiu.

— Fale comigo, Della!

— Ela ligou. No dia em que estávamos no armário de Natasha, ela ligou.

— Sua tia ligou para você?

— Não, ela ligou para a mãe de Natasha. Você não lembra que a música parou e a secretária eletrônica anunciou um telefonema de Miao Hon?

Ele arregalou um pouco os olhos.

— Esse era o sobrenome de Chan! Eu não me liguei. Miao é sua tia?

Ela assentiu com a cabeça.

— Por que você não me disse?

— Eu esqueci — ela mentiu, não se importando que seu coração revelasse que não era verdade.

Chase olhou para ela com a testa franzida.

— O que sua tia queria com a mãe de Natasha?

— Não sei. Isso é o que eu acho que tenho de descobrir.

— E por que você acha isso? Será que algo mais aconteceu?

Della contou a ele que, enquanto estava conversando com Burnett, tinha voltado a ouvir mentalmente a mensagem da secretária eletrônica dos Owen.

— Então deve ser importante — disse Chase voltando a olhar para a rua. Depois de alguns segundos, ele parou num sinal vermelho e olhou para ela. — Por que você está com medo de sua tia?

— Eu não estou com medo da minha tia — contestou Della.

— Por que não queria perguntar a ela sobre a foto de Natasha?

Ela hesitou para responder, então apenas disse:

— Ela vai contar ao meu pai.

— Contar o quê? — perguntou Chase.

— Que eu fui vê-la.

— E isso é ruim? Por quê?

Ela balançou a cabeça e olhou para a frente.

— Ele é oriental — Della disse antes que pudesse se conter.

— O que isso tem a ver?

Sentindo-se desconfortável, ela suspirou e estendeu a mão para ajustar o encosto do banco.

— Você não entenderia.

— Eu poderia, se você me explicasse — disse ele.

Ela colocou o encosto do banco mais para a frente, em seguida tateou a lateral para encontrar a alavanca e mover todo o banco para adiante. Della a encontrou e o banco rangeu quando ela o moveu para a frente.

— O que o fato de seu pai ser oriental tem a ver com você não ver sua tia? — ele insistiu.

Mesmo com o banco ajustado, ela ainda não se sentia bem. Foi quando teve que aceitar que era a conversa que a deixava desconfortável.

Em sua cabeça, Della ouviu a voz do pai. *Nós não lavamos roupa suja em público.*

— Ele está com vergonha — ela deixou escapar, admitindo que isso lhe custara todo o seu orgulho. Imediatamente quis recuperá-lo.

— Com vergnha do quê?

— De mim — disse ela, sabendo que não poderia falar aquilo e depois simplesmente colocar um fim na conversa.

— O quê? Por quê... Não entendi.

Ela engoliu a mágoa.

— Eu estou... diferente agora. Ou... ele acha que estou. Droga, eu estou diferente! Só não do jeito que ele pensa. Será que podemos não falar mais sobre isso?

Chase franziu a testa.

— Não até que você comece a falar coisa com coisa.

Ela suspirou.

— Eu estou diferente desde a transformação. Ele acha que estou me drogando ou estou grávida. E que eu roubei coisas dele.

— Mas você não está, e eu também não vejo você roubando nada dele. De modo que não faz sentido.

Ela olhou pela janela, de repente não querendo olhar para ele.

— Eu disse que você não entenderia. — Della fechou os olhos por um segundo, mas, por alguma razão idiota, ainda queria explicar, queria que ele entendesse. — Eu era o orgulho e a alegria dele. E então...

— Então o quê?

Ela piscou, e quando abriu os olhos viu as árvores passando num borrão. Chase estaria correndo muito? Ela olhou para o velocímetro. Ele não tinha ultrapassado o limite.

Não, só ela tinha.

Seu pai teria um ataque se soubesse. E graças a Chase, ele não saberia. Devia isso a ele. Não apenas os quatrocentos dólares, mas o problema que a multa teria causado.

Quando ela olhou para a frente, a expressão dele dizia que ainda esperava uma resposta.

— Ele violou a regra da família de não se casar com ninguém que não fosse oriental também. Por isso tínhamos que mostrar à família dele que éramos tão bons quanto os orientais puros. Eu era melhor aluna na escola do que todos os meus primos e nunca arranjei problema. Mas, quando me transformei, tudo mudou. Minhas notas pioraram, eu ficava... mal-humorada e... ele não queria que sua família me visse.

— Só porque ele violou a regra da família não significa que você tem que pagar por isso. E daí que as suas notas caíram?

Ela balançou a cabeça e percebeu que tinha sido um grande erro tentar explicar.

— Os orientais são pessoas muito reservadas. Eles não querem que ninguém fique sabendo dos seus erros. E eu era...

— Um erro dele? — perguntou Chase e bateu no volante.

— Em certo sentido, sim, mas não como...

— Ah, agora estou entendendo. Seu pai é um grande filho da puta!

— Ele não é! — ela contestou e olhou para ele. Os olhos de Chase pareciam mais brilhantes, como se estivesse com raiva. E ela podia sentir crescendo dentro de si a vontade de defender o pai.

— E o fato de que você ainda se preocupar com ele faz dele um filho da puta maior ainda.

Della balançou a cabeça.

— Chase, parecia que eu era um erro. Quando me transformei e, antes de eu vir para cá, fui pega saindo à noite para conseguir sangue. Eu não estava comendo a comida da minha mãe. Ficava cansada durante o dia. Estava sofrendo porque tinha perdido o meu namorado, eu não deixava ninguém tocar em mim, porque eu estava fria, e eu não era uma pessoa muito agradável.

— A maioria dos adolescentes é assim o tempo todo! — disse ele. — Eu era, e a minha irmã podia ser um verdadeiro pé no saco. Mas os meus pais só balançavam a cabeça e diziam: “Não liguem pra isso, é só coisa de adolescente”.

— Meu pai foi criado numa cultura diferente.

— Eu sei tudo sobre os orientais. Eles não são uns imbecis.

— Meu pai não é um imbecil! — ela rebateu. — Eu poderia ter me esforçado mais para esconder as coisas, fingir...

— Você tinha se transformado na droga de um vampiro! Não era culpa sua!

— Mas ele não entendia isso. E eu não podia contar a ele.

Chase passou a mão no rosto e respirou fundo. Quando olhou para Della, ela viu que os olhos dele tinham voltado à cor normal, verde-claros.

— Sinto muito. É só que isso me deixou tão puto... — Ele suspirou. — Não se preocupe. Eu vou ser educado quando conhecê-lo.

A boca de Della se abriu um pouco.

— O que quer dizer com isso, quando conhecê-lo? Nós estamos indo para a casa da minha tia, não do meu pai. E você não vai nem entrar comigo.

Ele estacionou o carro e Della percebeu que já tinham chegado. O coração dela começou a disparar e ela sentiu um nó no estômago. Olhou para a casinha de tijolos que ficara gravada em sua memória. Ela e a irmã, Marla, tinham passado muitos fins de semana ali, correndo pelo jardim com Chan e Meiling, a irmã mais nova dele. Escondendo ovos de Páscoa nos arbustos, tomando picolés no alpendre, varrendo as folhas caídas até formar uma pilha e, então, brincando de se jogar sobre ela.

Chase se aproximou e colocou a mão no ombro dela, como se compreendesse que as suas emoções estavam à flor da pele.

— Eu não estava esperando que você me convidasse para entrar. — A voz dele estava muito calma, como se ele tentasse acalmá-la também. — E eu quis dizer que vou conhecer seu pai um dia. Vai ficar tudo bem.

Ela ignorou o comentário de que ficaria tudo bem, porque nada parecia bem, e o encarou.

— Por que você vai conhecer meu pai um dia?

Chase a fitou como se ela é que não estivesse entendendo nada agora.

— Porque estamos ligados. — A mão dele ainda estava no ombro dela. E por mais que ela quisesse negar, isso lhe dava algum conforto. Mas perceber isso aumentava um pouco mais seu tumulto emocional.

Della revirou os olhos para ele da maneira como Miranda fazia.

— Você é pirado. E eu não me dou bem com pirados! — Ela apontou o dedo para ele. — Depois que eu sair, pare o carro a algumas quadras daqui e nem pense em bisbilhotar.

Em seguida, abrindo a porta do carro, e sem nenhum plano sobre como lidar com todas aquelas questões — Chase ou as dúvidas com relação à foto de Natasha —, ela andou até a porta da tia.

Lembrou-se de um conselho que alguém tinha lhe dado uma vez. *Finja até que seja verdade.*

Ela esperou até o Camaro azul de Chase desaparecer rua abaixo para tocar a campainha. E quando ouviu alguém andando em direção à porta, teve vontade de sair correndo como um cãozinho assustado. Parecia que até mesmo fingir exigia uma certa dose de confiança. Pelo visto, já não lhe restava nenhuma.

Justamente quando ela estava concluindo que tinha sido péssima ideia ir até ali, a porta se abriu.

— Della? Oh, meu Deus, Della Rose! Você veio me visitar. — A tia saiu e abraçou-a antes que ela pudesse evitar.

— Oh, meu Deus! Você está congelando. Onde está o resto da família? — perguntou a tia, olhando por cima do ombro de Della, como se esperasse ver o pai, a mãe e a irmã dela.

— Estou sozinha — Della se forçou a falar. E essas palavras ecoaram dentro dela. Fazia muito tempo que ela “estava sozinha”.

— Então, você ainda está naquela escola?

Naquela escola. Della assentiu com a cabeça e se perguntou o que teriam contado à tia. Se, como o pai, ela achava que Shadow Falls era um acampamento para adolescentes problemáticos ou se ele havia dito outra coisa a ela.

— Bem, entre e saia desse frio.

Della entrou. Ela nem tinha percebido que o clima tinha esfriado até que o calor da casa a envolveu. O ar estava tão quente que parecia até espesso.

A decoração vermelha e dourada da casa estava exatamente igual à de um ano atrás. Sempre lembrava a Della um restaurante chinês, mas era agradável. Havia ainda um enorme aquário de peixes de água salgada perto da porta de entrada.

Della observou um grande peixe amarelo nadar pelo aquário, e depois respirou fundo na esperança de acalmar os nervos. Ela sentia o cheiro, e quase o gosto, de molho de soja. Como em sua própria casa, quando o pai ia para a cozinha ou a mãe fazia algum prato oriental para agradá-lo.

— Olhe pra você! — exclamou a tia Miao, examinando-a de cima a baixo. — Tão crescida! Tudo tem andando bem, de um ano para cá, desde a última vez que a vi?

— Acho que sim — disse Della.

A tia sorriu, mas o sorriso não apareceu em seus olhos. Della recordou quando os sorrisos dela chegavam aos olhos castanhos e vinham acompanhados de uma leve risada. Isso tinha sido antes da morte de Chan — a forjada.

Por alguma estranha razão, Della recordou-se da tia no funeral dizendo que não podia acreditar, que Chan não estava morto, e que uma mãe saberia.

Será que ela sentia isso agora? Será que ela sentia que Chan realmente não estava mais vivo? Della sentiu o ar preso nos pulmões.

Só por causa disso, Della se sentiu culpada novamente. Ela estava viva e Chan tinha morrido. E o sujeito que tinha feito aquela escolha estava esperando no carro. Ela tinha que parar de culpar Chase, mas talvez não tivesse superado completamente a culpa.

— Você finalmente tem peitos, mocinha! — comentou a tia.

— É um sutiã com enchimento. — Della tentou brincar também, mas o bom humor logo se dissipou quando ela percebeu quanto sentia falta da tia. Quanto sentia falta da sua antiga vida.

— Não pode ser tudo enchimento! — disse a tia. E então seu sorriso desapareceu. — Tem algo errado? Todo mundo está bem, certo?

— Sim. Eu apenas... — Ela tinha que pensar rápido. — Eu estava... minha classe foi ao Museu do Funeral. Sabe? Aquele museu maluco cheio de caixões, pessoas embalsamadas e toda aquela

baboseira.

— Ah, meu Deus, mas que tarde mais alegre! — brincou ela. — Para que matéria?

— Ciências. — Ela realmente deveria ter inventado uma mentira melhor, mas era o único museu de que Della conseguia se lembrar por ali.

— Eu queria que Meiling estivesse aqui para ver você. Ela está na biblioteca estudando com as amigas.

— Eu sinto muito, também — disse Della, mas ela não sentia. Precisava falar com a tia a sós. — Percebi que estávamos perto da sua casa e pedi para um colega que estava de carro me trazer para que eu pudesse dizer olá.

— Bem, mande a sua amiga entrar.

Seu amigo. Então Della decidiu que era melhor deixar a tia presumir que fosse uma amiga.

— Ah, não. Ela não para de falar no celular. Facebook e essas coisas.

— As crianças são assim hoje em dia. Eu me recuso a permitir que Meiling leve o dela para a mesa de jantar. As famílias precisam conversar. — Um toque de tristeza encheu sua expressão. Della sabia que a tia estava pensando em Chan.

— Tem razão — Della concordou, mas conversar sobre algumas coisas não era fácil naquela família —, especialmente se tivesse alguma coisa a ver com o passado. Ela tentou pensar num jeito de trazer à tona o assunto de Natasha.

— Vou fazer um chá — disse a tia.

Eu não tenho tempo para nenhum chá!

— Só posso ficar uns minutinhos — avisou Della.

A tia foi para a cozinha e ela a seguiu.

— Só uma xícara. — De repente a tia olhou para a saída do aquecedor, junto ao teto. — Eu juro que meu aquecedor está ligado no máximo. Acabei de verificar.

Della sentiu, então. O calor no ambiente tinha desaparecido, um ar gelado tomara conta da casa, mas não o tipo normal de frio.

Um frio mortal. *Não faça nevar. Não faça nevar!*

Enquanto Miao se afastava para ajustar o termostato do aquecedor, Della murmurou baixinho:

— Então, *você* é minha tia, Bao Yu? — Dizer o nome dela fazia com que aquilo de alguma forma parecesse mais real.

Nenhuma resposta. E foi aí que ela viu. Como uma mancha num vidro, algo cintilando a alguns metros dela. Lentamente, o brilho tornou-se visível e o fantasma apareceu. Embora ela estivesse de costas para Della, olhando na direção de Miao, Della a observou.

Havia algo familiar no modo como o cabelo preto do espírito caía sobre os ombros. No formato da cabeça. Na curva do pescoço.

A emoção fez o sangue correr mais rápido nas veias de Della.

— Natasha? — perguntou Della. Lágrimas se formaram em seus olhos e seus joelhos enfraqueceram. Holiday estava certa. Natasha estava morta.

Capítulo Trinta e Quatro

— Você disse alguma coisa? — a tia perguntou ao voltar, sem nem reparar no espírito, e por uma boa razão. Ela, obviamente, não podia vê-lo.

O espírito se virou e olhou para Della. O pânico da vampira desapareceu quando ela viu o rosto do fantasma. Ela agarrou o encosto de uma cadeira para se firmar. Não era Natasha. Era a tia. O rosto era o mesmo que ela tinha visto no anuário do seu pai. O mesmo rosto da visão, todo coberto de sangue. Mas as semelhanças entre ela e Natasha eram muito grandes para ser apenas uma coincidência.

Nesse instante, Della soube qual era a mentira que Natasha tinha mencionado em seu diário. Ela tinha sido adotada. E também soube qual era a ligação entre o fantasma e Natasha. Eram mãe e filha.

Natasha era sua prima.

Mas como podia ser possível? Sua tia mal tinha saído da adolescência na época em que Natasha tinha nascido. Della rapidamente fez as contas, calculou as idades e percebeu que a tia talvez tivesse 15 ou 16 anos.

Mostre a ela. As palavras do fantasma pareceram ecoar pela casa, mas Della percebeu que só ela podia ouvi-las.

Mostrar o quê? Então Della de repente soube. Enfiou a mão no bolso para pegar a foto.

— Eu... Chan deu isso para mim. — Era mentira, mas o que mais ela poderia dizer? A verdade certamente não seria suficiente.

A mão da tia tremeu quando ela pegou a foto. Sua respiração ficou mais rápida. Quando ela ergueu os olhos, eles brilhavam com as lágrimas.

— Eu procurei esta foto. — A tia piscou várias vezes e depois engoliu.

— Ela é minha prima, não é? — perguntou Della.

A tia confirmou com a cabeça, em seguida voltou o olhar para a foto. Lentamente, correu o dedo pela imagem de Chan e, então, de Natasha.

— Sim. Eu... — Ela piscou e algumas lágrimas deslizaram dos seus cílios pretos. — Ela apareceu um dia aqui e eu soube que era minha sobrinha antes mesmo de ela falar. Ela é muito parecida com a mãe. — A voz da tia tremeu um pouco. — Eu tive que dizer a ela. Dizer a verdade. Ela chorou e eu chorei com ela.

Bao Yu se aproximou. *Que verdade? Peça para que conte a verdade.*

— O que disse a ela, tia Miao? Qual é a verdade?

— Que a mãe... morreu. Mas Bao Yu a amava. Ela só a colocou para adoção porque nossos pais não aceitaram a gravidez. Eram muito conservadores. E os pais do pai nem sequer aceitaram que a

criança era do filho deles. Ela não teve escolha. Foi obrigada a entregá-la para adoção. Disseram que a criança iria para uma família oriental. Que iriam amá-la.

Eu queria ficar com ela. A voz do fantasma era de desespero. *Eu chorei tanto quando a levaram de mim. Era o meu bebê. Meu!*

Outra pergunta estava na ponta da língua de Della. Ela precisava perguntar, precisava saber.

— Como? Como foi que Bao Yu morreu?

A tia fechou os olhos.

— Ela foi morta. E agora Natasha também se foi. Assim como Chan. Por que a vida nos dá algo tão precioso e depois nos tira?

Natasha não está morta, Della disse a si mesma, e lutou para acreditar.

— Como? Como ela morreu?

— Disseram que foi num acidente de carro. Foi apenas há um mês.

— Não, não Natasha. Como Bao Yu morreu? — A temperatura na sala ficou mais fria. Até a pele de Della ficou arrepiada.

Sua tia Miao cruzou os braços por causa do frio e, se sua expressão era alguma indicação, por causa da lembrança da morte de Bao Yu também.

Olhando por cima do ombro da tia, Della viu Bao Yu parada ali perto, escutando. Quase como se precisasse de uma resposta, tanto quanto Della.

— Eu não sei — disse Miao.

Mas Della ouviu seu coração revelar que as palavras eram uma mentira.

— Eu acho que sabe, sim — disse Della. — Conte. Por favor.

— Não. Essa história não precisa mais ser contada. Há coisas que é melhor simplesmente esquecer. — Ela olhou para Della como se implorasse para a sobrinha aceitar isso.

Della recordou os testes de gravidez que seus pais tinham insistido para que ela fizesse. Será que na época o pai tinha pensado na irmã dele?

— Parece o meu pai falando, e eu acho que ele está errado. Porque você não esqueceu de fato, e nem ele.

— Ah, meu Deus! — A tia apertou os dedos nos lábios trêmulos. — Seu pai vai ficar com muita raiva se eu lhe contar isso!

Della queria insistir, dizendo que ela não tinha contado nem perto do suficiente, mas seus instintos lhe diziam que isso só iria perturbar mais a tia e não iria garantir que ela tivesse mais informações.

— Meu pai não precisa saber — disse ela. — Eu não vou contar a ele nem mesmo que estive aqui. Será o nosso segredo.

A tia pareceu suspeitar da proposta de Della, mas assentiu com a cabeça.

— Me conte o que aconteceu!

— Não, eu não posso. Já contei demais. — A tia ergueu as mãos. — Não vamos mais falar sobre o passado. Chega!

Della sentiu o calor que saía da ventilação acima. Ela olhou por sobre o ombro de Miao e a imagem do fantasma tinha evaporado, assim como o frio.

— Deixe-me pegar o chá — disse a tia, secando as lágrimas ainda em seu rosto. — Nós ainda podemos conversar...

— Me desculpe, eu não tenho tempo, eu... acho que já tenho que ir.

A tia olhou para a fotografia em suas mãos.

— Posso ficar com isto?

Della quase disse não, mas teve a nítida sensação de que era o que Chan gostaria.

— Claro. — Della começou a andar para a porta e a tia a seguiu. Certa de que ela tentaria abraçá-la outra vez, Della rapidamente pegou a maçaneta e já estava abrindo a porta quando sentiu uma mão em seu braço.

— Eu sinto sua falta, Della.

Um nó surgiu em sua garganta.

— Sinto sua falta também, tia.

— Então conserte o que quer que esteja errado na sua vida e volte para a casa dos seus pais. Você pertence a eles, e não àquela escola. Você é uma boa menina. Eu sei disso no meu coração. Então conserte isso.

Não é algo que possa ser consertado. Della arrumou a postura e disse mais uma mentira.

— Eu estou me esforçando.

* * *

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou Chase quando Della saltou para dentro do carro.

— Vamos embora — disse ela, o coração acelerado, olhando para trás, para ter certeza de que a tia não a tinha seguido até o jardim. Della teria ouvido, mas ainda assim quis se certificar. Então sentiu o suor cobrindo a testa. Nem conseguia se lembrar da última vez que tinha transpirado!

Chase ligou o carro e desceu a rua. Então olhou para ela novamente quando acelerou o motor e engatou a segunda marcha.

— O que aconteceu?

As engrenagens em sua mente giravam enquanto ela pensava no que iria dizer. Ou quanto iria dizer. Será que não confiava nele?

— Agora eu sei qual é a ligação entre Natasha e eu.

— Qual? — Chase voltou os olhos verdes na direção dela.

— Ela é minha prima.

Ele franziu a testa e pareceu confuso.

— Isso é impossível. Vocês são apenas em quatro. Você e Marla, Chan e Meiling.

Ela estranhou o jeito como ele pronunciou o nome dos quatro com tanta familiaridade. Não, não foi o jeito como ele pronunciou, foi o fato de ele saber os nomes. Como ele sabia o nome da irmã de

Chan?

Ocorreu a Della que Chan poderia ter dito a ele. Mas o primo teria dito o nome da irmã dela também? A vampira achava que não.

Della apenas olhou para ele.

— Como você sabe?

— Sabe o quê? — perguntou Chase.

— O nome deles?

Os olhos dele se arregalaram como se a pergunta o colocasse contra a parede. Ele olhou novamente para a rua.

— Estavam no arquivo — disse. — Então sua tia teve outro filho?

Ela ignorou a pergunta para fazer a sua própria.

— Que arquivo?

Ele trocou de marcha novamente. O motor do carro ronronou.

— O arquivo que eu chequei, sobre você e Chan. Assim como o arquivo que eu te mostrei sobre Natasha e Liam.

— Esse era um arquivo da UPF — disse ela.

— Sim, mas os arquivos do Conselho dos Vampiros são praticamente iguais.

Lá vinha ele de novo, a sensação de que sabia mais do que dizia a ela.

— Você ainda está com esse arquivo?

— Não — Chase disse, sem olhar para ela. — Depois que o caso chega ao fim, a gente precisa devolver o arquivo.

— O que mais ele dizia?

— Apenas coisas normais. Onde você morava, os nomes dos seus pais.

Algo não estava se encaixando, mas ela não sabia muito bem o quê.

— Então, se você sabia os nomes dos meus primos, por que não sabia que era minha tia quem ligou enquanto estávamos no armário?

Ele levantou uma sobrancelha e deu um meio sorriso.

— Quando estávamos no armário, minha mente estava concentrada em outra coisa.

Ela franziu a testa para ele. Em seguida, eureka! Seu cérebro descobriu o que a incomodava.

— Então, nesse arquivo que você tinha, havia a informação de que eu era de Shadow Falls.

— Sim.

Ela apertou os olhos.

— Então por que você foi se juntar àquela gangue? Você me disse que se juntou a ela enquanto procurava por mim e foi onde nos conhecemos.

Ele olhou para a frente e suas mãos apertaram o volante.

— Responda, droga! E olhe para mim quando responder!

Ele se virou e encontrou o olhar dela.

— O Conselho dos Vampiros sabia que você estava sendo enviada para aquela missão. Eles não queriam que eu entrasse em Shadow Falls no início, porque estavam com receio de que Burnett descobrisse quem eu era.

— Como? — perguntou ela.

— Como o quê? — Chase perguntou.

— Como você sabia que eu tinha sido designada para aquela missão?

Ele cerrou os músculos da mandíbula.

— Por que estamos falando sobre isso em vez de falar sobre como essa visita vai nos ajudar a encontrar Natasha e Liam?

— Porque eu preciso confiar em você para trabalharmos juntos.

Ele parou o carro numa área de estacionamento, desligou o motor e então bateu a mão no volante.

— Você não confia em mim? Eu te dei meu sangue, passei por aquela transformação com você, que doeu pra caramba, caso não se lembre, e lhe dei um pouco do meu poder. E você ainda acha que estou querendo te prejudicar?

Impelida pela raiva dele, ela contra-atacou.

— Eu não disse que você está querendo me prejudicar. Acho que você está escondendo coisas. Ou não está me dizendo coisas. E só para constar, eu não pedi para você se ligar a mim. Eu me lembro até de ter dito que não queria que você fizesse aquilo!

Ele rosnou, apertou o volante com as mãos, pressionou a cabeça no banco e fechou os olhos.

— Você é a garota mais teimosa...

— Não mais do que você! — ela sibilou. — Basta responder às minhas perguntas. Como sabia que eu tinha sido mandada naquela missão?

Chase virou a cabeça, soltando as mãos do volante.

— E você vai correndo contar para Burnett, certo?

Ela não via razão para mentir.

— Provavelmente.

Ele suspirou alto.

— Então, para ganhar sua confiança, eu tenho que trair o Conselho?

— Sim — disse ela.

Ele pareceu chocado quando Della deixou aquilo bem claro.

Ficou olhando para ela por um segundo como se estivesse decidindo se cedia à vontade dela ou não, e, em seguida, respondeu.

— Temos um espião na UPF. E antes que você pergunte, eu não sei quem é. E pelo que ouvi, ele não contou nada que fosse realmente prejudicial para a UPF.

Ela acreditou nele, não tanto sobre a parte do “realmente prejudicial”, mas sobre Chase não saber quem era o espião. Mas visto que ele estava finalmente respondendo às suas perguntas, ela tinha mais algumas.

— Qual era a sua missão comigo e Chan?

— Como assim? — ele perguntou.

— Qual era exatamente a sua missão? — Della repetiu, sua paciência se esgotando.

— Eu tinha que ficar de olho em você, tentar ajudá-la a passar pelo Renascimento.

— Então você foi enviado para se ligar a um de nós?

— Não, isso ficou totalmente ao meu critério. Eu estava lá para tentar fazer com que você mantivesse a sua força. Eu lhe disse que foi provado que aqueles que estão em melhor condição física têm uma taxa de sobrevivência maior. Lembra que eu te fazia correr?

Ela assentiu com a cabeça.

— Agora tudo o que eu preciso saber é por que e quem?

— Por que e quem o quê?

— Por que você foi enviado e quem te enviou?

— Eu acabei de dizer que fui enviado para ajudá-la a passar pelo Renascimento.

— Então eles têm uma lista de todos os possíveis Renascidos?

A expressão dele ficou mais tensa com a frustração.

— Eu não sei se têm ou não... mas sei que sabem que são apenas algumas linhagens que levam aos renascimentos, talvez por isso eles tenham... — Ele passou a mão no rosto e então olhou para ela. — Você sabe tudo que a UPF tem?

Não, ela não sabia. Mas não estava satisfeita.

— Tem que haver uma razão para que o enviassem, Chase. Num mundo perfeito, talvez eles só se preocupassem com as pessoas. Mas este não é um mundo perfeito. E eu não acho que o Conselho dos Vampiros dê a mínima para algumas pessoas morrendo, a menos que seja em benefício próprio que eles se certificam de que elas não morram.

— Eles não são os monstros que você imagina. Os problemas entre o Conselho e a UPF são políticos. Não é porque o Conselho é do mal e a UPF é do bem.

Ela ouviu o que ele disse, mas estava muito ocupada tentando responder às próprias perguntas. De repente, uma resposta lhe ocorreu.

— Eles te mandaram para que eu fosse trabalhar para eles? Ou talvez para que eu fosse um dos seus espiões na UPF? É isso que eles realmente querem? O que eles pretendem?

— Eu já lhe disse que eles querem que você trabalhe para eles.

— Mas era o plano deles o tempo todo? Me salvar, em seguida, usar você para tentar me convencer a me tornar uma traidora?

Capítulo Trinta e Cinco

— Uma traidora? — perguntou Chase. — Então o Conselho dos Vampiros é terrível por perguntar se você quer trabalhar para eles? Que diabos você acha que Burnett vem fazendo desde que descobriu que eu sou um Renascido? O homem por quem você tem tanto respeito é um sacana por tentar me convencer a trabalhar para a UPF? Por falar nisso, por que diabos você acha que ele está trabalhando em Shadow Falls? Ou você não percebeu que muitos alunos estão trabalhando para a UPF? Ele está recrutando a nata dos sobrenaturais.

O argumento de Chase fez Della parar, mas só por um instante.

— Burnett se importa. Ele morreria por qualquer um dos alunos de Shadow Falls. E ele não resolveu se dedicar ao acampamento só para que tivesse acesso aos alunos.

— Ah, eu tenho certeza de que isso nunca passou pela cabeça dele! — disse Chase com sarcasmo.

Della se inclinou para mais perto dele.

— Acontece que eu sei que ele agiu contra a UPF e suas regras para proteger alguém. Ele colocou seu trabalho em risco pela escola. E mesmo que você tenha razão em dizer que ele superprotege seus agentes, por que acha que faz isso? — Ela espetou o peito dele com o dedo. — Não poderia ser porque ele se importa?

— E se ele não for o único? — Chase retrucou.

— O Conselho dos Vampiros não se importa.

Ela foi cutucá-lo novamente, mas ele pegou o dedo dela, com os olhos brilhantes. Chase se inclinou, Della pensou que ele despejaria a sua raiva sobre ela novamente, mas estava enganada.

— Eu não estava falando sobre o Conselho. Estava falando de mim.

Os lábios dele encontraram os dela num beijo com gosto de raiva, paixão... e, humm, ele tinha um gosto bom..

Muito bom.

Ele soltou o dedo de Della e com uma mão segurou a nuca, enquanto a outra envolvia a parte de trás de sua cabeça. A mão de Della caiu sobre o peito dele.

O beijo se aprofundou e o mesmo aconteceu com a confusão de Della.

A língua dele deslizou entre seus lábios. E ela permitiu. Deu-lhe as boas-vindas. Por fim, recuperando a razão, ela se afastou.

— Você não pode simplesmente me beijar para não responder!

— Sério? — Ele a puxou mais para perto e beijou-a novamente.

E, dane-se, ela deixou.

E finalmente o empurrou para trás.

— Responda — exigiu Della, mas sem tanta convicção.

Chase sorriu para ela.

— Eu esqueci a pergunta.

Ela queria tirar aquele sorriso da cara dele, especialmente quando percebeu que tinha esquecido a pergunta também.

Ele passou um dedo sobre os lábios dela, e o jeito sexy com que fez isso indicava que ele estava prestes a beijá-la novamente. Ela agarrou o dedo dele dessa vez.

— Por que você não marcou um encontro comigo e com o Conselho dos Vampiros?

— Eu marquei. Vamos para lá antes de ir ao aeroporto pegar Damian Bond.

— Por que não me disse?

— Eu ia dizer, mas, desde que você apareceu na minha casa hoje, tudo que eu pensei foi em levar você para ver a sua tia. — Ele puxou o dedo e tocou o queixo dela.

— Agora você vai responder às minhas perguntas?

— Que perguntas?

— Natasha é irmã de Chan?

— Não — disse Della, decidindo contar a verdade. — O fantasma é mãe de Natasha. Ela entregou Natasha para adoção.

— Então você tinha outra tia?

— Pelo jeito, o Conselho não tinha essa informação no seu relatório, hein?

— Acho que não — disse ele, parecendo preocupado. Ela quase perguntou se Chase sabia sobre o tio dela. A pergunta estava na ponta da língua.

— Como a mãe de Natasha morreu?

— Ela foi assassinada — disse Della, mas não teve coragem de dizer mais nada.

Perguntas e preocupações rapidamente começaram a se acumular na cabeça de Della.

— Se Chan e eu éramos Renascidos, isso significa que Natasha também será?

— Não é uma certeza, mas as chances são de cinquenta por cento.

Della começou a pensar em outras possibilidades.

— Ouvi dizer que, em famílias que carregam o vírus, as chances de uma pessoa se transformar são, na verdade, de cem por cento. E só quando são bem jovens. — Era por isso que Della não tinha realmente se preocupado com a irmã. — As probabilidades de ser transformada sobem se a pessoa pertence a uma das linhagens com mais propensão para o Renascimento? — Quando ele não respondeu imediatamente, ela perguntou: — Minha irmã e Meiling correm um risco maior de serem transformadas?

Ele assentiu.

— As estatísticas são de que um em cada dez membros das linhagens mais fortes é realmente suscetível a ser transformado.

— Então, o fato de eu estar perto da minha irmã ou da minha prima pode expô-las?

— A exposição só acontece através do sangue. Tal como o vírus HIV. Só estar com elas não vai fazê-las se transformar.

Della reclinou-se em seu banco e tentou digerir o que sabia.

— Ei! — ele disse, tocando o ombro dela. — Não se preocupe com coisas que não aconteceram. Vamos nos preocupar em salvar Natasha e Liam agora.

Della olhou para ele e, sabendo que estava certo, assentiu com a cabeça. Chase falou de novo.

— Você disse que sentia como se o fantasma quisesse que você visitasse sua tia. Descobriu alguma coisa que possa ajudar?

Ela refletiu sobre tudo o que tinha descoberto.

— Eu acho que não. — Olhou para Chase e ofereceu um pouco mais da verdade. — Acho que tem outra coisa.

— O quê?

— Ela quer que eu descubra quem a matou.

— Certo... — disse ele, parecendo desconfiado. — Você acha que sabe quem fez isso?

Ela olhou para Chase e refletiu se devia contar. Quase contou, então se deteve. Estranhamente, não foi porque ela não confiasse nele, mas porque ele já tinha um certo preconceito com relação ao pai dela. Ela não precisava que ele ficasse supondo o pior agora.

— Podemos apenas tentar encontrar Natasha e Liam?

— Ok — ele disse, mas sua expressão dizia que não tinha gostado. — O que você quer fazer? Aonde quer ir?

— Voltar para o Uck's — disse ela.

— Você ainda acha que o lobisomem que fãrejou no restaurante tem algo a ver com Natasha?

— Acho — disse ela. — E o fantasma também. Foi por causa dele que eu descobri que eram os lobisomens que Jason Von mais temia ontem à noite.

— Então é para o Uck's que nós vamos. — Ele estendeu a mão novamente e colocou uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. — Nós vamos resolver isso.

— Resolver o quê?

— Tudo — disse ele. — Natasha e Liam. Você e eu.

O coração dela deu um salto, e tudo que conseguiu fazer foi concordar com a cabeça.

Chase ligou o carro e, por alguma razão maluca, ela ouviu a voz de Steve em sua cabeça.

Me prometa que, antes de se apaixonar por Chase, você vai se lembrar de que eu amei você primeiro.

Em seguida, ela ouviu a voz de Holiday. *Basta ter cuidado.*

Ah, droga. Será que ela ia realmente se apaixonar por Chase?

Ela ligou para Burnett e disse que voltaria para Shadow Falls dali algumas horas para lhe passar um relatório completo. Ele começou a interrogá-la por telefone, mas ela insistiu que falaria mais tarde.

Ele não ficou feliz, mas aceitou depois que ela disse exatamente para onde estavam indo. Ele, obviamente, achou que não havia nada com que devessem se preocupar no Uck's, mas não se importou que eles fossem até lá.

O que chateava Della era que ele estava certo.

Eles não conseguiram nada no Uck's. Mas como havia alguns vampiros lá, pediram duas Cocas e conversaram sobre coisas corriqueiras. Histórias sobre os pais e a irmã dele. Mas por alguma razão, isso não lhe parecia uma coisa corriqueira. Ela queria saber todas essas coisas.

Então ele perguntou sobre o passado dela. Querendo que Chase conhecesse o lado bom do pai dela, ela contou que eles jogavam xadrez e tinham até participado de algumas competições. Contou que o pai a levava para pescar. E da noite do jogo de Palavras Cruzadas, quando a família se reunia para jogar.

Foi em algum momento da conversa que ela entendeu por que o fantasma queria que ela lesse o diário. Quando você se preocupa com alguém, quer saber até das coisas mais insignificantes. Detalhes da vida dessa pessoa. Sua tia, Bao Yu, queria saber dos detalhes da vida da filha.

Eram quase nove horas quando Chase a deixou em Shadow Falls.

— Quer que eu vá com você falar com Burnett? — ele perguntou.

— Não. Pode deixar.

Chase olhou para ela.

— Você vai contar a ele sobre o espião na UPF?

— Eu tenho que contar — disse ela. — Você vai dizer ao Conselho que eu sei sobre o espião, para ele dar o fora de lá?

— Eu já contei, quando você foi ao banheiro, logo depois que chegamos ao restaurante.

Ela suspirou.

— Pelo menos estamos sendo sinceros.

— Trabalhar para grupos adversários não muda o que existe entre nós, Della.

Mas mudaria, ela sentiu. Só não sabia ainda como. E quando mudasse, não tinha ideia de como iria lidar com aquilo.

Mas esse era apenas parte do problema.

— Eu não tenho muita certeza do que está acontecendo entre nós — disse ela.

Chase se inclinou e beijou-a novamente. Ela só deixou que o beijo acontecesse por um segundo. Depois colocou a mão no peito dele e o empurrou para trás.

— Eu posso esclarecer pra você — disse ele. — Chama-se “ligação”. E é uma coisa poderosa. Nós pertencemos um ao outro agora.

— Eu tenho que ir. — Ela se afastou e deixou-o ali, sentado no carro. E ela o ouviu indo embora e sentiu o vazio que isso sempre lhe provocava.

Ela entrou e deu a Burnett o relatório completo. E quando contou sobre o espião na UPF, uma parte dela quase se sentiu desleal com Chase. *Trabalhar para grupos adversários não muda o que existe entre nós, Della.* Ela voltou a ouvir as palavras de Chase e, novamente, soube que ele estava errado.

Mal Della contou a Burnett sobre o espião, ele pegou o telefone para falar com alguém da UPF. Foi na mesma hora informado de que um de seus agentes já tinha esvaziado seu escritório e deixado uma carta de demissão.

— Viu por que eu disse que o Conselho dos Vampiros não é flor que se cheire?

Della recostou-se na cadeira.

— Você não tem agentes infiltrados, tentando conseguir informações?

— De que lado você está? — perguntou Burnett.

— Do lado da UPF — ela garantiu —, mas eu não tenho certeza se deveria haver dois lados.

— Diga isso ao Conselho dos Vampiros — ele retrucou. — São eles que se recusam a trabalhar com a gente.

Depois de alguns minutos ouvindo Burnett esbravejar, Della perguntou:

— Você não conseguiu mais nada sobre os corpos?

— Eles encontraram um total de vinte até agora.

— Ainda não foram identificados? — ela perguntou, quase com medo da resposta.

— Não.

Ela quase contou a ele que Natasha era sua prima. Só não fez isso porque sabia que ele iria descobrir que a tia dela tinha sido assassinada. Então, iria descobrir a ligação com o tio. Será que ela queria que ele descobrisse isso? Se o tio tinha assassinado a tia, ele não merecia ser descoberto? Sim, merecia, mas ela queria um pouco mais de tempo para encontrar suas próprias respostas antes que Burnett metesse a mão naquela cumbuca.

E não era porque ela pensasse que o pai era culpado.

Não, disse a si mesma, enquanto caminhava de volta para sua cabana. Quando ela olhou para cima e viu as estrelas, em vez de apreciar a noite, percebeu que um outro dia tinha se passado e Natasha e Liam ainda estavam presos.

Ou mortos. O pensamento passou pela sua mente e, por mais que ela quisesse negá-lo, uma parte dela temia que estivesse acreditando no que Bao Yu queria acreditar. E se a tia apenas se recusasse a acreditar que Natasha estava morta?

Chame de amadurecimento, ou fraqueza... Della não sabia; o fato era que ela finalmente aceitou que precisava pedir ajuda e apoio. Em vez de se trancar no quarto, foi até a geladeira, pegou três refrigerantes diet e esperou que suas duas melhores amigas voltassem para casa.

Cerca de quinze minutos depois, elas chegaram, cheirando a fumaça. Obviamente, tinham estado num dos encontros em volta da fogueira.

Quando entraram na cabana e se depararam com Della, e depois viram os refrigerantes diet, pararam de rir.

— O que aconteceu? — perguntou Kylie, e ambas as amigas tomaram seus lugares à mesa.

— Tudo — disse Della. Seus problemas davam voltas em sua cabeça e ela não tinha certeza se poderia resolver qualquer um deles. Impotência. Era isso o que ela sentia. Mesmo que agora soubesse muito mais do que jamais soubera.

Então ela começou falando a verdade, o que deveria ter feito semanas atrás. Ela não era mais um vampiro normal. Ela não contou a elas que Burnett era um Renascido, mas se recusava a guardar mais segredos das amigas.

Elas ficaram sentadas ali, olhando para ela, depois olharam uma para a outra, e em seguida Miranda disse:

— Conte algo que a gente já não saiba.

— Vocês sabiam? Como?

— Nós vimos você voando bem mais rápido do que o normal — disse Kylie.

— E, uma vez, você voou pela varanda sem nem precisar correr antes — Miranda acrescentou. — Nós estávamos nos perguntando quando você ia contar. Eu disse a Kylie que ia te dar uma semana, depois disso teríamos que te encostar na parede.

Della fez uma careta.

— Eu odeio que me encostem na parede.

— Por que você não contou pra gente? — perguntou Kylie, quase parecendo magoada.

— Burnett sugeriu que eu não contasse. Então vocês não podem contar para ninguém que sabem.

— O que acontece na mesa da cozinha fica na mesa da cozinha — disse Miranda, virando uma chave imaginária sobre os lábios. Kylie concordou com a cabeça.

— Agora diga o que há de errado — exigiu Kylie.

Della explicou toda a coisa da ligação — que ela não gostava de pensar que era real, mas temia que fosse.

Elas ouviram. Com um ar de pena. Mas não ofereceram nenhum conselho útil. Como poderiam? Não entendiam mais do que ela.

— Você não conseguiu nada mais do fantasma? — Claro, Kylie adivinhara que os problemas de Della tinham a ver com o fantasma.

Della contou o que Burnett tinha encontrado, e então que ela tinha ido ver a tia Miao. Sua voz tremeu um pouco quando ela disse como tinha sido difícil vê-la — alguém de quem ela tinha sido afastada porque os pais pensavam que a filha estava fazendo coisas horríveis. Ela tremeu um pouco quando contou às amigas o que Burnett tinha descoberto e no que agora acreditava.

Kylie apenas ficou sentada ali e não disse nada, mas Della podia perceber que ela concordava com Burnett.

Então ela contou que agora sabia com certeza que o fantasma era da tia Bao Yu, e que Natasha era sua prima.

— O mais louco — continuou Della — é que, quando eu perguntei à minha tia sobre a morte de Bao Yu, era quase como se o fantasma estivesse esperando para ouvir. Como se ela não soubesse o que aconteceu.

— Isso não é tão incomum — disse Kylie. — Especialmente se foi uma morte violenta. Eles criam um bloqueio para se proteger.

— Então, a visão que ela me fez ter pode não significar nada? — perguntou Della.

Kylie hesitou.

— Tem que significar alguma coisa. Talvez seja o que ela acha que aconteceu.

— Será que isso um dia vai ficar mais fácil? — Della murmurou.

— Nem um pouco — respondeu Kylie. — Cada fantasma representa um novo desafio.

Miranda se remexeu na cadeira.

— Não que eu queira mudar de assunto, mas... Bem, para falar a verdade, eu realmente não gosto de falar de fantasmas. Você nos contou sobre a coisa da ligação, mas... aconteceu alguma coisa com Chase esta noite? Algumas mãos ou narizes foram a lugares que não deveriam?

Della suspirou, e rosou. Ela realmente não tinha planejado falar sobre aquilo, mas por que diabos não falar?

— Ele me beijou. Três ou quatro, talvez cinco vezes.

— Então, com ligação ou não... ele ainda é um sapo? — perguntou Miranda.

— Ele está perdendo as verrugas — Della admitiu.

Miranda olhou para as mãos e, em seguida, voltou a olhar para cima.

— Liguei para Shawn esta tarde.

— Você ligou?! — Kylie perguntou, chocada, até mesmo um pouco desapontada.

— Só conversamos. Eu disse a ele que você contou que ele tinha sido esfaqueado, e nós apenas conversamos. — Ela olhou para Kylie com lágrimas nos olhos. — Eu sinto como se tivesse enganado Perry.

— Você não enganou — Della logo disse. — Ele terminou com você. Ele por acaso te ligou pelo menos?

— Não — disse Miranda. — Mas por que eu me sinto culpada?

— Porque você é uma boa pessoa. — Della balançou a cabeça. — Não, retiro o que disse. Não pode ser isso. Porque eu me senti culpada, e eu não sou uma boa pessoa.

— Sim, você é! — garantiu Miranda, enxugando uma lágrima que tinha rolado pela sua bochecha. — Você é apenas mal-humorada às vezes. E um pouco durona demais. — Ela fungou. — E joga o sorvete das outras pessoas no chão.

Kylie deu uma risadinha.

Della apenas sorriu para Miranda.

— E eu vou fazer isso de novo se você ficar chorando pelos cantos e começar a se entupir de sorvete quando seu nariz começar a escorrer.

— Meu nariz não estava escorrendo — disse Miranda.

— Estava, sim! — disse Kylie. — Mas nós te amamos assim mesmo.

Socks, aparentemente com ciúme por não estar na conversa, pulou sobre a mesa. Della passou a mão pelas costas do gato e o ouviu ronronando. O felino então virou-se e começou a se esfregar em Della, dando beijoquinhas de gato.

— Você não devia deixar que ele te beijasse — disse Miranda.

— Você só está com ciúme porque ele me ama — disse Della, dando um beijo no gatinho.

— Não, não é isso. É porque eu vi quando ele matou um rato hoje.

— Cruzes! — Della colocou o gato no chão e elas começaram a rir.

Della foi para a cama se sentindo melhor, mesmo depois de ter sido beijada por um gato devorador de ratos. Sentindo-se melhor até o celular apitar anunciando a chegada de uma mensagem de texto às três da manhã. Ela se virou, pronta para descobrir quem iria matar no dia seguinte por atrapalhar sua primeira boa noite de sono em semanas.

Seus pensamentos foram para Steve. Ela pegou o telefone e, quando fez isso, viu a Smurfette sobre o criado-mudo, olhando para ela. Pronto! No mesmo instante, sentiu falta de Chase, e todos aqueles pequenos detalhes sobre a família dele que ela tinha descoberto na noite anterior inundaram sua mente. Confusa, ao ver que tanto Steve quanto Chase faziam seu coração bater mais forte, ela pegou o celular.

O número era anônimo, mas ela sabia de quem era a mensagem. Ela não ia matar ninguém.

Porque a pessoa que enviava a mensagem já estava morta.

A mensagem, escrita em letras maiúsculas e em vermelho, simplesmente dizia: ENCONTRE NATASHA!!!

— Estou tentando! — disse Della. Então se sentou na cama e ficou o resto da noite num quarto muito frio, tentando descobrir o que precisava fazer em seguir.

Às cinco da manhã, o celular apitou novamente. Não era o fantasma. A mensagem era simples. *Sinto sua falta. Steve.*

Capítulo Trinta e Seis

— Della? — O senhor Yates, seu professor de ciências, fez sinal para Della se aproximar da mesa dele na manhã seguinte.

Ah, droga! Será que ele ia chamar a atenção dela por ficar divagando e não prestar atenção na aula? Provavelmente. Mas Della dificilmente conseguiria pensar nos estudos. Seus pensamentos passavam do lobisomem fora da lei para Damian Bond, depois para a falta que sentia de Chase, mesmo que não tivessem se passado muitas horas desde o último encontro, e por fim para a constatação de que uma parte dela ainda sentia falta de Steve.

Então havia a questão da reunião do Conselho dos Vampiros. Será que ela descobriria alguma coisa? Será que estava enganada ao pensar que o tio estava por trás do fato de Chase ter sido enviado para ficar de olho nela e em Chan?

E se estivesse, será que isso fazia com que ela não tivesse motivo nenhum para desconfiar dele? E se não tivesse, isso mudaria as coisas entre eles?

— Della? — chamou Yates novamente.

Della levantou-se, para fazer o que o senhor Yates tinha pedido, e ele acrescentou:

— Pegue seu material.

Seu material? Isso a fez se lembrar do dia em que tinha sido chamada na diretoria da sua antiga escola. Ela só tinha ido até lá uma vez, e não tinha sido por culpa dela.

Recolhendo o material, ela andou até a mesa do senhor Yates.

— Sim?

— Burnett quer ver você.

Ok, ela estava mais uma vez sendo chamada na diretoria. Mas esperava que não fosse porque tinha feito algo errado. Quando saiu, Miranda e Kylie acenaram para ela.

Todos os tipos de pensamento atravessaram a mente de Della quando ela deixou a sala de aula. E o pior deles fez com que Della quase perdesse o fôlego.

Será que tinham identificado um dos corpos como Natasha ou Liam?

Em menos de um minuto, Della chegou. A voz de Burnett ecoou do escritório de Holiday. Como a porta estava aberta, Della entrou sem bater.

— O que foi? — ela perguntou.

— Não é nada de mais — disse Holiday, captando instantaneamente as emoções de Della e se levantando como se quisesse lhe oferecer seu toque tranquilizante.

Della estendeu a mão, evitando o toque da amiga, pois queria lidar com o que quer que fosse sozinha.

Burnett, apoiado na mesa de Holiday, levantou-se.

— Eu só queria repassar o que vai acontecer hoje à noite no aeroporto.

Della soltou a respiração que estava presa.

— Ok. — Ela acabou de atravessar o escritório, se sentou no sofá e colocou os livros ao lado dela. Aquilo era mamão com açúcar.

— Eu vou com você. Nós encontramos Chase no aeroporto.

Ok, talvez não fosse com tanto açúcar assim, pensou Della. Ela e Chase tinham planos pré-aeroporto que envolviam uma reunião para conhecer o Conselho dos Vampiros, e ela sabia que Burnett iria se opor àquilo.

Ah, mais que inferno! A quem ela queria enganar? Ele faria muito mais do que se opor, ele ficaria possesso!

— Hã... por que Chase e eu não podemos cuidar disso sozinhos?

Burnett olhou para ela e franziu a testa do jeito que sempre fazia quando ia começar a discutir. O fato de ela conhecer as expressões que ele fazia antes de começar a discutir dizia muito sobre o relacionamento entre eles.

— Ele é um criminoso conhecido, com uma ficha de três páginas. Não vou enviar dois dos meus melhores agentes sozinhos para buscá-lo. Estarei lá, bem como um outro agente, para dar retaguarda.

O tom de voz de Burnett lhe dizia que ele não iria ceder.

— Tudo bem, mas vou de carro com Chase. Ele vai me pegar por volta das quatro da tarde.

— O avião só pousa às nove da noite.

— Eu sei — disse ela, sem explicar mais nada.

— Então...? — ele perguntou.

Ela sabia que aquele “então” significava “que diabos vocês estão planejando fazer até lá?”, mas ela fingiu que não tinha entendido. Se ele queria saber, teria que perguntar. Não que ela fosse contar. Ela não podia.

— Então eu acho que nós vamos encontrar você no aeroporto por volta das oito, ou mais cedo. Só me diga onde você quer que seja o ponto de encontro.

Ele franziu a testa.

— Não sei exatamente como dizer isso, mas eu não aprovo Chase.

Della sabia para onde a conversa estava se encaminhando, mas não tinha planejado o que fazer a respeito.

— Eu sei que você não aprova. Mas... eu, sim.

Burnett recostou-se novamente contra a mesa de Holiday, que se levantou e deu a volta para ficar quase entre eles. Sem dúvida, a *fae* podia sentir o clima ficando tenso. Ela provavelmente sabia que isso ia acontecer antes mesmo de Della chegar. E aquele olhar nos olhos dela, quase implorando desculpas, dizia a Della para que se preparasse — aquela conversa não seria fácil.

— Eu não confio nele — disse Burnett. — E, se bem me lembro, você também não confiava muito no começo.

— Eu sei, mas trabalhei com Chase durante todo esse tempo e vi um outro lado dele. Além disso, eu me lembro de que Holiday no começo também não confiava muito em você.

Burnett fez uma careta.

— Quer dizer que agora você está comparando você e Chase com Holiday e eu? — Ele virou-se para a esposa. — Pensei que você tinha dito que não havia nada de romântico acontecendo...

Holiday balançou a cabeça.

— Não, eu disse que ela garantiu que eles não estavam fazendo sexo.

Della bufou.

— Estou feliz que vocês dois fiquem falando sobre a minha vida sexual.

Burnett voltou a olhar para Della.

— Então, você está emocionalmente envolvida com Chase?

Ela quase negou, mas depois não conseguiu.

— Mais ou menos. — E, em seguida, na defensiva, acrescentou: — Foi você quem me designou para trabalhar com ele.

— Isso foi antes de eu saber que ele trabalhava para o Conselho e tinha informações sobre um espião na UPF.

— Para começo de conversa, foi ele mesmo quem me contou isso.

— Ele deveria ter nos contado isso há muito tempo.

Burnett ficou em silêncio e, como ela já tinha visto suas técnicas de interrogatório, sabia que ele costumava fazer isso para pressionar. E se essa era ou não a intenção dele, tinha funcionado. Ela se sentia pressionada. Mas não iria ceder. Precisava conhecer o Conselho.

— Você me designou para trabalhar neste caso com ele e eu pretendo terminar este caso com ele.

— E depois? — Burnett perguntou.

E depois? A pergunta deu voltas na cabeça dela e no coração.

— Eu não sei.

Burnett passou a mão no rosto.

— Bem. Mas existem algumas coisas que você precisa saber daqui por diante.

Della assentiu com a cabeça. E ela viu a expressão séria de Holiday, como se a *fae* soubesse o que vinha pela frente.

— Depois deste caso, se você continuar a ver Chase, sua carreira na UPF acabou.

Della sentiu o golpe como um soco no estômago. A dor subiu para a garganta e a apertou. Ela sabia que teria que enfrentar a fúria de Burnett por causa de Chase, mas não esperava isso.

Todas as suas esperanças, os sonhos que ela tinha se empenhado tanto para concretizar desde que chegara a Shadow Falls, seria tudo cortado pela raiz.

— Você faria isso? — perguntou, se esforçando para não chorar.

— Não. — A total sinceridade aprofundou a voz de Burnett e ele balançou a cabeça. — Mas a UPF vai.

Ela olhou para cima, com medo de que uma lágrima caísse.

— Então eu acho que, depois que este caso estiver terminado, eu tenho uma escolha a fazer.

Deixando claro que planejava encontrar Chase, ela se levantou para ir embora. Burnett pegou o braço dela.

— Não me obrigue a fazer isso, Della.

Odeie a mensagem, não o mensageiro, dizia seu coração. Esqueça que o mensageiro sabia quanto ela queria isso. Que desde que começara a trabalhar no seu primeiro caso com a UPF, Della sabia que era aquele trabalho que queria fazer pelo resto da vida.

— Eu acredito em você — disse ela, mas não podia negar que doía muito. Ela se afastou de Burnett e saiu da cabana. Tinha muito em que pensar.

O celular de Della sinalizou a chegada de uma mensagem de texto quinze minutos antes das três. Chase tinha chegado mais cedo. A mensagem dizia que ele iria esperar por ela no carro. Será que ele sentia que não era bem-vindo em Shadow Falls? Burnett o teria confrontado?

Della sabia que o líder do acampamento era bem capaz disso.

Ela atravessou o portão de Shadow Falls e viu Burnett olhando pela janela. Sua respiração ficou presa diante da visão dele. Então ela viu Holiday aparecer ao lado do marido. Provavelmente para tocá-lo para que ele se acalmasse. Talvez tivesse sido melhor se ela tivesse deixado Holiday tocá-la também.

Della tentou não se sentir culpada por decepcionar Burnett, mas não conseguiu. Ela tentou não ficar com raiva, mas não conseguiu também. Como Burnett se sentiria se fosse chantageado para que virasse as costas para alguém?

Alguém com quem ele se importasse.

Alguém que poderia muito bem vir a ser uma parte da sua vida para sempre.

E, sim, era assim que ela se sentia com relação a Chase. Uma parte dela acreditava que os laços entre eles não poderiam ser cortados. A outra parte queria pegar uma tesoura.

A visão de Chase de pé ao lado do carro, olhando para ela, acabou com sua tristeza por decepcionar Burnett, mas não fez grande coisa para acabar com a sua raiva.

De óculos de sol, Chase parecia imperturbável em sua calça jeans e camisa de mangas compridas verde-clara. Mesmo com os óculos, ela sentia o toque do olhar dele. Atraindo-a para si, captando suas emoções, necessitando-a.

Ele precisava dela.

Ela realmente não tinha percebido isso antes, mas notava agora. Ele precisava dela. O sentimento fez a dor no meio do seu peito se espalhar.

— Alguma coisa errada? — Chase andou em direção a ela.

Então Burnett não tinha falado nada para ele.

Quando ele estendeu a mão, ela se afastou e continuou andando até o carro.

— Della? — Chase chamou.

A vampira olhou para ele.

— O que *não* está errado? — perguntou ela, tentando evitar ao máximo falar com ele. Ou tentando decidir se precisava dizer a ele.

— Eu poderia citar algumas coisas — disse Chase, se aproximando. — O céu está azul. Não está chovendo. Vamos dar uma volta com a capota arriada e eu tenho elásticos de cabelo. Mais tarde, vamos pegar um lobisomem filho da mãe, que eu acho que vai nos levar até Liam e Natasha. E acima de tudo... você... E, exceto pelo fato de que parece chateada, está mais sexy do que nunca.

O olhar dele baixou.

— Por sinal, adoro esse jeans. Você o estava usando da primeira vez em que te vi em Shadow Falls. — Ele parou por um segundo e ergueu os olhos. — E eu vou passar a tarde toda com você.

Ele se aproximou um pouco mais e passou um dedo pelo rosto dela.

— E isso, senhorita Tsang, é o que não está errado.

Della pegou o dedo dele.

— Por que você está sempre tocando o meu rosto?

Chase sorriu.

— Porque outras partes ainda não estão liberadas para mim.

Capítulo Trinta e Sete

Della rosnou para ele e pulou dentro carro. Mas seu rosto formigava onde ele a tocara. Chase contornou o carro, abriu a porta e, com agilidade e estilo, sentou-se no banco do motorista.

— Ei, tive uma ideia! Por que você não dirige?

— Não — ela disse.

— Está com medo?

— Medo de não conseguir? Não. Medo de levar outra multa? Sim.

Ele ficou olhando para ela e então se recostou no banco e baixou os óculos para olhar diretamente nos olhos dela.

— Alguma coisa errada?

— Você já perguntou isso uma vez.

— É, perguntei, não foi? — Chase disse sarcasticamente, recolocando os óculos no lugar e cruzando os braços. — Mas eu não me lembro de você ter respondido.

Della olhou para a porta e imaginou Burnett saindo da cabana.

— Vamos dar o fora daqui — disse ela.

— Não até que você me diga o que está errado.

— Vamos indo e eu te conto no caminho. — *Ou talvez não.*

Ele ligou o carro e o motor ronronou, alto, suave e potente. Ele dirigiu para a rua.

— Comece a falar — mandou ele, a voz só ligeiramente mais alta do que o ronco do motor e o vento. Graças à superaudição dos dois, a conversa aos sussurros não era impossível.

— Burnett e outro agente vão nos encontrar no aeroporto.

— Isso não me surpreende. O Conselho vai enviar outro agente também. Esse Damian pelo visto é barra-pesada. — Ele olhou para ela. — Você está preocupada com a reunião do Conselho?

— Um pouco — admitiu ela, achando que assim não seria obrigada a explicar todo o resto. E era verdade. Ela não tinha a menor ideia de como iria arrancar informações deles. Se o tio não estivesse naquele Conselho, ela não sabia como faria para perguntar se eles o conheciam. Não, Della percebeu, o que ela precisava perguntar era por quê. Por que eles tinham enviado Chase para ajudá-la e ajudar Chan? Alguém estava por trás disso, não estava?

— Se você sabe lidar com Burnett, sabe lidar com o Conselho. Não vai ser problema.

E esse era o problema. Ela não sabia lidar com Burnett. A conversa daquele dia era uma prova. O problema não era Burnett, lembrou, era a UPF. Ela não tinha ideia de como lidar com eles.

— Nosso encontro é só às cinco e ainda falta um pouco. Quer fazer hora na minha casa?

— Para quê? — ela deixou escapar antes de perceber que tinha falado como uma garotinha assustada. Mas ela estava assustada, não estava? Não estava pronta para o que ele podia ter em

mente. Ou talvez ele não tivesse nada em mente, mas agora provavelmente achava que ela tinha.

— A gente podia sentar na varanda e observar os pássaros — disse Chase, sorrindo levemente.

Ele estaria tirando sarro dela ou tentando fazê-la pensar que ele não tinha mais nada em mente? Com seus óculos cobrindo os olhos, ela não podia dizer com certeza. Mas tirando os beijos, algumas brincadeiras sexies e o armário — ela não poderia culpá-lo —, ele não tinha tentado fazer nada de mais.

Ele não está me pressionando para fazer sexo. Della se lembrou de ter dito isso a Holiday, e ainda acreditava em suas palavras.

— Tudo bem — disse ela. — Vamos observar os pássaros.

Tudo transcorreu bem. Eles foram para a casa de Chase e se sentaram na varanda da frente. Ele trouxe para ela um copo de sangue O negativo. Estava fresco e picante. Talvez o melhor sangue que ela já tinha provado.

Ficaram sentados ali fora por um tempo sem se falar. Não era um silêncio desconfortável, era tranquilo. Baxter se juntou a eles. De vez em quando, ele cutucava a perna dela com o focinho para que ela fizesse carinho nele. E por um instante, Della se permitiu esquecer o encontro com o Conselho, esquecer a conversa com Burnett.

Vários pássaros pousaram e voltaram a levantar voo. Chase disse a ela o nome de cada um deles. Ela quase riu quando percebeu que ele realmente era um observador de pássaros. Então, caramba! Della percebeu que gostava daquilo também. Miranda iria soltar rojões quando soubesse.

Então a mente de Della a levou de volta para o dia em que ela estivera ali antes. Quando um certo pássaro chamado Steve apareceu.

Não que ela temesse que um dos pássaros fosse ele agora. Steve estava em Paris. E por alguma razão, isso fizera com que ficasse mais fácil se aproximar de Chase. Longe dos olhos, longe do coração.

Não é bem assim, contestou o coração dela. Ela tinha pensado nele. E tinha que admitir que estava ainda mais confusa com relação ao que sentia, também.

Não, isso não era exatamente verdade. Ela sabia o que sentia por Steve. Apesar de estar zangada com ele, por se aproximar dela mesmo sabendo que estava prestes a partir, Della ainda se importava com ele. Gostava dele. Gostava muito. Se sentia atraída por ele.

O que a confundia era que sentia tudo isso por Chase, também.

E mais.

Era a parte do “mais” que a assustava. Antes, ela podia comparar o que sentia por Lee ao que sentia por Steve. A mesma atração. O mesmo tipo de desejo. Mas o que ela sentia por Chase não podia ser comparado a isso. Parecia maior. Mais intenso. Mais poderoso. E ela se sentia mais vulnerável por causa desses sentimentos. Muito mais do que se sentia com Steve.

Seria a ligação? Ela não gostava de pensar que sim, porque não queria que nada tivesse controle sobre ela. Mesmo que, às vezes, a ideia de ceder parecesse muito tentadora.

Chase se levantou da cadeira e ficou na frente dela. Colocou os óculos de sol na cabeça e, em seguida, puxou-a para que ela se levantasse. Deslizou as mãos em volta da cintura dela, e seus dedos ficaram ligeiramente abaixo da camiseta. Inclinou-se para a frente e encostou a testa na dela.

— O que você disse antes? — Os polegares de Chase tocaram a pele nua da sua cintura e ela se perguntou como um simples toque podia parecer tão bom.

— Sobre o quê? — Della perguntou e se afastou um pouco. Ela sabia aonde aquela conversa iria dar. E simplesmente não queria continuar.

— Eu não teria tocado no assunto, mas depois do que você disse...

— Então vamos esquecer o que eu disse.

— Olha, Della, eu não vou negar que, por mais que eu goste deste jeans em você, eu adoraria tirá-lo, mas...

— Essa cantada eu nunca tinha ouvido... De que música brega você tirou? — Ela olhou para Chase.

Ele franziu a testa.

— Me deixe terminar. *Mas...* quando chegar a hora, você é quem vai me dizer quando. Nunca vou pressioná-la para fazer qualquer coisa que não queira. Entendeu? — ele perguntou. — *Você* diz quando, não eu.

As palavras dele deram voltas na cabeça dela e a deixaram meio zonza. Ou será que seriam os polegares de Chase fazendo pequenos círculos na pele macia da sua cintura?

Ele suspirou.

— Só para você saber, se dependesse de mim, eu teria dito “quando” há muito tempo. — Ele sorriu, e embora se sentisse lisonjeada, estava igualmente boquiaberta.

Ela abriu a boca para falar, mas nada saiu por um segundo, e então finalmente disse:

— Eu sou... Eu não sou muito de dizer “quando”.

Mas o toque dele, a respiração contra a testa dela, causava arrepios em partes de seu corpo que normalmente não ficavam arrepiadas. E ela sabia que o “quando” estava na ponta da língua, enquanto sentia o toque agradável das mãos de Chase em torno dela.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você já disse “quando” antes?

Era isso. A sensação de estar lisonjeada caiu por terra e a de estar boquiaberta prevaleceu. Ele tinha realmente perguntado aquilo? Ela deu um soco no estômago dele.

— Ugh! — Ele pôs as mãos no estômago e olhou para ela. — Isso doeu.

Della olhou para ele.

— Eu sei. Um cara nunca deveria perguntar isso. Você tem sorte de eu não ter te dado um chute no meio das pernas.

Chase deu um passo para trás, e agora parecia confuso.

— Os caras deveriam perguntar isso, sim. Um cara que se importa precisa saber. Você não tem que me dizer agora, mas antes de... chegarmos lá, precisamos conversar.

O constrangimento começou a fazer com que ela se sentisse desconfortável.

— Em primeiro lugar, quem disse que vamos chegar lá?

— Eu... bem, você meio que deu a entender que pensava que eu iria levá-la lá. E nós estamos ligados, portanto são grandes as probabilidades de que a gente chegue lá, uma hora.

Ela olhou para Chase, não acreditando na ousadia dele. Então sentiu o rosto afogueado, como no dia em que enfiara o nariz na virilha dele.

Ele ficou olhando para Della, analisando-a.

— Se você não foi lá ainda, não há por que se envergonhar.

— Eu não estou envergonhada — ela mentiu, e então ficou furiosa por Chase fazê-la se sentir assim. — Você é quem está evitando a palavra “sexo”. Eu não sou virgem, só não acho que isso seja da sua conta.

— Ok — ele disse, agora parecendo desconfortável. — Eu estava tentando ser educado.

Ela olhou nos olhos dele.

— Você é virgem?

Chase riu.

Ela quis socá-lo novamente. Com toda a força.

— Não... Não sou.

— Então por que está rindo? Será que é porque você tem uma lista de conquistas e está orgulhoso dela?

— Não — disse ele, sério. E pareceu escolher as palavras antes de finalmente dizê-las. — Acho que estou um pouco envergonhado, também. Eu estava tentando lidar com isso como um adulto. Mas acho que estraguei tudo. Só me dê uma chance.

— Você já pediu isso uma vez. E nunca me disse que tipo de chance queria. Mas eu tenho algumas ideias.

Chase riu.

— Você não vai facilitar, não é?

— Se você quer uma garota fácil, está falando com a pessoa errada.

— Não, você é a garota certa, mesmo sendo difícil. — Ele deu um passo para a frente.

Ela deu um passo para trás, lembrando-se do encontro com Burnett.

— Eu não contaria com isso. — Em seguida, percebendo quanto tempo tinha passado, ela disse: — Nós provavelmente já temos que ir.

— Só quero que te pedir mais uma coisa — disse ele.

— O quê?

— Isso. — E então ela estava nos braços dele. E Chase a estava beijando novamente. E era bom. Bom demais. As palmas das mãos dele subiram pelas costas dela, por baixo da camiseta. O toque doce trouxe de volta a lembrança da mão dele em seus seios e fez com que Della quisesse dizer “quando”.

Em vez disso, ela se afastou e olhou para ele. Com algum esforço, repetiu para si mesma.

— Temos que ir.

— Sim — ele disse e então tocou o nariz dela como dedo. — Vamos apresentar você ao Conselho.

Eles vão adorar.

Dez minutos depois — dez minutos em que ela pensou freneticamente em mil maneiras diferentes de abordar o assunto do tio —, Chase parou no estacionamento de uma das lojas da cadeia de restaurantes Benny's.

Ela olhou para o restaurante familiar, muito parecido com o que o pai a levava em quase todas as manhãs de domingo. Ou pelo menos costumava levar... porque isso não acontecia mais desde que ela fora para Shadow Falls.

— Você está de brincadeira? — perguntou Della.

— Por quê?

Ela tinha imaginado vários tipos diferentes de locais de reunião com o Conselho dos Vampiros, mas nunca um restaurante que vivia lotado.

— No Benny's? Vou me encontrar com o Conselho dos Vampiros num restaurante familiar, onde você pode comer ovos e torradas por noventa e nove centavos?

— Eu, pessoalmente, gosto das panquecas — disse Chase.

Della continuou a olhar para ele.

— Sério?

— São boas.

Ela apertou os olhos, sabendo que ele não estava falando sério.

Chase colocou os óculos no alto da cabeça.

— Eles têm um pequeno salão na parte de trás que alugam.

— E o Conselho o alugou para me encontrar? — ela perguntou.

Ele assentiu, como se não visse problema nisso. E talvez fosse só o nervosismo que a fizesse ver a situação como um problema, mas não conseguia deixar de pensar assim.

— Mas eles usam esse lugar como escritório?

— Não — ele disse.

— Mas eles têm um escritório? — ela perguntou.

— Sim.

— Então, não confiam em mim o suficiente para me deixar ir até lá.

Chase franziu a testa.

— Você trabalha para a UPF. Conhecê-los já é um grande passo.

— Burnett levou você ao escritório da UPF.

— Isso é diferente — disse ele.

— Por quê?

— A UPF está no catálogo telefônico, é só procurar na lista de empresas federais.

— Entendi — disse ela. — Porque a UPF é uma organização legítima e dentro da lei, mas o Conselho dos Vampiros não é.

Ele franziu a testa.

— Ah, então a UPF tem mais mérito porque se esconde por trás da fachada de uma organização humana, como se fosse do governo?

— Eles estão apenas se escondendo dos seres humanos. Os sobrenaturais sabem quem eles são.

— Mas, se o Conselho dos Vampiros tentasse abrir um escritório, a UPF faria tudo para fechá-lo e colocar todos na prisão.

— Só se eles cometessem crimes — disse Della.

— Certo. E não ser registrado é crime.

Della tinha refletido sobre isso. Não era diferente do debate entre socialismo e liberalismo. Um acreditava no governo organizado e o outro não queria governo nenhum.

— Eu admito que não vejo por que não ser registrado pode ser crime, mas o problema é que a maioria dos criminosos e malfeitores não tem registro. Eles não querem ser registrados, porque sabem que o que estão fazendo é contra a lei. E porque não têm registro, as chances de fugirem são maiores.

— Ou eles simplesmente não querem ninguém metendo o nariz na vida deles. Nem todo mundo que não é registrado é criminoso.

— Eu sei — disse Della —, mas não faz menos de trinta anos que o Conselho dos Vampiros tinha viveiros de seres humanos e os usava para se alimentar?

— Não foi há um pouco mais de trinta anos que a UPF permitia a caça de lobisomens?

— Então, ambas as organizações têm esqueletos no armário — Della admitiu. — Você não pode negar que a maioria dos crimes praticados contra os seres humanos é de autoria daqueles que se recusam a ser registrados. E para que haja justiça de fato, precisamos de uma maneira de prender os responsáveis.

— É por isso que o Conselho dos Vampiros tem sua própria unidade para tentar lidar com os delinquentes.

— A UPF está tentando fazer com que as diferentes espécies trabalhem juntas.

— Não estamos promovendo o preconceito. Nós só achamos que cada espécie deve se responsabilizar pelos seus.

— O Conselho dos Vampiros está tentando ostensivamente fechar Shadow Falls — ela acusou.

— Sim, na época, eles achavam que o acampamento fazia uma lavagem cerebral nos vampiros adolescentes registrados.

— Esse acampamento que faz “lavagens cerebrais” salvou a minha vida e está salvando a vida de muitos outros.

— Eu não discordo. O Conselho estava errado. E nos últimos anos, pararam suas tentativas de fechá-lo.

— Você é registrado? — Della perguntou, sabendo a resposta, porque Burnett já tinha contado a ela.

— O Conselho achou que isso ia me dar mais cobertura.

— Você já sentiu que isso representou uma invasão à sua privacidade?

Ele hesitou.

— Seja sincero — disse ela.

— Acho que não. Mas isso pode mudar.

Della franziu a testa.

— Nós não vamos concordar nesse assunto, não é?

— Provavelmente não — disse ele. — E eu *não* vou levar você lá, se tudo o que pretende é discutir política.

— Eu não posso fazer perguntas?

— Perguntas sobre o caso? Sim.

— E perguntas sobre o meu caso e o de Chan?

— Eu já respondi a todas elas — disse Chase, a mandíbula firmemente cerrada.

— Talvez eles saibam de alguma coisa que você desconheça. — *Ou talvez você ainda guarde segredos.*

Ele passou a mão pelo rosto como se estivesse frustrado.

— Se você trabalhar para eles, poderá fazer todo tipo de pergunta.

— O que isso significa?

A expressão de Chase endureceu e sua hesitação revelou que ele estava tentando encontrar uma resposta — muito provavelmente algo que não fosse exatamente a verdade.

— Eu só queria dizer que, enquanto você trabalhar para a UPF, o Conselho vai se abrir completamente para você.

— Então, o que eles vão esconder de mim?

— Eu não disse que iriam esconder nada — disse ele.

— Você deixou isso implícito — Della respondeu.

— Eu não deixei nada implícito — disse Chase. — Olhe, vá falar com eles, mas não comece a interrogá-los. Eles não vão gostar. E a última coisa que eu quero ter que fazer é...

— É o quê? — ela disse.

Chase olhou para ela. A honestidade encheu seus olhos.

— Enfrentar o Conselho para defendê-la. Eles não são Renascidos, mas são barra-pesada.

— Você faria isso? — Della perguntou, antes que pudesse se conter.

— Só se fosse obrigado. Mas eu não quero. Então se comporte.

— Eu vou fazer perguntas — disse ela.

Ele fez cara feia.

— Tudo bem, pergunte. Mas não vá surtar se não conseguir respostas.

Eles saíram do carro e caminharam até o Benny's. O cheiro de bacon e ovos queimados encheu o ar. A anfitriã era um vampiro e, depois de verificar seus padrões e lançar um sorriso sensual para Chase, acenou para que seguissem em frente, até o salão nos fundos.

Della o seguiu, o estômago contraído de nervosismo. Ela quase desejou que não tivesse bebido o sangue na casa de Chase. A porta do salão estava fechada. Embora tivesse autorização para entrar, ainda assim ele bateu.

— Entre. — Della ouviu uma voz baixa e profunda dizer do outro lado.

Chase olhou por cima do ombro, na direção dela, e pronunciou a palavra, “comporte-se” sem emitir nenhum som.

Capítulo Trinta e Oito

Ao contrário da frente do restaurante, o salão de trás tinha cortinas pesadas. E elas estavam fechadas. A única fonte de luz era um lustre em forma de candelabro, com algumas lâmpadas de 60 watts.

Seis homens estavam sentados na longa mesa. O olhar de Della passou rápido por todos eles, em busca de um rosto. O rosto do pai. Ou melhor, do gêmeo idêntico do pai.

Ele não estava lá.

A decepção agitou suas emoções já conturbadas. No entanto, por que ela achou que seria tão fácil? Embora aquilo não significasse que o tio não estava por trás de tudo.

Chase a apresentou. Não citou o nome dos homens individualmente, apenas apresentou-os como o Conselho dos Vampiros. E Della supôs que aquilo era tudo o que iria ouvir.

Eles não se levantaram, mas a cumprimentaram com a cabeça educadamente. Cada um deles tinha uma caneca marrom diante de si. Ela apostava que não havia café naquelas canecas.

Della estudou cada um deles rapidamente. Nenhum era oriental. Dois pareciam americanos, um era nativo norte-americano, outro era afro-americano e os últimos dois eram caucasianos. As idades variaram de trinta e poucos anos a uma centena. Ou, pelo menos, o sujeito hispânico parecia um matusalém.

Por alguma razão, ela se lembrou do dia em que estava na sala do tribunal, diante do juiz e dos jurados da UPF.

Na frente da longa mesa do Benny's havia duas cadeiras.

— Senhorita Tsang, senhor Tallman — o mais velho do grupo falou. — Por favor, sentem-se. Gostariam de algo para beber?

Della descobriu que sua boca estava um pouco seca, mas não achava que seu estômago aguentaria alguma coisa. Ela se obrigou a andar até a cadeira e a falar.

— Não, obrigada.

— Ouvimos relatos maravilhosos do senhor Tallman sobre a senhorita — outro homem comentou.

— Tenho certeza de que ele exagerou — respondeu Della.

— Eu duvido — disse outro dos seis, um dos homens loiros que parecia ter mais ou menos a idade do pai dela.

— Ela é tudo o que eu disse — Chase falou.

O sujeito mais velho acrescentou:

— Tivemos a satisfação de saber que senhorita queria nos conhecer. E não vamos fingir que não temos esperança de que pretenda se juntar a nós como um de nossos agentes.

Ok, aquela seria uma conversa muito delicada.

— Eu não posso dizer que essa seja a minha intenção no momento. No entanto, sempre gostei de ter opções.

— Decepcionante, mas sincero, mocinha — disse outro.

— Então, por que queria nos conhecer? — perguntou o mais velho.

— Eu acho que posso dizer que era curiosidade.

— Para saber quem somos? — questionou o mais velho.

— Sim. E mais.

— Mais? A que se refere? — perguntou o mais jovem.

Ela se empertigou na cadeira e ouviu Chase se remexer ao lado dela. Não tinha chegado tão longe para ter medo de perguntar.

— Estou curiosa para saber por que motivo vocês enviaram um agente para se assegurar de que meu primo e eu conseguiríamos passar pelo Renascimento.

— Oferecemos nossas condolências pela morte do seu primo — disse o homem afro-americano do Conselho.

Condolências? Ela percebeu que não tinha o direito de ficar com raiva de Chase por não ter conseguido salvar a ela e Chan, mas...

— Vocês não poderiam ter enviado dois Renascidos para nos ajudar e salvá-lo também?

Ela voltou a olhar para o mais jovem do grupo, que parecia mais apto a responder.

— Infelizmente, não temos uma equipe para lidar apenas com esse tipo de situação — explicou ele.

— Então como é que vocês têm uma equipe para verificar cada possível Renascido?

Quando o vampiro não respondeu de imediato, ela disse:

— Existe uma razão para terem enviado alguém para verificar o meu primo e eu?

— É evidente que alguém com seus talentos e habilidades seria um trunfo para a nossa equipe de agentes — respondeu o mais jovem do Conselho agora.

— Então vocês *têm* uma lista de todos os potenciais Renascidos? — Della perguntou. — E enviam alguém para checar todos eles?

— Nós gostamos de nos manter informados — disse o mais velho de novo.

Della teve a sensação de que ele não tinha interesse em responder às suas perguntas, apenas em apaziguá-la.

Ele acenou com a mão envelhecida e continuou.

— Nós nos esforçamos para oferecer ajuda sempre que possível.

Mas não tinham se esforçado o bastante para salvar Chan. Se estivessem tão preocupados, poderiam ter enviado dois agentes, não poderiam?

Ela ouviu Chase sussurrar algo, mas ignorou.

— Então quem os informou sobre meu primo e eu?

— Você está de fato bem curiosa, senhorita Tsang! — o mais velho falou de novo. — E se aceitar trabalhar para nós, terá acesso a uma quantidade colossal de informações.

Della endureceu na cadeira. Por que aquilo quase parecia um suborno? O mesmo que Chase tinha oferecido antes? *Vá trabalhar para eles e conseguirá suas respostas.*

— Supondo que eu esteja *pensando* em trabalhar para vocês, acho que poderiam demonstrar sua consideração respondendo às minhas perguntas agora.

— E nós estamos respondendo — disse o mais velho.

Estão uma ova!

— Há mais alguma pergunta que gostaria de fazer? — o homem continuou. — Talvez uma que possa incentivá-la a se juntar a nós, em nossos esforços para fazer justiça pelos membros da nossa espécie? Se não houver, acho que deveríamos considerar esta reunião terminada.

Algo no tom de voz dele pareceu condescendente.

— Eu não acho que vocês realmente estejam respondendo às minhas perguntas...

— Chega! — Chase sussurrou, estendendo o braço e apertando a mão dela. Então ele se levantou. — Eu agradeço pela atenção de todos.

Della ficou sentada ali tentando decidir se seria sensato falar mais uma vez. Eles realmente não tinha feito nada para provar que ela estava certa, nem para provar que estava errada.

— Faço votos que consiga encontrar os vampiros desaparecidos, Chase. E você também, senhorita Tsang — disse um dos homens loiros.

Chase agradeceu com um aceno de cabeça, em seguida olhou para ela e fez sinal para que ficasse em pé. Quando ela não se moveu, ele pegou a mão dela. Della fuzilou-o com os olhos, pois ele estava literalmente tentando arrancá-la dali.

— Senhorita Tsang? — um dos conselheiros chamou. Ela olhou por cima do ombro, não se importando que seus olhos provavelmente estivessem brilhantes de fúria.

— Se mudar de ideia sobre trabalhar para nós, vai descobrir que há um lugar para a senhorita aqui.

Ela engoliu a resposta que queria dar, algo sobre o dia de são nunca. Então, sem dizer mais nada, saiu da sala e do restaurante tão rápido que provavelmente pareceu só um borrão para os clientes sentados no salão da frente.

Não era nem cinco e meia da tarde, mas o sol já se tinha posto e estava quase escuro. Ela saltou para o banco do passageiro e esperou Chase abrir a porta e deslizar para dentro do carro com uma calma que a irritou.

— Aquilo foi pura perda de tempo! — ela esbravejou.

— Eles responderam às suas perguntas, Della.

— Eles mais se esquivaram das minhas perguntas do que responderam.

— E você acha que com a UPF seria melhor? Acha que, se eu fosse lá fazer perguntas para os figurões da UPF, iria conseguir respostas diretas?

Ela se lembrou do seu pequeno encontro com aqueles figurões da UPF.

— Talvez não, mas por que o seu Conselho apenas não me disse o que eu queria saber, em vez de...?

— Eu me lembro de um deles lhe dizendo que você tinha um talento e uma habilidade que poderíamos aproveitar. Isso pareceu bastante direto para mim.

— Então por que isso não parece verdade?

— Talvez você simplesmente não queira que seja. — Ele fez uma pausa e olhou para a frente do carro enquanto alguém passava. — O que você está querendo descobrir?

Quando ela não respondeu, ele perguntou:

— Quer responsabilizá-los pela morte de Chan?

— Não. Eu queria... — Ela quase contou sobre o tio, sobre o assassinato da tia, em seguida ouviu mentalmente as palavras que ele tinha dito antes no carro: *Se você for trabalhar para eles, pode perguntar o que quiser.*

Ele jurou que não estava insinuando nada, mas... ela ainda tinha alguma dúvida.

— Talvez eu não saiba o que quero — disse ela, e havia alguma verdade nisso. Será que ela realmente queria encontrar o tio, agora que suspeitava que ele havia assassinado a tia?

Chase tirou o carro do estacionamento.

— Acho que já está na hora de irmos para o aeroporto. Você sabe onde vamos encontrar Burnett?

— Ele disse que ia ligar.

O celular dela tocou. Ela o tirou do bolso.

— Falando do diabo...

— Então você admite que ele é o diabo — disse Chase com um toque de humor.

Ela lhe lançou um olhar mal-humorado e atendeu ao telefone.

— Ei, eu estava me perguntando quando...

— Onde exatamente você está? — Burnett rosnou.

— A cerca de vinte quilômetros de Fallen, estávamos indo em direção a Houston.

— Onde?

Della recordou as placas de rua que tinha acabado de ver.

— Estamos na altura do número 290 da Howell Street.

— Espere — disse ele, em seguida, ouviu-o dizer a alguém “Eles estão perto”. E, em seguida: — Della, vocês sabem como ir para o Cooper Airport?

Ela olhou para Chase e ele fez que sim com a cabeça.

— Sim. Chase sabe. Qual o problema?

— Nós colocamos um homem no avião com Damian Bond. Dez minutos atrás, ele percebeu que o cara sentado naquele banco era apenas um sócia. Ele confessou ao nosso agente que Damian pegou um voo mais cedo, um avião menor que deve estar chegando ao Cooper Airport em quinze minutos. Temos certeza que é o voo das dez e vinte e seis da Token Airlines. Já estamos em Houston. Mesmo voando vamos levar uns vinte minutos para chegar lá. Vocês podem chegar em dez se deixarem o carro e voarem. Só não se esqueçam de levar os celulares com a foto que consta na ficha do sujeito.

Della ouviu os dois telefones anunciarem a chegada de uma mensagem. Chase olhou em volta, procurando um lugar para estacionar.

— Fiquem longe das ruas principais — continuou Burnett. — Ainda não escureceu completamente, e eu não quero que vocês sejam vistos.

— Não se preocupe, ninguém vai ver a gente — garantiu Della.

— E não... repito, *não*... confrontem Damian. Basta segui-lo. Ele está carregando uma pistola e gosta de usá-la. Você entendeu?

— Sim — disse ela.

— Você entendeu, Chase? — Burnett rosnou.

— Sim — respondeu Chase, e fez uma careta enquanto parava no estacionamento de uma farmácia, ao lado de algumas árvores.

Perfeito para decolar.

A linha ficou muda. Della apertou um botão e olhou para a foto de Damian Bond. *Prontos ou não, aqui vamos nós.*

Nove minutos e trinta segundos depois, eles aterrissaram num terreno arborizado a meia quadra do aeroporto. Era a primeira vez desde que se tornara uma Renascida que Della voava tão rápido. Se não estivesse tão preocupada com o que estavam prestes a fazer, teria realmente gostado.

O sol já tinha se posto completamente, apenas a oeste o céu ainda tinha um toque de cor para se despedir do dia.

Eles não se falaram. Não havia tempo. Se o voo adiantasse um pouco, poderiam perder a última pista para encontrar Natasha e Liam. O sangue de Della corria rápido nas veias, enquanto ela se preparava para fazer o que fosse preciso para manter Damian na mira.

Ela passou a mão no cabelo agitado pelo vento, enquanto saíam da floresta em direção ao aeroporto.

— Olha lá! — Ela viu as luzes de um avião já aterrissando e correndo pela pista de pouso do aeroporto.

— É provavelmente o avião dele — disse Chase. Eles se apressaram, tentando não chamar a atenção, quando alguns carros entraram no estacionamento do aeroporto. Entraram no prédio, que era praticamente todo de vidro, e viram que havia cerca de vinte pessoas à espera de passageiros no setor de desembarque.

Della observou uma mulher e seus dois filhos ruivos. A ordem de Burnett de apenas seguir Damian parecia uma boa ideia, pois a última coisa que Della queria era que alguém inocente se ferisse.

Seguindo Chase através da multidão, ela pôde ver o avião através das portas de vidro. Os passageiros estavam desembarcando e esperando a bagagem na esteira. Mas, até agora, não tinham visto Damian.

Ela pegou o celular novamente para ver a foto do rosto dele e, em seguida, voltou a colocá-lo no bolso.

— Olha ali o papai! — disse a mulher com os dois filhos, que se aproximaram do vidro. — Cumprimentem para o papai.

Della olhou para Chase.

— Nós vamos apenas segui-lo — ela sussurrou. — Não quero problemas aqui.

— Eu sei. — Ele olhou para a mulher, obviamente sabendo exatamente o que Della estava pensando. — Ali! — disse ele e o olhar dela disparou para o lobisomem que saía do avião. Os holofotes do lado de fora do edifício iluminavam o avião, dando a Della uma boa visão do lobisomem. Com uns 30 anos talvez, Damian usava jeans e uma jaqueta preta, provavelmente para esconder a arma. Seu cabelo escuro estava penteado para trás, dando-lhe um ar de mafioso. Os olhos dele estavam distantes. Os lábios apertados.

Uma mulher saiu do avião ao mesmo tempo que ele e o suspeito, mostrando que não era nem um pouco cavalheiro, entrou na frente dela para descer os degraus primeiro. Sem dúvida, era tão mal-educado quanto mau caráter.

— Vamos ficar mais para trás — disse Della, com medo que Damian visse dois vampiros e suspeitasse de que estavam esperando por ele. Claro que ele iria sentir o cheiro deles, mas, se não estivessem muito perto, ele não poderia suspeitar de que estavam ali por causa dele.

Esconderam-se atrás da multidão, mas Chase ficou entre dois grupos para poder ficar de olho no suspeito. Della foi um pouco mais para a direita, atrás de uma senhora mais velha, para também ter uma boa visão. Os passageiros começaram a entrar no terminal. O tumulto na sala de vidro aumentou, quando as pessoas começaram a se cumprimentar.

— Merda! — murmurou Chase.

— O que foi? — ela perguntou, olhando para ele e percebendo que Chase não estava olhando para Damian, mas para algo atrás deles.

Della se virou e viu exatamente o que o tinha feito entrar em pânico. Dois carros de polícia tinham parado em frente ao aeroporto, cantando pneu. As luzes das viaturas tingiam tudo com a cor azul.

— Será que Burnett chamou a polícia? — Chase sibilou.

— Eu acho que não — disse Della, enquanto observava quatro policiais entrarem às pressas no edifício.

Della pegou o celular para ligar para Burnett, mas, antes que pudesse discar, uma mulher gritou. Uma criança começou a chorar.

Então ouviram um tiro.

Capítulo Trinta e Nove

A bala bateu em algo metálico e ricocheteou pelo saguão.

— Polícia! — gritou um dos quatro policiais atrás deles. — Abaixem-se!

— Largue a arma! — mandou outro.

Todo mundo se jogou no chão. Della e Chase ficaram de cócoras, ambos preparados para perseguir o lobisomem, se necessário. Então Chase colocou o braço ao redor dela, segurando-a e impedindo-a de ver o que estava acontecendo. Recusando-se a ser contida, ela afastou o braço dele.

Damian e outro homem estavam na frente da parede de vidro. Ambos empunhavam armas. Mas Damian tinha algo que o outro não tinha. Ele segurava a menina de cabelos ruivos e vestido cor-de-rosa, mais ou menos da idade de Hannah. Pressionava a arma contra a cabeça da criança aos gritos, enquanto a mãe soluçava no chão.

— Se fizer alguma coisa com a criança você vai se dar mal! — gritou um policial.

Della notou o outro cara com a arma. Ele não era sobrenatural. Será que Damian tinha um cúmplice humano? Então notou que os dois homens lançavam olhares intrigados um para o outro.

Droga. Quais eram as chances de que houvesse dois criminosos no mesmo avião?

Damian olhou para os policiais.

— Larguem as armas ou eu atiro na cabeça dela.

Os soluços da mãe ecoaram com os gritos das outras pessoas no saguão. O coração de Della apertou e ela sentiu os caninos se projetarem e seus olhos arderem à medida que ficavam mais brilhantes.

O outro sujeito só ficou ali parado, com a arma na mão, parecendo atordoado. Della olhou para os policiais, se perguntando de qual daqueles caras a polícia estava atrás. Será que os crimes de Damian tinham se tornado um problema humano, ou os policiais estavam à procura do criminoso número dois?

— Mantenha a cabeça abaixada — ela ouviu Chase sussurrando, mas ela mal podia ouvi-lo sobre os gritos da multidão.

Della abaixou a cabeça, mas olhou para cima, atenta ao que estava acontecendo na frente.

— Estamos em quatro — disse um dos policiais. — E isso não vai acabar bem.

Damian lançou um olhar frio para a garotinha.

— Sim, e nós sabemos para quem vai acabar mal — disse Damian, erguendo a cabeça como se farejasse o ar, sem dúvida, captando o cheiro deles.

— Ele sabe que estamos aqui — Della murmurou, num sussurro quase inaudível.

— Sim, mas não sabe quem somos ainda — sussurrou Chase. — Portanto, fique com a cabeça abaixada. Temos mais chance de pegá-lo.

Sentindo o sangue correr nas veias, ela pôde ouvir seu coração martelando como se quisesse sair pela boca. Os gritos da criança faziam com que Della quisesse investir contra o lobisomem.

— Larguem as armas ou a menina morre! — gritou Damian, mas ele estava ocupado olhando ao redor da multidão, em vez de se concentrar nos policiais.

A mãe gritou novamente e Della viu alguém segurando a mulher. Mas ninguém estava segurando Della.

Ela tensionou os músculos da panturrilha, pronta para disparar, mas Chase deve ter pressentido seus leves movimentos. O braço dele a segurou no lugar.

— Ainda não — disse ele em seu ouvido.

Mas Della não viu alternativa. Ela viu o dedo de Damian procurando o gatilho. Arremetendo com tudo, ela mergulhou sobre ele, rezando para que conseguisse chegar até ele a tempo.

Ainda no ar, viu o Criminoso Número Dois virar a arma na direção dela.

Chase mergulhou na frente dela.

A arma disparou.

Chase! Seu coração parou, mas ela não podia parar. Tinha que salvar o bebê primeiro.

Segundos pareceram minutos. Ela agarrou o braço direito de Damian e torceu até ouvi-lo se quebrar. Ele largou o bebê, mas a mãe saltou para a frente e pegou a criança no ar. A arma de Damian bateu no chão e Della chutou-a, ouvindo-a deslizar pelo piso de ladrilhos. Em seguida, com a força concedida pela fúria, ela o empurrou para baixo. A cabeça do lobisomem bateu no chão duro com um baque.

Outra arma disparou.

Mais gritos. As pessoas começaram a correr, apavoradas.

E a polícia investiu. Della se afastou quando chegaram onde estava Damian.

Seu coração quase parou quando ela se virou para procurar Chase.

Havia pessoas em todos os lugares, caindo umas sobre as outras, na tentativa de se afastar da confusão. Os policiais seguravam o outro sujeito no chão. Outros dois policiais estavam de pé, imobilizando Damian. Ela desviou o olhar e olhou para a direita.

Da direita para a esquerda.

Não conseguia encontrar Chase.

Lágrimas encheram seus olhos. Onde ele estava, caramba?!

Ela sentiu alguém atrás dela, mas seu nariz dizia que não era Chase, então ela ignorou e continuou a procurar por ele.

Mas, em seguida, sentiu o cheiro. Não era Chase, mas outro lobisomem.

— Você está aqui para ajudar? Ou para atrapalhar? — perguntou uma voz atrás dela.

Virando a cabeça, ela viu um dos policiais. Ela tinha ficado tão tensa que não havia percebido o cheiro dele.

Mas uma rápida olhada em sua testa confirmou o que seu nariz já lhe dizia. Ele era metade lobisomem, metade humano.

— Ajudar. Eu estou... estamos com a UPF. — Della voltou-se para procurar Chase, sentindo seu pânico aumentar num ritmo assustador.

O policial pegou Della pelo braço.

— Então você precisa mostrar seu distintivo.

Antes que Della pudesse lhe lançar um olhar furioso, um rosnado soou atrás.

— Solte-a.

Ela se virou, libertando o braço do aperto do policial. Os olhos dela pousaram em Chase, e só então o ar chegou aos seus pulmões.

— Você está bem? — perguntou ela. Em seguida, ela olhou para baixo e viu o sangue empapando a manga da camisa dele. — Você levou um tiro!

— Só de raspão — disse Chase, ainda olhando para o policial.

— Eu ainda não vi nenhum distintivo — disse o lobisomem uniformizado.

O policial poderia ficar pelado e uivar para a lua que Della não estava nem aí. Tudo o que importava era Chase. E ela não confiava na avaliação que ele fizera do ferimento. Estendeu a mão, encontrou o buraco em sua camisa e rasgou-o para ver por si mesma. Ele não estava mentindo. A bala tinha apenas passado de raspão no antebraço.

Ele tinha mergulhado na frente dela para protegê-la. Tinha levado um tiro no lugar dela — arriscado a própria vida. Seu coração começou a disparar em cerca de uma dúzia de direções diferentes, assim como suas emoções. Ela queria dar um soco nele, por fazer algo tão idiota, e queria beijá-lo, porque ele estava bem.

— Feliz agora? — Chase perguntou, olhando para ela.

— Sim — disse Della. Só então ela olhou para trás e reparou que o lobisomem de uniforme estava à espera de respostas. — Eu sou uma agente júnior, trabalhando para James Burnett. Ele e vários outros agentes devem chegar aqui em menos de dez minutos. Nós vamos levar Damian Bond.

O policial provavelmente reconheceu o nome de Burnett, porque seus olhos que tinham começado a ficar brilhantes voltaram à cor normal.

— Bem, é melhor que eles se apressem. E tenham a documentação necessária. Do contrário, eles — e ele acenou com a cabeça para os outros policiais — não vão liberar o cara. E se vocês dois não quiserem ser presos também, é melhor darem o fora daqui.

Chase olhou para Della.

— Eu acho que é melhor.

Della franziu a testa.

— Não até Burnett pôr as mãos em Damian. — O lobisomem era a sua última ligação com Natasha e Liam, e Della não iria correr o risco de perdê-lo.

Chase olhou para o policial.

— Eu acho que vamos ficar mais um pouco.

Uma hora depois, estavam todos na sede da UPF. Burnett tinha chegado ao Cooper Airport em menos de cinco minutos. Ele estava acompanhado de duas viaturas e outros três agentes, que mostraram seus distintivos e sua autoridade, conseguindo irritar o departamento de polícia de Oak, Texas.

Era preciso admitir, essa era provavelmente a primeira vez que o minúsculo departamento de polícia da cidade pegava um cara da pesada — não apenas um, mas dois de uma vez —, e eles não queriam perder o crédito por isso.

No entanto, Burnett, que estava com a papelada em ordem, não parecia disposto a ir embora de mãos vazias.

Ele também livrou Della e Chase da necessidade de depor — insistindo para que a polícia local os deixasse fora do caso e do estardalhaço criado pela mídia, porque eles trabalhavam sob disfarce. Mas antes de partirem, a mãe da criança que Damian tinha feito refém procurou Della e agradeceu-lhe efusivamente, com lágrimas nos olhos.

Um senso de dever cumprido tomou conta dela. Isso era o que ela queria fazer. Mas estaria disposta a perder Chase em troca?

Burnett tinha mandado um médico esperar na sede da UPF para examinar o braço de Chase, logo que chegassem. Naturalmente Chase tentou dispensá-lo, mas Burnett não estava disposto a levar um não como resposta. Disse a Chase para deixar o médico examiná-lo... ou dar o fora dali para sempre.

Chase olhou para Della, bufou, e depois foi para outra sala ser examinado pelo médico.

Depois que a porta se fechou, Burnett se aproximou dela, a preocupação estampada no rosto. A cena no aeroporto tinha sido uma loucura, e essa era de fato a primeira oportunidade que tinham de conversar — não que Della não o tivesse visto com os olhos pregados nela —, desde que ameaçara sua carreira. Ela percebeu uma sensação dolorosa, uma mistura de dor e amor, bem no meio do peito.

Olhou para Burnett e sentiu um nó na garganta.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Sim.

— Você salvou a vida daquela criança. Parece que é boa mesmo com bebês — ele disse, referindo-se também ao parto de Hannah.

— Apenas sorte — disse ela.

Della olhou para a porta por onde Chase tinha desaparecido.

— Ele levou aquele tiro para me proteger.

— Eu ouvi dizer. Que é a única razão pela qual eu me importo o suficiente para fazê-lo ser examinado por um médico.

Della acenou com a cabeça, mas não completamente convencida. Ela sabia que Burnett tinha alguns problemas sérios com Chase, mas de alguma forma também sentia um certo respeito. Ela só esperava

que isso ajudasse quando o caso terminasse e Burnett a pressionasse para pôr um ponto-final no relacionamento entre eles.

Porque, sinceramente, ela não tinha certeza se conseguiria fazer isso.

Se a situação ficasse crítica, ela iria escolhê-lo e renunciar à sua carreira? Rezava para que não tivesse que fazer essa escolha.

— Vá para a sala de espera seis, eu vou interrogar Damian em cerca de cinco minutos e você poderá assistir.

Ela olhou para Burnett e pensou em Natasha novamente.

— Faça-o contar onde eles estão.

— O plano é esse — disse ele.

Damian Bond não estava a fim de falar. Burnett colocou as fotos de Liam e Natasha sobre a mesa. O lobisomem se recusou a olhar para elas. A pressão arterial de Della subiu e seus caninos se projetaram só ao assistir ao interrogatório.

Alguém tinha dado ao lobisomem uma tipoia, e ele ficou sentado ali com o braço apertado contra o peito com tanta força quanto a de seus lábios cerrados. Burnett, parecendo irritado, virou-se para a parede de onde eles assistiam.

— Você sabe quem está ali dentro? — ele perguntou.

Damian não respondeu, mas Burnett disse de qualquer maneira.

— Um agente do Conselho dos Vampiros.

Os olhos do lobisomem se arregalaram um pouco, mas depois ele voltou a fingir que não estava ouvindo. Mas Della o viu olhar para as fotos sobre a mesa.

Será que ele os conhecia?

Burnett continuou.

— Você já ouviu falar no que eles fazem aos lobisomens na prisão do Conselho dos Vampiros? Fazem com que as nossas prisões parecem um dia no spa.

Della olhou para Chase.

— Isso é verdade?

— Nós não temos celas individuais — disse ele. — E como os nossos prisioneiros são quase todos vampiros, um lobisomem lá teria uma vida difícil.

Della estremeceu, se perguntando como seria aquela “vida difícil”.

— E se você não falar — Burnett continuou —, nós concordamos em entregar você para eles.

O lobisomem olhou para Burnett e rosnou.

— Boa tentativa. Mas desde quando a UPF e o Conselho dos Vampiros trabalham juntos?

Burnett se sentou na cadeira em frente a ele.

— Desde quando mais de trinta recém-criados desapareceram e foram vendidos como escravos. Você tem três segundos para começar a falar ou eu vou entregá-lo a eles.

— Se Burnett estiver falando sério, vamos conseguir arrancar respostas desse otário — ameaçou Chase.

Della engoliu em seco e disse a si mesma que era a coisa certa a fazer. Mas o pensamento não caiu bem em seu estômago.

Burnett voltou a olhar para a parede.

— Eu acho que vocês já podem levá-lo — ele começou.

— Espere! — Damian deixou escapar. — Ok, eu vou falar. Mas não fui eu. Ele era meu chefe. Tyler Myers. Ele usava os recém-criados nas lutas. Pagavam muito dinheiro para vê-los lutar, e então ele dividia os lucros. Mas Tyler ficou sabendo que vocês descobriram a operação e fechou as filiais de Dallas, então deu o fora. E livrou-se dos recém-criados.

O peito de Della apertou. Ela sentiu Chase se agitar ao lado dela, como se tivesse receio do que Damian pudesse dizer.

— Quer dizer que ele foram assassinados? — perguntou Burnett.

O ar nos pulmões de Della ficou preso e ela teve que se esforçar muito para não deixar que os joelhos fraquejassem.

— Sim. Mas eu estava apenas cumprindo ordens.

Burnett agarrou o punho dele.

— Quantos? E onde estão os corpos?

Os olhos de Burnett voltaram a ficar incandescentes de fúria e Della sentiu seu próprio olhar mais brilhante.

— Eu não sei. O chefe e os outros se reuniram e se livraram de todos eles. Eu ouvi algo sobre um ferro-velho.

O braço de Chase rodeou a cintura de Della.

— Mas eu juro que não sei onde eles estão — Damian olhou para as fotos. — Mas esses não eram nossos. Eles podem ter ido com os outros, mas não são nossos. Eu me lembro dela.

Chase pegou a mão de Della e ela o ouviu respirar pela primeira vez.

— Ainda não acabou — disse ele.

— Então por que parece que acabou? — perguntou ela, sentindo o nó crescer em sua garganta.

Chase se virou e puxou-a contra ele. Ela descansou a testa em seu peito. Fechou os olhos e farejou sangue. Mas não era o sangue de Chase.

Della se afastou e olhou para ele. Liam, não Chase, olhava para ela.

Capítulo Quarenta

Della tinha passado por aquilo várias vezes — mergulhado numa visão ou o que quer que aquilo fosse —, mas isso não tornava a coisa mais fácil. Especialmente agora, quando sua certeza de que Natasha e Liam ainda estavam vivos tinha se reduzido a um tênue fio de esperança.

Natasha estava reclinada no chão de terra, com o tronco sobre o corpo nu de Liam.

Della se concentrou ao máximo e tentou forçar Natasha a perguntar a Liam onde eles estavam, mas todo o esforço foi em vão, porque ela não falou nada. Só apoiou o queixo no peito de Liam e ela sentiu os seios nus pressionados contra a solidez do abdômen dele.

Liam tirou o cabelo dos olhos dela.

— Qual é a primeira coisa que você quer fazer quando sair daqui?

Natasha franziu a testa, e Della sabia por quê. Ela não achava que eles fossem sair. Mas estava disposta a apaziguá-lo. Voltou a olhar para o peito dele, moveu a mão até um pouco abaixo do ombro direito e traçou o emblema que parecia em parte tatuagem e em parte cicatriz.

— O que você acha de remover as nossas tatuagens? — Ela passou os dedos sobre a tatuagem dele novamente.

Della estudou o símbolo semelhante a uma cruz. Será que significava alguma coisa?

Liam soltou uma risadinha.

— Eu gosto dessa ideia. Que tal irmos ouvir uma banda tocar? Você gosta de dançar?

— Adoro. Às vezes vou com as minhas amigas, Amy e Jennifer.

O barulho veio de novo. O som de máquinas pesadas.

Liam colocou o braço nas costas dela, como se soubesse que o barulho a incomodava.

— Então a primeira coisa que vamos fazer quando sairmos daqui é dançar.

Que barulho é esse? Della gritou na mente de Natasha, esperando que ela ouvisse, mas a pergunta ficou sem resposta.

— Talvez devêssemos tomar um banho primeiro — Natasha brincou. Ela descansou a cabeça no ombro dele e olhou ao redor do ambiente escuro.

Della observava tudo. As paredes eram como blocos, mas o chão era de terra, e havia algo que parecia uma passagem aberta para outra área tão escura quanto aquela onde estavam.

O que era aquele lugar?

— Juntos? — perguntou Liam, com a mão acariciando as costas nuas dela. — Vamos tomar um banho juntos.

— Sim, juntos. — Ela riu e colocou a palma da mão no peito de Liam e olhou para ele. A pele de Natasha era um pouco mais clara do que a dele.

— Sua mãe ou seu pai é negro? — perguntou Natasha.

— Meu pai era mulato.

— Era? Ele morreu?

— Não que eu saiba.

— Você o conheceu?

— Sim, ele vinha me visitar às vezes quando eu era mais novo. Mamãe não gostava dele. — Ele ficou em silêncio por um minuto. — Eles sempre brigavam. A última vez que ele apareceu, eu tinha 13 anos. Tiveram uma briga feia. Ele acusou a minha mãe de tentar me criar para ser branco. Mamãe disse que tudo o que ela queria fazer era me criar para ser um homem bom, e que isso não tinha nada a ver com a cor e tudo a ver com o caráter e que, se ele quisesse me ver, teria que se manter sóbrio e dar um bom exemplo.

— O que ele disse? — perguntou Natasha.

— Ele bateu nela. — O corpo de Liam sob Natasha enrijeceu. — Não era a primeira vez, mas foi a primeira que eu decidi fazê-lo parar — disse.

Natasha se levantou e olhou para o rosto de Liam.

— Ah, meu Deus! O que aconteceu?

— Eu peguei um taco de beisebol. Bati no braço dele. Não acho que tenha quebrado nem nada, mas com certeza machuquei. Disse para ele sair e nunca mais voltar.

— Alguma vez ele voltou?

— Eu acho que não. Mamãe se casou com Hank alguns anos depois. Ele era um cara legal. Negro, também. Mas Hank era vinte anos mais velho do que a minha mãe. Ele morreu de ataque cardíaco menos de um ano depois de terem se casado. — Liam passou a mão sobre as costas dela. — Você não me disse que seu pai morreu?

Natasha fez uma pausa.

— Sim, meu pai adotivo morreu quando eu tinha 11 anos e, quando fui procurar os meus pais verdadeiros, descobri que meu pai biológico estava morto, também.

— Quantos anos você tinha quando descobriu que foi adotada?

— Quase 18. — Ela suspirou. — Mamãe disse que iam me contar quando eu tinha 13 anos, mas, quando meu pai adotivo morreu, ela achou que isso faria com que eu me sentisse pior. — Natasha ficou em silêncio e apenas respirou por alguns segundos. — Eu acho que parte de mim sempre soube. Meu pai adotivo era de família chinesa. Mesmo quando criança, eu ficava olhando para o rosto dele e me perguntando por que não me parecia com ele.

— Você não disse que sua verdadeira mãe já morreu, também?

— Sim — disse Natasha. — Alguém a matou. Mas eles nunca encontraram o culpado.

Ele passou a mão na lateral do quadril dela. Não sensualmente, apenas com ternura, mas havia algo muito íntimo em estar nua sobre outra pessoa.

— Isso deve ter sido difícil, você procurando seus verdadeiros pais e, então, descobrindo que ambos estavam mortos.

— Foi difícil, por um tempo. Mas encontrei uma tia. Ela era boa. E tinha um filho da minha idade.

Eles ficaram em silêncio e, em seguida, Liam perguntou:

— Como é que o seu pai adotivo morreu?

— Acidente de trabalho. Foi de uma hora para outra. Mas minha mãe se casou novamente alguns anos atrás.

— Você se dá bem com o seu padrasto?

— Sim, ele é legal. Bem, muito melhor do que apenas legal... comparado com o seu pai verdadeiro. Ele ama a minha mãe, mas eu sempre tive a impressão de que ele estava apenas esperando que eu fosse embora para que a tivesse só para ele.

— Bem, até aí tudo bem — disse Liam. — Porque, quando a gente sair daqui, vamos ter o nosso próprio canto. Eu me formo em dois anos. Vamos encontrar um apartamento barato. Nós dois podemos ir para a faculdade e trabalhar meio período. Podemos dar conta. Como não precisamos mais de comida, não teremos que nos preocupar em saber quem vai cozinhar. E podemos dividir as tarefas domésticas. Vou levar o lixo para fora. E prometo não deixar cuecas sujas espalhadas pela casa.

Ela riu.

— Eu não sou uma dona de casa muito boa...

— Bom, podemos viver no meio da bagunça, então.

Ela ergueu o queixo e descansou no peito dele.

— Você sempre vai abaixar a tampa do vaso sanitário?

— Vou tentar me lembrar. — Ele riu.

Della sentiu os olhos de Natasha arderem.

— Eu quero isso — ela disse, com a voz embargada. — Quero esse apartamento. Quero viver dando bronca em você por deixar cuecas sujas espalhadas pela casa e por deixar a tampa do vaso levantada. Mas estou com tanto medo de que nada disso vá acontecer! Tanto medo de que isto seja tudo o que vamos ter...

Sábado, às 10h15, Della sentou-se no refeitório, enquanto as visitas chegavam para o dia dos pais. As vozes de todos os campistas e dos pais ecoavam pelo enorme salão e pelas vigas do telhado. Della tentou não deixar que suas emoções se irradiassem pelo ambiente lotado — havia muitos *faes* ali —, mas, sinceramente, o que ela mais queria era encontrar um lugar tranquilo para chorar.

Damian Bond não tinha nenhuma informação. Eles tinham voltado à estaca zero. Ela chegara em casa na noite anterior e ficara olhando para o teto durante quase a metade da noite, sentindo-se inútil e cheia de raiva. Sentindo-se sozinha. Ela sentia falta de Chase. Queria ajudar Natasha e Liam. Salvá-los. Dar a eles uma oportunidade de vida.

Della queria que a mãe ligasse para ela.

Não, ela queria que os pais aparecessem. Onde eles estariam?

As portas do refeitório de repente se abriram. Della levantou os olhos, esperando que fossem eles. Errado. Era a mãe de Derek. Della observou enquanto ela sorria para Derek, que estava sentado a uma mesa na parte de trás do refeitório, com Jenny.

Della olhou em volta. Kylie, Lucas e a mãe dela estavam conversando sobre a venda da casa dela. Lucas devia estar se acostumando à mãe de Kylie, porque ele parecia bem à vontade, não infeliz, como sempre acontecia quando Kylie o convencia a acompanhá-la nas visitas da mãe.

Miranda estava bancando a bruxinha comportada, sentada ali e ouvindo a mãe falar sobre as próximas competições.

Della pegou o celular para verificar que horas eram. Seus pais estavam quinze minutos atrasados. Estranho. O pai nunca se atrasava.

Mas, pensando bem, talvez ele não viesse hoje. Ultimamente, a cada três visitas ele deixava de vir em uma. Mas a mãe e a irmã, Marla, geralmente eram pontuais. Quanto mais cedo chegavam, mais rápido podiam ir embora. Ou pelo menos era o que parecia.

Olhando para o celular, ela se perguntava se deveria ou não ligar para a mãe. Então decidiu que não. Virando-se para trás, viu Holiday e Burnett olhando para ela com compaixão.

Ah, droga! A última coisa que queria era que todo mundo comesse a sentir pena dela. Ela estava bem. Sua família iria aparecer. Sua mãe nunca perdia o dia dos pais.

De repente, o celular de Burnett tocou. Daquela distância, Della não podia ouvir a pessoa do outro lado da linha, mas Burnett não parecia feliz.

Provavelmente era algo ligado à UPF. Seria sobre Natasha e Liam? Ela inclinou a cabeça para o lado e o ouviu sussurrar para Holiday:

— Preciso tratar disso no escritório.

Della o viu saindo. Ela estava morrendo de vontade de saber o que era, mas sabia que perguntar não era a melhor coisa a fazer. Se fossem notícias sobre Natasha e Liam, ele contaria a ela. E, se fosse sobre eles, provavelmente eram más notícias.

Dez minutos depois, o telefone de Della tocou. Ao verificar o número, a respiração de Della ficou presa na garganta. Sua irmã, Marla, nunca ligava.

— O que foi? — Ela se levantou e contornou as mesas do refeitório, afastando-se para ter uma conversa particular.

— Oi — A voz de Marla soou baixa. — A mamãe me pediu para ligar e dizer que não vamos aí hoje.

— Tudo bem — disse Della, lutando contra o aperto no coração enquanto caminhava para fora do refeitório. — Algum problema? — *Ou será que vocês só decidiram desistir de mim?*

— Só um segundo — disse Marla, quase num sussurro.

Della continuou seguindo em direção à floresta, para um ponto onde grandes árvores formavam um pequeno recanto. Ela ouviu a irmã andando, também. Em seguida, ouviu a porta se fechar.

— Desculpe. Eu só queria ir para o quarto, para o caso de papai estar escutando.

Sim, você não gostaria que o papai soubesse que está falando comigo. O humor de Della estava à beira de resvalar para a autopiedade quando Marla falou novamente.

— Está acontecendo alguma coisa, Della. Eu não sei o que é, mas é ruim. Você pode vir para casa?

Para casa? Oh, não!

— O quê? O que está acontecendo?

— É exatamente isso. Eu não sei. Eles não vão me dizer nada.

— Eles estão brigando? — perguntou Della. Seus pais não viviam brigando, eles realmente se amavam, mas já tinham discutido algumas vezes. E Della tinha odiado a tensão que sentira nessas ocasiões.

— Na verdade, não. A mamãe está muito chateada. Toda vez que eu a vejo, ela está com lágrimas nos olhos. E papai está agindo de forma estranha. Ele voltou para casa depois das dez ontem à noite. E, quando chegou em casa, chamou mamãe no escritório e eles ficaram lá conversando até bem tarde. — Ela fez uma pausa. — Você não acha que o papai tem uma amante, acha?

Della abriu a boca de surpresa.

— Não!

Então lhe ocorreu. A razão pela qual seus pais estavam chateados.

— O papai conversou com a tia Miao?

— Eu não sei — disse Marla. — Por quê?

— Nada — disse Della, e fechou os olhos. Merda! Ela tinha feito novamente. Decepcionado o pai e causado dor de cabeça à mãe.

— Eu quero que você volte para casa. Preciso de você. Não gosto dessa merda de ser filha única.

Desde quando sua irmã falava “merda”?

— Eu não posso, Marla. — Ela mordeu o lábio, mas sua garganta ficou apertada ao ouvir o pedido da irmã. Embora fosse muito bom saber que estavam finalmente sentindo falta dela, também era ruim saber que ela nunca poderia voltar para casa. Nunca. Jamais.

— Onde está a mamãe? — Della engoliu o nó que se formava em sua garganta.

— Ela saiu. Disse que estava indo ao supermercado. Mamãe nunca faz compras aos sábados de manhã.

— Vou ligar para ela — disse Della, mas seu estômago embrulhou ao pensar no que a mãe diria sobre ela ir visitar a tia contra a vontade do pai.

Depois de se despedir de Marla, Della ligou para a mãe.

O celular tocou duas vezes e a mãe finalmente atendeu.

— Oi, Della.

A voz da mãe não parecia normal.

— Oi, mãe.

— Eu disse para Marla ligar pra você — disse a mãe. — Será que ela esqueceu?

— Não, ela ligou — disse Della, tentando descobrir uma boa justificativa para ela ter visitado a tia.

— Olha, mãe, eu sei que vocês estão aborrecidos...

— Desculpe eu não ter retornado a sua ligação — disse a mãe. — Temos andado muito ocupados.

Della segurou firme o celular. Sua mãe nunca fora de fazer rodeios. Quando havia um problema, ela sempre contava. E rápido. Então, será que isso significava que o problema não era a visita que Della tinha feito à tia?

Um sentimento de alívio encheu o peito dela, mas, no segundo seguinte, o medo se sobrepôs a ele. Se o que estava errado em casa não tinha a ver com ela, tinha a ver com quê?

— Mãe, o que aconteceu?

— Nada... Della. — A voz da mãe fraquejou. Estava chorando?

Droga, sim, ela estava!

— Mãe, qual o problema? Apenas me diga o que é.

— Sinto muito, querida. Isso não é algo com que você precise se preocupar, ok? Provavelmente não vai ser nada.

— Você está doente ou algo assim, mamãe? — Della lembrou que uma das amigas da mãe tinha descoberto um câncer de mama. — Você encontrou algum caroço no seio ou coisa parecida?

— Não.

— É o papai? É ele...? — Seu coração apertou.

— Ninguém está doente. E você vai ter que aceitar que eu não posso falar sobre isso agora.

— Mãe, isso me assusta. Se tem algo errado, eu preciso saber.

— Agora não, querida. Concentre-se apenas em você. — Ela fez uma pausa. — Eu tenho que ir agora. Eu te amo — disse ela.

Lágrimas encheram os olhos de Della.

— Eu também te amo.

Em seguida, a mãe desligou. Della sentou-se ao lado da árvore e deu vazão às lágrimas. Chorou por tudo que estava errado em sua casa. Chorou porque parecia fazer uma eternidade que a mãe tinha dito que a amava. Chorou porque ela não achava que pudesse salvar Natasha e Liam — e eles nunca iriam alugar aquele apartamento. Todo aquele amor que tinham um pelo outro morreria com eles.

Chorou porque sentia falta de Chase.

Depois de uma boa hora chorando, ela enxugou o rosto. Ligou outra vez para Marla e disse que a mãe não iria falar, mas fez a irmã prometer que ligaria se descobrisse o que estava acontecendo.

— Aguenta firme aí, está bem? — ela disse à irmã.

— Pode deixar — disse Marla, com um ar de solidão.

— Por que você não vai ver a sua amiga Mickie? — perguntou Della. — Saia e se divirta um pouco.

— Eu vou — disse Marla. — A mãe dela vem me pegar daqui uma hora.

— Ótimo! Não faça nada que eu não faria. Nem cigarro, nem álcool, nem sexo. Beijo de língua tudo bem, mesmo que seja nojento.

Marla riu e, em seguida, disse:

— Eu sinto sua falta.

A onda de emoção bateu forte.

— Eu sinto sua falta também.

Della desligou, a dor persistente na boca do estômago, e olhou para o celular. A tentação bateu.

Não faça isso. Não faça isso.

Ela fez.

Digitou o número.

— Algo errado? — Chase respondeu ao primeiro toque.

— Por que está perguntando isso? — ela questionou, tentando manter a voz firme, ao se lembrar da voz chorosa da mãe.

— Porque você devia estar com a sua família agora.

— Sim, bem... surgiu um imprevisto.

— Eles não apareceram? — Chase perguntou, parecendo ofendido.

— Não, mas isso não importa.

— Sinto muito — disse ele e, em seguida: — Merda! A sua tia contou ao seu pai que você foi visitá-la?

— Não. Eu pensei que fosse isso, mas... Falei com a minha mãe e ela deu a entender que é outra coisa. Tenho certeza de que não é nada sério.

Então, por que você sente que é?

— Eu estava pensando em Natasha e Liam — disse ela.

— Eu também. Estive pesquisando na internet as tatuagens, como a que eles tinham. Se eu encontrasse o artista que as fez, acho que poderia nos levar até eles.

— Essa é uma boa ideia — disse Della. — Por que não pensei nisso antes? Eu podia pedir para Derek fazer isso, também. Ele é bom em pesquisas na internet.

— Talvez ele tenha mais sorte do que eu — disse Chase, parecendo desapontado.

Della recostou-se contra a árvore.

— Você sabe que a primeira vez que eu vi a tatuagem, ela me lembrou... alguma coisa? Como se fosse um emblema que eu já vi antes.

— Mas você não se lembra onde?

— Não.

Houve um momento de silêncio e ela sabia que ambos estavam temendo o pior.

— Eu fiz um esboço da tatuagem — disse Chase. — Você quer que eu tire uma foto e envie para você? Assim pode mandar para Derek.

— Sim, isso seria bom.

Um pássaro pousou na árvore à direita dela. A vampira olhou para ele.

— Um pica-pau vermelho acaba de pousar aqui — ela disse, lembrando que ele tinha apontado para um, no dia anterior, em sua varanda.

Ele riu.

— Eu estou transformando você numa observadora de pássaros.

— Só porque você quer... — disse ela, mas ficou observando enquanto o pássaro se agarrava à casca da árvore e fazia um barulhinho batendo com o bico. O que Miranda tinha dito mesmo? Ah, sim, que a observação de pássaros clareava a aura.

Ela supôs que sua aura estivesse mesmo precisando clarear.

— O que você está fazendo agora? — ele perguntou.

— Falando com você. Observando pássaros.

— Além disso?

— Nada — disse ela.

— Quer dar um passeio? — Ela ouviu a expectativa na voz dele.

O coração dela bateu animado. Em seguida, desanimou outra vez. Burnett ficaria aborrecido.

— Diga que sim. — Chase parecia solitário. E ela sentia o mesmo.

— Sim — Della disse, e então: — Não.

— Sim ou não? — ele perguntou, a decepção evidente na voz.

— Sim, eu quero ir, mas não apenas para um passeio. Eu quero ir ao Uck's. Ver se os lobisomens estão volta.

— Eu estarei aí em dez minutos... ou menos. — Ela pôde ouvir o sorriso na voz dele. E Della podia imaginá-lo em seus lábios.

— Não corra muito! — disse ela.

— Não sou eu quem leva multa por excesso de velocidade — disse ele, rindo, e desligou.

Um minuto depois, Della já estava com a imagem da tatuagem. Ao olhar para ela teve novamente a sensação maluca de que já tinha visto aquela figura em algum lugar... em algum lugar que nada tinha a ver com as visões. Mas onde, caramba?!

Ela passou a imagem para Derek e perguntou se ele podia fazer uma pesquisa para ver se achava alguma coisa. Então ela foi encontrar Holiday para dizer que estava saindo com Chase.

Conhecendo Holiday, ela provavelmente a faria pedir autorização a Burnett, mas Della não se importava. Ela precisava ver Chase. E precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse ajudá-los a encontrar Natasha e Liam.

Della precisava parar de pensar nos problemas da família, pois não fazia nem ideia do que eram. Ela ainda não tinha dado dois passos quando Burnett apareceu. Obviamente, tinha vindo procurá-la.

E seu olhar lhe dizia que outra coisa tinha acontecido. Ela se lembrou do telefonema. Lembrou-se de ter pensado que eram notícias de Natasha e Liam, o que não seria bom.

Precisou de toda sua força de vontade para não se virar e correr. Ela não queria saber o que era.

Capítulo Quarenta e Um

— Seus pais não apareceram? — perguntou Burnett.

Della rezou para que só fosse isso que ele queria perguntar, que seu olhar fosse apenas de preocupação com ela...

— Não, aconteceu um imprevisto e eles não puderam vir.

Ele suspirou e seu ar triste agitou as emoções de Della também.

— O que foi?

— Eles não identificaram ninguém, mas encontraram dois homens afro-americanos e uma garota que parece oriental. Nós não temos o DNA de Natasha. Mas estamos fazendo um teste de DNA para ver se um dos homens é Liam Jones. Em troca de alguns favores, pedi para fazerem o teste o mais rápido possível. Eu te aviso logo que souber de alguma coisa.

Della começou a tremer. Ela queria gritar que não eram eles. Que eles não sabiam com certeza que Natasha e Liam estavam no ferro-velho. Que não podia ser. As lágrimas encheram seus olhos, mas ela piscou para espantá-las.

Ergueu o queixo e encontrou os olhos de Burnett.

— Chase está vindo me pegar e nós vamos voltar ao Uck's para ver se os lobisomens estão por lá.

As sobrancelhas de Burnett se juntaram quando ele franziu a testa. Depois abriu a boca e Della sabia o que ele diria. Que ela estava perdendo tempo. Que não devia ficar saindo com Chase. Mas, então, o olhar de Burnett encontrou o dela bem quando uma lágrima escorria pelo seu rosto e ele apenas suspirou.

— Bom. Não chegue muito tarde.

Ela respirou fundo e correu para o estacionamento para encontrar Chase.

* * *

Quando ele estacionou, Della teve certeza, pela expressão dele, que Burnett tinha telefonado. Sua garganta se apertou de novo, mas ela jurou que não ia chorar. Chorar não ajudaria. Ela se lembrou de um ditado que o pai tinha uma vez traduzido do chinês. *Chorar não faz nada além de regar a dor e permitir que ela cresça.*

Ela não tinha tempo para que essa dor crescesse.

Chase saltou para fora do carro sem abrir a porta. Foi até ela.

— Burnett contou a você? — perguntou Della.

Ele balançou a cabeça e puxou-a para seu peito.

Ela não resistiu. Nem mesmo quando alguns pais passaram de carro. Ela o abraçou. Nunca tinha precisado tanto de braços ao redor dela quanto precisava dos dele agora.

— Vamos — ele finalmente sussurrou em seu ouvido. — Vamos para o Uck's.

Eles entraram no carro. Ela mordeu o lábio e olhou para ele.

— Será que estamos perdendo tempo?

— Nós não vamos parar de procurar até que tenham uma identificação positiva.

Ela assentiu com a cabeça.

— Concordo.

Eles foram embora, e o vento em seu cabelo e simplesmente o fato de estar sentada ao lado de

Chase fizeram com que a dor diminuísse um pouco.

Quando chegaram, viram que eram os dois únicos seres sobrenaturais no lugar.

Eles tomaram um gole de Coca-Cola e conversaram sobre as visões, tentando achar qualquer coisa que pudesse ajudá-los.

— O lugar em que eles estão não parece um ferro-velho, não é? — ela perguntou.

— Eu acho que não — disse ele.

— Que tipo de lugar poderia ser? — perguntou finalmente Della. — Parece que é subterrâneo.

Tinha paredes de blocos. — Ela deixou o pensamento dar voltas na sua cabeça. — Há alguns túneis subterrâneos em Houston. Eu sei que Kylie esteve num deles um tempo atrás. Será que é alguma coisa assim?

Ele franziu a testa.

— Eu estive num deles também e não é desse jeito. O lugar em que estão é como... um túmulo ou algo assim.

Ela soltou um suspiro profundo e olhou para o celular sobre a mesa. A qualquer momento agora, Burnett poderia ligar e dizer que tudo estava acabado. Doía muito só pensar nisso.

Della foi encher seu copo de refrigerante diet na máquina, quando sentiu um leve cheiro de... lobisomem.

Ela se virou e olhou para Chase. Ele tinha, obviamente, farejado também, porque já estava de pé.

— É esse cheiro? — perguntou.

Ela inspirou novamente, à espera de que seu banco sensorial começasse a acessar os arquivos antigos. E, em seguida... ela teve certeza.

— É isso aí! — ela sussurrou, e teve que abaixar o lábio superior para esconder os caninos projetados. Não por causa do perigo, mas da sua determinação para não perder a pista dessa vez.

Ela começou a olhar ao redor. Um grupo de três rapazes estava sentado num canto, todos eles de boné.

Ela se aproximou dos três, verificando se eram lobisomens. Um barulho de repente veio da frente do restaurante.

— Onde você está indo? — alguém perguntou.

— Por que diabos ele correu? — alguém perguntou.

Della se virou e correu também; e, quanto mais perto chegava do tumulto, mais forte o cheiro ficava. Ela chegou ao balcão e, como não estava disposta a deixar o lobisomem escapar, saltou sobre ele e disparou entre fritadeiras e grelhas, esquivando-se de vários funcionários de olhar aturdido.

Ela sentiu e ouviu Chase logo atrás dela.

— Vocês não podem entrar aqui atrás! — gritou alguém, que parecia o gerente. Um gerente humano.

Ela o ignorou e seguiu seu nariz até os fundos do restaurante. Correu através de um corredor e, em seguida, por uma cozinha. Mal tinha entrado na cozinha, quando uma porta de aço sólido que levava para fora fechou com estrondo.

— Parem esses malucos! — gritou o gerente.

Della avançou, mas cerca de cinco funcionários do Uck's Burgers a cercaram, parecendo ansiosos para obedecer ao patrão. Chase de repente apareceu às suas costas.

— Humanos demais para usarmos o nosso poder — ele sussurrou no ouvido dela.

A indecisão fervia dentro dela. Ela queria tirá-los do caminho, arrancar a porta das dobradiças e ver quem tinha acabado de passar por ela, mas sabia que Chase estava certo. Burnett havia insistido nessa lição desde o início. Demonstrações públicas de poder eram proibidas.

Ela sentiu os olhos se iluminarem e respirou fundo, tentando se acalmar.

— Quem acabou de sair por aqui? — ela perguntou.

— Quem quer saber? — perguntou o gerente. — Eu vou ter que dizer à polícia quando chamá-la.

— Não se preocupe, eu chamo pra você — Chase pegou o celular.

Ela achou que ele estava ligando para alguém do Conselho dos Vampiros. Mas depois ouviu a voz de Burnett na linha.

— Algo errado?

— Precisamos de ajuda no Uck's. Alguém acabou de correr para fugir de nós e o gerente e seus funcionários não vão cooperar.

— Chego em cinco minutos.

Levou apenas três minutos. Burnett entrou, o distintivo em destaque, preso no cinto. Não pediu permissão para entrar atrás do balcão. Não saltou sobre ele, mas seu comportamento não era menos intimidante. Ficou ao lado de Della e de Chase e deu uma olhada rápida nos dois.

— Vocês são de onde? — perguntou o gerente, olhando o distintivo.

— Da UPF, uma agência que trabalha para o FBI em casos locais.

— Que diabos o FBI está fazendo aqui? — O gerente continuou a falar, reclamando sobre todos os clientes que tinha perdido devido à confusão. Então começou a comentar sobre os assaltos que já tinham sofrido.

Burnett o ignorou e virou-se para Della e Chase.

— O que aconteceu?

— O cara fugiu correndo — disse Chase. — Acho que ele pode ter reconhecido Della e fugido pelos fundos, e esse cara não queria que a gente fosse atrás dele.

— Eu tenho um cofre no meu escritório... — O gerente continuou falando sem parar. — Não posso simplesmente deixar que entrem aqui atrás. Você deviam prendê-los — o sujeito careca disse a Burnett. — Eu não acho...

Burnett se virou e olhou para o sujeito com o seu pior olhar de intimidação.

— Cale a boca! — retrucou. — Mais uma palavra e eu mando a vigilância sanitária fazer uma visitinha antes de você jogar fora aquela carne com a validade vencida que está cozinhando. E já vi mais de dez outras violações apenas andando por aqui.

Chase se inclinou.

— Esse distintivo com certeza veio a calhar.

Della olhou por cima do ombro para ele.

— Eu sei. — Aquela tinha sido a primeira coisa positiva que Chase tinha dito sobre a UPF, e ela não pôde deixar de se perguntar se ele não estaria começando a dar o braço a torcer.

Burnett não precisou dizer mais nada para o Senhor Gerente começar a se mostrar mais cooperativo. E quando Burnett perguntou quem tinha saído pelos fundos, ele começou a dar com a língua nos dentes.

— Era um dos meus novos fornecedores. Ele entrou, correu para a registradora e, quando vimos, estava voando para os fundos, tão rápido que mal o vimos. Então, esses dois pularam o balcão como se fossem sobre-humanos.

— Me traga tudo o que você tem sobre esse cara. Agora! — ordenou Burnett quando o homem não se mexeu rápido o suficiente para ele.

O gerente arrancou até o escritório. Antes de Burnett segui-lo, ele se aproximou de Chase e Della e disse em voz baixa:

— O teste de DNA deu negativo. Não era Liam.

Della queria beijar Burnett. Droga, Chase parecia tão feliz que até seria capaz de beijá-lo também.

Um sentimento tomou conta dela. Uma sensação de que ela realmente gostava. Esperança. Natasha e Liam estavam vivos e ela ia fazer tudo que estivesse ao seu alcance para se certificar de que ficassem assim. Della teve que engolir quatro ou cinco vezes para não deixar lágrimas de alegria encherem seus olhos.

Quando Burnett seguiu o gerente até o escritório, Chase passou as costas da mão contra a de Della. Um toque suave, mas que dizia muito. Chase sentia a mesma coisa. Esperança. Incrível quanto se apreciava esse sentimento depois que ele é tirado de você.

— O que o Ruivo fez? — um dos caras nos fundos perguntou.

— Ruivo? — perguntou Della. — Esse é o apelido dele?

— É assim que a gente chama ele. Cabelo ruivo e tudo mais.

Cabelo ruivo? A mente de Della começou a ligar os pontos novamente e ela encontrou mais pontos do que esperava. O último cara de cabelos ruivos que ela tinha encontrado estava no cemitério onde Chan tinha sido enterrado. O cemitério onde os seguranças tinham uniformes puídos.

E nos uniformes havia um... emblema de cruz.

De repente, ela ouviu o comentário que Chase tinha feito antes: *O lugar em que estão é como... um túmulo ou algo assim.* Ela se virou para Chase.

— Eu sei onde eles estão!

Burnett saiu do escritório, parecendo surpreso e um tanto satisfeito por ter conseguido alguma coisa útil.

— Ele trabalhou no cemitério, não foi? Evert alguma coisa, certo? — perguntou Della.

Burnett concordou.

— Como você sabia?

— Eles disseram que o chamam de Ruivo por causa do cabelo ruivo. E Natasha e Liam tinham tatuagens — como um marca — semelhantes ao emblema dos uniformes dos seguranças do cemitério. Eles prenderam os dois lá, Burnett, em algum tipo de tumba subterrânea.

Ele pegou o celular.

— Nós vamos virar esse cemitério de cabeça para baixo se for preciso. Vou pedir para alguns agentes nos encontrarem lá.

Já estava escuro quando chegaram ao cemitério. Della olhou para a lua, a apenas um dia de entrar na fase cheia, o que significava que os lobisomens estavam na sua fase de maior força. Não que isso a preocupasse agora.

Eles aterrissaram na entrada da frente. O luar de prata banhava um portão de metal oxidado, com o símbolo da cruz. Ela queria bater em si mesma por não ter se lembrado daquilo antes. Mas não tinha tempo para isso.

Três outros agentes vampiros apareceram em segundos. Della respirou fundo e sentiu cheiro de lobisomem do lado de fora do portão. E Ruivo estava entre eles.

Burnett emparelhou com os agentes e mandou cada um para um lado do cemitério, por onde eles iriam entrar.

— É mais provável que os guardas não estejam no escritório. Provavelmente estão andando entre os túmulos. Se cercarmos o cemitério terão menos chance de escapar. Vamos pegar esses caras — ele disse, e olhou para a lua. — Lembrem-se, eles estão mais poderosos agora.

Della e Chase foram para o lado oeste do cemitério, como Burnett tinha mandado.

Logo antes de saltar a cerca, Della sentiu um cheiro forte de lobisomem.

Chase olhou para ela, para que soubesse que ele tinha sentido também.

Ele levantou três dedos, e quando baixou o último, ambos saltaram juntos por cima da cerca de quase dois metros.

Entre dois postes enferrujados, Della ouviu lobisomens conversando.

Eles estavam perto. Muito perto.

O som dos seus passos e dos de Chase batendo no chão ecoava no escuro.

A conversa parou. O silêncio ecoou.

Ou os guardas tinham ouvido seus passos ou sentido o seu cheiro. Della não se importou. Ela estava pronta para chutar um traseiro.

Capítulo Quarenta e Dois

Eles estavam em cinco. Mesmo no escuro, Della os viu investindo com tudo para cima deles.

Chase desviou os olhos rapidamente para ela, como que para ter certeza de que Della estava pronta.

Ele podia apostar que sim. Por Natasha e Liam, ela estava pronta para fazer qualquer coisa que fosse preciso.

Ela deu um chute, atingindo o primeiro lobisomem no estômago e fazendo-o voar uns dois metros no ar. Uma árvore esperava por ele. Bateu contra o tronco com um baque agourento, então deslizou para o chão. Sua falta de tônus muscular dizia a Della que ele estava inconsciente.

Um a menos, só faltavam quatro.

Não. Faltavam três. Chase deu um gancho de direita e outro lobisomem caiu no chão, inconsciente.

Mais dois vieram para cima de Della... com facas. As lâminas prateadas refletindo o brilho da lua.

Com o canto do olho, ela viu mais seis lobisomens disparando na direção deles. Droga! Era uma alcateia inteira!

Quatro rodearam Chase. E mais dois vieram se juntar aos outros dois que a cercavam.

Ela ia chutar um deles para ter mais chance, quando outro fincou a faca em seu braço.

Ela sentiu a dor.

Cheirava a sangue.

Aquilo foi o suficiente para deixá-la com muita raiva.

O rosnado de Chase encheu o ar da noite. Temendo que ele estivesse ferido, ela olhou para onde ele estava.

Os olhos dele estavam vermelhos e brilhantes, suas presas completamente projetadas, mas ela teve impressão de que a reação de Chase tinha sido desencadeada pelo ferimento no braço dela. Ele mesmo não estava ferido.

Essa segunda olhada custou caro. Os lobisomens agora estavam mais perto. Muito mais perto. Com mãos, pés, facas, vieram para cima dela de uma só vez. Mas Della usou o seu poder para se defender, bloqueando e até desferindo alguns golpes, enquanto se movia.

Ela pegou um dos lobisomens pelo pulso, girou-o, colocando-o à sua frente, e deixou que ele tomasse por ela alguns golpes de seus amigos. Ele grunhiu, gemeu, enquanto recebia socos nas costelas.

Quando seus amigos pararam de bater, ela usou seu prisioneiro como uma bola de boliche. Chan, que era um campeão de boliche, teria ficado orgulhoso. Ele teria considerado a jogada um *spare*, porque apenas um tinha permanecido de pé.

Justo quando ela investiu para derrubá-lo de uma vez, Burnett apareceu. Pegou o lobisomem pelo braço e jogou-o contra uma árvore.

Della virou-se para ajudar Chase. Mas, em vez disso, ela o viu golpear seu último atacante.

Burnett olhou em volta.

— Considerando as probabilidades, vocês se saíram muito bem.

Então os olhos dele ficaram mais brilhante quando ele se aproximou de Della e sentiu o cheiro de sangue em sua camisa.

— Está tudo bem — ela murmurou. Antes que Burnett começasse a paparicá-la, Chase já estava ao lado dela fazendo justamente isso. Ele arrancou a manga da camisa para ver a ferida.

— Não é nada sério — disse ela.

Logo em seguida, o barulho de passos se aproximando rápido soou nos ouvidos de Della. Todos os três se viraram ao mesmo tempo.

Della inspirou o ar pelo nariz e sentiu cheiro de lobisomem. Mas ele não estava sozinho. Estava sendo perseguido por vários vampiros — os outros agentes da UPF.

Então ela identificou o cheiro em seu banco de memórias.

— Eu conheço esse cheiro! — disse ela e disparou.

À luz prateada da lua, ela avistou Ruivo correndo na direção dela. Ele a viu e deu uma guinada, movendo-se rápido de volta para o bosque de pinheiros altos. Mas não rápido o suficiente.

— O “brinquedinho” está de volta! — Della sibilou quando o abordou, pressionando-o contra a camada de folhas de pinheiro que cobria o chão.

Ela colocou o joelho nas costas dele.

— Se mexa e eu prometo que vou bater em você onde mais dói e você vai ficar semanas falando fino.

Quando viu que ele não iria revidar, Della o fez rolar até ficar de costas e olhou-o nos olhos.

— Onde eles estão? — Medo enchia os olhos do lobisomem e era por uma boa razão. Della não tinha a intenção de pedir duas vezes.

Ruivo, juntamente com os outros lobisomens, contou a mesma história. O proprietário do cemitério, Ramon Henderson, era cúmplice das lutas subterrâneas. Mas quando receberam de Dallas a notícia de que a UPF estava atrás deles, Henderson fez as malas, pegou seus melhores homens e voou para o México.

Eles também admitiram que havia vários recém-criados presos no cemitério, mas tudo o que sabiam era que eram mantidos em câmaras funerárias. Henderson e seus principais homens haviam se encarregado deles, os outros tinham simplesmente suposto que ele tinha descartado as provas.

Havia seis câmaras funerárias no cemitério. Chaves com o número de cada uma delas estavam penduradas na parede do escritório.

As quatro primeiras estavam vazias. Enquanto Della, Burnett, Chase e dois outros agentes corriam pelo cemitério, procurando a quinta câmara, ela repetia a si mesma para não entrar em pânico. Só faltavam alguns minutos para encontrarem Natasha e Liam. *Já estamos chegando. Já estamos chegando.* Ela repetia em sua cabeça, de alguma forma esperando que Natasha e Liam pudessem ouvi-la.

A porta da quinta câmara estava emperrada. Burnett correu de volta para o escritório, encontrou duas marretas num almoxarifado, e ele e Chase puseram abaixo a pesada porta de concreto.

Tão logo ela desmoronou, o mesmo aconteceu com o coração de Della. O cheiro forte de morte exalou como se quisesse escapar dali. Os dois agentes deram um passo para trás.

Burnett, cerrando os dentes, olhou para ela e Chase com empatia.

— Vocês dois ficam aqui — ele disse quando entrou na câmara escura.

— Não! — ela gritou e tentou segui-lo, mas Chase a segurou.

— Deixe que ele vá.

Ela lutou com Chase por um segundo, então leu o motivo nos olhos dele. Se fossem eles, Chase não queria que ela os visse naquele estado. Ele também não queria vê-los assim. Della encostou em Chase e lutou para se agarrar firmemente ao seu fio de esperança recém-descoberto. Mas o cheiro de morte era tão forte que ameaçava destruí-lo.

Em apenas alguns segundos Burnett saiu, com o braço cobrindo a metade inferior do rosto. Seu olhar foi para Della e Chase. Ele baixou o braço e engoliu em seco.

— Quatro corpos. Três do sexo masculino, um feminino. Eles estão em decomposição, não dá pra identificar. — Sua voz saiu grossa como se a visão o enojasse.

— Não são eles — disse Della, o pulso tão acelerado que ela o sentia vibrando na garganta. — Eles estavam sozinhos na câmara.

Burnett olhou para baixo como se procurasse reunir forças, e depois os ergueu.

— Uma mulher e um homem estavam sozinhos num cômodo.

Della sentiu a dúvida cortar seu coração como vidro.

— Ainda resta um túmulo.

Burnett assentiu, aparentemente sem se dar por vencido ainda. Ele se virou para os outros e deu ordens para que alguém chamasse um camburão para levar os corpos.

Depois pegou uma marreta, Chase agarrou a outra, e os três saíram em busca do túmulo. O último ficava no meio do cemitério. Eles não falaram enquanto andaram até lá.

A lua só irradiava luz suficiente para que pudessem enxergar algumas lápides de um branco leitoso. Quando chegaram a um túmulo mais alto que Della, ela achou que seu coração iria parar de bater. Não conseguia sorver oxigênio suficiente para encher os pulmões.

Aquela era a reta final. Se Natasha e Liam não estivessem ali...

A chave não queria abrir o cadeado que pendia da grande porta de concreto. Burnett pegou a marreta e golpeou o cadeado até quebrá-lo.

Tanto ela quanto Burnett precisaram empurrar a porta para abri-la.

A escuridão era espessa dentro do túmulo. Burnett ligou uma lanterna. O feixe de luz moveu-se para a esquerda e para a direita. Apenas uma pilha de blocos de concreto enchia a câmara. Nada de Liam. Nada de Natasha.

Chase soltou um suspiro. Della sentiu-o puxá-la mais para perto, e eles se entreolharam. Ele estava tão perto que ela podia ver que os olhos dele pareciam úmidos e sem esperança. O sentimento de frustração cresceu tanto no peito de Della que ela queria gritar. Ela se agachou no chão, abraçou as pernas e enterrou a cabeça nos joelhos. Eles tinham falhado. Della sentiu-se enjoada, seu estômago estava pesado.

— Você ouviu isso?

Ela reconheceu uma voz e sua respiração estremeceu. Não tinha sido Chase ou Burnett.

— Ouvi o quê? — Ela levantou o rosto, mas só viu escuridão.

— Um barulho — disse Liam.

— Eles devem estar enterrando outra pessoa — disse Natasha. — Eu não quero ouvir.

— Não, foi diferente. Ouça.

— Não, eu estou cansada, Liam. Quero dormir para sempre.

— Não diga isso.

— Eles estão aqui! — Outra voz soou, mais distante, e Della percebeu que era Chase. — Eles estão aqui em algum lugar!

— Eles não estão — disse Burnett. — Nós tentamos.

Della saiu da visão apenas a tempo de ver Chase pegar a marreta.

— Você ouviu isso? — ele gritou, quando bateu na parede de pedra e abriu um buraco no túmulo.

Ele devia estar na visão, também. E em algum lugar no fundo de sua alma, ela manteve apenas o suficiente da visão para ouvir Liam dizer:

— Isso? Você ouviu isso?

— Eles podem nos ouvir! — Della gritou e pulou. Ela virou à procura de uma porta ou de uma entrada no escuro.

Nada. Em seguida, seu olhar recaiu sobre a pilha de blocos de concreto.

— Ali! — disse ela. — Ali embaixo.

Burnett não parecia convencido, mas, quando ela e Chase começaram a atirar os blocos para o lado, ele ajudou.

Dez blocos pesados depois, Della viu a trava de metal que servia para abrir uma porta de aço. As lágrimas de tristeza que ela tinha derramado agora se transformaram em lágrimas de alegria.

Foi preciso que todos os três puxassem a porta para que ela se abrisse.

Della pulou para dentro do pequeno espaço. Mas não viu nada além de escuridão.

Então, ela ouviu. Uma respiração. Inspirou fundo e sentiu o cheiro de vampiros. Dois.

— Natasha? — chamou Della. — Você está aqui? — Sua visão clareou apenas o suficiente para que ela visse outra porta aberta.

— Nós estamos aqui! — disse Natasha, como se tivesse começado a chorar. — Estamos... aqui. Bem aqui.

Della abaixou-se para passar pela porta. Um feixe de luz veio atrás dela. Ela se virou e viu Chase com uma lanterna.

— Encontramos! — Ela sorriu para ele através das lágrimas.

— Eu sei. — Chase lhe entregou a lanterna e ficou ao lado dela. Seu ombro roçou contra o dela e ela se deixou saborear o toque por um segundo.

— Vamos tirar vocês daqui.

Capítulo Quarenta e Três

O doutor Whitman e a família estavam de férias, portanto Burnett precisou chamar um médico diferente para encontrá-los em Shadow Falls. Ele levou o médico e seus pacientes para um dos quartos de uma cabana vaga. Della, Chase, Burnett, Holiday e Hannah estavam todos na sala de estar. Miranda e Kylie tinham aparecido para dar apoio. Miranda abraçou Della, Kylie apenas mostrou o polegar e então elas foram embora.

Chase sentou-se ao lado de Della, como se ali fosse o seu lugar. Ela não discutiu com ele. Formavam uma equipe muito boa. Embora a maior parte dos seus pensamentos girasse em torno dos dois atrás da porta, ela não podia deixar de pensar sobre a mensagem de Burnett para ela e Chase: *depois desse caso, se você continuar a ver Chase, sua carreira na UPF acabou.*

Será que ela realmente teria que fazer essa escolha?

Ela olhou para Chase e se perguntou quais eram as chances de ele vir trabalhar para a UPF.

Por trás da parede, ela podia ouvir o médico examinando os pacientes. A primeira coisa que ele pediu foi sangue extra. Ele tinha trazido algumas bolsas, mas precisava de mais. Burnett saiu e voltou com quatro bolsas de suas próprias reservas.

O médico os deixou se alimentarem e ministrou soro em ambos, enquanto os monitorava. Encontrar Natasha e Liam vivos tinha acabado com o pânico de Della, mas vê-los tão magros e fracos fez com que parte do sentimento voltasse. Ambos mal tinham se mantido conscientes no caminho para Shadow Falls.

Pareciam-se com os velhos retratos de prisioneiros de guerra. O ânimo na cabana agora estava cautelosamente otimista.

Burnett estava na varanda da frente fazendo alguns telefonemas. Provavelmente para garantir que os agentes cuidariam de tudo no cemitério.

Holiday, com Hannah nos braços, foi se sentar ao lado de Della e Chase. Ela ofereceu a Della um toque suave e calmante e então algumas palavras.

— Estou orgulhosa de você. E de você! — disse ela, olhando para Chase.

— Obrigado — disse Chase, e Della viu um brilho de orgulho nos olhos dele.

Hannah sorriu para Chase e agitou os braços.

— Parece que a minha garotinha já tem bom gosto para homens! — Holiday comentou. — Eu tenho medo de que ela seja uma grande namorada.

Depois de um segundo, Holiday continuou.

— E estou um pouco decepcionada comigo mesma. Eu tinha sérias dúvidas, porque nunca vi um caso em que o espírito fosse capaz de se conectar com duas pessoas vivas, mas estou começando a descobrir que nada é impossível.

— Estou feliz que tudo tenha acabado bem. — Della olhou para a porta do quarto. — Eles vão ficar bem, não vão?

— Eu não sou médica, mas acho que sim.

Della inspirou e sorveu um pouco mais de ar dessa vez.

— Será que o espírito já fez a passagem? — perguntou Holiday.

Della olhou para Holiday.

— Eu não sei.

— Ah, você saberia se ela já tivesse feito — disse Holiday. — Você vai ver. É bem bonito. A recompensa por todo o seu trabalho. E vale a pena. — Ela tinha um sorriso suave no rosto.

— Então eu acho que ela ainda não fez — disse Della.

— Por que ela ainda está vagando por aí? — Chase se inclinou na direção de Della para perguntar.

— Ela pode querer se certificar de que eles estão bem. Ou pode querer algo mais.

Della recordou a visão sangrenta da tia, morta. E ela sabia, graças a Holiday e Kylie, que muitas vezes o que os fantasmas querem é justiça. Mas como ela poderia oferecer isso se o assassinato tinha acontecido havia tantos anos? E o pensamento de ainda tentar descobrir a verdade quando...

Holiday falou novamente.

— Você já encontrou a ligação entre o fantasma e esses dois?

— Ela é a mãe de Natasha — disse Della, mas não adicionou o fato de que também era sua tia. Ela sabia que isso levaria Burnett a descobrir muitas verdades. E antes que ele começasse a investigar a sua árvore genealógica, Della queria descobrir as respostas por si mesma.

Holiday sorriu.

— Eu devia ter adivinhado. — Ela fez Hannah saltitar em seu colo. — Laços maternos são muito poderosos.

Os pensamentos de Della foram para a mãe e a última vez que tinha falado com ela. Della só podia rezar para que o problema que havia surgido em sua casa estivesse resolvido. Mas assim que tivesse uma chance, ligaria para a mãe.

Vozes ecoaram do quarto e ela ouviu Natasha conversar com o médico.

Della queria falar com Natasha, mas Burnett insistiu para que fossem examinados pelo médico primeiro. E imediatamente.

Por fim, o médico saiu. Burnett entrou na cabana. Holiday, Chase e Della, todos se levantaram. O médico sorriu e de repente o ar ficou mais leve para Della.

— Eles vão ficar bem. Não sei quanto tempo mais poderiam ter aguentado. Vai levar algum tempo para recuperarem as forças. Provavelmente vão ter cicatrizes mais emocionais do que físicas, mas vão ficar bem.

Della inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e fez uma oração de agradecimento. Chase se inclinou e sussurrou em seu ouvido:

— Nós conseguimos.

Della abriu os olhos e sorriu para ele.

— Os pacientes precisam descansar — continuou o médico. — Mas, se quiserem fazer uma visita, tudo bem. Só não se demorem muito. Um por vez e sem muita conversa.

Burnett avançou e olhou para Della e Chase.

— Eu tenho que ir para o escritório preencher alguns papéis. Por que vocês dois não vão vê-los e eu faço o meu interrogatório mais tarde.

Della assentiu.

— Ah! — acrescentou o médico. — Eu tentei convencê-los de que descansariam melhor em quartos separados, mas eles se recusaram a se separar. Mas isso não é incomum entre vítimas que passaram por uma grande provação juntos. Recomendo que os deixem ficar juntos por um tempo.

Della apostava que Natasha e Liam ficariam juntos por muito tempo.

O celular de Chase começou a vibrar no bolso. Ele o pegou e olhou para Della.

— É o Conselho, preciso informá-los sobre tudo o que aconteceu.

Della viu Burnett fazer cara feia, mas para seu crédito, não disse nada. Ele beijou a esposa e a filha e saiu.

Depois de alguns segundos, Chase foi para a varanda atender ao seu telefonema. Della ouviu-o contando o que tinha acontecido.

Ela olhou para o médico.

— Tudo bem se eu entrar agora?

— Tudo. Mas se eles estiverem dormindo, não os incomode.

— Entendi. — Ela começou a andar em direção à porta do quarto quando Chase voltou para dentro da cabana. Foi até onde ela estava.

— Eu preciso resolver outras coisas no Conselho pessoalmente. Não devo demorar.

— Tudo bem — disse ela. Antes que Della percebesse sua intenção, ele se inclinou e a beijou. Não foi um beijo cheio de tensão sexual, apenas uma simples despedida, de alguém que se preocupava com outra pessoa. Era muito parecido, Della percebeu, com o beijo que Burnett tinha acabado de dar em Holiday.

Chase sorriu e, em seguida, passou o dedo sobre os lábios dela.

— Eu não vou demorar.

— Nós precisamos conversar — disse ela, disposta a contar sobre o ultimato da UPF.

— Faremos isso — disse ele, e Della viu em seus olhos quanto ele se preocupava com ela.

Chase se virou para ir embora, mas ela pegou a mão dele e puxou-o de volta. E ela o beijou. Esse beijo durou apenas um pouco mais. Ela sabia que Holiday e o médico estavam olhando, mas, pela primeira vez, não se importou.

— Obrigada — disse Della quando se afastou.

— Pelo quê? — ele perguntou, sorrindo.

— Por tudo.

Chase apertou a mão dela.

— Volto assim que puder.

Ela sorriu e o observou sair. Quando o viu dar um salto do lado de fora da varanda, Della sentiu como se uma parte de si mesma tivesse decolado com ele. Então se deu conta de que, de alguma forma, de alguma maneira, ela não ia deixar de ver Chase. Não importava se seus sentimentos deviam-se à ligação. Ela ainda assim os sentia. E o fato de estarem juntos estava certo. Como Natasha e Liam. Como Kylie e Lucas. Burnett e Holiday.

Quando olhou para trás, ela viu que a expressão de Holiday não era de felicidade. Mas Della recusou-se a se preocupar muito. Ia dar tudo certo. Ela tinha que acreditar nisso.

— Eu vou dar uma olhada em Natasha e Liam — disse ela.

— Faça isso — disse Holiday.

Della se aproximou da porta e fez uma pausa. Respirando fundo, não completamente certa do que ia dizer à prima e Liam, ela abriu a porta devagar.

Natasha e Liam estavam em camas de solteiro, mas alguém tinha colocado as duas juntas. Ambos estavam tomando soro. Ambos tinham os olhos fechados.

Della parou na porta, seu olhar procurando Natasha. O médico devia ter usado um pano para pelo menos tirar um pouco da sujeira do rosto dela.

Ela usava um vestido e Della suspeitava que era de Holiday. Estava quase se virando para ir embora quando os olhos de Natasha se abriram.

Della sorriu para a garota, mesmo que fosse difícil vê-la com grandes olheiras escuras sob os olhos e o rosto encovado.

Natasha retribuiu o sorriso e sentou-se um pouco.

— Você não gostaria de descansar agora? Posso voltar depois.

— Não, por favor, entre. — Natasha fez um gesto para ela e em seguida olhou para Liam, que ainda estava dormindo.

Della se aproximou.

— Eu tenho ordens do médico para não ficar muito tempo.

Natasha assentiu com a cabeça.

— Ouvi dizer que você e aquele rapaz foram os responsáveis por nos encontrar.

A indecisão deu voltas na cabeça dela. Será que deveria dizer a Natasha toda a verdade sobre o fantasma? Sim, Della concluiu. Natasha merecia saber. Della se aproximou um pouco mais e se sentou numa cadeira ao lado da cama.

— Na verdade, tivemos muita ajuda.

— A polícia, ou... como vocês a chamam? A UP... alguma coisa?

— A UPF — disse Della. — Eles são como a polícia dos seres sobrenaturais.

Della viu Natasha apertar os olhos para verificar o seu padrão.

— Então você é uma vampira, também?

Della concordou e se lembrou do que ela precisava contar à garota.

— A UPF ajudou, mas... — Ah, droga, como é que ela iria contar? — Na realidade, Natasha, sua mãe é a pessoa que mais merece crédito por encontrar vocês.

— Minha mãe? — Os olhos de Natasha se arregalaram. — Mas eu pensei... Me disseram que ela achava que eu tinha morrido.

— Não, não a sua mãe adotiva. Sua mãe biológica, Bao Yu Tsang.

Agora as lágrimas encheram os olhos de Natasha e ela tocou os lábios trêmulos.

— Eu pensei que ela estivesse morta.

Merda! Della tinha estragado tudo.

— Sim, bem, ela está. Sinto muito. Mas... ela vagou por aqui esses anos todos, provavelmente zelando por você.

Natasha olhou para Della como se ela talvez precisasse de um psiquiatra.

Della hesitou e depois acrescentou:

— Eu sei que parece loucura. Pode acreditar, é um pouco mesmo. — De repente, o frio encheu o pequeno quarto, e Della soube que sua tia estava lá.

— Você está dizendo que o espírito da minha verdadeira mãe ajudou a me encontrar?

Della assentiu.

— Sim, em resumo é isso. — *Exceto que eu estava em seu corpo quando você e o dorminhoco ali estavam fazendo “aquilo”*. Talvez ela não devesse contar a Natasha essa parte.

A garota olhou para as mãos como se estivesse tentando processar o que Della tinha dito.

Della deixou que ela ficasse em silêncio pelo tempo que precisasse.

Finalmente, Natasha ergueu os olhos.

— Meu primeiro impulso é dizer que você está louca. Eu não acredito em fantasmas, mas então... Eu sou uma vampira, e não acreditava em vampiros, até que fui transformada.

— É — concordou Della. — É o tipo de coisa que mexe com a cabeça da gente, não é?

Natasha apenas balançou a cabeça.

— Então, ela disse a você onde me encontrar?

— Bem, sim, quero dizer... É um pouco mais do que isso.

— O que é mais? — perguntou Natasha.

Della suspirou.

— Esta parte pode ficar só entre nós por um tempo?

— Que parte?

— Eu não vou contar nada — disse uma voz masculina.

Della desviou os olhos para Liam, agora de olhos abertos, e pela expressão dele, tinha ouvido o comentário sobre o fantasma também.

— É, você não pode contar, também — disse Della.

— O quê? — perguntou Natasha, parecendo desconfiada.

— Você e eu... nós somos primas — disse Della em voz baixa. — Bao Yu Tsang é... era irmã de meu pai.

Os olhos de Natasha se arregalaram novamente.

— Você é Della? Eu deveria ter te reconhecido. Sua... Quer dizer, a nossa tia, Miao, me mostrou fotos suas.

— Não aquela em que eu estava pelada na banheira com 3 anos de idade, espero — disse Della.

Natasha riu e lágrimas encheram seus olhos.

— Sim, ela me mostrou essa. — Ela respirou fundo. — Nem posso acreditar que estou aqui com você.

Della sentiu a emoção invadir seu coração.

— Eu me sinto assim também. E não é que eu não queira que as pessoas saibam, é que estou tentando descobrir algumas coisas sobre a nossa família, e por ora, queria que isso ficasse apenas entre nós.

— Há algo errado? — perguntou Natasha.

— Não é nada com que precise se preocupar agora. — Della sentiu a temperatura do quarto cair um pouco mais.

Natasha puxou o lençol mais para cima e balançou a cabeça. Então ela pareceu à beira das lágrimas novamente.

— Quando Chan morreu, eu... Eu fiquei devastada. Nós saímos algumas vezes. Fomos ao boliche. Mas a mãe dele, Miao, ficou tão arrasada, que eu me senti muito mal indo vê-la, porque era como se a minha presença fizesse com que ela se lembrasse dele.

Della ia começar a contar a ela que Chan naquela época não estava morto, mas que acabou morrendo depois, mas aquilo levaria muito tempo e despertaria muitas emoções. Mais tarde ela contaria tudo, mas não agora.

— O médico disse para eu não ficar muito tempo. Obviamente, tenho muito a contar a vocês. Mas teremos tempo de sobra.

Diga a ela que eu a amava.

Della lutou contra o frio no quarto.

— Sua mãe, ela amava você.

De repente, Della sentiu que Natasha precisava saber mais.

— Ela queria ficar com você, mas os pais dela eram muito antiquados e ela não teve escolha.

Natasha enxugou uma lágrima em seu rosto.

— Eu sei. Você vai vê-la novamente? Minha mãe?

— Eu mais a ouço do que a vejo. Mas eu a vi algumas vezes.

— Você pode dizer a ela que eu entendo, e que eu tive uma boa mãe e um bom pai? Diga a ela que eu não a culpo. Miao me contou o que aconteceu. Que os pais dela e os pais do meu pai não me

aceitaram. Queriam que ela me abortasse, mas ela se recusou. Diga a ela que agradeço por me dar a vida. Ah, e por me salvar agora.

Della ouviu o fantasma chorar baixinho.

— Ela pode ouvi-la.

— Ela está aqui?

Della assentiu.

— Obrigada — disse Natasha.

— Sim, quero agradecer também — acrescentou Liam e estendeu a mão para tomar a de Natasha.

Capítulo Quarenta e Quatro

Mal Della tinha saído do quarto de Natasha, seu celular tocou.

— Oi — disse Chase, e o peito da vampira se aqueceu com a vontade de vê-lo. — Como estão eles?

— Bem — disse Della, embora sentisse tensão na voz dele.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Sim, mas eu não acho que não vou conseguir voltar aí esta noite. O Conselho quer relatórios e tudo mais. Você pode sair amanhã?

— Sim — disse Della, tomando a decisão de fazer aquele encontro acontecer. Ela não se importava de ter que ir contra a vontade de Burnett. — Que horas?

— Nove da manhã? Ou oito. Vou passar com você todo tempo que puder.

— Nove — disse Della. — Vou querer dar uma passada para ver Natasha e Liam novamente.

— Certo. E quando a gente voltar, talvez eu possa visitá-los. É estranho, não é? Eu meio que sinto que os conheço.

— Eu também — disse Della, pensando que seria bom ter Natasha em sua vida.

Chase se despediu e desligou, na esperança de que o dia seguinte acabasse tão bem quanto aquele.

Uma hora mais tarde, Shawn, o agente que os tinha ajudado no caso, apareceu apenas para ver se estava tudo bem. Della, Holiday e Shawn conversaram por um tempo, e então ele e Holiday foram embora.

Depois de se certificar de que Natasha e Liam não precisavam de nada e dar à prima o número dos telefones de Holiday e de Burnett, Della foi para a sua cabana. Miranda e Kylie estavam à mesa novamente, com Cocas Diet.

Miranda tinha lágrimas nos olhos. *Ah, droga.*

— E aí?

Kylie pareceu esperar para ver se Miranda ia responder e, quando viu que ela não ia fazer isso, Kylie fez por ela.

— Shawn veio vê-la.

— E então? — perguntou Della olhando para a bruxa.

— Eu acho que ele gosta de mim e eu não sei o que fazer.

Della se sentou ao lado das amigas.

— Você faz o que quiser — disse ela.

Miranda balançou a cabeça e olhou para Della.

— Você não se sente nem um pouco culpada? Você gostava de Steve, e, então, puf!, simplesmente passou a sair com Chase.

Della engoliu em seco.

— Sim, às vezes eu me sinto culpada, mas então lembro que ele foi embora, não eu. E ele me disse para descobrir o que havia entre mim e Chase. — Ela olhou para Kylie. — É como Kylie. Derek se afastou de Kylie e ela percebeu que ele não era o cara. Lucas era. — Della suspirou. — Eu não quero magoar Steve, mas o que existe entre mim e Chase é maior.

— Mas eu não posso dizer o mesmo — disse Miranda. — E vocês duas disseram que Perry parece o cara certo para mim.

Kylie acenou com a cabeça.

— Talvez ele fosse o cara certo para você, na época. Eu não me arrependo do que eu tive com Derek. Ele estava ao meu lado quando precisei. Eu vou sempre sentir carinho por ele. E acho que as pessoas entram na nossa vida assim. Della precisou de Steve para ajudá-la a esquecer o idiota do ex-namorado, e você precisava de Perry para ajudá-la a se adaptar a tudo por que estava passando.

Por mais que Della normalmente detestasse a porcaria de psicanálise de Kylie, aquilo fazia sentido. Ela provavelmente sempre sentiria carinho por Steve.

Miranda virou a lata de refrigerante nas mãos.

— Eu tentei ligar para ele, e ele nem retornou a ligação. Quero dizer, se ele tivesse pelo menos me ligado, eu perguntaria se ele está saindo com outras pessoas, e se estivesse... Eu odeio Perry! E provavelmente vou tomar sorvete por uma semana. — Ela lançou a Della um olhar de quem dizia: “E não se atreva a querer me impedir!”. — Mas eu poderia dar a Shawn uma chance.

Os olhos da bruxa quase ficaram marejados novamente.

— Você já teve alguma notícia de Steve?

Della se lembrou da mensagem de texto, mas, com medo de que isso fosse magoar Miranda, ela mentiu.

— Não.

— Como estão Natasha e Liam? — perguntou Kylie, mudando de assunto.

— Eles estão bem — disse Della.

— Você deve estar orgulhosa de si mesma — disse Kylie. — Foi você quem conseguiu isso. Você chegou a ver o fantasma fazendo a passagem?

Della balançou a cabeça.

— Não.

— Isso é estranho — disse Kylie.

— Na verdade, não — disse Della. — Eu não acho que ela já tenha conseguido tudo o que quer comigo.

— O que mais ela quer? — perguntou Miranda.

— Descobrir quem a matou. — Só dizer isso já fazia com que Della tivesse certeza. O fantasma precisava saber.

— Eu odiaria ter que fazer isso — disse Kylie.

— Sim, eu também — disse Della, e teve um vislumbre da visão e do homem que se parecia com o pai dela de pé com uma faca ensanguentada na mão. — Eu acho que vou para a cama.

Della dormiu com os olhos pregados na Smurfette, pensando em Chase. Então ela ouviu a pergunta de Miranda: *Você não se sente nem um pouco culpada? Você gostava de Steve, e, então, puf!, simplesmente passou a sair com Chase.*

Ela não devia se sentir culpada, disse a si mesma. Steve provavelmente já sabia que iria partir quando começou a fazer tudo para conquistar o coração dela. Isso tinha sido errado.

Muito errado.

Às seis e meia da manhã seguinte, Della acordou com o telefone tocando. Caramba, será que ela tinha rolado na cama a noite toda? Ela achava que não. Realmente precisava de descanso.

Quando ela pegou o celular, avistou a Smurfette boba e sorriu. Quando viu que o telefonema era de Chase, abriu um sorriso.

— Olá! — disse ela.

— Ainda estava dormindo? — ele perguntou com a voz rouca, como se tivesse acabado de acordar também.

— Sim — disse ela.

— Desculpe, eu te acordei e... Sinto sua falta. Quer que eu encontre você às sete em vez das nove? Ela sorriu.

— Não. Tenho que visitar Natasha e Liam, e então avisar Burnett e Holiday que vou encontrar você. — E ela queria ligar para Marla também. Só para se certificar de que as coisas em casa não tinham piorado ainda mais.

Ele devia ter captado alguma coisa na voz dela.

— Você acha que vão criar problema com isso?

— Eu não vou pedir, só vou avisar que vou sair com você — disse ela.

— Porque acha que eles não iriam deixar você vir? — Chase perguntou.

— Vamos falar sobre isso mais tarde — disse ela. Mas eles teriam que ter essa conversa. Ela fechou os olhos. Será que Chase iria trabalhar para a UPF? Um sentimento de apreensão tomou conta dela e o bom humor do início da manhã desapareceu.

— Ok. Então às nove — disse ele. — O que você quer fazer? — perguntou.

Ela sentiu um pequeno tremor percorrê-la. O que ela queria fazer? Estaria pronta para deixar que aquela coisa entre eles passasse para o próximo nível?

— Por que a gente apenas não deixa as coisas fluírem?

— Parece bom. — Ele ficou quieto. — Eu sinto sua falta — disse Chase.

Ela olhou para a Smurfette.

— Eu também.

Della se levantou para tomar banho. Lavou o cabelo, depilou as pernas e até colocou um pouco de maquiagem. Com a toalha enrolada no corpo, atravessou correndo a sala de estar para voltar ao quarto. Kylie e Miranda ainda dormiam e ela preferiu sair antes que acordassem. Precisava admitir que não queria que soubessem dos seus planos, porque ela não sabia o que estava planejando.

Abriu a gaveta de roupas íntimas, encontrou um sutiã preto por baixo dos brancos de todo dia. Ela o tirou da gaveta. A peça de tecido rendado pendeu do seu dedo e ela suspirou. Estava pensando em deixar Chase ver aquele sutiã? Estava pensando em deixar Chase *tirar* aquele sutiã?

Ah, mas que inferno! Ela não sabia. Mas só porque o usaria, não significava que ficaria nua. Ela vestiu o sutiã e depois encontrou uma calcinha preta que combinasse.

Quinze minutos depois, já do lado de fora da cabana, fazendo a curva que levava em direção à cabana de Natasha, seu celular tocou.

Achando que seria Chase novamente, pegou o celular, ansiosa, mas uma breve olhada revelou o número de Burnett.

— O que foi agora? — ela murmurou, rezando para que não fossem más notícias. Rezando para que não fosse para lembrá-la de que seu tempo com Chase tinha terminado.

— Você já está de pé? — perguntou Burnett.

— A caminho da cabana de Natasha e Liam. Por quê?

— Você pode vir ao escritório em vez disso?

— Por quê? — ela perguntou.

— Vejo você em um minuto — disse ele, sem responder à pergunta.

Droga, droga, droga! Seus instintos lhe diziam que aquilo não era bom.

Burnett esperava no escritório de Holiday, que não estava lá, o que talvez significasse que a notícia não era tão ruim assim. Ela tinha notado que, quando as coisas eram muito ruins, ele pedia para Holiday ficar por perto para fazer, com seu toque mágico, que as notícias ruins parecessem mais toleráveis.

Della mal tinha subido os degraus da cabana quando sentiu o cheiro de Holiday e a viu saindo do banheiro. E ela não parecia feliz.

Della respirou fundo e se sentou no sofá antes que insistissem para que ela fizesse justamente isso. Holiday se aproximou e se sentou ao lado dela.

— O que foi? — perguntou Della.

Burnett pegou um grande envelope marrom e se sentou no braço do sofá.

— Eu disse a você que eu tinha algumas preocupações com relação a Chase.

Portanto, aquilo era sobre ela e Chase não se verem mais. Mas Burnett só iria desperdiçar o seu tempo.

— Eu sei. — Della olhou de Burnett para Holiday e de volta para Burnett. — Mas nós trabalhamos juntos nesse caso e foi ótimo. E eu acho... pelo menos, espero, que eu possa convencê-lo a trabalhar para a UPF.

Burnett olhou para o envelope nas mãos.

— Eu pedi para Hayden ficar invisível e se esconder na cabana de Chase para ver se ele não estava fazendo nada de errado.

Della franziu a testa.

— Isso não foi legal.

— Fique brava comigo se quiser. Mas eu fiz isso porque sabia que você não iria parar de vê-lo. E para deixá-la continuar essa relação, eu tinha que ter certeza.

Della teve um mau pressentimento. Por que Burnett estava lhe dizendo aquilo? Ele achava que tinha pegado Chase fazendo algo ilícito?

Ela olhou para o envelope que ele segurava e soube que continha algo ruim. Algo que Burnett iria usar para tentar mantê-la longe de Chase. Ela não tinha certeza do que havia ali, e não tinha certeza de que iria funcionar.

— Então, o que você tem aí? — perguntou ela.

— Para ser sincero — Burnett disse. — Eu não sei, mas está me intrigando.

— O que está te intrigando?

Quando ele não começou imediatamente a falar nem passou para ela as provas, Della ficou um pouco irritada. Pegou da mão dele o envelope.

Ele franziu a testa, mas ela franziu também.

— Della — disse Holiday como que para tentar acalmá-la.

Della revirou os olhos para a *fae*.

— Ele vai me mostrar isso mais cedo ou mais tarde, não vai? Vamos apenas apressar as coisas.

Capítulo Quarenta e Cinco

Eram fotografias. De tamanho grande. A primeira era de Chase na varanda de casa. Nenhuma prova que o incriminasse.

As mãos dela tremiam com a fúria que sentia por Burnett interferir na sua vida. Ela pegou a próxima foto. Chase sentado na varanda com o binóculo nas mãos. Observação de pássaros. Ah, sim, isso fazia dele uma pessoa horrível!

Ela passou para a próxima foto. Chase de pé na varanda, conversando com alguém. Um homem, de costas para a câmera, andando, por isso ele não passava de um borrão.

Ela passou para a foto que vinha depois. Suas mãos pararam de tremer. Seu coração parou de bater.

— Eu não sei o que isso significa — disse Burnett. — Chase conhece o seu pai?

— Eu... Eu... — Ela não sabia o que responder.

Della sentiu o peito ficando pesado, os olhos arderem, mas nenhuma lágrima se atreveu a cair. Ela estava muito ocupada analisando a foto. Analisando o homem que estava na varanda de Chase. Olhando fixamente para a expressão nos olhos de Chase. Ele estava zangado.

Em seguida, ela mudou o foco para o homem. O mesmo rosto do pai. A mesma altura, mas não era ele. Seu pai não tinha braços musculosos; a barriga do pai, embora ele não fosse gordo, era um pouco mais arredondada.

Aquele não era o seu pai.

Aquele era seu tio.

A emoção tomou conta dela em ondas de dor. Chase havia mentido. Andava mentindo para ela desde o início.

Raiva.

Fúria.

Traição.

E pensar que ela tinha vestido seu sutiã preto. Tinha até pensado em tirar o sutiã preto. Ela tinha praticamente caído de quatro por ele...

Não, ela *não tinha* caído de quatro. Mas, por Deus, ele iria cair! Pra valer.

Iria cair de quatro. E era ela que iria colocá-lo lá.

— Você está bem? — perguntou Holiday.

— Não — ela disse. Por que mentir? Burnett saberia. Mas ela disse isso numa voz baixa e tranquila. — Eu posso ficar com isso? — Ela ergueu a foto e tentou ao máximo falar de um jeito amigável.

Burnett concordou.

— Você vai confrontá-lo?

Ou matá-lo.

— Eu acho que é uma boa ideia. — Ela se levantou.

— Eu acho que não — Holiday se levantou e pegou o braço dela. — Você está muito alterada.

— Ela me parece muito bem — disse Burnett. — Deixe-a ir e conseguir respostas. Ela merece saber que tipo de jogo ele está fazendo. Pelo que sabemos, o pai dela quer que Chase encontre algo ruim em Shadow Falls para desacreditar a escola.

Meu pai não está fazendo nada. Mas Della não disse uma palavra.

Holiday continuou a segurar o braço de Della e olhar para o marido.

— Já ouviu o ditado “o silêncio pode ser mortal”? Ou a expressão “a calmaria antes da tempestade”?

— Eu não vou ficar muito tempo — disse Della. — Preciso falar com ele. *E fazer algo mais.*

— Não! — disse Holiday com vigor. — Vá dar uma caminhada ou uma corrida e, depois, volte aqui daqui alguns minutos e nós vamos reavaliar. Quando suas emoções se acalmarem, você pode ir falar com ele.

Della queria explicar que ela não iria se acalmar.

Como poderia? Ela tinha sido enganada.

Ele tinha brincado com ela.

Nada a deixava mais irritada do que alguém fazendo-a de boba. E ela tinha sido muito boba.

— Espere dez minutos. Dez! — insistiu Holiday.

Della assentiu. Ela tirou o celular do bolso e tirou uma foto da fotografia.

— Não vá antes de voltar para me ver — disse Holiday.

— Eu não vou — disse ela, e estava disposta a cumprir a promessa. Não que isso fosse ser fácil, tudo o que ela queria fazer agora era encontrar o Perverso da Calcinha e dizer exatamente o que pensava dele. Mas, ela gostasse ou não, Holiday estava certa. Della tinha que planejar o que precisava dizer, porque no momento não tinha vontade nem de colocar os olhos nele novamente.

Ligados uma ova! Como ele podia dizer que era ligado a ela e depois não fazer nada além de contar mentiras? O tempo todo, ele tinha mentido. Chase sabia sobre o tio dela.

De repente, ela se sentiu enjoada. Saiu do escritório e começou a andar em direção à sua cabana, apenas para perceber que não queria falar com Kylie ou Miranda agora.

Um pouco antes de pegar a trilha que dava no bosque, ela ouviu alguém chamar seu nome.

Derek.

— Mais tarde — Della gritou e começou a decolar.

— Não! — Derek gritou. — É importante.

Ela começou a decolar de qualquer maneira, mas palavras soaram em sua cabeça.

Você precisa ouvir isso!

O frio a cercou.

— Ouvir o quê? Por que diabos eu deveria ouvir uma palavra do que você diz? — Della perguntou, falando com nada mais do que uma parede de ar frio. — Não foi você quem colocou Chase e eu juntos para trabalhar nesse caso? Eu poderia ter salvo Natasha sozinha. Eu não precisava dele!

Ela parou e virou-se para Derek, que esperava atrás dela.

— O que você disse? — ele perguntou.

— Eu não estava falando com você. Mas já que está aqui... O que foi?

Ele apertou os lábios, a preocupação enchendo seus olhos.

— Eu... Merda, Della, eu não sei como dizer isso.

— Isso é fácil. Você abre a boca e as palavras saem — disse ela, sem paciência. — Experimente.

Derek assentiu. Suspirou alto.

— Lembra quando você me pediu para verificar novamente com o detetive sobre o caso da sua tia?

Della assentiu com a cabeça.

— Como eu não o vi mais, liguei para ele na noite passada.

— E então? — Ela fez um gesto com as mãos para apressá-lo.

— O detetive me ligou de volta ontem. Ele disse que, depois que olhou os arquivos, verificou o que todos eles ainda tinham em termos de provas. — Derek arrastou os pés um pouco. — Eles fizeram alguns testes com um pouco de sangue que tinham coletado. Foram inconclusivos. Mas agora que os resultados voltaram — ele hesitou —, eles vão fazer uma prisão. Vão prender seu pai, Della. Sinto muito.

Ela ficou parada ali por alguns segundos.

As palavras de Derek davam voltas na cabeça dela. *Lembra que você me pediu para verificar com o detetive novamente sobre o caso da sua tia?*

Seu pai ia ser preso por assassinato e era por culpa dela.

Se ela não tivesse pedido a Derek para investigar, o caso teria sido encerrado. Não teria sido resolvido.

Ela tinha feito isso. Feito isso com seu pai — um homem extremamente reservado, que nem sequer queria pensar sobre o passado. Agora o mundo inteiro saberia. Haveria notícias, fotos nos jornais.

Seu pai seria humilhado. Pior do que isso, seria acusado de assassinato. E se eles o condenassem?

Della engoliu a dor. Lágrimas ardiam em seus olhos. Se ela não o tinha desapontado antes, tinha feito isso agora.

Não apenas ele dessa vez. Isso não iria ferir apenas ele, mas a sua mãe, a sua irmã. Isso poderia destruir sua família. Completamente.

Que diabos ela tinha feito?

Ou, melhor, como diabos ela iria corrigir aquilo?

Seu celular tocou. Ela o tirou do bolso. O número da irmã apareceu na tela.

Della atendeu à chamada.

— Oi. — Sua voz tremeu um pouco ao dizer isso.

— Della? — A voz da irmã veio junto com muitas lágrimas, assim como as que já escorriam pelo rosto de Della. — A polícia veio aqui... eles levaram o papai. — Marla soluçou. — Eles acham que ele matou alguém. A mamãe está arrasada, ela não para de chorar. Você tem que voltar para casa. Você tem que voltar!

Della ouviu o pedido da Marla. Mas como ela poderia voltar? Como iria conseguir sangue se estivesse morando na casa dos pais? Como conseguiria guardar seu segredo da família? Como poderia deixar Shadow Falls?

E como poderia não ir para casa e tentar corrigir as coisas, se tinha sido ela a causadora de tudo?

— Estou indo — disse Della a Marla. — Estou voltando para casa.

"Inspirador e divertido, estranho e absolutamente maravilhoso.
Uma das melhores histórias que li nos últimos tempos."

— S. J. Watson, autor best-seller na lista do *New York Times*

OS HUMANOS



MATT HAIG

Rebelle

Os Humanos

Haig, Matt

9788555390425

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando um visitante extraterrestre chega à Terra, suas primeiras impressões da espécie humana são pouco positivas. Ao assumir a forma do professor Andrew Martin, da Universidade de Cambridge, o visitante está ansioso por cumprir a tarefa macabra que lhe foi incumbida e voltar rapidamente para seu planeta. Ele se sente enojado pela aparência dos humanos, pelo que eles comem e por sua capacidade de matar e guerrear. Mas, à medida que o tempo passa, ele começa a perceber que pode haver mais coisas nessa espécie do que havia pensado. Disfarçado de Martin, ele cria laços com sua família e começa a ver esperança e beleza na imperfeição humana, o que o faz questionar a missão que o levou à Terra.

[Compre agora e leia](#)

Saga
Acompanho
Shadow Falls

Levada ao Entardecer

OS SOBRENATURAIS

C. C. Hunter



Levada ao entardecer

Hunter, C.C.

9788564850262

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste terceiro livro da saga Acampamento Shadow Falls, Kylie quer saber a verdade por pior que ela seja! A verdade sobre quem é a sua verdadeira família, a verdade sobre os seus poderes sobrenaturais e a verdade sobre o que ela sente com relação a Lucas e Derek. E pra completar, um fantasma vive atrás dela com um aviso terrível: "Alguém vive e alguém morre". Enquanto Kylie tenta desvendar o mistério e proteger aqueles a quem ama, finalmente descobre o segredo da sua identidade sobrenatural. E a verdade é bem diferente e muito mais inesperada do que ela jamais imaginou!

[Compre agora e leia](#)

Nele Neuhaus

Autora best-seller com mais de 6 milhões
de exemplares vendidos no mundo

LOBO MAU

SUSPENSE POLICIAL

UMA ADOLESCENTE ENCONTRADA MORTA COM SINAIS DE ABUSO SEXUAL

UMA FAMOSA APRESENTADORA DE TV BRUTALMENTE ATACADA

UMA TRAMA DE GELAR OS OSSOS


JANGADA

Lobo-mau

Neuhaus, Nele

9788564850897

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma adolescente é encontrada morta no rio Meno, nos arredores de Frankfurt. Sua identidade é um mistério. Aparentemente, ela é a terceira vítima de uma festinha regada a álcool que terminou tragicamente, mas a polícia descobre que a água nos pulmões da garota não é do rio, e que seu cadáver mutilado está ali há dias. Pia Kirchhoff e Oliver von Bodenstein, os detetives do best-seller Branca de Neve Tem que Morrer, agora trabalham para descobrir quem aprisionou, estuprou e brutalizou a jovem. Enquanto isso, mais crimes acontecem: a apresentadora de um programa de TV sensacionalista é espancada, estuprada e trancada no porta-malas de seu próprio carro e uma psiquiatra sofre uma morte terrível. A ligação entre os crimes é uma rede de violência e corrupção que atinge a elite da sociedade e o próprio departamento de Pia. Mas talvez seja tarde demais para ela e Oliver descobrirem quem é o lobo mau.

[Compre agora e leia](#)

LIVRO DOIS
AS CRÔNICAS
dos
IRMÃOS CELESTIAIS

MESSIAS O PRIMEIRO JULGAMENTO

UM ROMANCE ÉPICO DE
WENDY ALEC



Messias - O Primeiro Julgamento

Alec, Wendy

9788564850873

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Combinando a interpretação bíblica com a pesquisa histórica e uma narrativa cinematográfica, este livro descreve de maneira sublime a arrepiante conspiração de Lúcifer e a jornada de Jesus entre os homens, numa batalha sangrenta e selvagem em que os vastos exércitos reais do primeiro céu combatem as hordas de decaídos do inferno.

[Compre agora e leia](#)

FORTALEZA NEGRA

A CHEGADA
DA NOVA ERA

Kel Costa



Fortaleza Negra

Costa, Kel

9788564850767

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na antiga União Soviética, vampiros, até então considerados criaturas lendárias, surgem inesperadamente e põem fim à Guerra Fria em 1985. Usando seu poder mental extraordinário e sua força sobre-humana, os Mestres da Realeza Vampírica exigem a rendição dos líderes mundiais e se autoproclamam senhores absolutos do planeta. Dez anos depois, vivendo num mundo de relativa paz entre humanos e vampiros, Aleksandra Baker, uma garota de 17 anos, se ressentida por não ter a mesma liberdade que os jovens do passado. Além de viver sob o jugo dos vampiros, Sasha, como é chamada por todos, está apavorada com uma nova ameaça, a invasão de predadores letais: os mitológicos! Diante dos terríveis ataques de centauros e minotauros, a família Baker não vê outra saída a não ser se mudar para a Rússia e morar entre os muros do único lugar onde é possível viver livre dos ataques: a impenetrável Fortaleza Negra, reduto da Realeza Vampírica. Mas a ideia de se mudar para a Fortaleza não agrada a Sasha. Ela não gosta de vampiros e, Helena, sua melhor amiga, vai ficar para trás, correndo perigo constante. Mas Sasha não irá descansar até encontrar uma forma de levar Helena para a Rússia e destruir de vez essas criaturas mitológicas que rondam a Fortaleza. A única esperança são as pesquisas do seu pai, que conta com a ajuda de Blake, um prodígio adolescente, que balançará o coração de Sasha. Mas a jovem talvez já esteja envolvida demais com a obscuridade do mestre da realeza vampírica: Mikhail.

[Compre agora e leia](#)